



66
90
69

MICHAEL PALMER

Ele opera com
precisão letal...

TRATAMENTO SILENCIOSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TRATAMENTO SILENCIOSO

MICHAEL PALMER

TRADUÇÃO DE MARIA FILOMENA DUARTE

 CÍRCULO DO LIVRO

Por ter partilhado comigo a sua paciência, a sua compreensão, a sua amizade, o seu humor sutil, o seu saber, o seu estímulo e a sua confiança durante uma década, dedico este livro a Beverly Lewis.

Agradecimentos

Meus agradecimentos a Susan Palmer Terry, Donna Prince, David Becher, Shana Sonnenburg e, em especial, a Paul Weiss, pela sua colaboração.

E meu especial apreço a Stuart Applebaum, administrador da Bantam e responsável por Publicidade e Relações Públicas, pelo estímulo, os pontos de vista, a eficiência e a dedicação aos livros.

M. S. P.

I

— O doutor vai recebê-lo agora.

Assim que Ray Santana ouviu estas palavras, percebeu que ia morrer de uma morte horrível.

Tinham decorrido cerca de dez horas desde que lhe haviam retirado a fita adesiva que lhe cobria os olhos. Dez horas durante as quais estivera amordaçado e amarrado a uma cadeira de espaldar alto, com a cabeça e o queixo tão apertados, com tal mestria, que ele nem conseguia mexer-se. Dez horas passadas a ouvir as bandas de mariachis e os cantores na rua de cima, sabendo que, além do bem que lhe estavam a fazer, os foliões estavam também a comemorar a sua Fiesta de Nogales, em Março. Dez horas sem ver outros movimentos que não fossem as idas e vindas de uma enorme barata.

A barata tinha quatro centímetros de comprimento. Talvez cinco. Saiu de uma fenda existente na parede bolorenta da cave e, particularmente apressada, encaminhou-se para o soalho. Ray seguiu o insecto com o olhar até ele abandonar o seu campo visual, e aguardou o seu regresso. Durante algum tempo, pensou em baratas: como é que acasalariam, se escolheriam ou não um único parceiro sexual para toda a vida. Depois, imaginou a sua própria família: Eliza a cantar, enquanto mexia a sua extraordinária paella... Ray Jr. prestes a entrar na terceira classe. Pensou na sua vida antes de conhecer Eliza: os Road Warriors, as drogas... a sua decisão de abandonar o grupo e de tentar a universidade... a ironia de ter acabado como agente secreto da DEA.

Agora, depois de dez anos na profissão que se haviam pautado por uma prudência meticulosa, estava prestes a conhecer o doutor. E

dentro de pouco tempo — muito pouco, desconfiava ele — estaria morto.

Sem saber por que, as coisas tinham falhado completamente. Ao fim de quase três anos de trabalho, chegara o momento de formalizar as acusações federais e de reunir as tropas. O seu disfarce era tão oculto, tão impenetrável como sempre fora. A reunião em que apresentaria o seu depoimento a Sean Garvey, da sede, fora marcada com as maiores precauções quatro horas de intenso movimento, meia dúzia de pistas falsas e de alterações de última hora, e um percurso impossível de seguir. Mas, de repente, os homens de Alacante cercaram-nos. E no espaço de segundos, assim sem mais nem menos, tudo acabou. Nem um tiro de defesa, nem um murro. Pura e simplesmente... ponto final. Garvey fora levado sabe Deus para onde, e Ray vira-se de olhos vendados, enfiado no porta-bagagens de um Mercedes e de regresso à cidade. Uma hora depois, fora arrastado para a cave de uma casa e, em seguida, conduzido ao longo de um túnel longo e úmido para aquele subterrâneo.

Ray não sabia se o doutor já vira Garvey.

O velho Garves podia demorar um pouco a citar nomes, pensou Ray.

Mas, por trás da sua aparência de esperteza, o homem era um frouxo.

Assim que visse uma gota do seu próprio sangue, que sentisse a primeira dor — o berbequim eléctrico, a faca, o torno, ou fosse o que fosse que eles usavam —, vomitaria as tripas. Deitaria cá para fora todos os nomes que lhe viessem à cabeça, acreditando piamente que, se não desse muito trabalho aos homens de Alacante, eles lhe poupariam a vida. Que engano!

— ... Em Tijuana?... Oh, devia ser um tipo chamado Gonzales. Há três anos que tinha um pequeno lugar de fruta na cidade, mas é um agente federal... Em Vera Cruz? Sim, também conheço esse tipo...

"Merda, Garves, desculpa", pensou Santana de repente. Eu compreendo... com os diabos, eu sou um homem de campo. Tu és um tipo de gabinete. Eu posso estar aqui sentado como se fosse o rei Tut, a pensar que tu não prestas porque cedes às pressões deles.

Mas eles ainda não me tocaram. Além disso, tu não sabes uma décima parte do que eu sei acerca da organização secreta mexicana.

E eu não tenciono revelá-la, aconteça o que acontecer. A minha iniciação nos Road Warriors foi pior do que tudo aquilo que eles me possam fazer aqui, pelo amor de Deus. Limita-te a fazer o teu melhor, Garves.

Faz o teu melhor. Tenta não lhes facilitares demasiado as coisas.”

Passou-se mais meia hora. Talvez mais tempo. Santana fechou os olhos e desejou estar morto. Ou pelo menos adormecido. Na cave, o ar estava saturado e cheirava a mofo. Respirá-lo exigia-lhe um tal esforço que era impossível adormecer. Que ironia. Durante três anos, reunira informações suficientes para formular várias dezenas de acusações formais. O seu verdadeiro erro fora não escolher como alvo o célebre oleoduto de Alacante — o túnel que ligava uma ou mais casas de Nogales, no Arizona, a outras em Nogales, no México. Agora, a menos que estivesse muito enganado, não só descobriria o oleoduto, como fora verdadeiramente arrastado para ele. Eliza tinha razão, como de costume. Ele devia ter saído enquanto podia — devia ter feito o trabalho de campo de que estava sempre a falar, e ter deixado os atos heroicos para os loucos. Agora...

Ouviu qualquer coisa a arrastar atrás de si, uma parte da parede a deslocar-se. Segundos depois, apareceu Orsino. Um agente de Alacante e um assassino implacável, Orsino sobrevivera a uma explosão que o deixara sem metade do lábio inferior e do queixo. O que restava da sua boca encontrava-se do lado direito da cara. Ray pensou que talvez Orsino gostasse do seu próprio aspecto.

— Está na hora — rosnou ele, com o orgulho enfatuado de um homem insignificante que é atirado para a companhia de uma lenda viva. — Está na hora de conhecer o doutor.

Um homem de quarenta e poucos anos, aspecto banal e estatura média entrou na sala. O seu rosto só era digno de nota por ser totalmente desprovido de traços que o distinguissem de qualquer outro. Não era bonito nem feio. Nada de feições invulgares. Nem tiques. Nem cicatrizes. O cabelo era castanho e curto, sem entradas.

O homem não usava óculos. Empurrava um carrinho de aço inoxidável em cima do qual se encontrava uma mala de couro gasto.

Voltou-se de costas para Ray quando abriu a mala.

Ray agarrou-se de tal modo ao braço da cadeira que os nós dos dedos empalideceram.

— Sou Perchek. Doutor Anton Perchek — disse o homem.

Santana sentiu um aperto no estômago. A bÍlis subiu-lhe à garganta. O nome era uma sentença de morte. O doutor. Toda a gente da agência — toda a gente em Washington — sabia quem era Perchek. Mas, tanto quanto Ray sabia, ainda ninguém o vira, nem sequer em fotografia.

— Pela sua expressão, posso avaliar que reconhece o meu nome — disse Perchek, contemplando Ray com um sorriso enigmático. — O que é bom. Muito bom.

Ray ficou com a boca seca. Anton Perchek era médico, nascera e fora treinado na União Soviética e há muito que deixara o seu país natal.

Agora, não pertencia a país nenhum e pertencia a todos. Era um verdadeiro filho do mundo. Durante anos, o doutor ganhara fama de ser o melhor naquilo que fazia, e que era manter vivas e a falar as pessoas que torturava. Era raro estar inativo. Sri Lanka, Bosnia, Paraguai, Iraque, África, Haiti — onde quer que houvesse conflitos ou repressão política, os seus serviços eram requisitados. Corria mesmo o boato — não confirmado — de que trabalhava para a CIA de vez em quando. Um grande júri federal americano condenara Perchek à revelia por cumplicidade na morte de vários operacionais secretos americanos, dois dos quais Ray conhecia bem.

— Então, Senhor Santana — começou ele, no seu espanhol sem sotaque mas incaraterístico. — Prefere que eu fale em inglês?

O homem ficou à espera da resposta. Depois virou-se e reparou no adesivo que tapava a boca de Ray. Riu-se do seu próprio descuido.

— As minhas desculpas, Senhor Santana. Senhor Orsino? com a metade da boca arreganhada no que devia ser um sorriso, Orsino avançou e arrancou cruelmente o adesivo. Primeiro da boca de Ray e depois do queixo.

— Então? — voltou a perguntar Perchek. — Espanhol ou inglês? O que vai ser?

Ray exercitou os movimentos do maxilar.

— O seu espanhol é melhor do que o meu — respondeu.

— Sou levado a concluir que o seu espanhol mexicano é bastante bom, sobretudo para quem vem de Bronx. Mas, muito bem. Seja o inglês.

O seu inglês, talvez com um ligeiro sotaque britânico, não era menos fluente do que o espanhol. Ray estava convencido de que o homem falava várias línguas.

— Falo mais doze línguas, por sinal — disse ele, como se lesse a mente de Ray. — Embora o meu árabe e o meu suaíli estejam a ganhar uma certa ferrugem.

O seu rosto banal abriu-se num sorriso para Ray. Mas, nesse momento, Ray reparou numa coisa que nada tinha de banal. Eram os olhos do homem. As íris eram desmaiadas como ele nunca vira, quase translúcidas. Azul-glacial era o termo mais apropriado para as definir.

De fato, azul-glacial era uma descrição quase perfeita, porque Ray nunca vira uns olhos humanos tão duros nem tão frios.

— Não sei o que significa tudo isto — afirmou Ray, a custo.

Os olhos azul-glaciais chispavam, mas nada mais se alterou no aspecto de Perchek.

— Então vamos ajudá-lo a lembrar-se — disse ele.

Estendeu a Orsino um cabo enrolado e apontou para o pequeno suporte existente no teto. Depois de o fio estar seguro e a balouçar, Perchek virou-se para a mala. Tirou um frasco de plástico com uma solução intravenosa, ligou-o a um tubo de plástico e pendurou-o no cabo.

— Zero vírgula nove por cento de cloreto de sódio — revelou ele, calçando umas luvas de borracha. — Uma solução salina normal.

Apertou uma tira de borracha mesmo por cima do cotovelo de Santana, esperou um pouco que as veias se dilatassem e depois introduziu um cateter intravenoso com a facilidade de quem já fizera aquilo centenas de vezes. Em seguida, enfiou-lhe uma manga para medir a tensão arterial no outro braço e apertou-a.

— Ouçam — disse Ray, esforçando-se por manter a calma e a capacidade de raciocínio. — Orsino, você tem de me ouvir. Eu estava

a dar a volta àquele agente federal, o Garvey. Ele ia passar-me umas informações sobre a nova estratégia da DEA contra o Alacante.

— Você está a mentir — disse Orsino.

— Não, é verdade.

— Veremos o que é verdade e o que não é — declarou Perchek, enchendo uma grande seringa com uma solução ligeiramente turva.

Enfiou a agulha comprida no tubo através de uma anilha de borracha e encostou a seringa ao braço de Ray.

— Não tardaremos a saber. Mister Orsino?

Orsino ajoelhou-se, e o seu rosto ficou apenas a cerca de trinta centímetros do de Ray. Mentalmente, Santana defendeu-se do hálito do homem, saturado de cigarros e de alho, e olhou com repulsa para as meias filas de dentes amarelados.

— Nomes — ordenou Orsino, enquanto uma pequena bolha de saliva se lhe formava do lado bom da boca. — Dos agentes secretos mexicanos.

Todos.

Ray olhou para o homem e depois para Perchek. Perguntou a si próprio o que o esperava no interior da mala coçada. O soro da verdade, talvez. Dizia-se que, em geral, Perchek deixava o trabalho sujo para os seus empregados. A sua tarefa consistia em manipular as drogas de modo a manter as pessoas vivas e acordadas. Mas parecia difícil acreditar que Orsino, um indivíduo bronco e de compreensão lenta, tivesse a paciência e a habilidade necessárias para executar um trabalho eficiente que consistisse em infligir apenas a dose adequada de dor.

— Não conheço nenhum deles — disse Ray. — Vocês têm de acreditar em mim.

Durante o seu ano de treino na agência, os cadetes tinham partilhado várias aulas com os seus homólogos da CIA. Uma delas intitulava-se mesmo "Como Lidar com Interrogatórios Hostis". Os formandos chamavam-lhe Tortura 101. O instrutor, um ex-piloto de bombardeiro chamado Joe Dash, passara quatro anos num campo de prisioneiros vietcongue. Não tinha olhos.

Há três coisas em que vocês têm de pensar quando estão a ser sujeitos a um interrogatório hostil", sublinhara Dash.

Como sempre, considerava que havia três pontos essenciais em qualquer situação. Três, nem mais nem menos.

Primeiro, qualquer coisa que vos prometam em troca de respostas não passa de uma treta. Segundo, se vocês não lhes derem o que eles pretendem, talvez eles resolvam adiar a sua morte e tentar noutro dia. Terceiro, e o mais importante, enquanto estiverem vivos, há uma hipótese de serem salvos.”

— Nós queremos saber esses nomes — disse Orsino.

— Juro que não conheço nenhum. Vocês têm de acreditar em mim.

Há três fases pelas quais vocês devem passar quando estão a responder a um interrogatório hostil. Cada fase deve ser prolongada ao máximo, enquanto for humanamente possível. Primeiro, neguem que sabem seja o que for. E continuem a negar.

Depois, admitam que sabem algumas coisas, mas deem-lhes informações erradas — em especial se eles forem obrigados a gastar tempo para comprovar aquilo que vocês lhes disseram. Quanto mais tempo eles levarem a concluir que vocês estão a mentir, mais hipóteses terão de ser salvos, e acreditem em alguém que passou por essa situação. A terceira fase corresponde a dizerem-lhes aquilo que eles pretendem saber. O fato de alcançarem ou não essa fase depende um pouco daquilo que vocês são e muito da eficiência dos seus interrogadores.

A mão carnuda de Orsino apertou de tal modo o rosto de Ray que ambas as faces se tocaram.

— Agrada-me que você não nos tenha dito nada — disse ele entre dentes.

Recuou. Ray foi imediatamente trespassado pelo olhar azul-glacial.

— Percebe alguma coisa de química, Mister Santana? perguntou Perchek. — Não interessa. Talvez esteja interessado em saber o nome químico do conteúdo desta seringa. É carbamato clorídrico, hidroxílico, trimetílico e fluorodimetílico. Na realidade, há também duas séries químicas marginais, portanto o nome é ainda mais longo.

— Estou impressionado — ironizou Ray.

— O nome químico mais curto é hidrocloreto de hiconidol. Um amigo farmacêutico fez a síntese, mas foi o meu trabalho de investigação que produziu o conceito.

— Bravo.

— Mister Santana, na extremidade de cada nervo álgico do corpo humano há um transmissor químico que o liga ao nervo seguinte e o faz disparar. O impulso aciona esse nervo e o transmissor passa-o ao seguinte. E assim sucessivamente. Pouco depois... é muito rápido, de fato, a mensagem é transmitida do ponto afetado para o centro de dor do cérebro e... ai!

— Muito bem explicado.

Santana já sabia aonde Perchek queria chegar. E tinha certeza de que o seu interlocutor o percebia pelo seu olhar.

— O hiconidol corresponde quase, átomo por átomo, à substância química dos neurotransmissores responsáveis pela dor. Isso significa que eu posso estimular esses nervos todos ao mesmo tempo e quando quiser. Todos. Pense nisto, Mister Santana. Nada de feridas...

Nada de espalhafato... Nada de sangue. Apenas dor. Dor, pura e simplesmente. O hiconidol não tem qualquer valor do ponto de vista clínico, exceto para o trabalho que eu faço. Mas, se alguma vez o comercializarmos, pensei que um nome adequado para ele seria Agonil. É um produto incrível, se me é permitido dizer isto. Uma pequena injeção? Uma picadinha. Uma grande? Bem, tenho certeza que você percebe.

A boca de Ray estava seca como um deserto. O coração batia-lhe com tal força no peito que Ray tinha certeza que o doutor o via.

Por favor, não faça isso. Por favor..., gritou ele em silêncio.

O polegar de Perchek carregou no êmbolo.

— Acho que vamos começar por qualquer coisa mais modesta — disse ele. — O equivalente, talvez, a uma pequena brisa fresca nas cavidades dos seus dentes.

A última voz que Ray ouviu antes da injeção foi a de Joe Dash. Há três maneiras que um homem pode escolher para morrer...

SEIS ANOS DEPOIS

II

Há doze anos que o Jade Dragon, no Upper West Side de Manhattan, se orgulhava de servir comida excepcional a preços razoáveis.

Consequentemente, num dia de semana normal, os seus 175 lugares eram utilizados duas vezes e, nos fins de semana, cinco vezes. Nessa noite quente de Junho, uma sexta-feira, era preciso esperar uma hora para conseguir uma mesa.

Sentado no seu lugar habitual, Ron Farrell comentava com a mulher, Susan, e com os amigos, Jack e Anita Harmon, como o restaurante crescera desde que ele e Susan lá tinham comido pela primeira vez, há dez anos. Agora, embora se tivessem mudado três vezes, faziam questão de continuar a ir ao Jade Dragon, sozinhos ou com amigos, todas as sextas-feiras, quase com a precisão de um mecanismo de relógio.

Estavam quase a terminar a refeição, que na opinião dos Harmon fora a melhor das refeições chinesas que alguma vez tinham comido, quando Ron parou no meio da frase e começou a friccionar o abdômen. Inesperadamente, fora acometido de fortes cólicas intestinais, acompanhadas por ondas de náusea. Sentiu o suor a escorrer nas axilas e na face. A sua visão toldou-se.

— Ronnie? Sentes-te bem? — perguntou a mulher. Farrell respirou fundo várias vezes, devagar. Sempre lidara bem com a dor. Mas esta parecia estar a piorar.

— Não me sinto bem — respondeu a custo. — Tenho... Tenho esta dor, aqui mesmo.

— Não pode ser do que comeste — disse Susan. — Todos nós comemos o mesmo...

De repente, o rosto de Susan ficou cor de cinza. Gotas de transpiração brotaram-lhe da testa. Depois, sem dizer mais nada, inclinou-se para o lado e vomitou no chão.

À porta da cozinha do restaurante apinhado, o jovem ajudante de cozinheiro observava o burburinho que aumentava à medida que os quatro clientes da mesa adoeciam, um por um. Por fim, voltou a entrar na cozinha enorme e, com indiferença, encaminhou-se para o telefone público ali instalado para uso do pessoal. O número que marcou estava escrito à mão num pequeno cartão.

— Sim? — respondeu uma voz de homem do outro lado da linha.

— Aqui Xia Wei Zen.

— Sim?

O cozinheiro leu cuidadosamente as palavras impressas no cartão.

— O trevo tem quatro folhas.

— Muito bem. Sabes onde deves ir depois de acabares o turno. O homem do automóvel preto levará o frasco vazio que está em teu poder, em troca do resto a que estás obrigado.

O homem desligou sem esperar resposta.

Xia Wei Zen olhou à volta para se certificar de que ninguém o observava e depois regressou ao seu posto. O trabalho não lhe custaria tanto até ao fim do turno. Por um lado, tinha uma boa maquia à sua espera. Por outro, nessa noite viriam muito menos encomendas da sala de jantar.

O telefonema foi recebido nas urgências do Hospital Good Samaritan às 9 horas e 47 minutos. Quatro pacientes de Prioridade Dois, provenientes de um restaurante chinês a vinte quarteirões de distância, iam a caminho, transportados pelo piquete de socorro. O diagnóstico preliminar era envenenamento alimentar agudo.

Prioridade Dois. Doença ou ferimento potencialmente grave, que não punha a vida em risco naquele momento.

A azáfama era própria de uma noite de sexta-feira. Os enfermeiros e os internos do grande hospital escolar já estavam atrasados três horas. As vinte salas de tratamento disponíveis

estavam cheias, assim como a sala de espera. O ar estava saturado com os odores da transpiração, dos desinfetantes e do sangue. À volta, ouviam-se os sons característicos da doença, do sofrimento e da dor: gemidos, bebês a chorar, tosses incontrolláveis.

— Já alguma vez comeste num sítio chamado Jade Dragon?

— perguntou a enfermeira que recebeu a chamada do piquete de socorro.

— Acho que sim — respondeu a enfermeira-chefe.

— Bem, da próxima vez, talvez seja preferível optares pelo italiano.

Vem a caminho um piquete com dois casos provocados por um eventual envenenamento alimentar. E chegarão mais dois. Ao todo, dois homens e duas mulheres, todos com quarenta e tal anos, todos a soro, todos a vomitar.

— Têm sinais vitais?

— Os valores estão bem neste momento. Mas, segundo o pessoal que ocorreu ao local, nenhum deles tem bom aspecto.

— Sarilhos a quadruplicar.

— Onde queres instalá-los?

— O que temos?

— O sete pode ficar livre se quiseres falar ao doutor Grateful Dead, ou lá como é que ele se chama, e convencê-lo a passar umas receitas.

— Ótimo. Põe lá os que te parecem piores e deixa os outros no corredor. Serão transferidos para quartos à medida que for possível.

Requisita também análises de rotina e um eletrocardiograma para cada um.

— De acordo.

Ron Farrell gemeu de dor quando a sua maca foi colocada na plataforma, em posição de transporte. Estava deitado de lado, em posição fetal. A dor no estômago era incomparável. Jack Harmon, que depressa começara a sentir-se ainda pior do que Susan, fora na ambulância com ele. Naquele momento, Ron viu-o acenar-lhe com um gesto débil, quando ambos transpuseram, de cadeira de rodas, as portas automáticas e entraram na zona de receção, fervilhante e inundada de luz fluorescente.

Nos minutos seguintes, houve uma confusão de perguntas, agulhas, espasmos de dor e exames feitos por gente de bata branca. Ron foi levado para uma pequena sala com várias prateleiras cheias de material e um frasco de aspiração na parede. O pessoal mostrara-se cortês para com ele, mas era evidente que todos estavam arrasados.

O médico assistente de Ron não fazia parte do corpo clínico do Good Samaritan, tanto quanto ele sabia. Não podia fazer nada a não ser esperar pela medicação que lhe tinham prometido para o aliviar das dores.

— Sente-se melhor? — disse uma voz de homem com um forte sotaque estrangeiro que Ron não conseguiu identificar.

Ainda na posição fetal, que lhe dava um mínimo de conforto, Ron conseguiu abrir os olhos e olhou para cima. O homem, de bata azul como quase todo o pessoal das urgências, sorriu-lhe. A luz vinda de cima, eclipsada pela cabeça do médico, formava um halo à sua volta e obscurecia-lhe o rosto.

— Sou o doutor Kozlansky — disse ele. — Parece que você e os outros sofreram um envenenamento alimentar.

— No maldito Jade Dragon. A minha mulher está bem?

— Está, está. Garanto-lhe que está muito bem.

— Ótimo. Ouça, doutor, o meu estômago está a dar cabo de mim. Pode dar-me qualquer coisa para esta dor?

— É exatamente para isso que estou aqui — respondeu o médico.

— Formidável.

O médico encheu a seringa com um líquido de cor clara e esvaziou-o no tubo intravenoso.

— Obrigado, doutor — agradeceu Farrell.

— Talvez queira esperar para me agradecer quando... quando vir como isto resulta.

— Está bem, não...

De súbito, Farrell não conseguiu falar. Teve uma horrível e devastadora sensação de vazio no peito. E naquele momento percebeu que o seu coração deixara de bater.

O homem continuava a sorrir-lhe com um ar benévolo.

— Sente-se melhor? — perguntou ele.

Ron sentiu as pernas e os braços a tremer de uma forma incontrolável. Arqueou as costas até ficar só com a cabeça e com os calcanhares apoiados na cama. Os seus dentes tilintaram. Depois, começou a perder a consciência. Os seus pensamentos tornaram-se mais desconexos. O medo terrível abrandou e por fim desapareceu. Seu corpo caiu, sem vida, em cima da cama.

Durante um minuto, o homem ficou ali a olhar. Depois, meteu a seringa no bolso.

— Agora tenho de o deixar — segredou ele com uma voz sem sotaque. — Por favor, tente descansar.

UM ANO DEPOIS

CAPÍTULO 1

Harry Corbett ia na sua décima quinta volta do circuito interno quando sentiu a primeira dor no peito. O circuito, uma varanda com cerca de duzentos metros de comprimento a toda a volta do prédio, ficava no último andar do Edifício Cinzento do Manhattan Medical Center. Três metros mais abaixo, havia um ginásio de equipamento modesto, com pesos, as máquinas habituais, sacos de areia e alguns colchões.

Aquele fitness center, único na cidade, destinava-se exclusivamente ao pessoal hospitalar e aos empregados. Fora criado graças à herança do Dr. George Pollock, um cardiologista que atravessara duas vezes o canal da Mancha a nado. Pollock morreria com noventa anos por ter caído de uma escada, quando andava a limpar as goteiras da sua casa de campo.

Quando se apercebeu da dor, Harry estava a pensar em Pollock e em como seria viver até aos noventa anos. Abrandou um pouco e fez rodar os ombros. A dor continuou. Não era muito forte — talvez de nível dois, na escala de um a dez que os médicos utilizavam. Mas estava ali. Recusando-se a interromper a corrida, Harry engoliu em seco e massajou a parte superior do abdômen. Era impossível localizar o mal-estar. Ora parecia concentrar-se abaixo do esterno, ora no meio das costas. Abrandou um pouco o seu ritmo, passando de oito minutos para dez minutos e meio por cada mil e quinhentos metros. A dor situava-se agora do lado esquerdo do peito... Não, desaparecera...

Não, não desaparecera, estava entre o mamilo direito e a clavícula.

Harry abrandou ainda mais. Por fim, parou. Inclinou-se para a frente, com as mãos nas ancas. Não era angina de peito, disse com os seus botões. Aquilo não tinha nada da chamada dor cardíaca. Harry conhecia o seu corpo e conhecia a dor, evidentemente. Esta dor não era grave. E, se não era do coração, ele estava-se nas tintas para a sua origem.

Harry sabia que a sua lógica era incorreta: nunca faria um diagnóstico a um paciente por dedução. Mas, como sucedia a quase todos os médicos com sintomas físicos, a sua negação era mais forte do que qualquer lógica.

Steve Josephson, que corria na direção oposta, aproximou-se dele.

— Sentes-te bem? — perguntou.

Ainda a olhar para o soalho de cortiça do circuito, Harry respirou fundo. A dor desaparecera, sem mais nem menos. Desaparecera.

Harry esperou alguns segundos para se certificar. Nada. Não havia a mínima dúvida. Definitivamente, não restava o menor vestígio, voltou a dizer a si próprio.

— Sim. Sim, sinto-me bem, Steve — respondeu Harry. Continua até ao fim.

— Ouve, tu foste o fundamentalista que me encaminhou para este circuito absurdo — disse Josephson. — Aceitarei qualquer desculpa para parar.

Josephson transpirava mais do que Harry, embora não tivesse percorrido mais de metade do circuito. Tal como Harry, Steve Josephson era médico de clínica geral — um “especialista em medicina familiar”, como os burocratas tinham resolvido chamá-los. Não trabalhavam em equipa, mas asseguravam as noites e os fins de semana com mais quatro médicos de clínica geral. Eram seis e meia da manhã — mais cedo do que era habitual. Mas tinham à sua frente um dia agitado e importante.

Às oito horas, depois das rondas da manhã e de uma reunião de emergência do Departamento de Medicina Familiar, todo o pessoal médico se reuniria no anfiteatro. Após meses de entrevistas e de

investigações, o grupo de trabalho encarregado de determinar se deveriam ou não ser reduzidos os privilégios dos clínicos gerais do hospital estava pronto para apresentar as suas conclusões. Pelo que Harry ouvira dizer, as recomendações da Comissão Sidonis seriam implacáveis o equivalente, no domínio profissional, a uma castração.

Estando em causa uma parte do rendimento de Harry e uma fatia significativa do seu brio profissional, a apresentação iminente era um motivo suficiente para justificar as úlceras, os espasmos musculares ou o que quer que provocara a misteriosa dor. E o relatório da comissão nem sequer era aquilo que mais o preocupava.

— Há quase um ano que corremos juntos três ou quatro vezes por semana, e eu nunca te vi parar antes de completares os sete quilômetros e meio — disse Josephson.

— Bem, Stephen, isto serve apenas para mostrar que há uma primeira vez para tudo.

Harry examinou o rosto preocupado do amigo e abrandou.

— Ouve, pá, eu dizia-te, se fosse alguma coisa. Acredita que eu diria.

Hoje não me apetece correr. Tenho coisas a mais na cabeça.

— Compreendo. A Evie dá entrada amanhã?

— Depois de amanhã. O Ben Dunleavy é o neurocirurgião dela. Fala em lhe extrair o aneurisma cerebral como se fosse remover uma verruga ou qualquer coisa do gênero. Mas acho que é o que ele vai fazer.

Os dois amigos saíram do circuito quando os corredores do ginásio se aproximaram.

— Como é que ela está a reagir? — perguntou Josephson. Harry encolheu os ombros.

— Considerando a situação, parece bastante calma. Mas ela é muito reservada quanto aos seus sentimentos.

Reservada. O eufemismo da semana, pensou Harry, magoado. Já nem se lembrava da última vez em que Evie partilhara quaisquer sentimentos com ele.

— Bem, diz-lhe que eu e a Cindy lhe desejamos felicidades e que eu irei vê-la assim que esse tumor for extraído.

— Obrigado — disse Harry. — Tenho certeza que ela vai gostar de ouvir isso.

Na realidade, Harry duvidava que assim fosse. Por muito afetuoso, inteligente e cuidadoso que Steve Josephson fosse, Evie nunca conseguira ultrapassar a sua obesidade.

— Já o ouviste respirar? — perguntara ela uma vez, quando Harry enaltecia as virtudes do amigo como médico. É como se eu estivesse a conversar com um touro com cio. E aquelas camisolas interiores brancas, de alças, que ele usa por baixo das camisas.

— Ouve lá, antes de tomarmos duche, por que não me contas exatamente o que se passou ali? — perguntou Josephson, ao entrarem no vestiário.

— Já te...

— Harry, eu ia a meio do circuito e bem vi que ficaste sem cor.

— Não foi nada.

— Bem sabes que passei vários anos a ensinar como fazer perguntas indiretas. Não me obrigues a voltar atrás.

Harry e Josephson faziam de médicos um do outro em formulários de seguros ou para receitas ocasionais. E, embora cada um recomendasse ao outro que marcasse um exame completo, nenhum deles o fizera. O máximo que tinham conseguido fora um acordo feito logo a seguir à comemoração dos quarenta e nove anos de Harry.

Harry, que já era obsessivo em relação às dietas e ao exercício físico, prometera ir fazer um check-up e um eletrocardiograma com prova de esforço. Steve, seis anos mais novo, mas com vinte e cinco quilos a mais, aceitara fazer jogging e inscrevera-se nos Weight Watchers.

Mas, à parte as voltas ao circuito, que Josephson dava de má vontade, nenhum fizera nada.

— Tive uma pequena indigestão — admitiu Harry. — Mais nada. Incomodou-me durante um minuto e depois desapareceu.

— Hum, uma indigestão. Não estarás a chamar indigestão a uma dor no peito?

— Steve, eu dizia-te, se tivesse sentido uma dor no peito. Bem sabes que eu o faria.

— Uma pequena correção. Eu sei que não o farias. Quantos homens é que empurraste para a faca?

Embora Harry raramente falasse no assunto, ao longo dos anos quase toda a gente do hospital ouvira contar uma versão dos acontecimentos de Nha-trang, ou construía uma. Nas histórias, o número de feridos que ele salvara antes de ser gravemente ferido variava entre três — o número pelo qual ele fora condecorado — e vinte. Uma vez, Harry ouvira um paciente a gabar-se de que o seu médico matara uma centena de vietcongues e salvara igual número de soldados americanos.

— Stephen, eu não sou um herói. Longe disso. Se eu pensasse que a dor tinha a mínima importância, dizia-te.

Josephson não estava convencido.

— Deves-me uma prova de esforço. Quando é que fazes cinquenta?

— Daqui a duas semanas.

— E qual é a data dessa maldição familiar?

— Ora, vá lá.

— Harry, tu é que me falaste nisso. Quando é?

— Em setembro. No dia 1º de setembro.

— Tens quatro semanas.

— Eu... Está bem, está bem. Assim que a situação da Evie estiver regularizada, marco o exame. Prometo.

— Estou a falar a sério.

— Bem sabes que, apesar do que todos dizem de ti, eu sempre acreditei nisso.

Harry despiu-se e foi para a ducha. Sabia que Steve Josephson, sem querer, examinava as suas costas retalhadas pelas cicatrizes. Trinta e um estilhaços de morteiro, metade de um rim e uma costela. O desenho formado pela sua remoção confundia-se com uma página de um mapa de estradas. Harry lembrou-se de repente da sensação incrível provocada pelos seios de Evie a deslizar lentamente sobre as feridas cicatrizadas, durante aquilo a que ela chamava o seu dever patriótico para com um herói de guerra. "Quando foi a última vez?" Já não se lembrava, reconheceu, pesaroso.

Abriu a torneira da água quente até ficar envolvido em vapor. Faltavam duas semanas para fazer cinquenta anos. Cinquenta anos!

Nunca fora acometido de qualquer crise da meia-idade, tanto quanto se lembrava. Mas talvez o pavor que o assolava ultimamente fosse isso mesmo. Naquele momento, os fragmentos de que era feita a sua vida deviam estar no seu lugar. Mas as opções pareciam-lhe serem alvo de ataques constantes. E desmoronavam-se.

Pensou no dia em que, em pleno período de convalescença, optara por deixar de ser cirurgião interno e dedicar-se à clínica geral. Algo lhe acontecera durante aquele ano e meio no Vietname. Já não lhe apetecia estar na ribalta. Não era que o dramatismo e a intensidade que caracterizavam a sala de operações o afetassem. De fato, gostara até do tempo que lá passara. Mas chegara à conclusão de que queria ser simplesmente médico de família. Simplesmente. Se havia uma palavra que melhor descrevia a vida que Harry escolhera para si próprio era simplesmente. Levantar-se de manhã, fazer o que lhe parecia certo, tentar ajudar algumas pessoas no caminho, criar um ou dois motivos de interesse fora do ambiente de trabalho, e mais tarde ou mais cedo as coisas fariam sentido. Mais tarde ou mais cedo, as grandes perguntas teriam resposta.

Bem, ultimamente, as coisas não faziam muito sentido. As grandes perguntas eram tão enganadoras como sempre. Ainda mais. O seu casamento estava periclitante. Os filhos que ele sempre desejara nunca tinham nascido. A segurança econômica, que ele esperara que aumentasse a pouco e pouco ao longo do tempo, estava associada a um ramo da medicina que ele não queria praticar. Nunca permitira que o seu consultório se transformasse numa fábrica de fazer dinheiro.

Nunca mandara um cobrador atrás de ninguém. Nunca se recusara a tratar de um paciente por ele não poder pagar. Nunca se mudara para os subúrbios. Nunca regressara à formação que o teria transformado num especialista de segunda classe. O resultado era um carro com sete anos e um PPR que duraria indefinidamente até que ele resolvesse reformar-se.

Agora, a sua situação profissional estava a ser afetada, a mulher enfrentava o bisturi do neurocirurgião e, apenas a quatro semanas do dia um de Setembro, do seu quinquagésimo primeiro ano de vida, tivera uma dor no peito.

A reunião do Departamento de Medicina Familiar, convocada à pressa, foi pouco conclusiva. Todos os médicos que usaram da palavra durante a sessão emotiva de quarenta e cinco minutos parecia terem informações diferentes a respeito das conclusões da Comissão Sidonis. No fim, não foram apresentadas moções nem aprovados atos de protesto. À parte a comparência de uma frente unida no anfiteatro, não havia nada a fazer até que fossem conhecidas as recomendações específicas do grupo de trabalho.

— Harry, não disseste uma palavra lá dentro — comentou Steve Josephson, à saída.

— Não havia nada a dizer.

— O Sidonis e os seus vigilantes andam numa caça às bruxas, e tu bem sabes. Toda a gente está assustada. Tu podias tê-los acalmado.

Tu és... tu és uma espécie de líder do grupo. O kahuna não oficial.

— Uma maneira simpática de dizer que sou mais velho do que a maioria.

— Não era isso que eu queria dizer. Eu ajudo bebês a nascer. A Sandy Porter desnuda veias e faz outras coisas na sala de operações. Os irmãos Kornetsky são melhores nos cuidados intensivos do que a maioria dos cardiologistas. Quase todos nós desenvolvemos uma atividade específica. Tu és o único que fazes tudo.

— E depois? Steve, o que havemos de fazer? Desafiar os especialistas para umas olimpíadas médicas?

— Ora, que disparate. Harry, não sei o que está a acontecer-te ultimamente. Espero que não seja para sempre.

Harry preparava-se para responder que não sabia do que Josephson estava a falar. Mas limitou-se a murmurar uma desculpa. Nunca fora um orador veemente, mas ao longo dos anos a sua frontalidade e o seu bom senso na resolução de conflitos tinham-lhe

granjeado respeito no hospital. Além disso, nunca recuara perante um confronto.

Podia ter dito — devia ter dito — alguma coisa. Os membros do departamento, em especial os mais novos, estavam verdadeiramente preocupados com o seu futuro.

A crise no Manhattan Medical Center era a consequência direta de três processos judiciais sucessivos por negligência médica movidos ao hospital no espaço de meses. Todos os casos envolviam clínicos gerais. Harry tinha a sensação de que o carácter epidêmico da litigação não passava de uma coincidência. Na nova ordem médica que consistia em processar primeiro e perguntar depois, era possível atingir números semelhantes, que provavam que os especialistas eram igualmente vulneráveis. Mas o corpo clínico entrara em pânico e fora criada a Comissão dos Médicos Generalistas. Caspar Sidonis, um cardiocirurgião carismático e muito conhecido, fora nomeado presidente.

Sidonis e Harry nunca se tinham dado bem, embora Harry nunca percebesse por quê. Agora encontravam-se em lados opostos da mesa e disputavam um jogo que só tinha interesse para os clínicos gerais. E Sidonis estava de posse de todas as cartas.

— Steve, desculpa — repetiu Harry, quando atravessavam as urgências.

— Acho que ando abatido ultimamente. E não sei por quê. Deve ser a andropausa, ou qualquer outra coisa. Talvez eu precise, não sei, de lutar contra moinhos de vento.

O corredor, que encurtava o caminho entre a sala de reuniões e o anfiteatro, estava fechado ao público mas não ao pessoal do hospital.

Naquele dia, a azáfama nas urgências era enorme. Os quartos estavam todos ocupados. Grandes cirurgias, pequenas cirurgias, ortopedia, otorrinolaringologia, pediatria, medicina, cardiologia.

— Cada um tem uma história — disse Harry, enquanto caminhava.

— É verdade — murmurou Steve. — Bem, daqui em diante é melhor habituarmo-nos a ler as Cliffs Notes.

Atrás deles, vinha uma enfermeira a correr que entrou num dos quartos de cardiologia.

— Deem-lhe mais três de morfina — ouviram dizer a um interno, quando se aproximaram do quarto.

— Quanto é que ele tomou de Lasix, — Oitenta, doutor...

— Isto é uma taquicardia, tenho quase certeza.

— A tensão arterial está a baixar, doutor.

— Raios! Alguém devia ter ligado para a cardiologia.

— Eu enviei-lhes uma mensagem pelo pager, mas eles não responderam.

Os dois clínicos gerais pararam à porta. O paciente, um negro de aspecto robusto, talvez de setenta e poucos anos, estava numa grande aflição, sentado na maca, quase hirto, sem conseguir respirar.

Cada vez que inalava, ouvia-se um gorgolejar ruidoso no seu peito. O ritmo cardíaco aproximava-se das cento e setenta pulsações. O jovem interno que tratava do caso era um médico competente, mas tinha fama de perder a frieza em situações difíceis.

— Qual é a tensão arterial? — perguntou ele.

— Talvez setenta, doutor. É muito difícil ouvi-la.

Havia um nervosismo indisfarçado na voz da enfermeira. O uso repetido do título do interno constituía uma exigência para que ele fizesse qualquer coisa.

— Não podemos esperar pela cardiologia — disse ele. Prepare-o para os choques. Alguém que volte a chamar a cardiologia. Janice, quero trezentos joules.

Steve Josephson, de olhos muito abertos, voltou-se para Harry.

— Edema pulmonar — disse Josephson.

— Exatamente — respondeu Harry.

— Mas não se veem taquicardias no monitor.

— Concordo. É uma velha variante da taquicardia sinusal, diria eu.

Devido ao stress da situação.

— Não podemos permitir que ele lhe aplique choques. Harry hesitou por momentos e depois concordou. Aproximaram-se ambos da cama do paciente.

— Sam, isto é uma taquicardia sinusal — segredou Harry, para que ninguém, excepto o interno, ouvisse. — Se lhe aplicar choques, pode matá-lo.

O interno olhou primeiro para o monitor e depois para as enfermeiras e para os técnicos que rodeavam o paciente. Num espaço de segundos, a sua expressão passou da confusão para a fúria e do embaraço para o alívio.

— Quer encarregar-se deste caso? — perguntou ele de repente. — Por favor, continue.

Sem responder, Harry pegou numa toalha e enxugou o suor que inundava o sobrolho do paciente. Deitou um olhar à pulseira plástica de identificação do homem.

— Mister Miller, sou o doutor Corbett. Aperte-me a mão se perceber o que eu digo. Ótimo. Vai melhorar, mas tem de tentar respirar mais devagarinho. Eu sei que é difícil e sei que está assustado neste momento, mas vai conseguir. Vamos ajudá-lo. Como está o eletrocardiograma, Steve?

— Talvez um pequeno MI anterior — respondeu Josephson. — O coração está a bater demasiado depressa para dizermos ao certo.

— Hematócrito?

— Cinquenta por cento. Se ele não for fumador, o sangue concentra-se bem.

Olharam ambos para o interno, que abanou a cabeça.

— Nunca fumou na vida — respondeu ele. — Mas o que tem a concentração de glóbulos vermelhos a ver com tudo isto?

O exame de Harry não revelou inchaço dos tornozelos nem quaisquer outros sinais de excesso de líquido. A deficiência cardíaca, fosse qual fosse a causa, estava a causar uma pressão regressiva na circulação pulmonar. O soro, a parte não celular do sangue, estava a ser obrigada a atravessar as paredes dos vasos sanguíneos e a ir para os pulmões do homem. Consequentemente, os glóbulos vermelhos, que eram demasiado grandes para atravessar as paredes dos vasos sanguíneos, começavam a depositar-se. Harry examinou as pupilas do paciente para verificar se havia contração, a qual assinalaria o efeito narcótico. As pupilas estavam pequenas, mas não reduzidas ao mínimo.

— Mais três de morfina — pediu Harry. — Por favor, arranje-me um saco de flebotomia. Vamos tirar-lhe sangue. Preparem-se para o entubar se for necessário.

Voltou a enxugar a testa do homem.

— Mister Miller, está a portar-se muito bem. Tente abrandar um pouco mais.

— Desculpe, mas vão-lhe tirar sangue! — segredou o interno, atônito.

— Vamos.

— Mas... Mas já ninguém faz uma coisa dessas.

— Está cada vez melhor, Mister Miller — disse Harry. Depois, voltando-se para o interno, acrescentou: — com que então, já ninguém faz uma coisa dessas? Pois bem, nós fazemos, Sam. Sobretudo quando o hematócrito de alguém está tão alto como o deste homem. Só porque um método não é de alta tecnologia, isso não significa que seja inútil. Muitas vezes, o recurso aos diuréticos para retirar líquido do corpo de um paciente pode não ser tão eficaz como julgamos. E, numa pessoa cujo sangue já está tão concentrado, os diuréticos podem ser muito mais perigosos. Qualquer porção de líquido retirada com diuréticos pode contribuir para concentrar ainda mais os glóbulos vermelhos. E se estes espessarem demasiado, mais tarde ou mais cedo obstruirão um vaso sanguíneo. A tensão, por favor?

— Mantém-se nos oitenta. Ouve-se melhor — respondeu a enfermeira.

Harry fez sinal a Steve Josephson, que inseriu a grande agulha de flebotomia numa veia, com uma destreza que a largura dos dedos não faria supor. No mesmo instante, uma coluna de sangue deslizou pelo tubo e começou a encher o frasco de plástico.

A inversão do edema pulmonar de Clayton Miller era espetacular.

— Estou... estou a respirar... um... pouco... melhor — disse o homem a custo, passado um minuto.

— O que achas, Steve? Tiramos-lhe mais cem centímetros cúbicos?

— Se a tensão estacionar, eu sugeria que lhe tirássemos duzentos.

Harry ajustou ligeiramente a agulha e o fluxo de sangue aumentou. No minuto seguinte, reinou o silêncio.

— Oh, meu Deus — exclamou Miller, de repente, enchendo os pulmões com um movimento prolongado e reconhecido.

— Oh, meu Deus, sinto-me melhor... Muito melhor...

O paciente continuava sem fôlego, mas estava muito melhor. O padrão cardíaco no monitor descera para cem. O formato das imagens parecia agora normal. Duas enfermeiras trocaram olhares ostensivos de alívio. O interno colocou-se entre os dois clínicos gerais.

— Isto é incrível — disse ele. — Não sei o que dizer. Mister Miller, o doutor Corbett e o doutor Josephson ajudaram-no muito, e a mim também.

A custo, o homem ergueu os polegares.

— Ouçam, ouvi falar na comissão que eles formaram para alterar os seus privilégios. Se precisarem que eu escreva alguma coisa acerca do que se passou aqui esta manhã, contem comigo.

— Talvez seja um pouco tarde para isso, mas por que não envia uma comunicação ao doutor Sidonis? — alvitrou Harry.

— Talvez ele a leia, desde que ela comece por "Excelência".

Ouviu-se um leve ruído atrás deles. Olharam os três para a porta no momento em que Caspar Sidonis, com um rosto impenetrável, deu meia volta e se dirigiu para o anfiteatro.

CAPÍTULO 2

Green Dolphin Street. A composição de Wes Montgomery. A melodia surgiu na mente de Harry assim que ele se sentou na última fila do anfiteatro. Green Dolphin Street. Harry executou um solo fazendo tamborilar os dedos no braço metálico da cadeira. Adorava música de todos os estilos, mas era um fanático de jazz. Tocara contrabaixo desde os primeiros anos do liceu e ainda se sentava num combo quando tinha tempo. Ao longo dos anos, habituara-se a que Green Dolphin Street lhe viesse à cabeça quando estava excitado — tenso, mas pronto a agir. Cantarolara-a quando ia para os exames de Química Orgânica, e mais tarde nas reuniões dos médicos de família.

E, evidentemente, durante a guerra, parecia que estava sempre a ouvi-la quer em disco quer na sua imaginação. Agora, pela primeira vez desde há muito tempo, a melodia estava de volta.

— Casa cheia, Harry — comentou Doug Atwater, apontando para o anfiteatro que se enchia rapidamente. — Até parece que andaram a distribuir estetoscópios de graça.

O Manhattan Medical Center era o maior dos três hospitais que trabalhavam com a Manhattan Health Cooperative.

Como administrador responsável pelo marketing e pelo desenvolvimento da unidade prestadora de cuidados de saúde em rápida expansão, Atwater tinha um gabinete em cada um deles. Ingressara na empresa há seis ou sete anos, vindo do Midwest. Eram muitos, incluindo Harry, os que pensavam que, sem a energia criadora e o sentido empresarial de Atwater, a cooperativa e os seus hospitais talvez já não existissem. Mas a Manhattan Health captara uma quota razoável do mercado e tornara-se uma verdadeira força no sector. Tal como Harry, Atwater era um adepto fervoroso do jazz, embora não tocasse. Ambos arranjavam tempo para irem a um

clube de três em três ou de quatro em quatro meses. E de vez em quando, Doug passava pelo C. C.'s Cellar, quando Harry estava sentado com o combo que tocava regularmente no local.

— O Sidonis ou alguém da comissão lhe falou nisto? perguntou Atwater.

— Claro. O Dan Twersky, o psiquiatra, foi encarregado de falar comigo.

Você conhece-o? Não podia ter sido mais pomposo nem mais condescendente, mesmo que quisesse. Queria saber como é que o Marv Lorello podia ter suturado tão mal o polegar daquele tipo. Eu disse-lhe que, tanto quanto podia afirmar, o Marv não suturara nada mal. Twersky perguntou por que Lorello não mandara chamar um especialista em cirurgia de mão. Eu respondi que tudo o que havia a fazer era limpar a ferida e suturá-la. O cirurgião mais hábil do mundo poderia ter alcançado o mesmo resultado infeliz de Marv. Por vezes, a circulação numa ferida não se processa como deve ser e ocorre uma perda de tecidos. Ele disse que lhe parecia que eu estava a defender um pouco os clínicos gerais. Eu respondi-lhe que preferia milhões de vezes ter curado aquela ferida sem recorrer a um cirurgião da mão e que, em noventa e nove por cento dos casos, as duas partes se uniriam perfeitamente. O Twersky ficou ali sentado e sorriu. Com um sorriso do gênero: "Diga o que lhe apetecer, doutor, mas não pense que alguma vez tratará do meu polegar."

Atwater deu-lhe uma palmada no ombro, para o encorajar.

— Harry, você é um médico formidável — assegurou. E nada do que o Sidonis ou a comissão dele possam fazer alterará essa realidade.

Steve Josephson abriu caminho na fila, acenou a Atwater e sentou-se ao lado de Harry.

— Acabaram de levar o Clayton Miller lá para cima — disse ele. — O homem está a reagir bem. Uma recuperação extraordinária. Depois de tu saíres, a respiração voltou quase à normalidade e ele desatou a falar de basebol, sem parar. Foi um profissional, um colega do Satchel Paige nas ligas de basebol para negros. E repara nisto: ao que parece, o filho trabalha para os Yankees. Ele diz que nos arranja bilhetes quando tu e eu quisermos.

— O paciente que me convém — concluiu Harry.

— Ju.

— O que há? — perguntou Atwater.

Harry deu a palavra a Josephson, que contou o que se passara em pormenor e com todo o dramatismo próprio de um piloto de bombardeiro que descreve um combate aéreo. Atwater escutava, fascinado.

— É pena que o Sidonis não saiba o que vocês fizeram disse ele.

— Ele sabe. Mas não creio que se deixe impressionar ao ponto de chamar os vigilantes. De fato, não me parece que esteja impressionado.

— Bem, mesmo assim, vocês são formidáveis. Depois de vos ouvir, gostaria sinceramente que estivessem nas primeiras filas em vez de se sentarem aqui em cima. Harry, o que se passa com a Evie?

— É internada no fim desta semana. Talvez depois de amanhã.

Atwater puxou de um bloco de apontamentos onde escreveu o nome de Evie e a palavra "flores".

— Ela é formidável. Tenho certeza de que se sairá bem — declarou ele.

Provara-se que as dores de cabeça de Evie, que ela começara por atribuir a alergias, depois a stress provocado pelo trabalho e por último a stress causado por Harry, tinham uma causa mais estrutural e virulenta. Harry passou várias semanas frustrantes a tentar convencê-la a ir ao médico e a fazer um exame ao cérebro. Por fim, Evie viu-se numa enfermaria de neurologia, com a voz entaramelada e pouca força no braço direito. Os testes revelaram um grande aneurisma na artéria cerebral anterior, que rebentara e voltara a cicatrizar. Evie teve sorte. A recuperação dos sintomas neurológicos fora rápida. Um período de repouso associado a várias radiografias fora o que o neurocirurgião lhe recomendara. Agora, chegara o momento de reparar a dilatação na parede da artéria.

— Harry, peço-lhe que me avise se eu ou a Anneke pudermos fazer alguma coisa para vos ajudar — disse Atwater.

— A Anneke?

Doug fez um sorriso travesso. Quando Harry e ele iam ouvir música, Doug aparecia invariavelmente com uma namorada — sempre diferente e cada uma aparentemente mais nova e atraente do que a anterior.

— Ela é meio sueca e meio alemã — explicou Doug.

Ficou a pensar e depois acrescentou: — Creio que a metade de cima é que é sueca.

— Salve, César, nós à beira da morte te saudamos — exclamou Steve Josephson, apontando para o pequeno palco existente no extremo inferior do anfiteatro. Caspar Sidonis acabara de tomar o seu lugar à mesa, no meio dos seis membros da sua comissão.

— Peço sua atenção, por favor — disse Sidonis, batendo no microfone. — Vamos começar. Temos muitos assuntos importantes a tratar... Por favor, ocupem os seus lugares...

— Se as pessoas continuarem a falar, não sei se ele não começará a atirar-lhes coisas, como faz nas urgências — segredou Josephson a Harry. — Ouvi dizer que há queixas das enfermeiras contra ele suficientes para encher a lista telefônica. O hospital não faz nada em relação aos seus ataques de mau gênio porque tem medo que ele vá para outro lado. O tipo faz entrar milhões de dólares.

— O Caspar consegue tudo o que quer — cantarolou Harry.

— Isto não me cheira nada bem, Harry.

— Nem vejo motivos para isso.

Caspar Sidonis, de quarenta e poucos anos, parecia uma estrela de cinema e, para acentuar o seu bom aspecto, andava sempre impecavelmente vestido. Fora o primeiro da sua turma em Harvard, e nunca ninguém se esquecera disso. Também ganhara os campeonatos de tênis e de squash do Manhattan Medical Center durante vários anos seguidos e dizia-se que fora campeão de boxe nos seus tempos de faculdade.

Green Dolphin Street aumentou de volume na cabeça de Harry. Com música ou sem ela, não queria que lhe dissessem o que podia ou não podia fazer como médico: nem os colegas do hospital, nem as companhias de seguros, nem, sobretudo, um tecnocrata pomposo, espalhafatoso e irritante como Sidonis. Olhou à sua volta,

para os outros clínicos gerais que se encontravam na sala, pensando em todos aqueles anos de estudo, nas inúmeras horas passadas em cursos sucessivos, na determinação com que suportavam o baixo prestígio e a ainda mais baixa remuneração que eram apanágio de um médico de família. Mereciam ser recompensados, e não sujeitos a restrições.

— Harry, pelo amor de Deus, diga qualquer coisa. Eles estão a crucificar-vos.

Doug, sentado à direita de Harry, cerrava o punho de frustração, à medida que as recomendações da Comissão de Sidonis eram apresentadas ao corpo clínico. À esquerda de Harry, Steve Josephson abanava a cabeça, incrédulo. Tentara argumentar contra a primeira proposta da comissão, segundo a qual um obstetra certificado pela direção deveria assistir a todos os partos. Uma vez, o nome de Josephson viera nos títulos dos jornais quando, fechado numa carruagem de metropolitano avariado, ajudara a nascer dois gémeos.

Agora, tudo indicava que só seria autorizado a fazer partos nas mesmas circunstâncias.

Apesar dos argumentos emocionados e da linguagem bombástica de Josephson, a votação foi quase unânime. Só os três clínicos gerais que ainda faziam partos votaram não. Os restantes abstiveram-se, julgando talvez que a direção os julgaria suficientemente responsáveis para se policiarem a si próprios, e que não apoiaria as outras medidas restritivas.

— Lá vai o frigorífico novo — disse Harry.

A resolução seguinte, que exigia que os clínicos gerais entregassem os pacientes da Unidade de Cuidados das Coronárias a um cardiologista ou a um interno, passou com facilidade. O cardiologista que se encarregara de Clayton Miller foi um dos poucos opositores que não era clínico geral. Seguiu-se a votação para limitar a participação dos clínicos gerais nos atos cirúrgicos, aos quais passariam apenas a assistir. Mais uma vez, foi a vontade da Comissão de Sidonis que prevaleceu.

— A próxima ficará na história como a Cláusula Marv Lorello — segredou Harry, quando a última proposta da comissão começou a

ser discutida.

— Recomenda-se que todas as suturas efetuadas nas urgências do Manhattan Medical Center por um especialista que não seja cirurgião sejam previamente aprovadas pelo chefe da equipe de serviço.

O murmúrio que percorreu o anfiteatro deu a entender que muitos tinham sido apanhados de surpresa por esta proposta final, talvez a mais humilhante. Harry fora avisado, mas mesmo assim as palavras eram contundentes.

— Têm sido apresentados vários casos à nossa comissão de reclamações, nos quais certos generalistas recorreram a técnicas inadequadas ou fizeram avaliações erradas. Mistress Brenner, do nosso departamento de gestão de risco, garantiu-me que a implementação de uma política interna de triagem anterior ao tratamento reduziria significativamente o número de reclamações apresentadas contra os nossos médicos não especialistas — disse Sidonis.

Olhou vagamente na direção de Marv Lorello e foi seguido por várias dúzias de pares de olhos. Lorello ingressara no hospital há uns anos, depois de ter trabalhado durante três anos numa reserva do Serviço de Saúde indiano. As suas credenciais acadêmicas eram impressionantes, aliadas a um idealismo revigorante quanto à prática da medicina. O processo por negligência médica — o primeiro da sua carreira— e as suas consequências tinham-no afetado profundamente. Harry fez o possível por manter a calma, mas Green Dolphin Street continuava a tocar, agora a um ritmo acelerado e cada vez mais alto.

De súbito, a música parou. Só alguns segundos depois é que Harry percebeu que estava de pé, e que a sua figura era o centro das atenções de todos aqueles que se encontravam no anfiteatro.

Pigarreou. Os rostos voltaram-se para ele, expectantes.

— Se o presidente da comissão estiver de acordo, eu.. Acho que há algumas coisas que eu preciso de exteriorizar antes de votarmos esta última proposta, a mais degradante para os médicos de família.

Harry fez uma pausa para quem tivesse objecções a levantar e teve a sensação de que Sidonis ia levantar alguma. No entanto, o

silêncio foi total.

— Muito bem. Obrigado. Não tenciono subvalorizar a especialidade de ninguém, dando a entender que alguém com menos experiência consegue fazer exatamente o mesmo. Mas quero sublinhar que nós, generalistas, estamos bem preparados para fazer algumas dessas coisas. Somos reconhecidos como médicos de família, não como ignorantes. Frequentamos a universidade tal como vós, cuidamos dos nossos pacientes e prosseguimos a nossa instrução tal como vós, e, o que é mais importante, reconhecemos as nossas limitações tal, espero, como vós.

“Quase todos nós suportamos ser tratados com o desprezo a que hoje assisti.

Harry percorreu a assistência com o olhar, na direção de Sidonis. O silêncio impressionante não se quebrou. Ninguém tossiu. Ninguém pigarreou. Não se ouviu um estalido.

— Todos nós suportamos essa atitude porque acreditamos no caráter específico da medicina que escolhemos. Atualmente, somos úteis às companhias de seguros e às unidades prestadoras de cuidados de saúde. Chamam-nos médicos de cuidados de saúde primários. Mas, na realidade, somos polícias de trânsito médico, que fazem a triagem das queixas triviais e insignificantes, para que os especialistas mais caros não tenham de lidar com elas. E não há problema. Também quase todos nós nos adaptamos a essa nova ordem. Tal como nos habituaremos a assistir em primeiro lugar a apendicectomias e outras operações simples que fizemos dúzias de vezes, ou a entregar os nossos pacientes cardíacos a alguém que eles não conhecem.

“Mas isto, isto é que eu não posso aceitar. — Harry apontou para a enorme tela atrás de Sidonis, no qual se lia a última recomendação da comissão. Como sabem, nós, médicos, acusamos sistematicamente os advogados da crise da negligência médica. Há advogados a mais. O sistema de contingência está errado. O modo como eles se publicitam é exaltante. Bem, que seja. Mas a história não acaba aqui. Os pacientes já não nos conhecem. Não nos apresentamos como parceiros na tarefa de os mantermos saudáveis.

Pelo contrário, muitos de nós apresentam-se tal como são: especialistas, interessados apenas em garantir que a parte do corpo em que se especializaram funcione bem. Ouça, minha senhora, tem de ir para Brooklyn, porque eu nunca passo pela Rua Quarenta e Dois. Bem, eu sei suturar. Suturei feridas inacreditáveis em situações inacreditáveis. Sou muito bom nisso. Assim como o doutor Josephson, que está aqui, e o Marv Lorello, e todos nós que suturamos os nossos pacientes quando eles se cortam. Não preciso que me digam o que posso ou não posso fazer. Nenhum de nós precisa disso.

“Por isso digo: basta. O regresso aos bons velhos tempos do médico de família sobrecarregado, de bata amarrotada, é bom para as conversas em sociedade. Mas, quando chega o momento de decidir, ninguém quer desafiar a grande ciência divina, e dizer que ainda há lugar para os médicos que conhecem os pacientes no seu todo, e querem tratar deles independentemente do que está mal. Seria preferível que, em vez de terem limitado esta sessão aos médicos, tivessem convidado alguns desses pacientes para estarem aqui.

Quando perceberem o que significa para eles ter um médico, talvez se lembrem do que ser médico devia significar para nós. Estas propostas são todas humilhantes e desnecessárias. Mas esta é ainda pior. Não a deixem passar.

Harry hesitou e depois sentou-se. O pesado silêncio manteve-se. Por fim, Steve Josephson aproximou-se dele e tocou-lhe na mão.

— Obrigado — balbuciou, com a voz embargada. — Obrigado por teres tentado.

Depois, irromperam os aplausos em todo o anfiteatro. Depressa se propagaram a toda a sala e foram poucas as pessoas que não os secundaram. Algumas levantaram-se. Várias soltaram gritos de aclamação. Outras bateram nas costas dos bancos de madeira que tinham à frente. Caspar Sidonis manteve-se sentado, hirto. Um tom escarlate sobrepunha-se ao bronzeado eterno do seu rosto. Os outros membros da comissão agitavam-se, incomodados, nas cadeiras.

— Parece que esta proposta suscita uma grande emoção disse Sidonis, depois de ter conseguido restabelecer a sua autoridade. — Sugiro que adiemos a discussão até que a nossa comissão possa reunir-se outra vez com o pessoal da gestão de risco e repensar esta questão.

— Não, vamos votar! — gritou alguém.

— E se votássemos outra vez todas essas propostas? — gritou mais alguém.

De repente, todos os médicos parecia conversarem e discutirem ao mesmo tempo. Sidonis, atrapalhado e sem saber bem como havia de gerir a situação, olhou à sua volta em busca de auxílio. Foi salvo pelo chefe da equipe médica, um cirurgião ortopédico corpulento, que já jogara duas vezes à defesa em Penn State.

— Acalmem-se, todos! — vociferou ele. — Exatamente.

Obrigado. Quero agradecer ao doutor Sidonis e à sua comissão o bom trabalho realizado. Parece que esta última questão é suficientemente controversa para que nos debrucemos um pouco mais sobre ela. Sei que isto não foi fácil e gostaria de louvar o grupo de trabalho pela sua coragem e os clínicos gerais pela sua compreensão.

Dois médicos apuparam-no.

— Vamos lá, cresçam — disparou o médico. — Nós demos o mandato ao doutor Sidonis e a sua comissão, e eles estiveram à altura. Agora, acho que lhes devemos uma ovação.

Relutante, a assistência acedeu. A sessão terminou com um louvor ao trabalho árduo desenvolvido pela Comissão de Sidonis e com um apelo à compreensão e à unidade de todos os médicos.

— Vocês, os que prestam cuidados de saúde primários, continuam a ser os alicerces do nosso sistema. Nunca se esqueçam disso — concluiu Sidonis.

Harry aceitou os apertos de mão e as felicitações de Doug Atwater, Steve Josephson e de vários outros médicos. Mas sabia que, apesar de ter ajudado os clínicos gerais a salvar a honra, o seu estatuto sofrera uma grave perda. O apoio recebido após a sua intervenção não alterara a situação. Abriu caminho e dirigiu-se para a porta de saída junto do palco. Ia a chegar quando Caspar Sidonis

apareceu à sua frente. Por instantes, Harry julgou que o ex-jogador de boxe lhe ia aplicar um direto.

— Goze o seu pequeno espetáculo enquanto pode, Corbett — disse ele. — Você sempre falou de mais. Mas desta vez escolheu a pessoa errada para lixar.

Sidonis deu meia volta e desapareceu.

— Veio convidá-lo para tomar chá? — perguntou Doug Atwater.

Harry recompôs-se e fez um sorriso forçado.

— Passa-se qualquer coisa entre aquele tipo e eu. Qualquer coisa oculta que eu nem sei o que é — respondeu.

— Esqueça-o — disse Doug. — Venha daí. Deixe-me oferecer-lhe uma Coca-Cola. Você é um tipo formidável. Um tipo formidável.

CAPÍTULO 3

A meio da manhã, Harry acabou de ditar dois relatórios de alta e saiu do hospital, que ficava a seis quarteirões do seu consultório na Rua 116 West. O céu não tinha nuvens e o dia estava fresco e revigorante. No entanto, apesar do tempo, Harry sentiu o regresso daquela monotonia persistente que o atormentava há uns meses. Era um sentimento diferente de todos os que já experimentara — mesmo durante o seu ano de sofrimento e de incapacidade. E o fato de não conseguir afastá-lo pura e simplesmente estava a tornar-se cada vez mais frustrante. Distraído, atravessou Lexington Avenue ao encontro da luz e por pouco não chocou com um camião da Federal Express.

— Hola, doutor, aqui!

O motorista, que estava a descansar, acenou-lhe do outro lado da rua.

Harry reconheceu o marido de uma das suas pacientes de obstetrícia, uma das suas últimas pacientes de obstetrícia, pensou tristemente.

— Hola, Mister Romero. Como vai o bebé? — perguntou ele, depois de atravessar a rua.

O homem sorriu e ergueu o polegar.

— Precisa de uma boleia?

— Não, não, Mister Romero. Muito obrigado. O homem sorriu de novo e partiu.

Esta breve troca de palavras animou Harry. Recomeçou a andar, estugando um pouco o passo.

O Mercedes descapotável amarelo-canário estava estacionado junto da boca de incêndio em frente do edifício onde Harry tinha o consultório, no rés-do-chão. Sentado ao volante, Phil Corbett sorriu-lhe.

— Merda — disse Harry em voz baixa.

Não era que não gostasse do irmão mais novo. Pelo contrário. Mas custava-lhe mais a aturar Phil nuns dias do que noutros. E aquele era um dos dias difíceis.

— Um Duzentos e Vinte SL vintage, em ótimo estado, com vinte e quatro mil quilômetros — disse Phil, fazendo-lhe sinal para que entrasse. — Fui buscá-lo agora mesmo ao meu stand no centro da cidade. Imaginas quanto é que vale este menino?

A educação formal de Phil terminara ao fim de um mês na faculdade local, quando ele desistira de competir com Harry e ingressara na marinha. Três anos depois, regressou à vida civil e começou a vender automóveis. A profissão era feita à medida do seu sorriso ingênuo, da sua mente extrovertida e do seu eterno optimismo. Cinco anos depois da primeira venda, Phil comprou a agência. Em seguida, começou a expandir-se. Agora, já com seis agências, tinha duas filhas e um filho em colégios particulares, uma mulher encantadora que não conseguia gastar tudo o que ele ganhava mesmo que quisesse, e uma quota num dos country clubs mais elitistas de Nova Jersey. Além disso, não tinha dificuldades em lidar com as grandes perguntas da vida. Nunca as formulava.

— Oitocentos e setenta e três mil quatrocentos e noventa e dois dólares e setenta e três centimes — retorquiu Harry. — Fora os impostos e os encargos do vendedor. Foste ver a mamãe?

— Vou amanhã. Como é que sabes quanto é que isto custa?

— Não sei. É o meu ordenado bruto durante toda a vida. Fui ao lar na terça-feira. Ela não sabia quem eu era.

— Creio que é o resultado de todas aquelas trombozes.

— Muito engraçado.

Phil examinou o irmão mais velho.

— Harry, estás bem? Estás com um aspecto horrível.

— Obrigado.

— Mas estás. Tens papos debaixo dos olhos. E voltaste a roer a unha do polegar.

— Tenho a cabeça muito cheia, Phil — explicou Harry, olhando para o relógio. — Ouve, daqui a dois minutos começo a ver os pacientes.

— Então o que te preocupa? A Evie? Quando é que ela é operada?

— Daqui a uns dias.

— Vai correr tudo bem. Ela é de... aço.

— Não comeces, Phil.

— Eu não disse nada de mal.

— Pouco faltou.

— Por que falaria mal da minha cunhada? Ela telefona e pede que a ajude. Que fale com o meu irmão e o convença a aceitar esse emprego que lhe ofereceram num laboratório farmacêutico. Eu digo que, apesar de ser um cargo muito sonante, e que talvez dê mais dinheiro, acho que meu irmão é que deve decidir se quer desistir da prática clínica e fazer comprimidos e anúncios em revistas. Ela diz que eu sou um egoísta e que me sinto ameaçado pelas andanças do meu irmão. E daí para cá não me dirige mais de uma dúzia de palavras. Por que eu falaria mal da minha cunhada?

— Ela tinha razão, Phil. Eu devia ter aceitado o posto.

— Harry, tu vês as pessoas quando elas estão pacientes e ajudá-las a curarem-se. Não percebes como isso é maravilhoso?

— Já não chega.

— Ouve, tu tens quarenta e nove anos. Eu tenho quarenta e quatro. É a minha vez de ter uma crise da meia-idade. Já devias ter ultrapassado a tua.

— Bem, mas não ultrapassei. Não sei, Phil, é como... Passei demasiado tempo da minha vida a aceitar as coisas como elas eram. Não defini objetivos suficientes, talvez. Agora, parece que não tenho nada por que lutar. Eu devia ter aceitado aquele lugar. Pelo menos teriam surgido alguns novos desafios.

— Tu estás a sair-te bem, Harry. É o dia dos teus anos que aí vem que te impressiona. O meio século...

— Está bem, Phil. Não é preciso falares nisso.

Harry falara ao irmão da maldição dos Corbett, mas só uma vez. A indiferença de Phil perante a teoria tinha tanto de enfático como de previsível. Num dia um de Setembro, o avô paterno, poucos meses depois de fazer setenta anos, morrera de um ataque cardíaco. Vinte e cinco anos depois — exatamente vinte e cinco anos

depois — o pai de ambos sofrera o seu primeiro ataque. Tinha precisamente sessenta anos e cinco semanas nesse dia um de Setembro. O fato de ele não ter morrido logo foi simultaneamente trágico e, para Harry, imaterial.

Os dois anos que viveu, incapacitado, foram um inferno para todos.

Um de Setembro. A data fora assinalada no calendário mental de Harry desde o ataque cardíaco do pai. Mas, depois de uma determinada conferência num curso de cardiologia, Harry destacara-a a vermelho.

Pode se dever a fatores sociais ou genéticos, afirmara o cardiologista.

Possivelmente a ambos.

Mas detetamos frequentemente um padrão nas famílias, a que chamamos a "lei das décadas". Simplificando, o primeiro ataque cardíaco do filho parece ocorrer precisamente dez anos antes do ataque do pai. Como é óbvio, há exceções à lei. Mas, reparem. Se tiverem um homem de cinquenta e quatro anos com um problema nas coronárias e uma história familiar positiva, existe uma boa hipótese de o pai ter sofrido o seu primeiro ataque com sessenta e quatro anos. Não aos sessenta e três ou aos sessenta e cinco. Dez anos exatos...

— Mas tu estás bem fisicamente, Harry — disse Phil. — Não é verdade?

— Claro, Phil, estou bem. Talvez seja porque não tenho quinze dias de férias há quase três anos, o meu carro está a desconjuntar-se e...

— Ouve, acredites ou não, foi um dos motivos que me levou a passar por aqui. Tenho um bom negócio para ti. É um C Duzentos e Vinte novo. A preço de revenda. Não ao preço de revenda de que falamos a toda a gente. Ao verdadeiro preço de revenda. Um Mercedes novo.

Pensa como a Evie ficaria contente. Quem sabe, talvez ela...

— Phil!

— Está bem, está bem. Tu é que disseste que precisavas de um desafio, mais nada.

Harry abriu a porta do carro e saiu.

— Dá saudades minhas à Gail e aos miúdos — recomendou.

— Estou preocupado contigo, Harry. De um modo geral, és muito engraçado. E, o que ainda é mais importante, achas-me graça.

— Hoje não tens graça, Phil.

— Dá-me outra oportunidade. E que tal se almoçássemos juntos para a semana?

— Deixa ver o que acontece com a Evie.

— Está bem. E não te preocupes, Harry. Se precisares, tenho certeza que surgirá qualquer coisa que te motive.

Depois de vinte e uma admissões no Hospital Parkside, Joe Bevins conseguia fechar os olhos e saber as horas pelos sons e pelos cheiros que vinham do corredor até à porta do seu quarto. Até sabia quem eram algumas enfermeiras e auxiliares pelos passos, em especial no Pavilhão 5. Conseguia quase sempre que os funcionários das admissões o enviassem para ali. O pessoal daquele piso era o mais simpático do hospital e o mais sabedor quanto aos cuidados a prestar aos pacientes que sofriam de insuficiência renal crônica e que faziam hemodiálise. Joe também gostava dos quartos do extremo sul daquele piso, os melhores do hospital, com vista para o parque e, ao longe, para o Empire State Building.

Não era uma grande vida estar ligado à eletricidade no centro de hemodiálise três vezes por semana, nem ter de ser levado à pressa para Parkside sempre que a circulação falhava, que surgia uma infecção, que o açúcar no sangue se descontrolava, que o seu ritmo cardíaco se alterava ou que a sua glândula prostática inchava tanto que ele nem podia urinar. Mas aos setenta e um anos, com diabetes e uns rins que não funcionavam, não podia exigir mais.

Do lado de fora da porta, ouviu o ruído de duas macas que traziam pacientes da fisioterapia. Um deles, uma senhora só e sem família, perdera as duas pernas devido a uma gangrena. Agora, mantinham-na ali até haver lugar num lar. "Podia ser pior", disse Joe com os seus botões. "Muito pior." Pelo menos, ele tinha o Joe Jr., Alice e os miúdos. Pelo menos, ele tinha visitas. Olhou para a outra cama do seu quarto. O indivíduo que ocupava aquela cama, vinte

anos mais novo do que ele, estava lá em baixo a ser operado aos intestinos, uma maldita operação a um cancro.

“Oh, sim”, pensou Joe. Por muito má que fosse a sua situação, não devia esquecer-se de que ela poderia ser sempre pior.

Sentiu a presença de alguém à sua porta, ainda antes de ouvir o homem pigarrear. Quando se virou, viu um técnico de laboratório, de bata branca, a ajustar os tubos fechados no seu cesto metálico quadrado.

— Deve ser novo aqui — disse Joe.

— Sou. Mas não se preocupe. Já faço este trabalho há muito tempo.

O homem, que devia ter quarenta e tal anos, sorriu-lhe. Tinha uma cara simpática, concluiu Joe: não era uma cara que lhe agradasse muito, mas também não revelava cansaço nem insensibilidade.

— O que está aqui a fazer? — perguntou Joe.

Os médicos diziam-lhe quase sempre quais os exames que tinham receitado. Sabiam que ele gostava de saber. Naquela manhã, já fora visitado por três especialistas e nenhum lhe falara no sangue.

— Isto é uma solução anticorpos HTB-R vinte e nove respondeu o homem com naturalidade, pousando o seu cesto em cima da cama. — Há uma infecção no hospital. Todas as pessoas com problemas renais e pulmonares estão a ser examinadas.

— Ah!

O técnico tinha um sotaque qualquer. Não era muito acentuado e Joe não conseguiu situá-lo. Mas existia.

— Onde é o senhor? — perguntou.

O homem sorriu, enquanto preparava os tubos e a agulha. Na etiqueta de plástico azul que trazia ao peito lia-se G. Turner, flebotomista.

Tentando não ser ostensivo, Joe olhou para o seu distintivo de identificação. Estava de tal modo torcido que era impossível lê-lo.

— De origem? — retorquiu o homem. — De origem, sou da Austrália. Mas vim para os Estados Unidos em criança. O senhor tem um ouvido muito apurado, Mister Bevins.

— Eu era professor de Inglês antes de adoecer.

— Ah, compreendo — disse Turner, olhando rapidamente para a porta, que deixara entreaberta. — Bem, vamos a isto.

— Tenha cuidado com o meu shunt.

Turner levantou o antebraço direito de Joe e passou os dedos, devagarinho, pelo shunt, o vaso firme e distendido criado pela junção de uma artéria e de uma veia. Os seus dedos eram longos e bem tratados, e Joe admitiu que o homem tocasse piano, e tocasse bem.

— Vamos usar o seu outro braço — disse Turner. Aplicou um torniquete de borracha oito centímetros acima do cotovelo de Joe e levou muito menos tempo do que a maioria dos técnicos levava a localizar uma veia adequada.

— O senhor parece aceitar tudo isto com calma. Isso agrada-me — disse ele, calçando as luvas e desinfetando com álcool a pele por cima da veia.

— Todos esses médicos não chegam para me manter vivo. A minha atitude é essencial — respondeu Joe.

— Acredito. Vou usar uma pequena agulha intravenosa em borboleta. É mais suave para a sua veia.

Antes de Joe poder reagir, a agulha fina, ligada a um cateter esguio, de plástico, estava lá dentro. O sangue entrou no cateter. Turner ligou uma seringa ao extremo do cateter e injetou uma pequena dose de líquido transparente.

— Isto é apenas para clarear o tubo.

Esperou talvez uns quinze segundos. Depois, retirou uma seringa cheia de sangue, puxou a agulha e pressionou a pequena picada.

— Perfeito. Perfeito — asseverou ele. — Sente-se bem? "Sinto-me bem."

Joe tinha certeza que pronunciara as palavras, mas não ouviu nada.

O homem junto da sua cama continuava a sorrir-lhe com uma expressão benevolente, enquanto mantinha a pressão no sítio em que a agulha entrara.

"Sinto-me bem", tentou Joe dizer outra vez.

Turner largou-lhe o braço e colocou a agulha usada e o tubo no cesto metálico.

— bom dia, Mister Bevins. Foi muito cooperante — disse ele.

Começando a sentir-se invadido pelo pânico, Joe viu o homem dar meia volta e sair do quarto. Sentia-se estranho, distante, a flutuar. A atmosfera do quarto estava a ficar densa e pesada. Estava a acontecer-lhe qualquer coisa. Qualquer coisa horrível. Pediu ajuda, mas voltou a não ouvir qualquer som. Tentou virar a cabeça, descobrir o botão de chamada. Pelo canto do olho, avistou o fio, que chegava ao chão. Estava paralisado, incapaz de se mexer ou mesmo de respirar. O botão estava apenas a um metro de distância. Joe fez um esforço para mexer a mão, mas o braço estava inerte. O ar estava cada vez mais pesado e Joe sentiu que a consciência começava a fugir-lhe. Estava a morrer, a afogar-se no ar. E não podia fazer absolutamente nada. Absolutamente nada.

Os desenhos do tecto toldaram-se, escureceram e enegreceram. E, à medida que a escuridão avançava, o pânico de Joe desvanecia-se.

Do outro lado da porta entreaberta, Joe ouviu o som do carrinho onde eram servidas as refeições a ser levado para a cozinha, ao fundo do corredor. Depois, sentiu o cheiro da comida.

E depois de vinte e uma hospitalizações em Parkside, quase todas no Pavilhão 5, Joe sabia que eram exatamente onze e um quarto.

Sete das dez cadeiras da sala de espera de Harry estavam ocupadas, embora em três se sentassem os netos de Mabel Espinoza. Mabel, uma octogenária, contemplou-o com o sorriso que nenhuma dor ou tragédia pessoal conseguira apagar. Tinha a tensão arterial elevada, problemas vasculares, hipotiroidismo, retenção de líquidos, um caso amoroso com alimentos condimentados e gastrite crônica. Há anos que Harry a mantinha inteira com o equivalente médico à saliva e ao arame. E graças a isso, Mabel conseguira cuidar dos netos, e a filha conseguira manter o emprego.

Harry lembrou-se que não havia nenhuma Mabel Espinoza associada ao cargo de diretor clínico da Hollins/McCue Pharmaceuticals.

Mary Tobin, recepcionista e responsável pelo consultório de Harry, examinou a sala de espera do seu cubículo envidraçado. Era

uma negra corpulenta, que fora muitas vezes avó, e que trabalhava com Harry desde o seu terceiro ano de prática clínica. Era muito franca nas suas opiniões, e tinha uma opinião acerca de quase tudo.

— Como decorreu a reunião? — perguntou ela quando Harry entrou no seu cubículo para verificar o livro das marcações.

— Reunião?

— Foi assim tão má?

— Digamos que, durante todos estes anos, você trabalhou para um barítono, e que agora trabalha para um tenor — respondeu Harry.

Mary Tobin sorriu.

— O que é que eles sabem? O senhor vai conseguir, doutor Corbett — disse ela. — Já passou por muitos maus bocados e encontrou sempre o caminho certo.

— Continue a dizer-me isso. Houve telefonemas para mim?

— Apenas a sua mulher. Telefonou há meia hora.

— Ela está bem?

— Acho que sim. Pediu que lhe telefonasse para o escritório.

Harry passou pelas três salas de observação e foi para o gabinete. Além de Mary Tobin, tinha uma jovem enfermeira chamada Sara Keene, que trabalhava para ele há quatro anos, e uma assistente, que devia ser a vigésima contratada por ele no instituto mais próximo. Uma daquele grupo despedira-a ele por roubo. As restantes tinham saído para ter bebés ou, o que era mais frequente, por melhores salários. Sara, que estava sentada à secretária, levantou a cabeça e acenou-lhe.

— Ouvi o que disse acerca da reunião, doutor Corbett exclamou ela alegremente. — Não se preocupe.

— Se mais alguém me disser que não me preocupe, começarei a preocupar-me — respondeu Harry.

O seu gabinete pessoal era um espaço amplo nas traseiras de um prédio de apartamentos outrora elegante. Além de uma antiga secretária e de cadeiras de nogueira, havia um tapete rolante, que Harry usara para provas de esforço até os prêmios por negligência médica, que lhe estavam associados, terem tornado os testes proibitivamente caros. Agora, servia-se dele para fazer exercício. As

paredes do gabinete, noutro tempo cobertas de painéis daquilo a que Evie chamava "pinho do Clube do Alce", tinham sido revestidas de pedra a seu pedido e pintadas de branco. Nelas se via a habitual bateria de diplomas, certidões e atestados, além de uma coisa que só alguns médicos podiam exhibir nas suas paredes: uma estrela de prata do Vietname. Viam-se igualmente três óleos originais escolhidos por Evie, todos contemporâneos e abstratos, e nada do que Harry teria escolhido fora deixado ao seu gosto. Mas parecia agradarem à maioria dos pacientes.

Havia três fotografias emolduradas em cima da secretária. Uma era de Harry com os pais, tirada no dia da sua licenciatura em Medicina; outra era de Phil, na companhia de Gail e dos miúdos; e a terceira era de Evie. Era um busto, uma fotografia de estúdio, a preto e branco, tirada num dos melhores fotógrafos da cidade. Harry tinha na secretária várias dezenas de fotografias dela que teria preferido emoldurar, mas Evie insistira no retrato. Agora, instalado na cadeira, Harry embalava a moldura nas mãos e apreciava os malares proeminentes, a boca sensual e os olhos escuros e intensos da mulher. A fotografia fora tirada pouco antes do casamento, há nove anos. Evie tinha então vinte e nove e era, e continuava a ser, a mulher mais bela que ele conhecia.

Harry pegou no telefone e marcou o número da revista *Manhattan Woman*.

— Evelyn DellaRosa, por favor — disse ele, pondo a fotografia no seu lugar. — É o marido.

Há cinco anos que Evie era a editora da combativa revista. Harry sabia que se tratava de uma desagradável despromoção para ela, em comparação com o cargo que já ocupara numa estação de televisão.

Mas admirava a sua tenacidade e o seu empenho em regressar às luzes da ribalta. De fato, sabia que se estava a passar qualquer coisa de bom na vida profissional da mulher. Ela não lhe diria do que se tratava, porque era raro contar que trabalhava numa história com grande potencial.

Evie atendeu passados três minutos.

— Desculpa ter-te feito esperar, Harry — disse ela. — Tinha este técnico pronto a funcionar no laboratório que fica na cave de um prédio da InSkin Cosmetics, e o patife raspou-se.

— Estás bem?

— Se me perguntas se há um minuto em cada hora em que não pense neste maldito balão que tenho na cabeça, estou bem.

— Houve a tal reunião no hospital.

— Reunião?

— A da Comissão do Sidonis.

— Ah... Ah, sim... Como é que correu?

— Digamos que eu devia ter aceiteado aquele lugar na Hollins-McCue.

— Agora já é tarde.

— Por favor, Evie. Eu já admiti que errei. O que posso dizer mais?

Harry sabia que não podia dizer nada que não piorasse as coisas. A decisão que tomara, há mais de um ano, de declinar a oferta de emprego fora quase a machadada final no seu casamento. De fato, considerando que podia contar pelos dedos da mão quantas vezes tinham feito amor desde então, a situação estava a agravar-se.

— Recebi um telefonema do consultório do doutor Dunleavy.

— E então?

— Vagou uma cama no piso de neurocirurgia e a sala de operações está disponível. Ele quer que eu entre amanhã à tarde e que seja operada na quinta-feira de manhã.

— Quanto mais depressa melhor.

— Desde que não seja a tua cabeça, não é verdade?

— Evie, vá lá.

— Ouve, eu sei que prometi ir ouvir-te tocar esta noite no clube, mas agora não me apetece ir.

— Não faz mal. Não é importante. Eu não sou obrigado a tocar.

Harry teve o cuidado de afastar o ressentimento da sua voz. Durante o namoro e nos primeiros anos de casados, Evie adorava a sua música, adorava ouvi-lo tocar. Agora, não se lembrava quando fora a última vez. Estava ansioso por dar esse pequeno passo atrás na vida que ambos tinham partilhado em tempos. Mas compreendia.

— Harry, preciso de falar contigo — disse Evie, de repente. —
Podes ir para casa a horas de irmos jantar fora?

— Claro. O que há?

— Eu... Eu falo contigo esta noite, está bem?

— Há algum problema?

— Harry, por favor. Esta noite?

— Está bem, Evie. Amo-te. Fez-se uma pausa.

— Eu sei, Harry — respondeu.

CAPÍTULO 4

Kevin Loomis, o primeiro vice-presidente da Crown Health and Casualty Insurance Company, guardou um dossier na pasta, arrumou a secretária e verificou a agenda para o dia seguinte. Era um trabalhador meticoloso e nunca saía ao fim do dia sem resolver tudo o que pudesse. Chamou a secretária e ligou um cronômetro mental.

Seis segundos depois, ela entrou no gabinete.

— Sim, Mister Loomis?

Brenda era fabulosa. Inteligente, organizada, leal e uma mulher de fazer parar o trânsito. Kevin herdara-a de Burt Dreiser, que era agora o presidente do conselho de administração da companhia. Kevin desconfiava que ela e Dreiser tinham um caso fora do escritório. Mas isso não tinha importância. Dreiser empurrara-o para a frente de outros mais antigos e, em certos casos, mais qualificados do que ele.

E na opinião de Kevin, se Dreiser dormisse com Brenda Wallace, maior seria o seu poder.

— Temos mais alguma coisa a tratar? — perguntou ele. Vou sair e já não volto.

— A segunda e a quarta terças-feiras, eu sei — disse ela, sorrindo. — Boa sorte.

O jogo de póquer. Há vários anos que Dreiser, que era um conhecido maníaco do trabalho, saía do escritório às quatro horas, todas as segundas e quartas terças-feiras de cada mês. Era necessário dar uma explicação. Brenda era demasiado eficiente e atenta para não perguntar. O jogo de póquer ajustava-se perfeitamente à situação.

Agora, Kevin, apoderara-se não só do antigo cargo de Dreiser, de seu gabinete e sua secretária, como também, na opinião de Brenda Wallace, de seu lugar no jogo de cartas. Nas segundas e quartas

terças-feiras do mês. As quatro horas. De fato, Dreiser fizera questão de corroborar a história do póquer a Nancy, a mulher de Kevin. O necessário rito de passagem para ascender na escada da companhia era uma explicação confortável para a ausência do marido, que passava duas noites por mês no centro da cidade. O secretismo assumido que envolvia o local do jogo implicava a necessidade de Nancy comunicar com ele apenas através do bip.

— Há quatro meses que jogo e terei ganho uma vez — disse Kevin secamente, dirigindo-se a Brenda. — Acho que é por isso que o Burt me convidou para jogar em primeiro lugar. Ele sabia que eu era um novato na matéria. Ouça, como a Oak Hills decidiu renovar o contrato conosco, acho que devíamos fazer qualquer coisa por eles. Você tem os nomes dos membros da direção da escola e do presidente do sindicato. Envie a cada um uma garrafa de champanhe. Melhor ainda, chocolates. Godiva. Cerca de cem dólares para cada um. Escreva qualquer coisa simpática nos cartões.

— Vou tratar disso imediatamente, Mister Loomis.

Brenda saiu depois de o contemplar com um sorriso que teria derretido um bloco de gelo. Os êxitos de Kevin eram os dela, e o fato de a escola de Oak Hills ter renovado o sistema constituía uma vitória.

O sistema era enorme, um dos maiores de Long Island. E, de um modo geral, os seus professores eram jovens e saudáveis. Jovens e saudáveis, as palavras mágicas em qualquer seguro de saúde de grupo. Era uma pena no chapéu de Kevin Loomis, com toda certeza.

Mas a vitória pertencia verdadeiramente à Roundtable. Fora graças a ela que o sistema de Oak Hills chegara à Crown. A concorrência viria dos que não eram membros da Roundtable. E, evidentemente, a especialidade desta era lidar com concorrentes que não pertencessem à organização.

O contrato da Oak Hills também era importante a outro nível. Os primeiros quatro meses de Kevin na Roundtable tinham ficado assinalados pela controvérsia. Na sequência de uma situação complicada, o grupo deixara de reunir-se no Hotel Camelot e passara para as Suítes Garfield, e o caso envolvera Kevin. Mas, na verdade, a culpa não fora sua. Felizmente, os outros também se

aperceberam disso. Kevin não imaginava o que teria acontecido se assim não fosse.

Pegou na pasta e na mala com a roupa para a noite e demorou-se um pouco a gozar a vista da cidade, do rio e do campo, lá ao longe.

Kevin Loomis Jr., passara de contínuo a diretor, de um cubículo de cortiça para um gabinete de canto. Os pais, se fossem vivos, ter-se-iam orgulhado muito — muitíssimo — do modo como ele subira na vida.

Kevin engoliu em seco para desfazer o nó que se lhe formava na garganta sempre que pensava neles. Depois, encaminhou-se para o elevador. Começara a sua transformação em "Sir Tristram, cavaleiro da Távola Redonda".

As Suítes Garfield ficavam em Fulton, a um quarteirão e meio do World Trade Center. A viagem de táxi demorou vinte minutos. Kevin sentia-se calmo, atento à cidade que passava por ele, mas vendo pouco. As mudanças extraordinárias que se tinham operado na sua vida não podiam ser mais abruptas do que se tivesse ganho a lotaria.

É certo que ele era bom, muito bom, no que fazia — vender seguros — há anos. Trabalhara cinco anos seguidos no departamento de vendas da Million Dollar Roundtable, uma empresa industrial, fora diretor da filial e depois um bem sucedido chefe de departamento na sede. Para um homem relativamente novo, do lado errado de Newark, era uma proeza notável. Mas, de repente, Dreiser começara a convidá-lo para almoçar e, pouco depois, para jantar.

O que acha você de?... O que faria você se?... Suponha que lhe pediam para... Primeiro vieram as perguntas, feitas e refeitas, vezes sem conta. Depois, com as respostas de Kevin, aparentemente aceitáveis, vieram os segredos. A mesa-redonda da bem publicitada equipe de vendas tinha uma contrapartida ao nível executivo, explicara Burt. Mas, ao contrário da Million Dollar Roundtable, que era uma empresa industrial para ser enaltecida em anúncios, cabeçalhos e cartões de visita, esta Roundtable não só era muito exclusiva como muito secreta.

Quando Kevin aceitou tornar-se Sir Tristram, para substituir Burt Dreiser como representante da Crown, apercebeu-se de que já sabia de mais para recusar a oferta e manter o emprego. As suas recompensas por aceitar a nomeação foram a promoção, um aumento generoso e um bônus anual de cem mil dólares ou um por cento daquilo que a Roundtable poupasse ou ganhasse naquele ano para a Crown, mesmo que fosse uma quantia superior. Dreiser assegurou-lhe que o contrato equivalia ao que fora celebrado com os outros cavaleiros.

Depois do susto recente, os cavaleiros tinham tomado algumas medidas no sentido de proteger a pequena organização e os seus membros. Aderindo a uma delas, Kevin saiu do táxi em Gold and Beekman e percorreu dois quarteirões a pé até chegar às Suítes Garfield, atravessando um armazém e andando um pouco para trás.

Certo de que não era seguido, entrou no átrio do hotel. A sua reserva, em nome de George Trist, já estava paga. Quem quisesse detetar a origem do pagamento através daquele nome depararia com uma conta falsa de uma empresa cujos diretores tinham morrido há muitos anos. Sir Galahad, o responsável pela segurança, fazia bem o seu trabalho. Era paranoico com os pormenores. E após a descoberta da repórter disfarçada, ficara ainda mais obcecado, se é que isso era possível.

Do outro lado do átrio, Kevin viu Sir Persival à espera do elevador.

Persival pertencia à Comprehensive Neighborhood Health Care, a maior empresa de prestação de cuidados de saúde do Estado. Kevin não sabia mais nada acerca do homem. Nem sequer o seu nome, nem sequer o cargo que ocupava na CNHC. Burt dissera-lhe que não se preocupasse com essas coisas — só ao fim de três anos é que soubera os nomes dos outros seis cavaleiros. O olhar de ambos cruzou-se por instantes, e depois Persival desapareceu. Kevin olhou para o relógio. Daí a três horas, começaria a reunião, no décimo nono andar.

Atravessou o átrio e dirigiu-se à recepção. O secretismo, os nomes em código, a natureza dos projetos... Kevin gostava da intriga e do mistério que envolviam a pequena sociedade. E, a pouco

e pouco, aprendia também a lidar com as suas facetas menos agradáveis — alguns dos métodos usados para atingir os seus objetivos e, evidentemente, o risco constante da descoberta.

O número 2314 era uma suíte de duas salas com uma vista razoável do World Trade Center. Kevin parou na sala de estar e abriu uma lata de Heineken que tirou do frigorífico bem fornecido. Em seguida, tirou a gravata e pendurou o casaco nas costas de uma cadeira. Acabara de descalçar os sapatos quando ficou hirto. Não estava só. Estava alguém no quarto. Tinha certeza absoluta. Encaminhou-se para a porta que dava para o corredor. Havia telefones internos junto do elevador. Podia telefonar a Galahad ou para a segurança do hotel.

— Está aí alguém? — perguntou uma voz feminina.

Kevin entrou no quarto. A mulher, de vinte e poucos anos, se tanto, estava ao pé da cama enorme. Via-se que estivera a dormir e, naquele momento, escovava os cabelos negros que lhe chegavam à cintura. Estava um pouco maquilhada de mais para o gosto de Kevin, mas era perfeita em todos os outros aspectos. As feições asiáticas, o corpo esguio, os seios volumosos e empinados, as pernas. Perfeita.

Usava um vestido verde-esmeralda, muito justo, com uma abertura do lado direito que lhe chegava à anca.

— Quem é você? — perguntou ele.

Ela pousou a escova, alisou a parte da frente do vestido e umedeceu os lábios antes de responder: — Sou a Kelly.

— Quem é que a mandou cá?

— Não... Não percebo.

Kevin deitou-lhe um olhar furioso. Depois do que acontecera com a repórter, de certeza que isto era uma brincadeira ou uma espécie de teste.

— De onde você veio? É uma pergunta muito simples. Como é que entrou aqui? É outra pergunta simples.

O medo chispou nos olhos escuros da mulher.

— Um homem veio ao meu encontro lá fora e entrou comigo. Cada uma de nós ficou à espera num quarto. Eu... Eu estou aqui para lhe agradecer em tudo aquilo que desejar.

— Sente-se e fique onde está — disse Kevin, apontando para a cama. — Não! Sente-se aí! — ordenou, quando ela pôs as mãos atrás das costas, preparando-se para mexer no fecho do vestido.

Kevin dirigiu-se à sala e fechou a porta do quarto.

Segundo Burt Dreiser, as mulheres faziam parte das segundas e das quartas terças-feiras desde que a Roundtable existia, há seis anos.

Lancelot, que estava lá desde o início, era responsável por elas. E até dois meses atrás, nunca houve qualquer problema. Os cavaleiros que queriam sexo tinham-no. Os que não pretendiam mais do que uma massagem ou uma bela companheira para o jantar, também viam os seus desejos satisfeitos. O serviço de acompanhantes utilizado por Lancelot era um dos melhores e mais discretos da cidade. Mas uma repórter — e não uma polícia — conseguira infiltrar-se.

Kevin pegou o telefone.

— Ligue-me ao quarto de Mister Lance, por favor.

Lancelot, Pat Harper da Northeast Life and Casualty, era o único membro da Roundtable que Kevin conhecera antes de se juntar à organização. Em estatura e aparência, Harper era tudo menos um Lancelot, com uma natureza expansiva, uma pele rosada, um charuto gordo e um riso estridente que o aproximavam mais de Dickens que de Camelot. Uma vez, Kevin jogara no mesmo grupo com ele durante um torneio de golfe patrocinado por uma empresa, com fins de beneficência, e fora derrotado numa dúzia de lances. Harper tinha mulher e três ou quatro filhos pequenos. Para além disso, Kevin não sabia nada acerca do homem, excepto que ele gostava de mulheres jovens e belas.

— Lancelot, aqui fala o Tristram — disse Kevin. — Julguei que tínhamos decidido não receber mais mulheres.

— Ah, a Kelly... O que acha dela? É uma beleza, não concorda?

— Sim, mas ela não devia estar aqui.

— Ora, não leve as coisas tão a sério, meu amigo. A vida é curta. Resolvemos não receber mais mulheres vindas do antigo serviço de acompanhantes. A Kelly e as outras são de um novo serviço. Não

se preocupe, que todas elas foram submetidas a um controle rigoroso.

Não haverá mais chatices.

A repórter usara o nome de Desiree. Passara duas terças-feiras com Sir Gawain e outras duas com Kevin. A proprietária da empresa de acompanhantes soubera da dupla profissão de Desiree por uma das outras mulheres, a quem a repórter tentara entrevistar e que tinha certeza de que a impostora gravara as sessões com os dois clientes.

Galahad insistira para que o serviço terminasse imediatamente e para que as sessões da Roundtable fossem transferidas para outro local.

Durante os interrogatórios tensos que se tinham seguido à descoberta, Kevin soubera algumas coisas de Gawain, o último membro admitido no grupo antes dele. Kevin considerara desde o início que a compostura do homem e o seu sotaque próprio de um clube desportivo universitário eram ameaçadores. Gawain parecia adaptar-se bem aos outros, enquanto a educação tosca de Kevin, vindo de Newark, o transformou logo num pária. Agora Kevin sabia que Gawain e ele tinham pelo menos uma coisa em comum: ambos eram chefes de família felizes, que nunca queriam nem recebiam mais do que uma massagem ou dois dedos de conversa das suas acompanhantes.

Contudo, ao que parecia, Lancelot recebera luz verde para contratar um novo serviço. Kevin ia a dizer ao homem que não queria que lhe mandassem mais mulheres para o quarto. Mas lembrou-se das advertências de Burt Dreiser acerca da Roundtable.

"Está tanta coisa em jogo que ninguém confia em ninguém", afirmara Dreiser. "O melhor que tem a fazer é não se evidenciar. Apresente-se e aja como todos os outros, e só terá a ganhar com isso."

Kevin conformara-se, até ao ponto em que o seu conformismo não implicasse ter relações sexuais com as mulheres trazidas por Lancelot. Mas nunca falara nisso a ninguém. De fato, se durante a investigação não lhes tivessem perguntado, a ele e a Gawain, se faziam sexo com Desiree, nenhum elemento do grupo teria sabido.

— Ouça, Lance — disse ele. — Não fique ofendido. A Kelly é muito bonita.

Agrada-me muito. Foi só para me certificar de que não havia problemas. Mais nada.

Desligou e voltou para o quarto. Kelly, afagando lentamente a sua juba espessa de cabelos cor de ébano, sorriu-lhe da cama.

— Está tudo bem? — perguntou ela.

Ao vê-la ali sentada, com a perna direita nua até à anca, Kevin sentiu um afluxo incontrolável de sangue na parte inferior do corpo.

— Está tudo bem — respondeu ele. — Ouça, e se pedisse que nos trouxessem o jantar ao quarto? Encomende o que quiser para si. Eu quero um bife do lombo. Nem bem nem mal passado. E depois, talvez uma massagem. Você é boa nisso?

— Sou muito boa nisso — respondeu ela.

Harry vivera em Manhattan durante uma grande parte da sua vida de adulto, mas nunca entrara na Tiffany's. com a ajuda de Mary Tobin, saíra do consultório hora e meia mais cedo, fizera as rondas no hospital mais cedo do que era costume e fora para casa. A ideia de preparar qualquer coisa especial para Evie fora sua. A sugestão fora de Mary.

Agora, cantarolando a versão de Moon River de Joe Kincaid, Harry tentava imitar a descontração de George Peppard em Boneca de Luxo, enquanto a empregada colocava joias proibitivamente caras, umas a seguir às outras, no expositor de veludo negro.

— Esta pulseira de ténis é encantadora — disse ela. — Alterna muito bem rubis e diamantes, cada um com um oitavo de quilate.

— A minha mulher não joga ténis muitas vezes... Mas quanto custa?

— Três mil e seiscentos dólares, senhor.

“Ouça, e se me mostrasse antes uma pulseira de pingue-pongue?”

Pouco depois, decidiu-se por um pendente formado por um diamante de meio quilate ladeado por dois pequenos rubis. Evie adorava pedras preciosas. Com a ajuda do ex-marido e dos ex-pretendentes — pelo menos era o que Harry suspeitava —, ela fizera

uma coleção razoável, que já possuía quando ele começara a namorá-la.

“Quero vender tudo o que tiver para podermos comprar uma caravana e viajarmos por todo o país”, dissera ela pouco depois do casamento.

Harry sabia que Evie nunca acampara na sua vida e desconfiava que ela não se deixaria enamorar de moscas-varejeiras e de bifés esturricados. A declaração fazia parte do seu empenho em transferir-se da vida apressada a que estava habituada para outra mais calma, que julgava ser a de Harry. Mas, pouco depois, ela deixara de falar na vida simples e guardara as joias num cofre. Nunca foram acampar.

“Não há motivo para preocupações... Espero que isto assinale um recomeço para nós... Tudo vai correr bem... Acredites ou não, há sítios aonde quero levar-te e onde podes usar isto...” Harry pensou e depois rejeitou várias mensagens para o cartão, antes de escrever apenas “Amo-te”.

Preciso de falar contigo... Com as palavras de Evie a dançarem-lhe na cabeça, apanhou um táxi para o apartamento que tinham comprado pouco depois do casamento. Tinha seis divisões amplas e um pequeno escritório e ficava no sexto andar de um prédio bem conservado de Upper West Side, a um quarteirão de Central Park. Ao fim de oito anos de uso, o apartamento passara, segundo as palavras de Evie, de “requintado” para “adequado”, depois para “pequeno” e, mais recentemente, para “deprimente”.

Preciso de falar contigo... Acerca da saúde? De dinheiro? Do casamento? Do emprego? Estaria grávida? Há tanto tempo que ela precisava de falar com ele fosse do que fosse. Talvez ela quisesse finalmente desanuviar o ambiente e recomeçar.

Havia dois apartamentos no sexto andar. O estreito corredor que os separava estava sempre impregnado de Evie: talvez uma combinação do seu perfume, do seu champô e da sua maquilhagem. Como de costume, o aroma despertava sensações fortes em relação a ela. Mas, naquela tarde, Harry estava demasiado distraído. Bateu uma vez à porta e depois serviu-se da chave.

— Harry? — gritou Evie do quarto.

— Sim.

— Já lá vou.

Pelo seu tom, Harry percebeu que ela estava ao telefone.

Harry pousou a caixa da Tiffany's em cima da mesa da casa de jantar e começou a andar de um lado para o outro. O apartamento estava imaculado, animado por várias jarras com flores frescas, a imagem de marca de Evie. No CD, tocava um disco de Eric Clapton. Clapton era um dos favoritos de Harry, que perguntou a si próprio se o fato de Evie estar a ouvi-lo naquele momento não seria significativo.

— Queres beber alguma coisa?

— Tenho uma vodca com água tônica na bancada da cozinha.

Junta um cubo de gelo...

Ela devia estar ao telefone.

— Eu não me demoro. Reservei uma mesa no SeaGrill, se achares bem.

— Acho bem.

Harry tentou ler qualquer coisa — qualquer coisa — na voz dela, mas não conseguiu.

Evie saiu do quarto com umas calças pretas e uma blusa de seda vermelha. As cores ficavam-lhe muito bem. Quase todas. Ela beijou-o na face. Foi quase um beijo no ar.

— Foi difícil saíres do consultório? — perguntou ela, pegando no copo.

— Não. A Mary ajudou-me a despachar-me. Ela consegue tudo quando se dispõe a isso.

— Como está ela?

— A Mary?

— Sim.

Harry já não se lembrava quando é que Evie perguntara pelo pessoal do consultório, pelos tipos da banda ou pelos seus colegas de trabalho.

— A artrite nas ancas anda a massacrá-la. Mas, de um modo geral, está bem. E tu, estás bem?

— Tão bem quanto posso esperar.

Evie esvaziou o copo. Harry desistiu de apurar o que se escondia atrás daquela conversa superficial e estendeu-lhe o colar. Ela pareceu verdadeiramente encantada e impressionada com o presente e substituiu logo o fio de ouro que trazia ao pescoço.

— Isto é muito querido da tua parte — disse ela, olhando outra vez para o cartão.

— Eu queria que soubesses que tudo vai correr bem. Ela fez um sorriso enigmático, mas havia uma tristeza inconfundível no seu olhar.

— Tu dizes-me sempre que as coisas vão correr como deviam.

— Eu sou assim. Harry Corbett, o clínico geral das boas maneiras, de dia, e o filósofo impenetrável, de noite.

— Bem, creio que, desta vez, acertaste, o impenetrável. As coisas têm o seu preceito.

Evie olhou para a janela, afagando o pendente, distraída. A luz crepuscular refletiu-se na sua pele clara e realçou-lhe o perfil impecável. Estava ainda mais bela que da primeira vez em que se tinham encontrado.

— Tu... disseste que precisavas de falar comigo.

Ao ouvir as suas próprias palavras, Harry amaldiçoou-se por não ter sido mais comedido. Se Evie estivesse disposta a dizer alguma coisa, teria dito.

Evie olhou para ele e depois virou-se para a janela, dizendo: — Queria apenas conversar um pouco esta noite. Afinal, apesar de as técnicas de cirurgia cerebral estarem muito avançadas, uma operação ao cérebro sempre é uma operação ao cérebro.

— Compreendo — disse Harry. Mas a verdade é que não estava certo de ter compreendido. — Então... estás... estás com fome?

— Quando lá chegarmos, estarei.

— Queres ir a pé?

A pergunta foi quase retórica. Evie estava sempre demasiado apressada para ir a pé fosse onde fosse.

— Vamos a isso — decidiu ela, de repente. — Vamos a pé. Harry, este colar é lindo. Estou muito sensibilizada.

Harry procurou o cinismo a que estava habituado nela, mas não o encontrou. As suas fantasias quanto a um regresso à vida de

outrora começaram a fervilhar. Evie já se voltara e dirigia-se para o quarto quando ele percebeu que o telefone estava a tocar.

— Eu atendo — exclamou ela, correndo pelo corredor. Tenho de ir buscar a minha carteira.

Harry encolheu os ombros e, sentindo-se ainda esquisito, foi à cozinha e deixou o copo no lava-louça. Através dos oito altifalantes Bose instalados no apartamento, Eric Clapton lembrou-lhe que ninguém conhecia ninguém quando esse alguém estava em baixo e distante.

Ao fundo do corredor, no quarto, com a mão sobre o bocal do telefone, Evie mantinha uma conversa rápida e em surdina.

— Não... não, ainda não lhe falei de nós — disse ela. Mas vou falar.

Desligou e pegou no diamante para o ver bem.

— Pelo menos, acho que vou — disse, em voz baixa.

CAPÍTULO 5

Galahad... Gawain... Merlim... Tristram... chegaram à sala de conferências do décimo segundo piso à hora prevista, pela ordem prevista e pelas rotas previstas. Galahad escolhera o hotel e a sala de reuniões e encarregara-se do protocolo. Também inspecionara a sala para se certificar de que não havia microfones nem câmaras.

Embora as mulheres do serviço de acompanhantes estivessem contratadas por toda a noite, Kevin Loomis — Sir Tristram — mandara embora Kelly há uma hora, antes de sair do quarto. Amava a mulher e estava satisfeito com a sua vida sexual. Mas todos os homens tinham os seus limites. Nancy não gostava de dar fricções nas costas nem de recebê-las. Cinco minutos de massagens pouco inspiradas era o máximo que ela conseguia. Mas Kelly era incansável, e os óleos de aroma adocicado que tirava do seu saco teriam agradado a um potentado. Se Kevin tivesse passado toda a noite com ela, a sua força de vontade teria atingido o ponto de ruptura.

Naquele momento, razoavelmente descontraído, Kevin viu as horas, ligou para o quarto de Merlim e deixou o telefone tocar seis vezes.

Certo de que Merlim saíra, apanhou um elevador para o segundo piso e depois um outro para o décimo oitavo. As medidas de segurança pareciam-lhe excessivas, mas a verdade é que aumentavam a sensação de estar sempre à beira do perigo e da descoberta, e desde os jogos arriscados na escola até às várias dúzias de saltos quando fizera parte de um clube de paraquedismo, aos trinta anos, Kevin sempre se sentira atraído por ambos.

Subiu as escadas até ao último piso, espreitou o corredor e esgueirou-se para o quarto 1902, a Suíte Stuyvesant. Já lá estavam

três cavaleiros, sentados nos lugares assinalados com os seus nomes da Roundtable gravados em pequenas placas de ouro.

Cumprimentaram-no com sorrisos e acenos formais. Persival, Lancelot e Kay chegaram a seguir, exatamente com três minutos de intervalo.

Com excepção de Galahad, que tinha um controle absoluto da segurança, não havia um chefe dos cavaleiros. A condução das reuniões era rotativa. Estas começavam às sete e meia e prolongavam-se até não haver mais assuntos a tratar. Há quatro meses que Tristram ingressara no grupo e duas sessões já tinham ultrapassado a meia-noite. Ambas se tinham concentrado na quebra da segurança provocada pela repórter, a autodesignada Desiree.

Durante três horas extenuantes, os cavaleiros tinham escalpelizado Kevin e Gawain, dissecando as suas conversas com a mulher, palavra por palavra.

Ela perguntou-lhe qual era o seu ramo de negócio?... O que respondeu?... Você citou o nome de algum de nós?... Em que é que ela se mostrou mais interessada?... Ela perguntou o seu último nome?... Você disse-lhe?... Fez amor com ela?... Despiu-se na presença dela?... Adormeceu quando ela estava consigo?... Você deixou-a sozinha no quarto com a sua carteira?... com as suas roupas?... E a sua mala?... Há alguma hipótese de ela o ter drogado?

Durante o interrogatório, Galahad, o inquisidor-mor, nunca se mostrou hostil. Mas havia nele uma frieza, um profissionalismo que Kevin considerou irritante. Ainda mais desconcertante foi a sensação de Kevin de que o interrogatório se centrara mais nele do que em Gawain, que irradiava autoconfiança, autoridade e boas maneiras.

Kevin manteve-se de sobreaviso durante a sessão e sentiu um alívio indescritível quando ela terminou. Essa noite, em dado momento, Galahad pô-los-ia ao corrente da sua investigação sobre a mulher.

Kevin esperava que fosse a última vez que ouvia falar do assunto.

Examinou o grupo, enquanto os homens se instalavam e preparavam os seus apontamentos. Com trinta e sete anos, talvez fosse o mais novo, logo seguido por Gawain. Lancelot, Pat Harper, era talvez o mais velho, entre os cinquenta e cinco e os cinquenta e nove anos, pelos seus cálculos. Todos aqueles homens estavam habituados ao poder e ao estatuto. Há menos de seis meses, Kevin não passava de um empregado de um membro da Roundtable. Agora, era seu companheiro de armas. E tinha certeza que, a seu tempo, quando eles conhecessem as suas capacidades e o seu empenho, o aceitariam como seu igual.

— Muito bem, irmãos. Vamos começar — disse Merlim.

Merlim, que conduzia as reuniões de Agosto, tinha quarenta e tal anos e era bastante endomórfico. Era inteligente e arguto, mas o seu sentido de humor irreverente parecia deslocado ante a seriedade das atividades da Roundtable. Se alguma coisa corresse mal, todos eles se arriscariam a cair em desgraça, a perder o emprego, a serem multados e até a serem presos. E, apesar de os presidentes das companhias saberem da existência da pequena sociedade, não havia qualquer prova dessa ligação.

— Há comentários, anedotas, piadas novas ou mexericos, antes de começarmos? — perguntou Merlim. — Muito bem. Primeiro as finanças.

Lancelot?

Lancelot pôs de lado a cigarrilha apagada que estava a mascar, pigarreou e distribuiu pela mesa folhas impressas que tirou de um pequeno monte. As folhas eram os alicerces nos quais assentava a Roundtable.

— Atualmente, a nossa conta particular está abaixo dos duzentos e sessenta e dois mil dólares. Isto significa que vamos precisar de cinquenta mil dólares por companhia para voltarmos aos seiscentos mil dólares de capital circulante que acordamos. Todos cumpriram este orçamento, excepto Persival. Vai apresentar um relatório acerca disso, não é verdade?

Seguiu-se uma troca de olhares silenciosa e tensa entre os dois homens, e Kevin estava no local ideal para a observar. Era óbvio que Persival, o homem da Comprehensive Neighborhood Health Care,

não gostava de ser discriminado. Era a oitava vez que Tristram assistia a uma sessão da Roundtable, mas só agora é que começava a conhecer os vários cavaleiros. O mais respeitado, e talvez o mais temido, era Galahad, o representante de uma empresa prestadora de cuidados de saúde. Persival, por outro lado, parecia ter menos influência e menos responsabilidade que os restantes.

Se havia uma clique, os seus membros seriam Galahad, Lancelot, Merlim, e talvez Kay, um perito em números que era o especialista em estatística do grupo. Tristram e Gawain, ainda sob um escrutínio microscópico, eram considerados as apostas da irmandade. E Persival, embora fosse tolerado, mais parecia um forasteiro. Uma vez, Kevin perguntara a Burt Dreiser se havia um grupo restrito de cavaleiros na Roundtable. Dreiser respondera-lhe com uma palmadinha nas costas, uma forma enigmática de lhe recordar que a confiança total levava tempo.

— Verifiquei os números dos últimos dois meses — continuou Lancelot.

— São excelentes, como vocês terão ocasião de ver. Talvez o dado estatístico mais significativo, graças a Sir Kay, seja o fato de a idade média dos subscritores das nossas companhias se situar agora quatro vírgula um anos abaixo da média das restantes companhias que operam na zona metropolitana.

Os cavaleiros aprovaram a informação batendo com as canetas no tampo da mesa. Kevin ignorava o número exato, mas sabia que cada um daqueles anos se traduzia em dezenas de milhões de dólares de poupanças anuais. O truque consistia em evitar subscritores de grupo que fossem lentos a dispensar os empregados mais velhos ou, pior ainda, que contratassem pessoas com mais de quarenta anos. A triagem desses grupos era uma competência que a Roundtable dominava.

Um por um, os outros cavaleiros apresentaram os seus relatórios.

Gawain foi aplaudido por ter conseguido os nomes de pelo menos 80

por cento das mulheres do Sul do estado de Nova York, cujos exames ginecológicos tinham sido maus no ano anterior. Os testes, mesmo aqueles que revelavam apenas inflamações mínimas e que

não levantavam suspeitas da existência de células pré-cancerosas, seriam usados para assinalar a hipótese de ocorrência de um cancro cervical no período de doze meses previsto pela lei, ou para retirar a cobertura a essas mulheres. Outras seguradoras, ou talvez a Medicald, poderiam aceitá-las, mas o problema era delas.

Persival distribuiu uma folha com informações atualizadas sobre os diretores-gerais das 250 maiores empresas e sindicatos da zona — não só dados como os rendimentos, o estado civil, as habilitações, a marca do automóvel, o valor da casa e a filiação religiosa, mas também os passatempos, o consumo de álcool, cocaína e marijuana, as preferências sexuais e uma classificação da sua acessibilidade”, numa escala de um a dez. Os cavaleiros decidiram por votação que fosse efetuado um assédio agressivo a sete diretores-gerais.

A seguir, Merlim chamou Sir Tristram. Kevin, ainda constrangido pelas atenções que se concentravam nele, sentiu-se demasiado inseguro na sua apresentação. O seu pelouro e a ação política tinham sido os de Dreiser. A atividade seguradora já possuía lobbies fortes quer em Washington D.C. quer em Albany, por isso Dreiser concentrara os seus esforços nalguns legisladores-chave do Estado, no chefe do departamento de seguros e num dos seus delegados. Na maioria dos casos, a única alavanca necessária era o dinheiro. Mas o chefe de departamento fora um osso duro de roer. O detetive particular de Dreiser precisou quase de seis meses para obter fotografias decentes do homem — vídeos, por sinal — partilhando a sua cabina de caça com um interno de dezassete anos que frequentava um curso de Verão em Oneonta.

— As informações que Merlim apresentou na última reunião revelaram-se corretas — dizia Kevin naquele momento.

— O chefe de departamento falara em reformar-se a alguns assistentes.

Eu contatei-o através dos nossos canais e esclareci que essa seria uma decisão insensata no momento presente. Nesta altura, ele está a reconsiderar. Creio que verá as coisas com clareza.

Kevin não imaginava como é que a Roundtable agiria, se o chefe de departamento resolvesse obrigá-los a justificarem-se. Segundo

Burt Dreiser, tal situação nunca se verificara. O segredo, afirmara, estava numa investigação e numa preparação meticolosas — nisso e em nunca fazer um pedido que ultrapassasse muito o anterior.

Houve gestos de aprovação à volta da mesa. Kevin tentou manter uma expressão e postura naturais com as quais os cavaleiros mais velhos conotavam o êxito. Apesar do desastre ocorrido com Desiree, o apreço dos colegas por ele estava claramente a aumentar. E Kevin estava encantado. Depois de Nancy ter dito que casava com ele, a oferta do lugar de Dreiser na Roundtable fora o acontecimento mais importante da sua vida. O fato de o grupo estar a infringir a lei pouco significava para ele. Numa indústria altamente competitiva, os fortes tornavam-se mais fortes e os mais fracos estavam condenados. A colaboração entre empresas, apesar de ser tecnicamente ilegal, fazia sentido em termos empresariais.

— Muito bem, irmãos — disse Merlim. — Mais comentários sobre as informações do Tristram? Sugestões? Muito bem.

Um excelente trabalho, Tristram. Excelente. Agora, se não há mais nenhum assunto a tratar, ouçamos o relatório do Galahad. O chefe da segurança pigarreou, pôs um gravador portátil em cima da mesa e prosseguiu a reunião. Kevin esperava que a sua expressão naquele momento não refletisse a ansiedade que ele sentia pelo fato de o assunto de Desiree voltar à carga.

— Deixem-me informá-los sobre a nossa misteriosa acompanhante. Lancelot passou muito tempo a conversar com Page Protor, a mulher que dirige o serviço de acompanhantes. O meu homem falou com várias empregadas da Protor. Temos tentado identificar esta Desiree, mas até agora sem êxito. Ela nunca deu um número de telefone à Protor. Em contrapartida, telefonava em certas noites para saber se havia trabalho para ela. Não sei como, soube que a Protor descobrira que ela era repórter. Não telefonou durante quase um mês.

Depois, na semana passada, telefonou a perguntar se a Protor lhe concedia uma entrevista exclusiva. Infelizmente, a Page descontrolou-se e isso custou-nos a oportunidade de sabermos quem é a Desiree.

A única coisa acertada que ela fez foi gravar a conversa. Aqui está um excerto.

Galahad ligou o gravador.

— ... Tenho de saber por que você me fez uma coisa destas.

— Eu não fiz nada.

— Os seus clientes estão muito aborrecidos. Perdi um negócio que me rendia mais de dez mil dólares por mês. Agora andam umas pessoas muito zangadas e muito nervosas atrás de mim para apurar o que é que você soube e o que tenciona fazer com as informações.

— Page, já lhe disse. Estou a trabalhar num artigo sobre serviços de acompanhantes de primeira categoria. O seu foi apenas um de vários em que trabalhei.

— O que vai fazer com a história?

— Por enquanto ainda não posso dizer-lhe.

— Essa gente quer saber.

— Então diga-me quem são, que eu convido-os a virem ao meu encontro.

— Você é muito egoísta.

— Tem mais perguntas a fazer?

— Ela continua, mas o essencial é isto. A única coisa que a mulher admite é que está a trabalhar numa história sobre serviços de acompanhantes. Não falou à Page uma única vez em nós nem na indústria seguradora. Contatamos gente nas estações de televisão, nos jornais e nas revistas locais, e até um amigo no Sixty Minutes. Ninguém sabe nada de uma história sobre serviços de acompanhantes.

— Eu julgava que você já conseguira descobrir quem ela é — disse Persival, nervoso. — Acha que estamos em segurança?

— Que alternativas temos? — lamentou-se Lancelot. Como é que havemos de suborná-la, se não conseguimos descobri-la?

— Em primeiro lugar, não faço ideia se ela sabe alguma coisa a nosso respeito. Em segundo lugar, não permitiremos que ninguém faça chantagem connosco. Essa é uma proposta condenada à partida.

Kay tinha feições aristocráticas e uma voz suave mas convincente. A avaliar pelas expressões à volta da mesa, era óbvio que a sua opinião tinha peso.

Galahad encolheu os ombros.

— O Tristram e o Gawain juram que ela não fez mais do que umas perguntas de passagem sobre o seu tipo de atividade. Mas nenhum deles tem gravações das conversas, e vocês podem apostar que essa mulher as tem. Palpita-me que ela diz a verdade quando afirma que está a trabalhar numa história sobre os serviços de acompanhantes e nada mais. Mas é óbvio que não tenho certeza.

— E então? — perguntou Persival.

— Não vejo como é que ela possa ter informações melindrosas a nosso respeito — disse Kay, antes que Galahad pudesse responder.

— Parece-me que tudo isto é uma coincidência.

— Mesmo assim, talvez devêssemos interromper as reuniões por uns tempos — alvitrou Persival. — Concretamente, proponho que suspendamos a nossa atividade por dois meses.

Ninguém se incomodou a comentar a moção. Merlim fez a votação, que foi inicialmente de seis a zero a favor da continuação das segundas e quartas terças-feiras. A princípio Persival absteve-se, mas depois tornou a decisão unânime.

— Então, está decidido — afirmou Merlim. — O Galahad tenciona continuar a tentar descobrir quem é essa repórter?

— Tenciono. Fomos demasiado longe para permitir que alguém ameace o nosso trabalho.

— Mas não se precipite — disse Merlim. Sorriu e acrescentou: — Pelo menos até ter certeza que ela não detém nenhuma apólice das nossas companhias.

CAPÍTULO 6

Harry tinha experiência suficiente do que podia correr mal nos hospitais para recear ser internado nalgum. Todos os dias, milhares de pacientes eram tratados em hospitais em Manhattan e nos arredores. A maioria dos médicos, dos enfermeiros, dos auxiliares e dos técnicos era dedicada, competente e atenta. Mas, de vez em quando, num determinado dia, alguns não eram assim. Havia demasiados pacientes, demasiadas doenças e demasiados prestadores de cuidados de saúde com fraquezas humanas para que o sistema fosse perfeito.

Ao longo dos seus vinte e cinco anos de prática da medicina, Harry fora confrontado ou soubera de toda a espécie de desastres, muitos dos quais ultrapassavam tudo aquilo que era possível imaginar. Sumo de laranja introduzido nas veias de um paciente por uma enfermeira que compreendera mal as ordens de um médico, dadas pelo telefone, e que não tivera a coragem de telefonar outra vez a confirmá-las. Uma dose letal de medicamentos administrados a uma criança porque um médico apressado omitira uma casa decimal. Sangue B positivo introduzido na corrente sanguínea de um paciente com sangue A negativo. Depois, havia os inúmeros frascos de líquido intravenoso que se tinham esvaziado mais depressa do que deviam, as grades das camas que se tinham soltado por descuido e as inesperadas psicoses em reação a tranquilizantes e a barbitúricos.

Além dos desastres previsíveis, havia as chamadas complicações, o documentado e aceito um por cento, ou 0,1 por cento ou 0,01 por cento de reações adversas a medicamentos e a métodos invasivos, que eram enumerados nos manuais, nos PDR e na literatura que acompanhava os fármacos, e que só eram importantes se acontecessem ao próprio.

Tentando afastar estes pensamentos, Harry percorreu os corredores do MCC, em direção à unidade neurocirúrgica do Bloco Alexander 9. Eram oito e cinco da noite. Os visitantes convergiam para as saídas. Harry planeava chegar mais cedo, mas um dos seus pacientes fora levado para as urgências por estar a vomitar sangue.

Depois de ter estabilizado a hemorragia provocada por uma úlcera, Harry conseguira finalmente passar o testemunho ao médico de serviço.

Naquele mesmo dia, encontrara-se com Evie no átrio principal e acompanhara-a ao gabinete das admissões. Oferecera-se para ficar com ela durante o ritual da pré-admissão, mas ela recusara. Parecia preocupada e distraída, tal como na noite anterior. Decerto tinha em mente a operação. Mas havia mais alguma coisa. Harry tinha certeza disso.

Na noite da véspera, tinham ido a pé de casa para o SeaGrill, no meio de um silêncio total. Embora falassem durante o jantar, só discutiram um assunto de interesse. Evie obrigou-o a prometer que não faria qualquer tentativa para lhe prolongar a vida se o cérebro fosse afetado. E, quando regressavam a casa, ela pedira-lhe desculpa por não ter apostado devidamente no casamento de ambos. Havia um propósito amargo e doce no modo como ela o disse. Harry aceitou as desculpas, mas não conseguiu descortinar o seu significado.

O Alexander 9, um "L" com quinze quartos em cada braço, vivia a transição da tarde para a noite. Os corredores estavam vazios, excepto uma enfermeira que trazia um paciente da sala e um funcionário da limpeza, que preparava a sua grande enceradora de metal. O balcão das enfermeiras ficava a meio caminho entre os elevadores e o quarto de Evie. Uma enfermeira ruiva, atraente, de unhas pintadas de vermelho, estava sentada atrás do balcão, a escrever. Harry nunca a vira.

— Olá, sou o doutor Corbett — disse ele.

— Eu sei — respondeu a mulher. — A sua mulher está a reagir bem.

— Ótimo. Falei com ela ao telefone há pouco e ela pareceu-me bem, mas estava desanimada com a companheira de quarto.

A enfermeira fez um esgar.

— E não é a única. Todas nós estamos fartas da Maura Hughes. Acho que devia haver um pesado imposto sobre o álcool para pagar o tratamento médico de pessoas assim.

— Não percebo.

— Os alcoólicos. Oh, julguei que a sua mulher lhe tinha falado nisso. Na companheira de quarto, a Maura. Infelizmente, não há mais quartos vagos neste piso.

— A Evie disse que não era assim tão mau.

— Se o Librium fizer efeito, não é. Ela entrou pelas urgências e veio para aqui há três dias. Estava muito embriagada, caiu nas escadas do prédio e fraturou o crânio. A radiografia revelou uma grande quantidade de sangue subdural, por isso tivemos de drená-lo. Ela reagiu muito bem até ontem, quando começou de repente a queixar-se das aranhas no tecto e das formigas debaixo dos lençóis.

— Isso é mesmo próprio do delirium tremens.

— Oh, se é. Ela desestabilizou o piso inteiro. Estas pessoas são tão egocêntricas, tão irresponsáveis. Nunca pensam nas consequências da sua bebida.

Harry já estava farto de a ouvir. Onde estivera esta mulher nos últimos quinze anos?

— Desculpe ter vindo cá depois da hora da visita, mas tive um homem nas urgências com uma hemorragia gástrica. Posso ir ver a Evie?

— Claro que pode. Se a choramingas da Maura o incomodar, nós cortamos-lhe o pio e levamo-la para o corredor. A propósito, ela também vai receber uma visita. O irmão telefonou há pouco. É polícia.

Há uns tempos que não estava de folga e quer vir vê-la. Pouco faltou para eu lhe dizer que trouxesse um chicote e uma cadeira.

— Bem, Miss... — Harry olhou para a etiqueta com o nome da enfermeira. — Miss Jilson, obrigado por me deixar infringir as regras.

— Quando quiser. A sua mulher é muito bonita, doutor Corbett.

— Sim... Sim, obrigado.

Harry afastou-se à pressa e dirigiu-se ao quarto 928.

— ... e elas são más para mim. Más e porcas. Não gostam de mim porque julgam que este maldito piso está muito asseado e eu estou sempre a mostrar-lhes os insectos que andam por toda a parte. Meu Deus, detesto insectos. Altivas, snobes, com a mania que sabem tudo...

A várias portas do quarto, já Harry ouvia a lengalenga de Maura Hughes. Tratara de todas as espécies de casos de abandono do álcool enquanto vivera em Bellevue e durante os vários anos de clínica privada numa das zonas mais pobres da cidade. O delirium tremens, apesar de ser divertido às vezes, era potencialmente letal: acelerava o ritmo cardíaco e a respiração, fazia subir a temperatura, provocava uma irritabilidade acentuada, perda de líquidos através da transpiração e uma hiperventilação intensa, e o influxo de líquidos ficava reduzido ao mínimo. Harry conhecia os estudos que indicavam uma taxa de mortalidade de 25 por cento provocada pelo delirium tremens. E, além disso, Maura Hughes fora submetida a uma crânio tomia há três dias. Em termos clínicos, era uma bomba de relógio, a última companheira de quarto que ele teria escolhido para Evie.

Harry olhou para o corredor e viu o empregado da limpeza, que deslocava a enceradora tranquilamente de um lado para o outro. O homem tinha um Walkman e abanava a cabeça de vez em quando ao ritmo da música, totalmente esquecido dos dramas que se desenrolavam à sua volta. Harry perguntou a si próprio o que seria ter à sua responsabilidade um soalho lustroso.

A cama de Evie estava ao pé da janela e era a mais distante da porta.

A cortina que separava as duas camas estava corrida. Ao passar, Harry olhou de relance para Maura Hughes, que estava amarrada à cama. Os pulsos estavam presos com tiras de couro largas. Não era velha. Pouco mais se percebia acerca dela. Por baixo da ligadura que lhe envolvia a cabeça, viam-se equimoses arroxeadas à volta dos olhos, que lhe chegavam aos cantos da boca. Os tubos de oxigênio tinham-se soltado do nariz e ventilavam-lhe o ouvido esquerdo. Os lábios gretados e secos abriam-se num estranho esgar. A primeira impressão de Harry foi que ela estava a mostrar-lhe os dentes. Depois percebeu que estava a sorrir.

— Olá — disse Harry. — Sou o marido da Evie, o Harry.

— “Mexe remexe o infernal cozinhado. Não pare a fervura no fogo encantado” — respondeu ela.

Harry esboçou um sorriso e afastou a cortina. Evie aceitou o beijo que o marido lhe deu na testa sem reagir.

— Ela conhece Shakespeare — segredou ele.

— Ela sabe muitas coisas. Mas os insectos, as cobras e as aranhas é que se metem no caminho.

— Os rastejantes. Ela teria graça se os insectos não fossem reais para ela. Deve sair daqui a um ou dois dias.

— Xô! Sai do meu lençol, maldito insecto! Venham cá, ajudem-me!

— Diz qualquer coisa — pediu Evie. — Tenta acalmá-la. Harry contornou a cortina.

— Vens muito atrasado, Gene — disse Maura, dirigindo-se a ele. — Ele mordeu-me e foi-se embora.

Harry apercebeu-se de que ela era mais nova do que ele julgara: teria talvez uns trinta e cinco anos.

— Desculpe. Chamo-me Harry, e não Gene.

— Bem, você parece o Gene Hackman.

— Obrigado. Eu gosto do Gene Hackman.

— Também eu. Julguei que você era ator.

— Mas não sou. Por quê? ...

— Por causa do seu emblema.

Por instantes, Harry não percebeu ao que a mulher se referia. Depois, lembrou-se do emblema que a sobrinha, a filha mais velha de Phil, Jennifer, lhe oferecera. Era uma reprodução minúscula de rostos trágicos e cômicos, um prêmio que ela ganhara no grupo de teatro da escola. Há cerca de um ano, Harry ajudara-a a pregá-lo na lapela daquele casaco desportivo, e ali ficara. Era raro lembrar-se dele.

Maura Hugues identificara-o a dois metros e meio de distância.

— Estou admirado por a senhora ter reparado nisto confessou ele.

— Eu reparo nas coisas.

De repente, Maura começou a debater-se e a tentar libertar-se dos atilhos.

— Raios, Gene — exclamou ela. — Tens Southern Comfort ou não? Tu prometeste e... Diabos, Gene, cuidado! Aí na parede, Bem na tua cabeça. O que é isso? Um escorpião? Um camarão?

Sem querer, Harry olhou para a parede.

— Tente descansar — pediu.

Harry voltou para junto da mulher, que estava deitada de costas na cama, a olhar para o tecto.

“Não me excludas”, apeteceu-lhe dizer. “Depois de nove anos, depois de todas estas noites, por que não partilhas comigo o que se passa dentro de ti?”

— Não há mais camas vagas neste piso — disse ele. — Não há lugar para transferir uma de vocês. Se as enfermeiras não puderem dar-lhe mais medicamentos, talvez possam dar-te alguma coisa.

— Não quero nada — retorquiu ela, sem tirar os olhos do tecto. — Quero que o meu cérebro funcione em pleno até ao último minuto.

— Compreendo. Vais reagir bem.

Foi então que Harry reparou no líquido intravenoso, um saco com 5 por cento de dextrose em água, pendurado de um gancho no tecto disfarçado pela cortina que separava as duas camas, libertando pequenas gotas para o tubo.

— Quando é que trouxeram isto?

— Há umas horas.

— Nem tinha reparado. Não sei por que é que puseram isto aqui esta noite e não amanhã na sala de operações. Sabes quem requisitou?

— Foi o anestesista, acho que foi o que a enfermeira disse.

— Hum...

— Por quê?

— Por nada.

Seguiu-se um silêncio prolongado e desconfortável.

— Ouve Harry, acho que preciso de estar só — disse ela de repente.

As palavras atingiram-no como uma bofetada. Harry olhou para ela, sem saber o que havia de dizer.

— Podes dizer-me o que se passa? — perguntou ele.

— Não se passa nada. Tenho... Tenho muitas coisas na cabeça.

Evie respirou fundo. Aparentemente, ficou mais aliviada.

— Ouve, eles disseram que eu podia comer até à meia-noite. Eu digo-te o que me apetece. Estou morta por beber um milkshake de chocolate de malte da Alphano, muito grosso. Traz-me um e depois falamos, está bem?

A Sorveteria Alphano ficava a dois quarteirões do apartamento — a quinze minutos de táxi do hospital, se o trânsito estivesse razoável.

Mas Harry ficou agradecido por fazer alguma coisa — qualquer coisa — para a ajudar.

— Está bem — disse ele, levantando-se. — Volto daqui a uma hora. E não precisamos de conversar. Já me dou por satisfeito por ficar um pouco ao pé de ti.

Harry inclinou-se para a beijar, mas não houve reação. Depositou-lhe outro beijo na testa.

— Gene, Gene, não sejas mau para mim. Dá-me o berbequim, cuidado com o farolim — cantarolou Maura quando Harry passou por ela.

Lá fora, no corredor, o homem da enceradora interrompera o trabalho e ajoelhou-se. Continuava a ouvir o Walkman e examinava o motor da sua máquina quando Harry passou por ele.

Curiosamente, Harry ficou satisfeito por ver que, afinal, a vida do homem não era isenta de complicações.

Ao fundo do corredor, a enfermeira, Sue Jilson, sorriu-lhe quando ele se aproximou.

— Vai-se já embora?

— A minha mulher quer um batido de leite que só fazem numa loja da zona ocidental. Talvez esteja de volta às nove e meia, se não houver problema.

— Não há problema.

— Quer um?

— Não, obrigada. Fiz um acordo com as minhas jeans, para continuar a caber dentro delas. Como está a lamurienta?

— Agitada e um pouco desorientada. Talvez lhe pudessem dar mais qualquer coisa, desde que lhe tenha sido receitado.

— Vou verificar. Não há nada de que mais gostemos do que dar sedativos à Maura.

— Obrigado. Volto daqui a uma hora.

Harry apanhou um táxi para West Side, no meio de uma chuva miudinha e de um trânsito mais ou menos denso. A fila na geladaria era mais comprida do que o habitual, e a lentidão do serviço era irritante. Harry pediu um batido de chocolate bem espesso. Depois, perguntando a si próprio se Maura Hughes não estaria em órbita, pediu mais um. Se ela não pudesse bebê-lo, ele faria o sacrifício.

Eram nove e meia quando saiu da geladaria e perto das dez quando voltou a entrar no hospital. Depois das horas da visita, só a entrada principal é que estava aberta. Harry atravessou o átrio deserto e mostrou a sua identificação ao segurança, cuja secretária vedava o corredor principal que dava acesso ao hospital.

— Tem de assinar aqui, senhor doutor — disse o homem.

— Tem de ser, depois das nove.

Harry escreveu o seu nome e o destino. O guarda olhou para o que ele escrevera.

— Alexander Nove — confirmou ele. — Vai lá para cima para o código noventa e nove?

Naquele instante, o pager começou a chamar o Dr. Richard Cohen ao Alexander 928.

Harry correu para os elevadores. Acontecera alguma coisa a Maura Hughes, pensou. Ela não estava com muito bom aspecto quando ele saíra, mas parecia não correr perigo iminente. Depois, de repente, lembrou-se que Richard Cohen pertencia à mesma equipe de neurocirurgia de Ben Dunleavy, o neurocirurgião de Evie. Era Cohen que fazia a noite. Assolado de um forte pressentimento, Harry continuou a carregar no botão de chamada do elevador até uma das portas se abrir. Até chegar ao Alexander 9 decorreu uma eternidade.

O quarto 928 ficava a meio caminho do "L". O posto das enfermeiras e o corredor mais próximo estavam desertos. Harry

pousou o saco da Alphano e desatou a correr, com o coração em sobressalto. Bastou-lhe virar a esquina para ver confirmados os seus piores receios. Havia meia dúzia de enfermeiras e de estudantes de Medicina à porta do quarto 928, que tentavam ver o que se passava. Maura Hughes, que continuava amarrada à cama, fora levada para o fundo do corredor. A seu lado, um jovem polícia, fardado, acariciava-lhe a mão.

Harry passou por eles, a correr, e entrou no quarto.

A cena era igual às que ele vira ou em que participara centenas de vezes ao longo dos anos. Os monitores, os tubos, o carrinho de pensos, o desfibrilador, as enfermeiras, os médicos e os técnicos deslocavam-se penosamente entre o equipamento e a cama, como um batalhão de formigas guerreiras. Mas dessa vez, no meio daquele caos controlado, entubada pelo nariz e a ser ventilada por um recipiente de borracha, estava a sua mulher. O monitor cardíaco mostrava um ritmo regular. Mas, de dez em dez segundos, os braços dela estendiam-se totalmente e rodavam, com as palmas das mãos viradas para fora, numa posição estranha e anormal. Postura descerebrada. Sinal de um prognóstico terrível. O aneurisma devia ter rebentado. Harry aproximou-se da cama. A enfermeira, Sue Jilson, foi a primeira a aperceber-se da sua presença.

— Quando é que isto aconteceu? — perguntou ele.

O neurocirurgião de serviço que fazia a reanimação levantou a cabeça.

— É o doutor Corbett, o marido dela — explicou a enfermeira.

— Oh, desculpe — disse o interno. — Parece que o aneurisma rebentou.

O doutor Cohen está a substituir o doutor Dunleavy. Disseram-me que ele vem a caminho.

— O que aconteceu? — perguntou Harry. — Quando a deixei, há cerca de uma hora, ela estava bem.

Sue Jilson abanou a cabeça.

— Meia hora depois de o senhor sair, vim dar os medicamentos à Maura. Ouvei um gemido atrás da cortina. Quando olhei, a sua mulher tinha vomitado e estava quase inconsciente. A primeira vez

que lhe medi a tensão arterial, ela estava muito alta. Já tinha uma pupila maior do que a outra.

Harry olhou para Evie. A sua mente recusava-se a associar o que estava a ver com uma hemorragia cerebral. Aproximou-se e levantou-lhe levemente as pálpebras. As pupilas estavam tão dilatadas que quase não se via a cor da íris. Harry sentiu-se atordoado, como que num sonho. Estava tudo acabado.

O Dr. Richard Cohen entrou no quarto, a correr. Já sabia a história da paciente, que contou ao interno, sem fôlego. O interno fez-lhe um pequeno resumo dos últimos trinta minutos.

— Você fez tudo bem — disse Cohen, examinando os olhos de Evie com um oftalmoscópio.

Rápido, verificou os reflexos e a reação à dor. Depois, passou a ponta do martelo de reflexo pelas solas dos pés de Evie, descrevendo um arco entre o calcanhar e o dedo grande. O reflexo de Babinski — o dedo grande a empinar-se em vez de se encarracolar — era um sintoma muito grave de que o seu córtex cerebral, a parte do seu cérebro que pensava, já não influenciava os movimentos do corpo. Harry observava a cena, atordoado.

— Vamos fazer uma craniotomia, mas, com toda a franqueza, não me parece que possamos levá-la para a sala de operações — explicou Cohen, desolado. — O inchaço cerebral é enorme. Ambos os discos óticos revelam um grave edema papilar.

Edema papilar, a obstrução do nervo óptico causada por uma pressão acentuada, e em geral irreversível, no interior do crânio. A descoberta ainda tornava a cena envolvente mais surrealista.

— Ela... Ela não quer medidas heroicas — disse Harry, quase sem dar por isso.

— As artérias estão a funcionar — atalhou outro interno.

— A sístole continua a dois-noventa.

— Isso é muito estranho — disse Cohen. — Já lhe demos uma grande quantidade de hipertensores, mas a tensão não se alterou.

— Mas você não esperava que a tensão subisse desta maneira depois de uma grande hemorragia? — perguntou Harry, —
Temporariamente, talvez. A maioria das hemorragias cerebrais provoca uma subida acentuada durante um certo período. Mas elas

reagem quase sempre ao tratamento convencional, e os internos já foram além disso.

— Oh, meu Deus — murmurou Harry, sentindo-se ainda distante e irreal.

— Vamos continuar a tentar baixar-lhe a tensão — disse o neurocirurgião. — E vamos fazer uma craniotomografia para documentar o que já sabemos. Entretanto, Harry, dada a dificuldade da situação, há uma coisa em que você devia pensar.

— Compreendo — respondeu Harry em voz baixa.

Evie era uma mulher jovem e completamente saudável, cujo único problema orgânico era o aneurisma. Naquele momento, ela era o tipo de prêmio cobiçado por todos os especialistas em transplantes de órgãos — uma fonte de vida ou de visão para algumas pessoas.

— Vamos fazer o exame e eu depois digo alguma coisa — disse Harry. — Entretanto, avance com a tipificação dos tecidos.

CAPÍTULO 7

Meia hora depois, o jalecolha para controlar a tensão arterial astronômica de Evie estava finalmente ganha. Mas todos os que estavam envolvidos no caso sabiam que a guerra estava perdida.

Harry, desesperado, ficou à porta enquanto o técnico respiratório ajustava os controles do ventilador que era agora a única ligação de Evie à vida. Evie tinha tubos intravenosos nos braços e outros tubos no estômago, na vesícula e nos pulmões. De dois em dois minutos, sem reagir a nada em especial, todo o seu corpo se retesava e se distendia numa postura descerebrada. Harry já assistira muitas vezes àquela cena na sua vida profissional e no Vietname. Mas, em termos emocionais, nunca se sentira tão próximo dela.

Inevitavelmente, uma parte de si próprio recusava-se a aceitar que estava tudo acabado.

“Espera. Dá-me mais cinco minutos. Tem paciência. Esta mulher vai levantar-se e sair daqui pelo seu pé... Vais ver...”

— Não, obrigado — respondeu Harry a uma enfermeira que lhe ofereceu café. — Eu... Eu tenho de ir telefonar à família da Evie.

Harry olhou para o corredor atrás de si. Maura Hughes parecia mais calma. O irmão, um homem ruivo com uma cara demasiado jovem para o uniforme que envergava, continuava a acariciar-lhe a mão enquanto observava a cena de horror que se desenrolava no quarto 928. Naquele momento faltava um quarto para as onze. O exame ao cérebro estaria pronto daí a cinco minutos. Já tinham sido enviadas amostras de sangue para o laboratório, a fim de determinar o tipo dos tecidos. Depois da craniotomografia, Evie faria o primeiro de uma série provável de eletroencefalogramas. Dois eletroencefalogramas no espaço de doze horas eram considerados o equivalente eletrofisiológico da morte. Harry aproximou-se, obtuso, e enxugou uma lágrima que lhe deslizava pela face.

— Corbett, o que diabo se passa aqui?

Ainda meio atordoado, Harry virou-se na direção da voz. Caspar Sidonis encontrava-se a alguns metros de distância, de mãos nas ancas, com um ar aflito e irritado.

— Não sei do que você está a falar — conseguiu responder Harry. — Mas agora estou um pouco atarefado. Sabe, a minha...

— Refiro-me à Evie, com os diabos! — disparou Sidonis.

— Oh, esqueça.

Empurrou Harry e entrou no quarto. Richard Cohen, o neurocirurgião, verificava de novo os olhos de Evie. Sue Jilson estava do outro lado da cama a ajustar os tubos intravenosos.

— Dick, o que se passa aqui? — perguntou Sidonis.

— Ah, olá, Caspar. Esta mulher é sua paciente?

— Não. É... É uma amiga íntima.

— Bem, o marido está aí...

— Eu não quero falar com ele, Dick. Quero falar consigo. Diga-me o que aconteceu.

Era uma exigência, não um pedido. Cohen, abalado pela agressividade do médico, recuperou rapidamente a compostura.

— Sabe que ela ia ser operada a um tumor?

— Sim, sim. Claro que sei.

— Bem, há pouco, Sue Jilson, que está aqui, entrou e encontrou-a sem reagir, com uma pupila dilatada e uma pressão sistólica superior a trezentos. Demos-lhe todos os medicamentos que podíamos e mesmo assim passou-se muito tempo até a pressão baixar para um-trinta, tal como está agora. Entretanto, a outra pupila dilatou. Ela tem um edema papilar bilateral, indicador de uma pressão intracraniana maciça, e está em postura descerebrada.

— Meu Deus! — exclamou Sidonis, abalado.

À porta, Harry observava a cena, estupefato, enquanto o cardiocirurgião se inclinava e tomava carinhosamente as mãos de Evie na sua. Depois, com a outra, acariciou-lhe a face. Richard Cohen ficou atrapalhado. Sue Jilson estava de olhos esbugalhados.

— Dick, ela tem alguma chance? — perguntou Sidonis. Para qualquer médico, era impossível fugir à pergunta. O neurocirurgião olhou para ele com ar embaraçado.

— Eu... Bem... Não me parece, Caspar — respondeu ele. — Estamos à espera que a levem para fazer uma craniotomografia e um eletroencefalograma.

— Ele estava aqui com ela? — perguntou Sidonis, apontando para a porta.

— Como disse?

Só então é que Harry saiu do marasmo relutante e entrou no quarto. Tanto quanto sabia, Sidonis e Evie talvez se tivessem encontrado em alguma festa, mas ela nunca lhe falara do homem.

— Caspar, você conhece a minha mulher? Sidonis virou-se como um gato assustado.

— Bem sabe que sim. Você esteve aqui com ela antes... antes disto acontecer?

— Claro que estive com ela. Ela é minha mulher. Agora, o que diabo...

— Dick, esteve aqui alguém depois dele?

— O quê?

— Perguntei se esteve aqui mais alguém com a Evie depois do Corbett.

Sidonis estava quase aos gritos.

— Caspar, acalme-se. Acalme-se — disse Cohen. — Vamos falar para o corredor.

Deixando o técnico respiratório com a paciente, os três médicos saíram do quarto, seguidos por Sue Jilson.

— Então, o que significa tudo isto? Tem alguma relação com a reunião desta manhã? — perguntou Cohen, em voz baixa.

Sidonis não conseguia dominar a sua fúria. Falou alto, sem se preocupar com Maura Hughes, com o irmão, e com os dois internos que se encontravam a seu lado.

— Eu só perguntei se entrou mais alguém neste quarto entre o momento em que o Corbett... desculpe, o doutor Corbett saiu e aquele em que foram encontrar Evie naquele estado.

— Acho que posso responder a essa pergunta — disse Sue Jilson. — Não entrou mais ninguém. O doutor Corbett só saiu às oito e quarenta e cinco. É o que consta dos meus apontamentos. Depois

das oito horas só se pode entrar no corredor pelos elevadores, o que obriga a passar pelo posto das enfermeiras.

O agente Hughes... o tal irmão da Maura, o homem que está ali junto dela, chegou a este piso por volta das nove e meia, mas nós já estávamos lá dentro com Mistress Corbett. Podem verificar isto com a Alice Broglio, a única enfermeira que está neste piso, mas tenho certeza que ela confirmará o que eu disse.

— Eu sabia — disse Sidonis, de punhos cerrados.

— Caspar, pode dizer-nos o que se passa? — perguntou Cohen.

— Perguntem-lhe.

— Ao Harry?

— Não faço ideia do que se está a passar — disse Harry.

— Tretas — ripostou Sidonis. — A Evie ia deixá-lo para vir viver comigo, e você bem sabe. Ela disse ontem à noite no restaurante. No SeaGrill. Está a ver, eu até conheço esse local. O que é que você lhe fez?

— Seu patife...

Ao acesso de raiva e de ódio de Harry seguiu-se quase imediatamente um profundo desespero. Não tinha motivo para duvidar do que acabara de ouvir. Evie e o maldito Caspar Sidonis. De repente, havia muitas coisas que faziam sentido. Os meses e meses de frieza e de distanciamento. O estranho comportamento dela. As estadas fora da cidade. As desculpas para evitar as relações sexuais. O telefonema crítico da véspera. "Harry, preciso de falar contigo"... Sidonis!

"Você está a mentir", apeteceu-lhe gritar. "Seu patife, você está a mentir!" Mas sabia que o homem não estava a mentir. Durante meses, sentira que lutava contra uma tristeza persistente e inexplicável. Agora percebia ao que reagira. Sem dizer mais nada, afastou-se e voltou para o quarto 928.

— Dê-me um minuto. Não se importa? — disse ele ao técnico de respiração. — Eu chamo-o se houver algum problema.

Harry apagou a luz forte do tecto, puxou uma cadeira para junto da cama de Evie e sentou-se. A seu lado, o ventilador zumbiu baixinho, depois lançou um jato de ar enriquecido de oxigênio para os pulmões de Evie, fez uma pausa e voltou a zumbir. Há cerca de

dez anos que se tinham conhecido. Dez anos. Tinham sido apresentados por um amigo comum, que tinha certeza de que cada um deles era exatamente aquilo de que o outro precisava. Harry ganharia aventura, espontaneidade e alguns carimbos no seu passaporte quase vazio. Evie alcançaria a calma e a estabilidade de que tanto necessitava. Ela seria a vela e ele o leme. E resultara, também. Pelo menos, durante algum tempo. Mas, por último, ela nunca conseguira modificar-se como esperara. Queria... mais. Pura e simplesmente.

— Raios, Evie — murmurou, baixinho. — Por que não falaste comigo? Por que não me disseste o que se passava? Por que não nos deste uma chance?

Harry inclinou-se sobre a cama e pegou-lhe a mão. Fora estúpido e ingênuo ao acreditar que ela poderia transformar-se noutra pessoa... ou mesmo que ela o desejasse verdadeiramente.

Sentiu que alguém lhe pousava a mão no ombro.

— Harry, sente-se bem?

Doug Atwater olhava para ele, preocupado.

— Como? Olá, Doug. Não. Não estou nada bem.

— O que há com Sidonis? Ele está no posto das enfermeiras, telefonando para o médico legista e a polícia. Perguntei o que se passava e ele me deu um olhar furibundo. Cheguei a pensar que ele ia me mandar às favas.

Harry abanou a cabeça. Isto era um pesadelo. O médico legista... a polícia...

— Doug, eu não sei o que se passa. O aneurisma da Evie arrebentou. Ela não vai conseguir se salvar.

— Oh, meu Deus.

— Sidonis anunciou que dormia com ela e que ela ia me deixar por causa dele. Está convencido de que ela me contou tudo ontem à noite, mas ela não me contou nada.

— Oh, Harry, desculpe.

— Ora essa. O que você faz aqui a esta hora?

— Anneke e eu tínhamos ido ao cinema. Eu passei por aqui para levar uns documentos e o guarda lá embaixo disse o que estava

acontecendo. Deixei Anneke no meu gabinete e subi. Por que Sidonis está telefonando para a polícia?

Harry afastou-se da cama. Era simultaneamente triste e repugnante pensar que Caspar Sidonis tocara em sua mulher.

— Eu fui a última pessoa que esteve aqui com ela. Ele deve pensar... De fato, estou pouco ligando para o que ele pensa.

Harry saiu do quarto na companhia de Doug Atwater. Nesse momento, chegaram os serventes que vinham buscar Evie para fazer o exame. Richard Cohen olhou para Harry e encolheu os ombros.

— Harry, Caspar foi telefonar para o médico legista e para a polícia.

Ele está convencido de que você deu qualquer coisa à sua mulher para lhe fazer subir a tensão, que lhe deu alguma droga. Pensei em telefonar para o Bob Lord e para o Owen, para lhes comunicar o que está a acontecer.

Lord era o chefe do pessoal médico. Owen Erdman era o diretor do hospital.

— Telefone a quem quiser. Isto é ridículo — respondeu Harry.

— Eu telefono ao Owen — ofereceu-se Atwater. — O Sidonis está doido ou quê?

— Não sei se ele está doido, mas está furioso — respondeu o neurocirurgião. — Harry, ele diz que falou com a sua mulher quando vocês iam a sair de casa ontem à noite, e que ela lhe jurou que lhe diria o que se passava entre os dois.

— Ela não me disse nada.

— Bem, ouça. Temos de fazer alguma coisa. Eu vou telefonar ao Lord dos raios X. Fique aqui, está bem? Assim que eu tiver a tomografia venho falar consigo. A técnica do eletroencefalograma vem a caminho, mas ela mora em Bronx.

Com o técnico da respiração que ajudava Evie a respirar com um saco Ambu, o servente encaminhou a cama para o elevador. Cohen e Sue Jilson foram atrás deles, além dos dois internos que se tinham mantido no quarto a pedido de Cohen.

Doug Atwater olhou para Maura Hughes.

— É a companheira de quarto da Evie — explicou Harry.

— O polícia é irmão dela. Ela está com delirium tremens.

— Está com delirium tremens neste momento?

— Creio que lhe deram uma medicação muito forte. Doug, eu não acredito que isto esteja a acontecer.

Atwater encaminhou Harry para uma cadeira de plástico e fez sinal para que se sentasse.

— Vai ficar aqui no hospital? — perguntou ele, pondo um joelho no chão.

— Acho... acho que sim. Pelo menos até virem os exames. O Cohen quer a minha autorização para que a Evie doe os seus órgãos. É provável que eu tenha de tomar essa decisão até amanhã,

— Oh, merda.

Atwater conhecia o casal quase tão bem como qualquer pessoa no hospital. Fora duas vezes jantar a casa de ambos e encontrara-se com eles mais duas vezes, embora os tivesse visto juntos pela última vez há dois ou três anos. Era um homem encantador, extrovertido e por vezes — sobretudo depois de beber uns copos — extremamente espirituoso. Evie falara mais do que uma vez em apresentá-lo a uma ou outra das suas amigas. No entanto, como o casamento se deteriorara, ela deixara de falar num encontro e encorajava frequentemente o marido a ir sair com Doug, a passar uma "noite entre homens". Não era de admirar.

— Julguei que o Sidonis era casado — disse Harry.

— Não, desde que eu cá estou. Ele tem uma miúda ou duas .

Isso sei eu. Mas é casado com a sala de operações, com o corretor, com o agente de publicidade e, evidentemente, com o espelho. Até ouvi dizer que ele era homossexual.

Harry riu-se amargamente.

— Parece que não é — disse ele.

— Ouça, Harry, é melhor eu ir telefonar ao Owen. Também preciso de ir ter com a Anneke. Quer que eu fale com o Sido... Não é preciso. Lá vem ele.

Sidonis aproximou-se deles.

— O médico legista telefonou para o laboratório e mandou tirar umas amostras de sangue à Evie, para analisar — anunciou ele, com um ar triunfante. — E o detetive Dickinson também vem a caminho. Ele pede se você fica aqui até ele chegar.

— Eu não vou a lado nenhum. Mas não tenho nada a dizer-lhe nem a ninguém que você mande chamar.

— Caspar, por que faz uma coisa dessas?

Sidonis olhou para o executivo com um ar desconfiado. Era óbvio que colocara Atwater do lado do inimigo.

— Você não sabe? — respondeu ele. — Eu e a Evie tínhamos um caso há mais de um ano. Ontem à noite, ela disse ao Harry que ia deixá-lo.

Esta noite, tinha uma tensão arterial perfeitamente normal e o aneurisma não dava sinais de vida há mais de um mês. Quando entra no quarto, está bem. Ele sai e, menos de meia hora depois, a tensão dela sobe para mais de trezentos e o aneurisma rebenta. Você não desconfiaria?

Atwater enfrentou o olhar do cirurgião.

— Talvez, se eu não conhecesse o Harry Corbett — respondeu ele. — Mas você não é para aqui chamado. E, se o que diz é verdade acerca de si e da mulher deste homem, você é que merece censura por ter estragado o casamento deles. Agora, se me dão licença, vou telefonar ao Owen Erdman para lhe dizer o que se passa aqui. Harry, volto mais tarde. Mantenha a calma.

— Espere aí — protestou Sidonis, correndo atrás dele. Se vai telefonar ao Erdman, eu quero falar com ele...

Ainda ia a barafustar quando ambos desapareceram à esquina. De súbito, o corredor ficou em silêncio.

— Hum... desculpe.

— Como?

Harry olhou à sua volta. O irmão de Maura Hughes, que continuava junto da cama da irmã, pigarreou e alisou a camisa. Harry reparou nas divisas da sua farda impecável. O homem era sargento.

— Chamo-me tom Hughes — disse ele com um ligeiro sotaque nova-iorquino. — A Maura é minha irmã.

— Olá — retorquiu Harry, impassível. Sentia-se embaraçado por o polícia ter assistido ao ataque de fúria e ao destempero de Sidonis. Mas, na realidade, não era grave.

— Lam... Lamento aquilo que o senhor está a passar.

— Obrigado.

— A Maura disse que o senhor foi amável para ela. O homem olhou para trás, para a irmã, que ressonava, um pouco artificialmente.

— Acho que o sedativo fez efeito.

— Parece que sim.

— Olhe, eu não quero intrometer-me mas, do sítio onde eu estava, era impossível não ouvir a conversa.

— Eu sei.

De repente, Harry sentiu-se desconfortável. Além disso, não se julgava capaz de manter uma conversa, mesmo que fosse superficial.

Levantou-se e afastou a cadeira com o pé. Ainda não telefonara à família de Evie. Talvez devesse telefonar também a Steve Josephson.

Devido à operação de Evie, já cancelara os pacientes da manhã e entregara-os aos cuidados de Steve até à uma hora. Talvez fosse melhor telefonar e cancelar as consultas do dia inteiro.

— Desculpe, por eu estar para aqui a pairar — disse Hughes.

— Eu sei que o senhor tem a cabeça cheia e um grande peso às costas. Mas há uma coisa que eu preciso de lhe dizer. Harry hesitou e depois atravessou o corredor.

— Aquele médico, aquele de cabelo preto, aquele que diz que...
— disse Hughes em voz baixa.

— Sim, sim, eu sei a quem se refere. O Sidonis.

— Bem, parece que o doutor Sidonis anda a fazer muito barulho com o relatório da enfermeira, segundo o qual o senhor foi a última pessoa a estar com a sua mulher antes de ela...

— Sim.

— Mas não foi.

— O quê?

— O senhor não foi o último. Pouco depois de sair, entrou um homem.

Um médico, por sinal.

— Tem certeza ?

tom Hughes ficou a pensar e depois respondeu: — Absoluta.
Tenho certeza absoluta.

— Mas... como é que sabe?

O polícia hesitou mais uma vez, de olhar fixo num dos rodízios da cama. Quando voltou a olhar para Harry, foi com um ar tímido.

— Foi a minha irmã que me disse — respondeu.

CAPÍTULO 8

— Tenho certeza de que não lhe parece, mas a Maura é uma pessoa muito especial, com muito talento e muito bondosa.

Após alguns minutos de conversa com Tom Hughes, havia várias coisas que eram claras para Harry. Embora fosse muito jovem, Hughes era muito inteligente e mais arguto do que qualquer outro polícia; e apesar dos problemas óbvios da irmã mais velha, era-lhe muito dedicado. Harry também estava convencido que estivera mesmo lá o homem que ela afirmara ter visto entrar no quarto.

— Pouco depois de o senhor sair, entrou um homem de bata branca — contou Hughes a Harry. — Parece que a Maura estava aos gritos nesse momento... Ela disse que as enfermeiras só lhe prestam atenção quando ela faz barulho. O médico sorriu-lhe, acariciou-lhe a testa e segredou-lhe que se acalmasse. Depois, contornou a cortina, esteve a falar com a sua mulher e saiu. Tinha trinta ou quarenta e poucos anos, um metro e sessenta de altura, mais ou menos, cabelo castanho curto, olhos castanhos muito escuros, um anel com um grande diamante no dedo mindinho da mão esquerda e um alfinete de gravata azul e verde.

— Um alfinete de gravata? Como é que ela o viu?

— Garanto-lhe que ela, embriagada ou sóbria, ou mesmo com delirium tremens, é uma mulher espantosa. É uma artista, pinta e tem um olho incrível para os pormenores.

Harry lembrou-se da rapidez com que ela reparara no seu emblema na lapela.

“Eu reparo nas coisas”, afirmara.

— Bem, talvez algum médico tenha entrado pelo outro lado ou passado sem as enfermeiras o verem.

— Talvez tenha passado sem as enfermeiras o verem — disse Tom.

— Mas não pode ter vindo pelo outro lado. A porta está fechada à chave e o alarme é ligado a partir das oito horas. A enfermeira avisou-me quando eu lhe telefonei a perguntar se podia cá vir mais tarde.

Quem entrar neste edifício depois das oito horas da noite tem de vir de elevador e identificar-se no posto das enfermeiras.

— Acho que já sabia — disse Harry. — Trabalho aqui há dez ou vinte anos. Por que não falou nesse médico misterioso com Sidonis ou com as enfermeiras?

— Da maneira que as coisas estavam, eu não podia dizer fosse o que fosse a ninguém. Além disso, eles não gostam da minha irmã, aqui no Alexander Nove. Acho que eles não dão muito crédito ao que ela diz...

sobretudo se contraria o que eles dizem.

— Talvez tenha razão.

Passavam poucos minutos das onze naquele momento. Em vez de incomodarem o pessoal do Alexander 9, levaram a cama de Maura para o quarto 928. Um quarto de hora depois, viera o telefonema do neurocirurgião Richard Cohen que Harry tanto receava. Evie ainda estava a fazer a tomografia, mas as imagens iniciais eram piores do que eles temiam. A hemorragia era extensa. O inchaço rápido e a pressão tinham empurrado uma parte do cérebro para o osso da base do crânio, interrompendo a circulação, de uma forma total e irreversível, no córtex cerebral, a massa cinzenta responsável pelo pensamento. A operação já não estava no horizonte. Restava submetê-la a uma série de eletroencefalogramas... e tomar uma decisão.

Maura Hughes continuava mergulhada no seu sono estertoroso e artificial. Harry sentou-se em frente do irmão dela, no quarto pouco iluminado. Apesar de lhe apetecer estar só para pensar no que se passara com Sidonis e para tomar a decisão a que seria chamado em breve, sentia-se grato pela companhia do homem.

— Ninguém conseguiu explicar-me o que é o delirium tremens nem como é que a minha irmã entrou nele — queixou-se Hughes. — Não há dúvida de que ela estava embriagada quando caiu, mas

conheço muita gente que bebe mais do que ela e nunca teve problemas.

— A maioria dos alcoólicos que abandonam o álcool tem convulsões e problemas intestinais — explicou Harry. — Há duas coisas assustadoras que eles podem ter: convulsões e delirium tremens. Em geral, as convulsões surgem nos primeiros dois dias. O delirium tremens surge mais tarde: entre dois a oito dias ou mais, depois da última bebida.

— Mas a Maura é muito lúcida em relação a certas coisas, mesmo quando vê insectos.

— O que eu posso dizer é que a situação não é invulgar. A mistura de fantasia e de realidade é inexplicável. Eu trato de muitos alcoólicos na minha vida profissional. Muitos deles estão sóbrios há anos, e outros encontram-se em sérias dificuldades. Se o senhor e a sua irmã quiserem, posso pedir a um ou dois que venham falar com ela.

— Refere-se aos Alcoólicos Anônimos?

— Por exemplo.

— Já tentei convencê-la a recorrer aos AA. Mas ela nunca iria. É orgulhosa demais, acho.

— E se a filmasse ou lhe tirasse umas fotografias neste momento?

tom Hughes riu-se da sugestão.

— Talvez não fosse má ideia — respondeu. — Doutor Corbett, não se importa que eu lhe pergunte o que há entre o senhor e aquele outro médico?

— O Sidonis? — Harry encolheu os ombros. — Creio que o senhor ouviu a maior parte da conversa. Ele afirma que a minha mulher tinha um caso amoroso com ele e que tencionava deixar-me por causa dele. Julga que ela me contou tudo ontem à noite, no restaurante. Ele até sabe o nome. Agora que recordo o nosso serão, creio que a Evie queria dizer-me qualquer coisa. Mas não disse.

— Então acredita nele? Acho que há outra possibilidade. Ele podia andar obcecado pela sua mulher e tê-los seguido até ao restaurante.

Harry olhou para o chão e engoliu em seco, com um nó na garganta.

— Não, eu acredito nele — disse por fim.

— E ele acha que, como o senhor sabia, deu alguma coisa à sua mulher para... Para quê?

— Para que a tensão arterial subisse de tal maneira que provocasse a ruptura do aneurisma cerebral.

— Meu Deus! Há medicamentos desses?

— Vários, por sinal. Chamam-se pressores. Usamo-los para tratar o estado de choque, que em geral se caracteriza por uma tensão arterial perigosamente baixa, — Então, isso... esses pressores... é o quê? É injetável? Ou é um comprimido, ou um líquido?

Harry sorriu, desanimado.

— Não, não — respondeu. — Não é administrado por via oral. Os pacientes que precisam desse tipo de medicação estão demasiado atrapalhados para beber seja o...

— O que é?... doutor Corbett? Harry levantou-se.

— Talvez não seja nada — respondeu. — Mas lembrei-me de uma coisa.

A Evie tinha um tubo intravenoso no braço. Cinco por cento de água açucarada. Era aquilo a que chamamos uma infusão KO, de keep open. Suficientemente rápido para impedir que o cateter de plástico que ela tinha na veia ficasse obstruído.

— E então?

— O método pareceu-me um pouco invulgar na véspera da operação, sobretudo quando a situação dela estabilizara há tanto tempo. Até lhe perguntei quem é que tinha dado ordens para aquilo. Ela julgou que fosse o anestesista. Mas, em geral, os anestesistas administram as substâncias intravenosas na sala de operações.

Harry encaminhou-se para a porta do quarto.

— Se alguém telefonar, estou no posto das enfermeiras. Não me demoro.

Na ficha clínica de Evie lia-se: D5W; 1000 cc; KO a 50 cc/h. O.T. Dr. Baraswatti.

O.T. significava ordem dada pelo telefone. Harry leu o texto por alto.

Baraswatti examinara Evie ao fim da tarde, para redigir o histórico pré-operatório e o exame físico feito a todos os pacientes que seriam submetidos a anestesia geral. No entanto, a ordem relativa ao líquido intravenoso só fora transmitida às seis e meia. Harry ligou para a telefonista do hospital. O Dr. Baraswatti ainda era o anestesista de serviço. O homem não fez qualquer esforço para disfarçar que o telefonema de Harry o acordara.

— Não sei do que está a falar, doutor Corbett — disse ele, com um forte sotaque indiano. — Eu administro sempre as substâncias intravenosas na sala de operações. Por que havia de agir de outro modo?

— Não... não sei — gaguejou Harry.

Desligou o telefone no momento em que o anestesista lhe perguntava se queria saber mais alguma coisa.

Harry sentou-se na beira do balcão e examinou cuidadosamente a ficha clínica de Evie. A mulher chegara ao Alexander 9 à uma e meia.

Às quatro e meia, o anestesista subira, examinara-a e escrevera as suas ordens. Às seis e meia, alguém que se fizera passar pelo anestesista telefonara à enfermeira daquele piso e dera ordens para que fosse administrada uma infusão keep open. A enfermeira do piso notificara a enfermeira responsável pelas substâncias intravenosas.

Às seis e cinquenta, esta colocara um angiocateter na mão esquerda de Evie. Algumas horas depois, pelo menos segundo Maura Hughes, um médico entrara no quarto. E, pouco depois, o aneurisma de Evie rebentara, provocado por uma tensão arterial sistólica superior a trezentos, ou provocando-a.

Agora, Caspar Sidonis acusava Harry de ter introduzido na solução intravenosa um pressor qualquer que provocara a catástrofe. Seria possível que Harry estivesse a ser armadilhado por Sidonis? O médico descrito por Maura — fosse ele verdadeiro ou um produto da sua imaginação — não era parecido com o arrogante cardiocirurgião, que tinha muito mais de um metro e sessenta de altura, cabelo espesso e bigode. Havia qualquer coisa que estava errada... Confuso e apreensivo, Harry regressou ao quarto 928.

Maura Hughes estava acordada e agitava-se violentamente.

— Pouco depois de o senhor sair, ela começou a gemer como se estivesse com dores ou talvez com um pesadelo — explicou Tom. — Depois, de repente, acordou. Agora está muito agitada, com alucinações ainda piores do que já teve e quer livrar-se dos atilhos.

— Chame a enfermeira — disse Harry.

Reparando que Maura estava ensopada de suor, enxugou-lhe a face e certificou-se de que o líquido intravenoso estava a circular. A mulher parecia muito tensa, mas não em perigo.

— Talvez seja o efeito do sedativo que está a passar. Nenhum dos medicamentos que usamos atualmente altera o que se passa na cabeça de um paciente com delirium tremens. Eles limitam-se a refrear as reações a ele. Eu vou examiná-la.

— Gene, Gene, não sejas mau — cantarolou Maura tentando libertar-se dos atilhos. Sorriu-lhe e de súbito adotou um sotaque de Dixie do qual Scarlett O'Hara se teria orgulhado. — Juro pela alma da minha mãe, querido, que se afastasses estes insectos de mim eu me sentiria bem. Eu ficaria bem.

Servindo-se do estetoscópio e do oftalmoscópio de bolso, Harry examinou-a o melhor possível, dadas as circunstâncias. Maura nem o ajudou nem lhe ofereceu resistência. Manteve uma torrente verbal constante enquanto tentava afastar os insectos. A enfermeira respondeu pelo intercomunicador. Estava na sala de reuniões a receber o relatório da mudança de turno. A menos que a situação fosse verdadeiramente grave, só lá iria depois de acabar o que estava a fazer.

— Não encontro motivo para preocupações — disse Harry a Tom. — Veremos como é que ela se comporta sem a ajuda dos tranquiliz...

— Procuo um indivíduo chamado Sidonis. O doutor Cash Sidonis. Uma coisa parecida com isso.

Harry e Tom viraram-se para a porta. Um homem pálido e calvo, com um fato de poliéster, examinava-os. Trazia na mão um bloco de apontamentos, já gasto, onde leu o nome de Sidonis. Os seus olhos pequenos e encovados estavam envoltos em sombras. A dois metros

de distância, Harry percebeu pelo cheiro que o homem fumava dois ou três maços de tabaco por dia.

— Tenente Dickinson! — exclamou Tom.

Piscando os olhos, o homem apontou para Tom, tentando identificá-lo.

— É o yalie, não é verdade? tom fez um esgar.

— Sim, acho que me pode tratar assim. Chamo-me tom Hughes. Este é o doutor Harry Corbett. Harry, este é o tenente Albert Dickinson. É detetive na vinte e oito. Há lá uma vaga para detetive a que eu me candidatei. Ele faz parte da equipe de seleção.

— Você e metade da unidade — retorquiu Dickinson, sem grande amabilidade. — Eu não contaria com nada, se fosse a você. A concorrência é feroz. Feroz. Alguns tipos da Polícia e a malta da imagem acham que o fato de você ser um yalie joga a seu favor. Mas muitos de nós, que trabalhamos nas ruas, não estão tão certos disso. Muitos de nós procuram um tipo licenciado pela "Faculdade do Murro", percebe? O chamado filho da mãe.

A gargalhada rouca do homem transformou-se numa tosse seca. Tom manteve-se aparentemente imperturbável. Harry perguntou a si próprio se a abominável grosseria do homem não seria uma espécie de teste.

— Eles chamam yalies aos licenciados — explicou Tom, bem-disposto. — No meu caso, isso é verdade, embora não seja importante.

— Corbett, hem? — disse Dickinson. — Você é o tipo de que o Sidonis se queixou. Depois de falar com ele quero falar consigo. O patife deve ter algum poder para os obrigar a mandarem-me cá numa noite como esta. Deve ter algum poder.

— Raios, deixem-me! — gritou Maura. — Malditas formigas. Saiam daqui.

Estou farta disto!

Dickinson olhou para ela com indiferença.

— Álcool? — perguntou, apontando para a cama.

— É... é a minha irmã Maura — disse Tom, endireitando-se um pouco.

Harry reparou que um dos punhos de Tom, o que não se encontrava na linha de visão de Dickinson, estava cerrado. Dickinson voltou a espreitar Maura. Em dez segundos, fez a sua avaliação. Maura Hughes era uma alcoólica sem remissão.

— Vocês sabem por que os irlandeses têm uísque e os árabes têm petróleo? — perguntou ele de repente. — Desistem? É porque os irlandeses foram os primeiros a escolher.

Preparava-se para soltar outra gargalhada repugnante quando Maura lhe cuspiu. A cerca de dois metros de distância, falhou apenas por trinta centímetros.

— Cabra — resmungou Dickinson, certificando-se de que ela não o atingira.

— Estúpido — ripostou Maura.

A enfermeira do turno da noite falou pelo intercomunicador.

— O detetive Dickinson está aí no quarto? Se está, devia ter-se identificado no posto das enfermeiras antes de entrar no quarto de um paciente. Além disso, o doutor Sidonis está à sua espera. Está na sala de reuniões, junto do posto das enfermeiras.

Dickinson olhou para Harry.

— Não se vá embora, Corbett. Nem você, yalie — disse ele.

Guardou o bloco de apontamentos no bolso do casaco e saiu do quarto. Tom esperou até se certificar de que o homem não o ouvia.

— Isto não vai ter graça nenhuma — avisou ele. — O Dickinson é completamente insuportável. Não seria capaz de dar um passo para ajudar a própria mãe.

— Mas ele faz parte da equipe que seleciona os novos detetives.

— É a lógica da Polícia de Nova York. Disseram-me que eu sou o candidato principal para conseguir a promoção, mas, como o senhor ouviu, nunca se sabe. Não precisava nada de ter tido este encontrzinho com o Albert D.

— Desculpe.

— A culpa não é sua. Ouça, não se preocupe com ele. Albert o incomodará com algumas perguntas tiradas do manual dos detetives, só para escrever alguma coisa no relatório. Depois, quando perceber que não há motivo para desconfiar de jogo sujo, afasta-se e vai para o Dunkin Donuts.

- Mas há — disse Harry.
- O quê?
- Motivo para desconfiar de jogo sujo.

CAPÍTULO 9

Harry contou em pormenor a sua conversa telefônica com o anestesista e o que lera na ficha clínica de Evie. Estava precisamente a acabar quando trouxeram Evie. Abalado, percebeu que já começara a pensar nela e na sua vida em comum em termos de passado. Para todos os efeitos, a mulher com quem fora casado durante nove anos estava morta.

— O eletroencefalograma revelou uma certa atividade, mas não muita — disse Richard Cohen, enquanto a ligavam ao monitor e aos sistemas respiratórios. — Não a suficiente para impedir que as várias equipas avancem, se você autorizar. Como sabe, o tempo é crucial nestas situações. Os órgãos começam a deteriorar-se.

— Eu sei — afirmou Harry. — Quando tenciona fazer um segundo eletroencefalograma?

— Às dez da manhã.

Harry olhou para a mulher. Durante mais de vinte e cinco anos de prática da medicina, partilhara todas as experiências possíveis que envolviam a morte e a perda. Mas nenhuma o preparara para esta situação. Ainda há poucas horas ela era a pessoa mais importante da sua vida. Ainda há poucas horas, com Sidonis ou sem ele, ambos tinham a hipótese de dar uma volta ao casamento, de o pôr a funcionar outra vez. Mas, de repente, tudo acabara. E agora, pediam-lhe que validasse a morte de Evie, autorizando a doação dos seus órgãos vitais. Sempre ajudara as famílias que se encontravam na mesma situação. Quando precisavam dele, surgiam as palavras certas. Mas nunca fora obrigado a decidir.

— Deixe os documentos no posto das enfermeiras — disse ele, quase sem dar por isso. — Eu assino-os antes de sair. Mas quero vê-la de manhã, antes de avançarem com isto.

— Eu trato do assunto.

Cohen agradeceu-lhe, pronunciou em surdina umas breves e desconfortáveis palavras de condolências e saiu do quarto. Pouco depois, concluídos os ajustamentos no ventilador, o técnico de respiração saiu também. Sue Jilson verificou a tensão arterial de Evie e o gráfico do monitor e depois virou-se para Harry.

— O técnico da craniotomografia tirou isto à sua mulher disse ela com frieza, entregando a Harry o pendente com o diamante da Tiffany's. — Creio que não faz sentido voltar a pôr.

Harry deitou-lhe um olhar gélido.

— Eu ponho — afirmou ele.

Voltou a pôr o colar na mulher. Quando se voltou, estava sozinho com Tom Hughes e com as duas pacientes. Maura prosseguia o seu balbuciar quase imparável, e calava-se apenas para tirar das roupas da cama os insectos que a atormentavam. O ventilador ligado a Evie zumbia baixinho, fornecendo oxigênio aos órgãos que agora só tinham valor em termos individuais.

Tom desligou a luz do tecto, deixando apenas acesas as lâmpadas fluorescentes por cima das camas.

— Lamento tudo aquilo por que está a passar — disse Tom. Harry olhou para a mulher.

— Obrigado — respondeu, a custo.

— Se quiser falar mais sobre o assunto, eu tenho tempo e não estou cansado.

— No corredor, talvez. Aqui, não — respondeu Harry. Levaram as cadeiras lá para fora. O corredor estava pouco iluminado e silencioso, excepto o ruído característico das noites em branco passadas no hospital.

— Não precisa de falar mais da sua mulher, se não lhe apetecer — disse Hughes.

— Talvez ajudasse.

-- Muito bem. Não tenha vergonha de me mandar calar. Confesso que, como polícia, o pouco que me contou até agora me intrigou. O que acha que está a acontecer?

— Não faço ideia. Talvez haja uma explicação estúpida e simples para tudo. A enfermeira que recebeu a ordem pelo telefone enganou-se no nome do anestesista... Houve algum médico nosso

amigo que veio visitar um paciente a este piso e passou por aqui para ver a Evie...

— São duas explicações simples. Diz-me a experiência que, quando precisamos de invocar mais de uma explicação para uma coincidência, nenhuma delas é verdadeira. Não se importa de voltar ao quarto comigo por instantes?

Harry considerou o pedido e depois foi atrás do polícia.

Pensativo, Hughes começou a andar à volta da cama de Maura e depois da de Evie, examinando as paredes, os interruptores e as próprias camas. Maura observava-o, curiosa.

— Em vez de assumir a explicação mais benigna, vamos considerar o pior — disse Tom, continuando a sua inspeção.

— Um médico, ou talvez alguém que se fez passar por médico, telefonou a dar instruções para que aplicassem um líquido intravenoso no braço da sua mulher e deu o nome do anestesista de serviço. Mais tarde, entrou no quarto, sem ser visto pelas enfermeiras, falou com a minha irmã e administrou um pressor à sua mulher. Em seguida, saiu deste piso, evitando mais uma vez ser visto. Precisamos de um motivo para justificar o seu ato e de explicar como é que ele entrou e saiu neste piso sem ninguém o ver.

— O Dickinson entrou aqui sem ser visto.

— À chegada, é verdade. As enfermeiras estavam a passar os relatórios da mudança de turno quando ele entrou neste piso. Mas ter duas oportunidades dessas, à entrada e depois à saída, mesmo que as tenha planeado, é pedir muito.

— Então o que procura neste momento?

— Locais onde o nosso médico misterioso tenha deixado uma ou duas impressões digitais. É pena não termos as impressões digitais de todos os médicos da...

— Muito bem, doutor Corbett — interrompeu Albert Dickinson. — Chegou o momento de termos uma conversazinha.

O detetive, encostado à ombreira da porta, suspirou, com um ar cansado.

— Pedem-me que lhe diga que tem direito a permanecer calado, mas que qualquer coisa que diga pode ser usada contra si em tribunal.

Você...

— Espere aí — disse Tom. — Está a ler-lhe os direitos? Está a prendê-lo?

— Por enquanto, não, mas ele vai ser preso. Julguei que podia evitar as formalidades.

— Tenente Dickinson — disse Hughes. — Passaram-se aqui algumas coisas que você desconhece.

— Quer saber o que eu sei, yaliei Eu sei que por muito que os médicos tenham... sexo, dinheiro, poder, drogas ou seja lá o que for, querem sempre mais. São assim mesmo. Indique-me um crime por resolver em que um em cada dez suspeitos não seja um médico.

Doutor Corbett, se não se importa...

— Tenente, veio aqui outro médico ver Mistress Corbett depois de o Harry sair ontem à noite — disse Tom Hughes.

— Não esteve cá ninguém. A pessoa que entrou neste piso a seguir ao doutor Corbett foi você. E, nessa altura, Mistress Corbett já estava mal. Verifiquei isso com as enfermeiras. Elas registam o nome de todos os visitantes.

— Bem, as enfermeiras estão enganadas. Esteve aqui alguém. Um homem branco, de quarenta e poucos anos, de bata branca. Um metro e sessenta, cabelo castanho e olhos castanhos.

— Quem é que disse?

A expressão de Tom deixou entrever que ele esperava a pergunta, mas ainda não descobrira uma maneira fácil de responder.

— A minha irmã — respondeu ele, com ar de desafio. O homem falou com ela, passou para o outro lado da cortina e foi ver Mistress Corbett, e depois saiu. Pouco depois, o aneurisma dela rebentou.

Dickinson sorriu com malícia.

— Foi isso que você viu, senhoreca?

— Estúpido. Você devia dar um tiro a quem lhe fez esse capachinho. Eu era capaz de pintar uma alface com graxa de sapatos e dar-lhe um ar mais real.

Dickinson sorriu com um ar benevolente, mas era óbvio que ficara picado. Só então é que Harry reparou que o homem usava uma cabeleira postiça. Mais um ponto a favor do poder de observação de Maura.

— Por que não bebe mais um copo? — disse Dickinson.

— Maura, por que não para com as piadas e não conta ao detetive o que viste? — suplicou Tom.

Maura limpou algo no ombro, mas não disse nada.

— Não se incomode — retorquiu Harry. — Não me parece que o detetive lhe preste muita atenção. Vá lá, tenente. Vamos acabar com isto.

— Tenente Dickinson, acha que vale a pena telefonar para alguém dos laboratórios?

— Para quê?

— Talvez o médico que esteve cá tenha deixado impressões digitais.

— Ora, impressões digitais num quarto de hospital! Parece-me uma grande ideia, yalie. Talvez tenham entrado aqui umas cem ou duzentas pessoas nas últimas vinte e quatro horas.

— As impressões digitais de quase todas as pessoas que entraram neste quarto, incluindo os médicos, constam dos ficheiros dos serviços de segurança do hospital — disse Harry. Há vários anos que o hospital adotou essa política, desde que um pedófilo condenado mentiu no formulário que preencheu e conseguiu emprego como servente na unidade pediátrica.

— Ótimo. Tenho certeza de que os tipos do laboratório ficarão encantados por saírem numa noite como esta por causa de uma mulher com delirium tremens, que afirma ter visto uma pessoa que mais ninguém viu.

— Garanto-lhe que conheço a minha irmã e sei que esteve aqui alguém.

— E eu garanto-lhe que as aranhas, as formigas e as cobras gigantes não deixam impressões digitais. Agora, Corbett, vamos acabar com isto. Verá que se sente muito melhor quando deitar tudo cá para fora...

Só muito depois da meia-noite é que Harry acabou de responder ao interrogatório frio e monótono de Albert Dickinson. O detetive já decidira que o cenário pintado por Caspar Sidonis é que estava certo.

Harry, sem querer admitir que a mulher ia fugir com outro homem, administrara-lhe um medicamento que lhe fizera subir a tensão arterial. Aparentemente, a sua morte ficar-se-ia a dever à ruptura do aneurisma e ninguém faria perguntas. Naquele momento, tinham sido enviadas amostras do sangue dela para análise. Se fossem descobertas substâncias raras, sobretudo associadas à subida da tensão arterial, havia boas hipóteses de se conseguir um mandado de captura para Harry.

— Motivo, método, oportunidade — concluiu Dickinson.

— Neste momento, só nos falta o método.

Harry considerou que não valia a pena falar ao detetive hostil na ordem dada pelo telefone para aplicar o líquido intravenoso em Evie. Seria, sem dúvida, a primeira coisa que Pramod Baraswatti verificaria de manhã. O relatório do incidente seria arquivado e, mais tarde ou mais cedo, a situação iria condizer com as palavras de Dickinson. A conclusão do detetive seria, evidentemente, que fora o próprio Harry a fazer o telefonema, abrindo caminho para a injeção letal.

Motivo, método, oportunidade.

Dickinson seguiu Harry até ao quarto.

— Yalie, quero aqui um agente enquanto ela estiver viva e ele se mantiver neste piso.

— Ela já foi dada como clinicamente morta — disse Hughes.

— Ouça, você vai mandar alguém para aqui, ou vai mostrar-nos que anda a brincar?

— Alguém anda a brincar — notou Hughes, entre dentes.

— O que é que você disse?

— Disse que fico aqui a protegê-la.

— Já calculava. Já disse às enfermeiras que não o quero aqui sozinho enquanto ela estiver viva.

— Mas...

— Fiz-me entender?

— Claro, tenente.

Harry acompanhou Dickinson até ao fundo do corredor e viu as portas dos elevadores fecharem-se atrás dele.

— Ele já se foi embora? — perguntou Hughes quando Harry voltou.

— Por agora. Diz que eu serei preso se for detetada alguma coisa no sangue da Evie.

— Acha que surgirá alguma coisa?

Harry esfregou os olhos, cujo ardor constante o atormentava.

— Não sei o que pensar — respondeu. — Aquele homem é um idiota. O mínimo que ele podia fazer era mandar chamar alguém para tirar as impressões digitais. Reconheço que é muito difícil, mas a dificuldade não é nenhuma se...

— Não precisamos dele — disse Tom, empurrando Harry para os elevadores.

— O quê?

— Temos o Dweeb. Ele vem a caminho neste momento. Logo a seguir, as portas do elevador abriram-se e saiu um negro de aspecto fraco, quase débil. Trazia um blusão dos Detroit Tigers e um boné dos Detroit Lions, uma pasta numa mão e uma grande caixa com apetrechos de pesca na outra.

— Ele viu-te? — perguntou Tom.

— Não. Passou mesmo rente a mim. Aposto que o Albert não veria um cadáver mesmo que estivesse pendurado no tecto da casa dele.

— Agradeço-te a tua presença, a sério — disse Tom. Harry Corbett, apresento-lhe Lonnie Sims, mais conhecido por Dweeb.

Sims pousou a caixa e apertou a mão de Harry com a força de um defesa.

— Ele está connosco — disse Tom à enfermeira do turno da noite, que passou por eles, apressada. — É outro detetive.

Entraram no quarto 928.

— Eu e o Lonnie fomos colegas na Universidade de Nova York, quando eu fiz o mestrado em Criminologia — explicou Tom. — É o melhor criminologista que a faculdade formou. E adora tirar impressões digitais.

— Lá isso é verdade, meu rapaz — concordou Sims, pousando a caixa em cima de uma cadeira e abrindo-a. — Lá isso é verdade.

— Um amigo meu, o Doug Atwater, tem muito poder cá dentro — disse Harry. — Talvez você o tenha visto, Tom. Ele esteve aqui há pouco.

— Alto, bem-parecido e de cabelo alourado?

— Exatamente. Acho que ele conseguirá arranjar os ficheiros das impressões digitais junto da segurança ou do pessoal.

— Ótimo — proferiu Sims, enfiando as luvas de borracha e entregando um par a Tom e outro a Harry. — Também conheço uns tipos no laboratório do FBI que podem ajudar-nos. Agora, vamos fazer uma pequena representação. Tom, tenta que a tua irmã se vire para nós e procura não tocar em nada, sobretudo nas grades da cama. Harry, faça de conta que é o tal desconhecido misterioso. Não toque em nada.

— Está bem.

Harry olhou para Evie. Até a sua postura descerebrada se interrompera naquele momento. Evie tivera pelo menos uma vida secreta com Caspar Sidonis. Teria havido outras? E se uma delas a tivesse conduzido à morte? Harry dirigiu-se para a porta, para começar a desempenhar o seu papel na representação. Uma coisa lhe parecia quase certa. Os exames laboratoriais do sangue de Evie, que podiam levar dias ou até semanas para serem concluídos, iriam revelar alguma coisa. E, no dia seguinte, Evie morreria e o seu quarto seria desinfetado. Se tivessem alguma chance de recolher as impressões digitais do Dr. X, seria naquele momento.

— Diga-me, por que o tratam de Dweeb?

Lonnie Sims olhou para Tom.

— Ele... bem... Ele foi muito bem na faculdade — explicou Tom.

— De fato, dizer isso não é suficiente. A verdade é que, se eles não tivessem aumentado as notas na nossa turma, só Dweeb teria passado.

Quando Harry saiu do hospital, os primeiros raios de sol inundavam a cidade. A sessão com Lonnie Sims durara mais de duas horas. E o homem parecia ser mesmo um gênio, tal como lhe tinham dito.

— A chave está no polegar — disse-lhe Dweeb. — Nesse polegar furtivo e oponível. Os chamados especialistas em impressões digitais deitam o pé por cima dos objetos. A solução está em deitar o pé por baixo deles. Mostrem-me um técnico de laboratório que tenha

porcaria até aos joelhos, e eu digo-lhes que ele sabe o que está a fazer.

Com a ajuda de Maura, conduziu lentamente Harry e Tom em meia dúzia de ações possíveis, observando-lhes os movimentos e mandando-os parar quando pretendia verificar uma impressão digital.

O médico misterioso não usara luvas, assegurou-lhes Maura. Sims espalhou o seu pó por baixo das mesas de fórmica e nas grades das camas. Fez o mesmo nos puxadores das portas, nas maçanetas dos candeeiros, nos dois lados das cabeceiras e dos pés das camas e até nas louças da casa de banho. Serviu-se de pós especiais e de uma luz infravermelha, de lentes e de uma pequena máquina fotográfica de último modelo. Recolheu cerca de cinquenta impressões digitais, umas muito nítidas, outras difusas.

Por fim, disse que, se Doug Atwater conseguisse assegurar o acesso aos ficheiros de impressões digitais do hospital, tudo era possível. Quando Sims pegou na caixa, fechou a pasta e saiu do Alexander 9 na companhia de Tom Hughes, eram três horas da manhã. Harry telefonou a Phil e à família de Evie. Depois, sentou-se junto da cama de Evie, às escuras, durante algum tempo, sem pensar em nada... e a pensar em tudo.

— Agora, tenha cuidado, Gene — disse Maura quando ele saiu do quarto.

Harry julgava que ela estava a dormir. Só agora reparava que estava bem acordada e que se mantivera em silêncio por ele, talvez durante os últimos momentos que ele passara a sós com a mulher.

Talvez o efeito do sedativo tivesse passado, pensou. Talvez os horrores do delirium tremens estivessem a desvanecer-se. Ou talvez ela tivesse tido força de vontade suficiente para os refrear durante algum tempo.

— Terei — respondeu Harry. — E você tenha cuidado também, Maura. E obrigado pela sua ajuda desta noite.

Antes de sair do piso, parou no posto das enfermeiras e assinou os documentos em que autorizava que os órgãos de Evie fossem retirados. A noção de que, , alguém iria receber o coração pelo qual eles tinham rezado ajudou a acalmar a profunda tristeza que sentia.

Mas nada o ajudou a sentir-se menos confuso, nem a dissipar o seu pressentimento.

As ruas estavam completamente desertas. Emocionalmente esgotado, Harry meteu-se no carro e foi para casa, envolvido numa película granulosa de fadiga. Estacionou na garagem que ficava a um quarteirão do seu apartamento. Como era habitual, Rocky Martino, o porteiro da noite, estava a dormir numa cadeira de couro gasto, mesmo à vista de qualquer pessoa que espreitasse pelas portas de vidro do edifício. Embora nunca o admitisse, Rocky tinha mais de sessenta anos. Também não admitia que bebia mais do que era aconselhável para a sua saúde, nem que bebia nas horas de serviço, mas quase todos os residentes sabiam que ele fazia ambas as coisas.

Desde que Harry morava ali que se falava em despedi-lo nas reuniões do condomínio. Mas, como nunca acontecera nada de grave durante os turnos de Rocky e ele era um homem simpático, não tinham desencadeado qualquer ação. Harry pensou em bater no vidro ou tocar à velha campainha. Por fim, tirou as chaves. Ao primeiro ruído metálico, Rocky levantou-se.

— Doutor, o senhor pregou-me um grande susto — exclamou, ele, abrindo a porta interior. — Julguei que já tinham entrado todos no prédio esta noite. Quando é que saiu?

— O que quer dizer com isso?

— Bem, eu não o vi sair depois de trazerem aquela comida chinesa que o senhor encomendou.

Harry sentiu a pulsação a acelerar-se.

— Tem certeza que a comida era para mim?

— Claro que tenho.

— Tocou à minha campainha antes de deixar subir o homem? — perguntou Harry.

— Hum... Acho que sim.

— E o homem saiu logo a seguir?

Rocky estava nitidamente a entrar em pânico. E também era óbvio que estava a mentir.

— Claro — respondeu ele. — Ele subiu e desceu logo. Harry dirigiu-se para o elevador.

— Rocky, a que horas foi isso?

— Não sei, doutor. Às dez, talvez. Às onze. Por quê? Harry aproximou-se do elevador e manteve a porta aberta.

— Porque eu não passei a noite em casa nem encomendei comida chinesa, Rocky — respondeu Harry mais impaciente do que queria.

A porta do apartamento estava fechada à chave, mas isso não queria dizer nada. Eles tinham uma fechadura de polícia, mas nunca a usavam a menos que estivessem em casa. Uma vez, quando Evie se esquecera das chaves na fechadura do lado de dentro, o responsável pelo prédio conseguira abri-la com o cartão de crédito. Harry lembrou-se de chamar a Polícia sem entrar em casa. Mas estava exausto e os agentes podiam levar horas a chegar lá.

Abriu a porta devagarinho, esperando encontrar a casa às escuras. As luzes estavam acesas no vestíbulo e, ao que parecia, em todas as divisões. Do sítio onde estava, via que a casa fora revistada. Admitiu que o intruso ainda estivesse lá dentro. Uma pessoa em seu perfeito juízo não sairia do vestíbulo e chamaria a Polícia de lá. Mas, naquele momento, Harry sabia que não estava em seu perfeito juízo. Percorreu o corredor, esperando que o homem lhe saltasse para cima. Precisava desesperadamente de bater em alguém.

O apartamento estava vazio e a devastação era enorme. Todos os quadros tinham sido tirados da parede, todas as gavetas tinham sido abertas e esvaziadas. Os colchões tinham sido afastados, e tudo o que estava dentro dos roupeiros fora atirado para cima deles. Até as carpetes tinham sido levantadas. Era como se o intruso procurasse um cofre. Se assim era, ficara decepcionado. Eles tinham pouco dinheiro em casa e as joias mais valiosas de Evie — de longe as suas posses mais extravagantes — estavam guardadas num cofre-forte.

Mesmo assim, alguns dos objetos mais valiosos tinham sido levados.

O cofre das joias de Evie estava vazio. O seu casaco de visom desaparecera, assim como as pratas, alguns objetos de cristal e pequenas obras de arte, como um desenho de Picasso que Evie

trouxera do seu primeiro casamento, e que valia talvez quinze mil dólares.

Porém, no pequeno escritório é que o trabalho fora mais completo. As gavetas da secretária tinham sido esvaziadas e tudo o que lá estava dentro fora passado a pente-fino e cuidadosamente empilhado junto da parede. As gavetas estavam partidas e o estofo da cadeira fora golpeado. Todos os livros das prateleiras, do chão até ao tecto, tinham sido abertos, examinados e atirados para o lado. Havia qualquer coisa que não batia certo, pensou Harry, afastando com o pé o que estava no chão. Fora um assalto, sem dúvida, mas um assalto com um objetivo.

Harry foi até à cozinha, que fora tão bem revistada como o resto da casa. Ficou a olhar para aquela desolação durante alguns minutos, antes de reparar nas quatro caixas de cartão fechadas que estavam em cima da mesa. Cada uma tinha uma refeição chinesa, já fria. Em cima de uma delas, numa embalagem fechada de papel de cera, estava um biscoito da sorte. O primeiro impulso de Harry foi pegar nele e atirá-lo à parede, juntamente com o resto da comida. Em vez disso, abriu-o.

O Farol da Sorte Continuará a Iluminar o Teu Caminho, lia-se lá dentro.

CAPÍTULO 10

Eram quase oito horas quando Harry saiu finalmente do seu apartamento em desalinho e apanhou o autocarro que atravessava a cidade para o hospital. Os dois polícias, que tinham aparecido na sequência do seu telefonema, tinham tentado recolher algumas impressões digitais mas, no essencial, a sua investigação do local do crime não fora inspirada. Era óbvio que um assalto num apartamento de Manhattan era tão importante para eles como um vagabundo a agitar as moedas na sua caixa de cartão a quem passava na rua.

A conclusão dos agentes, que chegaram meia hora depois, era que se tratava de um assalto vulgar feito por um ladrão profissional, que podia ou não saber que Harry ficaria até mais tarde no hospital. Afastaram a ideia de Harry, segundo a qual o ladrão tinha outros planos, e disseram-lhe que o mais que podia esperar era que alguns dos objetos roubados aparecessem numa loja de penhores ou na posse de algum receptor conhecido da Polícia. Entretanto, o melhor que ele tinha a fazer era sacar o que pudesse à companhia de seguros, substituir aquilo de que precisava e depositar no banco o dinheiro que restava.

Harry atravessou o átrio do MMC e encaminhou-se para o corredor que dava acesso aos elevadores para o Alexander 9. À sua volta, o movimento era o habitual. Perguntou a si próprio por quantas centenas, por quantos milhares de famílias não passara ele ao longo dos anos, que iam ao hospital — tal como ele naquele momento — para verem uma mulher, um filho ou um parente pela última vez. A sua vida com Evie fora complicada e desprovida de emoções durante muito tempo. Porém, até à noite da véspera, Harry

nunca deixara de acreditar que eles voltariam a viver como no princípio do seu casamento.

Ao passar pelo posto das enfermeiras do Alexander 9, apercebeu-se dos olhares de soslaio e das mudanças de conversa. Não havia dúvida de que a acusação de Caspar Sidonis já chegara às mais altas esferas do hospital. Harry nunca gostara de ser alvo de mexericos, fossem eles positivos ou negativos. Agora, estremecia ao pensar nas distorções que a história de Sidonis sofrera desde a primeira vez que fora contada; a realidade já era suficientemente má. Harry também sabia que, a menos que surgissem explicações para a ordem dada pelo telefone e para o médico misterioso de Maura Hughes, se seguiriam mais histórias. Muitas mais.

Os pais de Evie, Carmine e Dorothy DellaRosa, estavam sentados junto da cama de Evie, em silêncio. Um carteiro reformado e uma secretária administrativa, casados há muito mais de quarenta anos, eles eram os pilares da Igreja Católica na sua pequena cidade de Nova Jersey. Eram tão vulgares e reservados quanto a filha era vibrante e espetacular. Evie era filha única.

Harry apertou a mão a Carmine e beijou Dorothy na face. O casal sempre fora cordial para com ele, mas nunca fora afetuoso. "O gótico de Nova Jersey", chamava-lhes Evie às vezes.

— Pareceu-nos que a Evie mexeu os braços — disse Dorothy.

— Talvez. Há reflexos que fazem com que os músculos se contraíam.

Mas isso não tem qualquer significado, Dorothy. Não posso deixá-la pensar que tem.

Harry apontou para a cama de Maura, que estava vazia e feita de novo.

— Para onde foi a mulher que estava aqui?

— Está ao fundo do corredor, noutra quarto — respondeu Dorothy. — As enfermeiras disseram que tinha vagado uma cama. Não quiseram que ela perturbasse estes... estes momentos.

Harry sabia que, a menos que fizesse uma pergunta direta a Carmine DellaRosa, e à qual só ele soubesse responder, Carmine deixaria que a mulher falasse pelos dois. Harry resolvera não lhes falar no que estava para vir. Mais tarde ou mais cedo, seria obrigado

a isso, mas naquele momento eles já estavam suficientemente abalados pela tragédia e pela sua decisão de ter doado os órgãos de Evie.

Na cama, junto deles, Evie jazia tranquilamente. Tinha os olhos vendados e continuava ligada a um ventilador e a um I.V. Mas os tratamentos para diminuir o inchaço do cérebro hiperventilação para reduzir o teor de dióxido de carbono e aumentar o pH do sangue, e diuréticos para induzir a desidratação — tinham sido interrompidos. Um segundo grupo de exames — um teste ao fluxo sanguíneo cerebral e tentativas para a obrigar a respirar espontaneamente — confirmara o diagnóstico da morte cerebral.

Agora, restava-lhes apenas despedirem-se dela e deixar que um médico a declarasse oficialmente morta. Em seguida, entraria em ação o pessoal dos Serviços Regionais de Transplantes de Nova York. Harry pegou na mão de Evie e segurou-a durante um tempo, perguntando a si próprio se os DellaRosa já teriam ouvido falar de Caspar Sidonis. Não faltaria muito. Sendo a causa da morte de Evie a ruptura de um aneurisma, o médico legista não precisaria de ordenar uma autópsia, sobretudo quando estava em causa a doação de vários órgãos. Mas ele ordenara numerosos exames toxicológicos.

— O padre Moore acabou de sair — disse Dorothy.

— Lamento não o ter visto.

— Ele ministrou a extrema-unção à Evelyn.

— Ainda bem.

Evie não se considerava católica há anos e não fizera qualquer tentativa para que o seu primeiro casamento fosse anulado. Mas nem o pai nem a mãe admitiriam tal coisa.

— Não sei se esta decisão sobre os órgãos foi acertada. A Evelyn era tão... bonita.

— Foi uma decisão acertada, Dorothy. A Evie ficará igualmente bonita quando isto acabar... Ficaré ainda mais bonita... Está bem?

— Sim. Acho... acho que sim. Hum... e o funeral? Harry percebeu o que ela queria dizer.

— Quer que eu trate disso? — perguntou ele.

— Obrigada. Preferia ser eu.

— O que fizer estará bem. A agência funerária que escolher pode combinar tudo com o hospital.

— Sabe se a Evelyn tinha algum livro de endereços?

— Oh, sim. Por sinal, ela tem-no aqui. Eu telefono-lhe mais tarde, se quiser, e verifico os nomes consigo.

— Não será necessário. Eu tenho amigas que podem telefonar para todos os números. Assim, quem quiser poderá comparecer. A nossa igreja não é assim muito grande, mas não temos muitos parentes, portanto haverá espaço. O Harry fala às pessoas de cá?

— Claro que sim.

Harry tirou a mala de Evie debaixo da mesa de cabeceira. Ela deixara a carteira em casa, mas insistira em trazer a maquilhagem, algum dinheiro e o livro de endereços. Harry retirou o pequeno livro de capa de couro e folheou-o à pressa. Os nomes estavam meticulosamente escritos em letra maiúscula. Muitos deles suscitavam recordações imediatas e vivas dos anos mais felizes do seu casamento. Harry ia a entregar o livro quando reparou em dois pedaços de papel enfiados na contracapa. Em cada um deles havia um nome, um endereço e aquilo que parecia ser um número da Segurança Social. Curioso, Harry tirou-os e guardou-os na algibeira do casaco, esforçando-se para que Dorothy não desse por isso. Distraída, ela pegou no livro e agradeceu-lhe. Em seguida, aproximou-se da cama com o marido e depois saiu.

— Era uma rapariga linda — afirmou.

Harry esperou até ter certeza que os DellaRosa não voltavam atrás por qualquer motivo. Depois, voltou a abrir a carteira de Evie. Além da sombra para os olhos, do batom, do blush e de uma nota de vinte dólares, havia um porta-chaves com uma pata de coelho cinzento, com três chaves. Duas eram chaves de uma porta qualquer, novas.

Harry comparou-as com as suas próprias chaves de casa. Não eram iguais. A terceira era de uma caixa do correio. Preparava-se para examinar os dois pedaços de papel quando Ben Dunleavy entrou no quarto.

O neurocirurgião de Evie era respeitado em todo o hospital, mas também era temido pela sua volatilidade e pela sua intolerância. A

decisão de retardar a operação de Evie, apesar de ter uma base clínica sólida, fora dele. Agora, antes de operar a sua paciente, ela morrerá.

— Harry — disse ele.

Tanto o seu aperto de mão como o seu tom foram mais frios do que seria de esperar naquelas circunstâncias. Era óbvio que Sidonis falara com ele.

— Está aqui para confirmar a morte da Evie?

O neurocirurgião fez um sinal afirmativo e olhou para ela. Sem mais dramatismos, fez o que tinha a fazer. Harry olhou para o relógio de parede. Nove horas, doze minutos e trinta e cinco segundos da manhã. Oficialmente, Evie morrerá.

— Escusado será dizer que lamento que isto tenha acontecido — disse Dunleavy. — Há anos optei também por retardar a operação a um aneurisma como o dela. A Evie é o meu primeiro caso mortal. Só tive dois pacientes cujo aneurisma rebentou antes de eu os operar, e ambos se saíram bem.

Harry percebeu nas entrelinhas o que o homem queria dizer. Não viu razão para não ir direito ao assunto.

— Ben, o Sidonis pode ter tido um caso com a Evie. Não sei. Mas está enganado naquilo de que me acusa.

O olhar de Dunleavy era desapaixonado.

— Espero que sim, Harry — concordou. — Avise-me se eu puder fazer mais alguma coisa.

E saiu antes que Harry pudesse responder. Primeiro, o pessoal de enfermagem, agora Dunleavy. Mesmo sem provas concludentes, havia já quem não quisesse conceder-lhe o benefício da dúvida. Harry sentiu um aperto desagradável no estômago. Ia haver sarilho.

Sentou-se junto da cama, na cadeira deixada por Dorothy, e tirou os dois papéis da algibeira. Eram fragmentos, um rasgado da página de uma revista e outro de uma folha de papel em branco. Em cada um deles havia o nome de um homem, o endereço, o número do telefone, a data de nascimento e o número da Segurança Social, escritos pela mão de Evie, mas à pressa. O primeiro era James Stallings, de quarenta e dois anos, que morava em Upper East Side.

O segundo era um tal Kevin Loomis, de trinta e sete anos, de Queens.

Harry meteu os papéis na carteira e o porta-chaves no bolso. Em seguida, verificou a carteira mais uma vez e deitou-a no cesto dos papéis. Por fim, inclinou-se sobre o corpo de Evie e beijou-a ternamente na testa.

— Desculpa, querida — disse, em voz baixa. — Desculpa-me por tudo.

Acariciou-lhe a face com as costas da mão e saiu do quarto. Ia a chegar aos elevadores quando ouviu atrás de si, ao fundo do corredor, uma voz conhecida a gritar: — Venham cá! Venham cá e livrem-me destes malditos insectos!

— Ele piscou-me o olho, Sherry. Juro que piscou.

De bata e com a máscara, a enfermeira Marianne Rodriguez espreitou para a incubadora onde o pequeno Sherman O'Banion passara todos os momentos das suas duas semanas e meia na Terra. A Unidade de Cuidados Intensivos dos Recém-Nascidos, do Hospital Pediátrico de Nova York, era a mais sofisticada de Manhattan, e naquele momento estava cheia: trinta recém-nascidos, cujo peso à nascença variava entre mais de meio quilo e cinco quilos. Sherman, nascido com vinte e cinco semanas, pesava seiscentas e cinquenta gramas. A mãe era uma dona de casa, que tinha mais dois filhos. O pai trabalhava na linha de montagem de uma fábrica, no turno da noite. Dado o seu peso à nascença e outros problemas, Sherman estava a reagir muito bem.

— Não pensas no que virão a ser estes pequerruchos quando crescerem? — perguntou Sherry Hiller.

— Aposto que o Sherman será jogador de futebol. Conheces o pai?

A criança, no seu invólucro, parecia um visitante de outro planeta. À

sua volta, havia tubos, fios e máquinas auxiliares. Estava envolvida em Saran Wrap para estar mais quente. Um painel de luzes de fototerapia incidia nela para reduzir a icterícia. Pequenos filtros protegiam os seus olhos dos raios ultravioletas. Um ventilador controlava-lhe a frequência e o volume respiratório. Sensores no

abdômen e nas pernas mediam-lhe a temperatura, o ritmo cardíaco e a concentração de oxigênio no sangue. Um tubo intravenoso, inserido numa pequena veia da cabeça, fornecia líquido e antibióticos. Um tubo que lhe chegava ao estômago através do nariz alimentava-o.

Marianne deslocava-se junto da incubadora, tomando nota da temperatura, do ritmo cardíaco e da cor da criança. Os níveis de oxigênio estavam um pouco baixos, e a cor escura, os valores das análises e o exame tinham permitido detetar uma deficiência cardíaca importante que teria de ser corrigida daí a um tempo, mediante uma operação. Mas Marianne não estava preocupada. Há cinco anos que era enfermeira na UCI e vira várias crianças piores do que Sherman O'Banion saírem do hospital em grande forma. É claro, havia outros que não tinham tanta sorte. A cegueira provocada por vários fatores, a paralisia cerebral, o atraso mental, as operações múltiplas, a morte — súbita, provocada por paragem cardíaca, ou prolongada, causada por uma infecção — e eventuais perdas de conhecimento eram complicações que todas as enfermeiras daquela unidade tinham de enfrentar, quando não de aceitar.

Alguém bateu no vidro da sala. Marianne olhou. A mulher que trazia da cozinha as fórmulas especialmente preparadas acenou-lhe alegremente com a mão enluvada. Marianne nunca a vira, ou pelo menos tinha quase certeza disso. De acordo com as normas em vigor, a mulher usava uma touca, uma máscara e um jaleco cirúrgico.

Só a sua elevada estatura e os seus olhos castanho-escuros estavam à vista. Os olhos cor de castanha tinham um brilho especial, e Marianne teve a sensação de que se tratava de uma pessoa alegre.

Fez-lhe sinal para deixar as fórmulas em cima da bancada. As enfermeiras viriam buscá-las. A mulher fez um sinal afirmativo, obedeceu e saiu da UCI.

Marianne regressou aos seus deveres, fazendo uma pausa para verificar cada peça do equipamento. O seu trabalho requeria quase tantas aptidões mecânicas como médicas. Mas cada tipo de aparelho

era assistido por um grupo de técnicos especialmente treinados e, em certos casos, por um departamento inteiro. Os custos dos cuidados intensivos para recém-nascidos, tanto os de curto como os de longo prazo, eram astronômicos. Uma vez, alguém indicara a Marianne os verdadeiros números, que eram qualquer coisa como nove mil dólares por dia para casos difíceis. Uma criança, cuja mãe a abandonara numa lixeira, ficara na UCI do hospital durante cerca de nove meses, antes de sucumbir a uma infecção. Realizara-se um serviço religioso em memória da criança. Só as enfermeiras e alguns médicos é que compareceram. O custo de a manter viva durante aqueles meses ultrapassara o milhão e meio de dólares.

— Muito bem, Sherm, está na hora da papa — disse Marianne.

— Traz a papa da Jessica quando vieres, está bem? — pediu Sherry Killer.

— Claro. É preciso acrescentar alguma coisa?

— Não.

As fórmulas vinham em frascos etiquetados, chamados biberões graduados, uma dose diária para cada criança. Alguns biberões continham leite materno com aditivos. Outros eram preparados com vários ingredientes. Todos possuíam um selo resistente às falsificações, constituído por uma fita de celofane fortemente adesiva. Marianne calçou as luvas antes de pegar nos biberões. Depois, quebrando os selos, destapou os de Sherman e inseriu o suplemento de glucose que fora receitado pelo médico. Em seguida, voltou a selar todos excepto um, servindo-se do rolo de celofane que tirou da bancada. Como sempre, não percebia por que o departamento se incomodava com a fita adesiva se tanta gente tinha acesso a ela. Verificou duas vezes os rótulos e guardou-os todos no frigorífico, com excepção dos de Jessica Saunders e Sherman O'Bannion. Em seguida, aproximou-se de novo das incubadoras.

— O que se faz a um homem esfomeado? — cantarolou ela, alimentando o recém-nascido através do seu tubo.

Segurou no biberão por cima do corpo do bebé, até ele se esvaziar completamente.

— Marianne, trata da Jessica? — pediu Sherry. — O monitor do Moonface Logan continua a desligar-se. Creio que os cabos estão

soltos. Quero substituí-los todos.

— Claro — voltou a responder Marianne.

Marianne estava ocupada a dar a fórmula à menina quando ouviu tocar o alarme de um dos monitores cardíacos próximos. Durante trinta segundos, ignorou-o, convencida de que ele se devia aos cabos soltos da criança a que chamavam Moonface. O alarme continuava a tocar.

— Sher, é o do Moonface, não é? — perguntou ela, sem levantar a cabeça.

Por instantes, ouviu-se apenas o zumbido contínuo do alarme.

— Merda! — gritou Sherry, de repente. — Marianne, é o Sherman.

O monitor cardíaco de Sherman mostrava uma linha totalmente plana.

Marianne soltou o biberão e correu para a incubadora da criança. O pequeno tórax com duas semanas subia e descia em resposta à ventilação mecânica. O aspecto do bebé era o mesmo de sempre, mas a pele escurecera consideravelmente. Naquele momento, o alarme que indicava a saturação de oxigênio começou também a tocar. Marianne verificou os cabos. Nenhum estava solto. A enfermeira fez deslizar o estetoscópio para o peito da criança. Nada. Nem uma batida. Rapidamente, acelerou o ritmo da ventilação e iniciou a compressão cardíaca.

— Ele está indo embora, Sher — exclamou ela, com uma aflição controlada. — Diz à Laura que venha cá. Raios!

Em menos de um minuto, a reanimação de Sherman O'Banion era levada a cabo por Laura Pressman, dois pediatras internos e duas enfermeiras. Marianne fornecia os medicamentos necessários, mas desde o início que teve um pressentimento terrível. O ritmo cardíaco de Sherman descera de cento e trinta, um valor aceitável, para zero.

Não houvera abrandamento, nem batidas irregulares. Era o equivalente a um automóvel que desacelerasse de sessenta para zero ao chocar com um muro. Era óbvio que algo falhara no coração defeituoso do bebé: talvez uma faixa muscular, ou uma das frágeis paredes divisórias. Prosseguindo as compressões cardíacas

exteriores, a equipe do hospital começou a administrar medicamentos.

Epinefrina... atropina... mais epi... bicarbonato. Tentaram reanimar o bebê durante mais de meia hora. Mas, a cada minuto que passava, Marianne convencia-se cada vez mais da irreversibilidade da situação.

Por fim, Laura Pressman interrompeu as compressões cardíacas.

Afastou-se da incubadora, olhou para os companheiros e abanou a cabeça.

— Lamento. Todos vocês fizeram um excelente trabalho disse ela.

Marianne Rodriguez aceitou um abraço de consolação e algumas palavras de Sherry Hiller. Depois, contendo as lágrimas que viriam mais tarde ou mais cedo, começou a desligar os tubos e os fios de Sherman O'Banion. A incubadora seria levada e substituída por outra totalmente desinfetada. E, pouco depois, entraria um outro recém-nascido.

Seis andares mais abaixo, no porão do hospital, a robusta funcionária das dietas, ainda com a máscara, o jaleco e a touca, bateu à porta de um vestiário masculino pouco utilizado. Depois, esgueirou-se lá para dentro, fechou a porta à chave e acendeu a luz.

A toxina cardíaca que usara era tão forte que lhe bastara uma dose microscópica. Mesmo que a fórmula de Sherman O'Banion fosse analisada, o que era quase improvável, ninguém saberia o que procurar, e nada seria descoberto.

O saco de lona estava escondido debaixo de um monte de toalhas de papel usadas no grande cesto do lixo. Dez minutos depois, saiu do vestiário um homem com o saco na mão. Nele iam o jaleco, a touca e a máscara cirúrgica, bem como uma almofada, uma cabeleira postiça de mulher e uma caixa de lentes de contato. O homem tinha cabelo castanho bem curto, vestia umas calças de ganga e uma sweatshirt folgada e calçava uns Nike muito gastos. A sua altura, o seu peso e o seu aspecto não despertavam as atenções.

CAPÍTULO 11

A Capela de Santa Ana estava a abarrotar para o funeral de Evie. Lá fora, o dia estava tão cinzento e sombrio como a disposição de quem se encontrava lá dentro. Evelyn DellaRosa, vibrante, uma rainha de beleza encantadora, uma escritora e repórter dotada, morrera de repente aos trinta e oito anos. Eram poucos os presentes que não refletiam na transitoriedade da vida e nos caprichos da doença e da sorte.

A igreja de pedra branca, com cento e cinquenta anos de existência, erguia-se no relvado pitoresco de Sharpston, a cidade do Norte de Nova Jersey onde Evie fora criada e os pais ainda viviam. Harry observou que, naquele dia, ela albergava muita gente — uma verdadeira homenagem a Evie. Mas, à medida que as pessoas iam chegando, Harry sentia que conhecia cada vez menos a mulher. Além dos parentes, de vários amigos de Harry, do hospital e dos vizinhos do prédio, havia colegas da revista e vários artistas e patronos das artes.

Via-se gente da estação de televisão onde Evie já não trabalhava há mais de dez anos e algumas pessoas que Harry nem conhecia. Pouco antes do serviço religioso, o primeiro marido de Evie, John Cox, agora um elemento importante de uma cadeia de televisão, entrou com uma jovem deslumbrante. Tanto quanto Harry sabia, Evie não falava com o ex-marido desde o divórcio de ambos, extremamente hostil. Contudo, ali estava ele.

Os dias de luto que se seguiram à morte de Evie tinham sido estragados por visitas de Albert Dickinson aos vizinhos de Harry no prédio, aos colegas no hospital e a Carmine e Dorothy DellaRosa.

Dorothy telefonara a Harry assim que o polícia saíra e fizera-lhe perguntas acerca de Caspar Sidonis.

— Dorothy, não sei se esse tal Sidonis está ou não a falando a verdade — respondera Harry. — E, francamente, não me interessa.

Eu amava a Evie e tenho certeza que ela me amava. Mesmo que ela estivesse envolvida com esse outro homem, o que duvido, tenho certeza que teríamos resolvido as coisas a tempo.

— Oh, meu Deus! — foi o que Dorothy conseguiu dizer. Quando o serviço religioso estava prestes a começar, Harry olhou para trás e avistou Caspar Sidonis a entrar na última fila. Ao ver o homem, sentiu um misto de fúria e de vergonha. Cornudo era uma palavra repugnante e um conceito ainda mais desagradável.

— O Sidonis entrou agora mesmo — segredou ele a Julia Ransome, a agente literária que era a melhor amiga de Evie na cidade.

— E estás ralado com isso? — retorquiu ela, sem se incomodar a olhar para trás.

Harry pensou nas suas palavras. Talvez fosse por ser agente literária, mas Julia sempre tivera o condão de chegar à essência de qualquer situação.

— Não — respondeu ele por fim. — Para dizer a verdade, acho que não.

A partir do momento em que se afastara do corpo de Evie e saíra do seu quarto no hospital, Harry tentara separar os seus sentimentos.

Pensou em mudar-se, abandonar a medicina e partir, talvez em recomeçar num daqueles paraísos eternamente quentes e com uma baixa taxa de criminalidade, que os médicos estavam sempre a enaltecer. Porém, tal como não conseguira trocar os seus pacientes pelo emprego na Hoolins-McCue, saberia que não os abandonaria neste momento. Nem Albert Dickinson o deixaria partir.

A pequena urna com os restos mortais de Evie estava assente num estrado coberto, rodeado de flores. Ao meio de uma grinalda de rosas brancas, via-se um exemplar do mesmo retrato imaculado, insípido e profissional que ela pusera em cima da secretária de Harry. Não haveria enterro. No dia em que a notícia da sua morte fora publicada no Times, um advogado de Manhattan entrara em contato com Harry.

Três semanas antes, Evie fizera um novo testamento que introduzia algumas alterações no anterior. Nele, pedia para ser cremada e alterava o beneficiário das suas joias e obras de arte, Harry. Agora os beneficiários eram os pais — outro sinal de que ela antevira o fim do seu casamento. Harry era o beneficiário de uma apólice de seguro de duzentos e cinquenta mil dólares, que ambos tinham feito há alguns anos. No testamento, não havia qualquer referência a Caspar Sidonis.

Harry sentou-se na primeira fila, entre Julia e os pais de Evie. O irmão, Phil, Gail e os três filhos estavam à direita de Julia. Doug Atwater estava sentado atrás dele. Harry sentia-se agradecido por nenhum deles conseguir ler-lhe os pensamentos, que, naquele momento, eram dominados pelo desejo de que tudo aquilo acabasse para ele voltar para casa. Com a ajuda do sócio, Steve Josephson, da mulher deste e de uma empresa de serviços de limpeza, o apartamento voltara ao normal, excepto algumas gavetas partidas e os valores roubados.

Agora, Harry só queria passar uma ou duas noites sentado no C. C.'s Cellar, com o seu pequeno conjunto, e depois entregar-se à sua atividade e aos seus pacientes.

A missa foi digna e razoavelmente breve. Harry poderia ter usado da palavra, mas optou por não o fazer. O padre, que conhecia Evie desde a infância, fez o possível para dar um sentido à sua morte, mas Harry só ouvira fragmentos do que ele dissera. Preocupava-se em tentar extrair um sentido da sua vida. O seu pensamento continuava a resvalar para o tubo intravenoso de Evie e para o médico ou impostor que conseguira entrar e sair da unidade neurocirúrgica sem ser visto pelo pessoal. Agora, para complicar ainda mais o enigma, havia três chaves numa corrente com uma pata de coelho.

— Estás bem? — segredou-lhe Julia, quando o padre terminou o elogio fúnebre.

— Nem por isso — respondeu Harry. — Ouve, Julia, podes vir tomar um copo comigo esta noite? Há umas coisas acerca das quais gostava de falar contigo.

Embora Evie e ele se encontrassem de vez em quando com Julia e o marido numa festa, Harry nunca estivera a sós com ela. Julia era mais velha do que Evie, magra, atraente e muito inteligente. A sua agência era uma das mais bem sucedidas de Manhattan. Julia ia no terceiro casamento.

Julia ficou a pensar no pedido de Harry. Alguns minutos depois, durante a comunhão, inclinou-se e disse-lhe ao ouvido: — Às nove horas no Ambrósia.

Embora Phil, Julia e Doug Atwater se oferecessem para lhe fazer companhia, Harry ficou sozinho no santuário, até sair toda a gente.

— Posso fazer alguma coisa?

O padre Francis Moore falou baixinho, mas mesmo assim Harry assustou-se.

— Não. Não, obrigado, padre. Eu estava só a pensar.

— Compreendo.

Harry deu meia volta e encaminhou-se para a saída. O velho padre caminhava a seu lado, com a Bíblia na mão.

— Acompanha os DellaRosa? — perguntou ele.

— Sim. Um pouco. Estou muito cansado.

Harry não podia deixar de acompanhar os sogros, mas estava decidido a regressar à cidade logo que pudesse.

— Compreendo — disse outra vez o padre Moore. — Embora ainda não nos conhecêssemos, a Dorothy e o Carmine sempre me disseram muito bem de si. Acham que é uma pessoa muito gentil e amável.

— Obrigado — disse Harry.

Saíram da igreja. Harry ia uns centímetros à frente do padre. À distância, encontravam-se alguns grupos de pessoas a conversar ou à espera de transporte. Harry chegara ao fundo das escadas quando Caspar Sidonis se aproximou e o defrontou.

— Você matou-a, seu patife — segredou ele, com uma voz rouca e ameaçadora. — Você sabe e eu sei. E não tarda que toda a gente saiba. Você não suportou perdê-la e por isso matou-a.

Há trinta e três anos que Harry não dava um murro na cara de ninguém. Dessa vez, limitara-se a esfolar a face do valentão que o desafiara. A retribuição do rapaz, maior do que ele, fora rápida e

memorável. Desta vez, o murro de Harry, aplicado de um ângulo muito mais favorável e com muito mais raiva e autoridade, foi mais eficaz.

Atingiu fortemente a parte lateral do nariz de Sidonis. O cirurgião caiu de costas num arbusto baixo e ensopado pela água da chuva. O sangue brotou-lhe instantaneamente do nariz.

Chocado, o padre Moore deixou cair a Bíblia. Harry apanhou-a tranquilamente, limpou-a às calças e entregou-a, dizendo: — Acho que afinal não sou assim tão gentil, padre.

O Ambrósia era um clube de primeira categoria, sempre cheio, que ficava em Lexington, junto da Rua 79. Harry passou uma hora no consultório a ler relatórios laboratoriais sobre os pacientes e a fazer trabalho burocrático, antes de apanhar o táxi para o clube. A chuva miudinha que caíra durante quase todo o dia desaparecera, e o nevoeiro denso começara a dissipar-se. A cidade parecia limpa e renovada. Ainda não eram nove horas, mas Julia Ransome já lá estava, afagando um copo, numa das mesas altas de acrílico negro, em frente do bar. Era relativamente cedo para os padrões de Manhattan, mas o bar já estava cheio.

Julia e Harry beijaram-se na face. Julia trazia uma blusa de seda preta e um colete indiano, e parecia muito à vontade no meio daquela gente bonita.

— A quem é que tiveste de pagar para conseguires esta mesa?
— perguntou Harry.

— O Donny, o empregado do bar, anda a escrever um romance há dez anos, mais ou menos — respondeu ela, a sorrir.

— Prometi lê-lo quando ele o acabar. Entretanto, telefono com antecedência e ele senta um ou dois tipos nos bancos até eu chegar.

É uma das vantagens de ser uma agente literária. A minha costureira também anda a escrever o seu primeiro romance. E o canalizador, que aparece em minha casa dez minutos depois de eu telefonar, seja de dia ou de noite. O truque é conseguir adivinhar quais as pessoas que nunca terão a sorte de concluir o seu livro. De vez em quando, engano-me. Quando isso acontece, tenho mesmo de o ler e começo a procurar um novo mecânico, um novo dentista, *etc.*

— Bem, obrigado por teres aceitado encontrar-te comigo nestas circunstâncias.

— Se julgas que eu não o faria, é porque não consegui dar-te a entender que és uma das pessoas de quem eu mais gosto.

— Obrigado.

— Falo a sério, Harry.

Julia acabou de beber o que tinha no copo e chamou o criado com um simples gesto de cabeça.

— O que bebes esta noite?

— Um bourbon puro. Pode ser duplo.

— Uau! Um bourbon duplo, puro. Há uma faceta tua que eu nunca conheci.

— Não te preocupes. Se eu chegar a acabá-lo, terão de me levar daqui num carrinho de mão.

Harry esperou que o empregado voltasse com as bebidas e se afastasse. Depois disse: — Julia, fale de Evie.

Julia examinou o copo.

— O que quer saber?

— Nesta fase, quase tudo o que queiras partilhar comigo será uma novidade para mim. O cirurgião de que te falei hoje na igreja, aquele que diz que a Evie estava apaixonada por ele, está convencido de que eu lhe dei alguma coisa, uma droga, para provocar a ruptura do aneurisma. Ele está enganado a meu respeito, mas não sei se não estará certo quanto ao resto da sua teoria... — Harry falou da noite de pesadelo no Alexander 9, da sua conversa com o anestesista e das suas conclusões. — Julia, não faço ideia se a Evie estava envolvida com outro homem, apesar de, neste último ano, não se ter mostrado interessada em mim. Admito que ela te tenha falado nalgumas coisas que... que eu ignorava.

No silêncio que se seguiu, Harry teve certeza que Julia ia negar que sabia do que ele estava a falar. Mas, de súbito, a mulher levantou a cabeça e fez um sinal afirmativo.

— Foste ultrapassado desde o início, Harry. Talvez tenhas conseguido lidar com os vietcongues, mas nunca tiveste hipótese contra a Evie DellaRosa. — Julia lançou-lhe um sorriso rápido e irônico e prosseguiu.

— Eu e ela conhecemo-nos durante um Verão em que vivemos juntas, quando andávamos na faculdade. Já lá vão quase vinte anos. Ela era uma pessoa empolgante e misteriosa em muitos aspectos, e Deus bem sabe que vou sentir a sua falta. Mas, ao longo de todos estes anos, nunca a conheci bem. Tivesse ela o que tivesse... tivesse ela quem tivesse, queria sempre mais. E não se preocupava muito com o que acontecesse ou, infelizmente, com quem saísse ferido no processo. Essa sua faceta, esse carisma sedutor, sempre me assustou. Impediu que nos aproximássemos mais. Hoje, o John Cox estava no funeral. Viste-o?

— Sim, vi.

— O que é que a Evie te contou sobre a separação de ambos?

— Que o apanhou a enganá-la com outras mulheres e que, quando o confrontou, ele a despediu e a baniu do sector das telecomunicações.

— Isso condiz com o fato de ele ter aparecido hoje no funeral dela?

— Não. Confesso que fiquei admirado ao vê-lo.

— O John Cox era louco pela Evie. Ela é que tinha um caso com o patrão do John, Harry. Só sei o que o John me contou, e não é muito, mas o patrão, e não o John, é que lhe deu com os pés. É que a baniu do sector. Acho que o John lhe teria dado outra oportunidade. Mas ela não estava interessada.

— Ela foi feliz comigo?

— Durante algum tempo... Talvez durante um ano ou dois. Harry, a Evie precisava de estar no galarim. Precisava de ser o centro das atenções. Uma parte dela combatia essa necessidade. Por isso é que ela casou contigo, acho eu. Por uma questão de estabilidade. Mas vencer era o impulso mais forte.

— Sabias da existência do Sidonis?

— Não. Nem da dele nem da de outros homens durante o seu casamento, se é que os houve. Creio que não era assunto suficientemente importante para que a Evie falasse dele. Ou talvez ela não confiasse assim tanto em mim.

— Sei que ela estava descontente com o emprego na revista, mas...

— Odiava-o. Ela nasceu para estar à frente das câmaras, Harry. Bem sabes. Pelo menos, devias saber. A partir do momento em que ela começou a trabalhar na Manhattan Woman, começou a tentar o regresso à ribalta.

— Ultimamente, eu tive a impressão de que ela andava envolvida em qualquer trabalho especial.

— Acho que tens razão.

— Sabes o que era? Julia abanou a cabeça.

— Tentei que ela me contasse, da última vez que estivemos juntas. Ela só me disse que era uma coisa em grande e que os produtores de A Current Affair e de outros programas condensados já começavam a oferecer-lhe bom dinheiro e garantias, só para ver quais eram as suas possibilidades.

Harry olhou para uma das paredes do clube. Nela, artisticamente feita, estava uma escultura de néon, com um metro e oitenta de altura, que representava o perfil e a mão de uma mulher. Aparentava vinte e poucos anos e fumava um cigarro numa grande boquilha. Embora Evie raramente fumasse, havia na escultura qualquer coisa que lhe lembrava a mulher. Desconfiava que se passaria muito tempo antes que isso deixasse de acontecer.

— Não tenho mais perguntas a fazer, Meretíssima — disse Harry, acabando o seu bourbon. — Obrigada por te teres encontrado comigo assim, Julia.

— Que disparate. És um tipo bestial. E quer ela apreciasse quer não, a Evie teve sorte por te ter conhecido. Harry, achas que alguém a matou de propósito?

— Não sei o que pensar. A análise ao sangue dela deve estar concluída dentro de algumas semanas, ou mais cedo, se o detetive da Polícia que quer exhibir o meu escalpe no seu gabinete fizer por isso. Estou preocupado com o que pode acontecer se um dos testes for positivo, mas também não sei se confiarei nos resultados se eles forem negativos.

— Então acreditas nessa mulher, na companheira de quarto de Evie?

Harry examinou a fumadora de néon enquanto pensava na pergunta.

Dois dias depois da morte de Evie, voltara ao Alexander 9, mas Maura Hugues fora mandada para casa. "A tremer como varas verdes, mas já sem andar à caça de aranhas." Fora assim que uma das enfermeiras descrevera Maura quando esta tivera alta. Harry tinha certeza que o verdadeiro motivo da sua rápida saída do hospital fora a recusa da companhia de seguros em pagar mais dias de internamento. Um cenário típico. As companhias encurtavam os internamentos e recusavam -se a pagar, quase com o mesmo vigor com que negavam quaisquer responsabilidades nas consequências das suas apólices.

— Harry? — Julia olhava-o com curiosidade. — Fiz-te uma pergunta sobre a companheira de quarto da Evie no hospital. Pareceu-me que ias responder, mas depois afastaste-te.

Harry olhou para o copo vazio. Vários anos de abstinência tinham-no reduzido à condição de amador. Sabia que o fato de se distrair com facilidade era a primeira prova de que ainda não estava bêbedo, mas pouco faltava para isso.

"E depois? Quanto mais bêbedo, melhor", pensou.

— Sim, acredito nela. Um médico, ou alguém que se fez passar por médico, entrou no quarto depois de eu ter saído. Pouco depois, o aneurisma da Evie rebentou. Creio que ele lhe injetou qualquer coisa no líquido intravenoso. Talvez isso em que a Evie andava a trabalhar tenha alguma relação com o que aconteceu. Quem me dera saber o que tudo isto significa.

— Contataste com alguém do escritório?

— Da revista?

— Não, do da Village.

— O quê?

— Ela tinha um escritório alugado... um local de trabalho, percebes?

Algures em Greenwich Village. Não sabias?

— Eu... não. Também não sabia. Sabes onde era?

— Não faço ideia.

Harry meteu a mão na algibeira, onde guardava a pata de coelho e as chaves de Evie.

— Julia, preciso de encontrar esse escritório — disse ele. Julia olhou para ele, preocupada.

— Precisas de ir para casa e dormir, Harry. Amanhã, esse escritório ainda estará no mesmo sítio. Além disso, se não sabes onde fica, pode não ser fácil descobri-lo. Ela não tinha telefone. É tudo o que me lembro de ela ter dito acerca dele.

— Obrigado — agradeceu Harry. — Julia, quem era a Evie?

A agente literária deixou uma nota de vinte dólares e outra de dez debaixo do copo e encaminhou-o para a saída, para a atmosfera fresca da noite.

— Harry, se fizesses essa pergunta a dez pessoas diferentes da vida da Evie, talvez recebesses dez respostas completamente diferentes.

Serias como aqueles cegos que tentam descrever um elefante pelas partes que sentem. Cobra, árvore, muro, pedra, folha. Todos têm razão... mas só até certo ponto. Vamos no mesmo táxi para casa?

Harry sabia que ela vivia quase na direção oposta do seu apartamento.

— Ouve, não te preocupes comigo — respondeu. Preciso de andar um bocado a pé para tirar umas teias de aranha da cabeça. Vou descansar, prometo.

Esperaram que aparecesse um táxi para Julia e depois abraçaram-se.

— Telefona, se precisares de mim — disse ela. — E não moas a cabeça a tentar ver mais do que o resto dos cegos.

Harry viu o táxi desaparecer à esquina e depois encaminhou-se lentamente para o centro da cidade.

CAPÍTULO 12

Harry desceu Lexington até chegar à Rua 58 e depois atravessou para a zona sul de Central Park. Adorava andar pela cidade a qualquer hora, mas sobretudo à noite. Também era verdade que não tinha pressa. O bourbon duplo estava definitivamente a atrasá-lo.

Pensou em dar a noite como perdida e entrar em mais um ou dois bares. Mas queria pensar no que Julia Ransome lhe contara e nunca fora grande pensador quando estava embriagado.

Durante os dezoito meses passados no Vietname, tornara-se uma espécie de alcoólico funcional, bebendo muitas vezes em excesso para conseguir enfrentar os horrores do seu trabalho. Nesse domínio, não era muito diferente dos outros oficiais. Felizmente, conseguira praticamente deixar de beber depois da guerra; e, acima de tudo, nunca cedera ao impulso de amortecer o que sentia com narcóticos.

Para muitos médicos que tinham feito essa opção, a guerra continuava a atormentá-los, e assim seria até morrerem.

Atravessava a rua junto da fonte, em frente da Plaza, quando olhou para a Quinta Avenida. Os escritórios da revista Manhattan Woman ficavam na Rua 47. Eram quase onze horas. A menos que alguém estivesse a trabalhar na produção, não era provável que conseguisse ter acesso ao gabinete de Evie. Mas ainda não lhe apetecia ir para casa, e o C. C.'s Cellar devia estar muito cheio. O grupo que lá atuava nesse momento não era dos seus preferidos: um quarteto popular e progressista, cuja música considerava pretensiosa. Antes de ter oportunidade de repensar na opção de uma noite de farra, encaminhou-se para o escritório da revista. Comprou um pacote de rebuçados de hortelã-pimenta para disfarçar o cheiro a álcool.

Comeu-os todos durante os dez quarteirões que percorreu até chegar à Rua 47.

O guarda, sentado à secretária no átrio do edifício restaurado com gosto, pôs de lado o National Enquirer e olhou-o, desconfiado. Harry falou na morte de Evie e no seu desejo de ver as coisas dela, antes que estas fossem atiradas para uma caixa de cartão e guardadas por alguém. Tirou uma fotografia da carteira e uma nota de vinte dólares ao mesmo tempo. Durante algum tempo, o guarda examinou a mulher espetacular da fotografia, em seguida enfiou a nota no bolso e fez um telefonema. Três minutos depois, Harry saía do elevador e entrava nos escritórios da Manhattan Woman, que ficavam no vigésimo terceiro andar.

— Doutor DellaRosa, todos nós lamentamos muito a morte da Evie. Sou o Chuck Gerhardt, da maquetagem.

O homem, de trinta e poucos anos, cabelo curto e ralo, vestia umas calças de ganga pretas justas e uma camisola de gola alta da mesma cor. A escultura abstrata de vidro e metal que trazia ao pescoço, pendurada numa pesada corrente, lembrou a Harry uma tuba. O seu aperto de mão frouxo não lhe custou mais do que uma caloria.

— Muito prazer — disse Harry. — E obrigado pelas suas condolências.

Não posso acreditar que ela já não é viva.

Dr. DellaRosa. Harry concordava com Evie e com todas as outras mulheres que optavam por não trocar o seu apelido pelo do marido.

Mas não valia a pena corrigir o homem. Harry nunca fora convidado a subir ao escritório, ao longo de todos aqueles anos, e não tencionava voltar a pôr lá os pés. Procurava uma pista, uma pista qualquer que lhe permitisse desvendar o projeto secreto de Evie, ou o conduzisse ao seu esconderijo em Greenwich Village. É claro que quaisquer outros elementos que o esclarecessem acerca da vida da desconhecida com quem fora casado durante nove anos seriam bem-vindos.

— Tem sorte em eu estar aqui — disse Gerhardt. — A revista sai para a semana e eu tenho montes de trabalho para fazer. Chamamos-lhe o método do pânico. Por isso é que eu não fui ao

funeral hoje. Os chefes foram todos, mas aqueles que trabalham verdadeiramente aqui dentro ficaram amarrados às secretárias.

— Lamento que não tenha conseguido ir. Foi um belo serviço religioso.

E peço desculpa por o incomodar assim.

— Ouça, não há problema. Nem posso acreditar que a Evie morreu. Ela era a melhor, doutor DellaRosa. Era capaz de despir a própria camisa para a dar.

— Eu sei — afirmou Harry. A ironia implícita na metáfora do homem não lhe passou despercebida. — Ouça, não tenho tido mãos a medir desde o funeral. Andava a passear pela cidade e resolvi passar por cá, para levar as coisas da Evie.

Chuck Gerhardt deitou-lhe um olhar estranho.

— Doutor DellaRosa, tenho certeza que o homem que o senhor cá mandou já se encarregou disso. Ontem. Não, anteontem. Lembro-me porque...

— Viu esse homem?

Harry sentiu todos os músculos do corpo a retesarem-se.

— Só de passagem. Por acaso, estava na recepção quando ele entrou.

A Kathy, a recepcionista, é que foi com ele ao gabinete da Evie. O que há?

— Oh, nada — respondeu Harry, disfarçando. — Eu sei o que aconteceu.

Foi o meu sócio. O ginásio dele fica aqui perto. Ele ofereceu-se para passar por cá há uns dias. Com tudo o que se tem passado, esqueci. Mas não se importa que eu lá vá?

— Claro que não.

— É ao fundo daquele hall, não é?

— Não... hum, o gabinete dela fica ao fundo desse corredor. Há dois anos.

— Sim, sim, claro. Já há algum tempo que cá não vinha.

O nome de Evie ainda figurava na porta de madeira de carvalho. Harry entrou, sabendo que o gesto era inútil. E tinha razão. O gabinete estava completamente limpo. Não havia nada nem em cima nem dentro da secretária, nada no arquivador, nada nas paredes. Os

livros que antes se encontravam na pequena estante estavam cuidadosamente empilhados a um canto. Harry não tinha dúvidas de que tudo fora esquadrihado, em busca de papéis ou de compartimentos secretos. A pequena dúvida que tinha quanto ao assalto ao seu apartamento desvaneceu-se. O roubo destinara-se apenas a encobrir uma busca radical. Mas para quê?

Só para apaziguar a consciência, Harry verificou a parte de baixo de cada prateleira, assim como o fundo das três gavetas da secretária.

Nada. O cesto dos papéis estava vazio. Harry tentou imaginar como é que alguém podia ter entrado no gabinete, esvaziando-o daquela maneira. A história contada à recepcionista devia ter sido muito convincente e contada com muito cuidado. O próprio homem devia ser frio como gelo. Não se tratava de um amador.

Os roubos do apartamento e do gabinete de Evie estavam ligados à sua morte? Como é que poderiam não estar? Por impulso, Harry sentou-se na cadeira da secretária e ligou o computador de Evie. O disco duro manifestou-se imediatamente. Harry respondeu e ficou à espera. Mas não aconteceu mais nada. Não havia ficheiros. Nem um.

Nem uma carta, nem um artigo, nem sequer um programa de processamento de texto. Os dados armazenados no computador tinham sido extraídos como moedas de um mealheiro.

— Precisa de ajuda?

Chuck Gerhardt estava à porta, a sorrir, com um ar compreensivo.

O sorriso débil e confuso de Harry era totalmente sincero.

— Não, obrigado. Obrigado por tudo.

Gerhardt pôs três notas de dez dólares em cima da secretária.

— Eu devia isto à Evie — disse ele. — Agora acho que os devo a si.

— Que absurdo. Por favor fique com o dinheiro. Se ela quis emprestar, tenho certeza que gostaria que ficasse com ele.

— Oh, não foi um empréstimo. Ela tinha um amigo na Village que trabalhava em joalheria exótica. A corrente desfez-se e o medalhão caiu no chão de mármore da entrada, lá em baixo. Partiu-se em

vários pedaços. Comprei-o na Alemanha, durante umas férias muito especiais com uma amiga muito especial. Julguei que não tinha arranjo, mas o joalheiro da Evie salvou a situação.

A Village. Quando fazia compras, Evie nunca ia além da Saks da Quinta Avenida. Até o C.C.'s lhe parecia boêmio. A primeira vez que Harry ouvira falar de uma ligação entre Evie e Greenwich Village fora quando Julia se referira ao escritório secreto. Agora, isto.

— Chuck, por acaso sabe quem é esse joalheiro?

— Bem, a Evie nunca me disse, mas o cartão dele vinha dentro da caixa onde veio o medalhão. Tenho quase certeza que o guardei. Venha ao meu gabinete.

Harry foi atrás de Gerhardt, até chegar a um grande estúdio repleto de ferramentas e de outros utensílios necessários à sua atividade. O maquetista vasculhou na secretária e depois exibiu, com um ar triunfante, um cartão de visita. Paladin Thorvald, Joalheria Fina, Antiquidades e Peças de Colecção. Harry copiou os dados.

— Agora pode ficar com o dinheiro à vontade, Chuck disse ele, dando-lhe uma palmadinha nas costas. — Bem o mereceu.

Harry parou junto de uma máquina de multibanco para levantar dinheiro e depois apanhou um táxi para a Village. A joalheria e loja de antiguidades de Paladin Thorvald ficava mesmo em frente de Bleecker Street, a dois quarteirões de distância da Bowery. Era quase uma hora da madrugada, mas, naquele local, tal como em muitos outros de Manhattan, ainda se viam várias pessoas na rua — algumas, evidentemente, os notívagos omnipresentes, que aguardavam o seu quinhão da noite.

Harry não tinha mais nada em mente a não ser mostrar a fotografia de Evie a alguém que a reconhecesse. Se não tivesse sorte, iria para casa dormir e voltaria na manhã seguinte. A rapidez era importante.

Quem quer que revistara o apartamento e o gabinete de Evie era poderoso e estava suficientemente desesperado para matar. E para piorar a situação, Albert Dickinson estava à espera de um relatório positivo do médico legista antes de se lançar sobre o seu único suspeito, um tal H. Corbett.

O pequeno estabelecimento de Thorvald ficava no primeiro andar de um prédio degradado de tijolos amarelos. Tinha grades de ferro na única montra e uma pequena placa com o horário de funcionamento, que era das 9 às 19 horas. Harry espreitou lá para dentro. Uma única lâmpada fumada iluminava uma coleção que, em grande parte, parecia ter atravessado a fronteira que separa as antiguidades da sucata. Não era o gênero de Evie. Não era possível que ela se tivesse desviado do seu caminho para visitar aquele estabelecimento. Harry tinha certeza. O escritório dela devia ser ali perto.

Harry mostrou a fotografia dela a três pessoas que saíam de uma loja de conveniência, e depois ao empregado. Este, que era paquistanês ou indiano, reconheceu em Evie uma cliente habitual, mas não sabia onde ela vivia. O homem trabalhava apenas no turno da noite, a partir das onze horas.

Harry não imaginava a mulher a andar por aquelas ruas sozinha, de noite. Pelo menos até esse momento. À medida que ia andando, sentia que os notívagos o fixavam e se aproximavam. Tomavam-no ou por homossexual ou por uma vítima fácil, possivelmente por ambos. Não tardaria que o atacassem. Harry olhou para o relógio.

Fora estúpido em ir ali àquela hora. Espreitando por cima do ombro várias vezes ao passar por cada quarteirão, voltou para trás, na direção da loja de Thorvald. Duas pessoas que passaram por ele nunca tinham visto Evie e outras duas afastaram-se a correr quando ele se aproximou. Resolveu apanhar um táxi e ir para casa. Ao passar pela loja de antiguidades, voltou a espreitar pelas grades. Um homem grande, de barba, com uma camisa solta ou um cafetã, andava de um lado para o outro nas traseiras do estabelecimento.

Harry bateu no vidro. O homem levantou a cabeça e fez-lhe sinal para que se fosse embora. Harry bateu outra vez. Dessa vez mostrou a fotografia de Evie e duas notas de vinte dólares. O homem hesitou e depois aproximou-se. Com o seu cafetã profusamente bordado, a barba comprida, um rabo-de-cavalo grosso e um único brinco, pesado, de ouro, mais parecia o resultado de um cruzamento entre Eric, o Vermelho e Ivan, o Terrível. Mas o seu rosto, susceptível de assustar uma criança, era amável e inspirava

confiança. Espreitou a fotografia através da montra. Harry percebeu que ele a reconheceria e apressou-se a apontar para a aliança, para a fotografia, para si próprio e por último para as notas. Paladin Thorvald hesitou, depois encolheu os ombros, desativou uma espécie de sistema de alarme e abriu a porta.

— Você é o marido de Desiree? — perguntou, depois de Harry se ter apresentado. — Nunca imaginei que ela fosse casada. E muito menos com um médico.

Harry recordou as muitas horas que Evie e ele tinham passado a escolher o anel de noivado e depois as alianças. Saber que ela vagueava pela Village de madrugada, com o nome de Desiree e sem aliança, já quase não o surpreendia.

— Garanto-lhe, Mister Thorvald. Sou o marido dela. Pelo menos até há pouco tempo. Posso entrar e falar consigo por um minuto?

Embora Thorvald tivesse recuado alguns passos para o deixar entrar, Harry percebeu que o homem estava receoso. Resolveu que não havia motivo para esconder nada, a não ser que a morte de Evie estava a ser investigada como um possível homicídio.

Deu-lhe as duas notas.

— Ouça, guarde isso — disse ele.

Thorvald não precisou de ouvir a oferta duas vezes. Enfiou as notas no fundo da algibeira do cafetã e ouviu, impassível, a história de Harry.

— Então, o que quer saber exatamente? — perguntou ele quando Harry terminou. Continuava a mostrar-se cauteloso.

— Se me pudesse dizer onde ela vivia, seria ótimo.

— Há muitos tipos de gente que vive aqui na Village por vários motivos diferentes. Um deles é o respeito pela privacidade que temos aqui e que não existe em muitos outros locais. Vivemos e deixamos viver, se é que percebe o que eu quero dizer. Se a Desiree era sua mulher, e não lhe disse onde vivia, lá teria as suas razões.

Harry não fez um grande esforço para imprimir dramatismo à sua voz.

— Mister Thorvald, por favor. A Evie morreu. Tinha trinta e oito anos e morreu. Tínhamos casa, amigos e planos para o futuro. Preciso de saber quem era a Desiree. Independentemente do que

chamava a si própria, era minha mulher. Estou certo de que tenho as chaves da casa dela. Por favor. Diga-me qual é o prédio e eu saio já daqui. Não lhe peço mais nada. Só isso.

Thorvald afagou a barba e olhou para as sandálias que tinha nos pés.

— Duas portas mais abaixo — alvitrou por fim. — Uma porta vermelha recém-pintada. Segundo andar, acho que foi o que ela me disse uma vez. Não tenho certeza. Nunca entrei no prédio.

— Obrigado. Sei que não queria dizer-me nada — disse Harry. — Não voltarei a incomodá-lo.

Paladin Thorvald examinou o rosto de Harry.

— Lamento a morte da sua mulher — concluiu.

Por cima da porta vermelha, havia duas pequenas vidraças. Harry pôs-se em bicos de pés e espreitou lá para dentro. A entrada estava deserta. Harry olhou à sua volta para ver se a gente das sombras ainda andava perto, e depois tirou a pata de coelho e as chaves da algibeira. No seu íntimo, subsistia a ideia de que partira de um conceito errado e construía uma vida secreta para Evie à volta dele. Essa última réstia de esperança desvaneceu-se quando deu a primeira volta na fechadura.

Entrou e fechou a porta vermelha atrás de si. O átrio pequeno e pouco iluminado, apesar de não cheirar mal, beneficiaria decerto com uma limpeza. Havia uma mesa pequena e riscada para revistas, duas filas de caixas de correio, cerca de vinte e cinco no total, e duas colunas de telefones internos. Harry examinou os nomes das caixas, cada uma das quais tinha um rótulo de plástico preto no qual figuravam uma primeira inicial e o último apelido. Tinham sido acrescentados alguns apelidos com tiras de papel adesivo. Nenhuma das iniciais era D e nenhum dos apelidos era familiar a Harry. Mas o apartamento 2F não tinha nome. A chave do correio que se encontrava no porta-chaves de Evie era daquela fechadura. A caixa estava vazia. De repente, ouviu-se um pequeno ruído do lado de fora da porta, como se alguém estivesse a raspá-la. Harry virou-se. O seu pulso, já acelerado pelo estado de alerta, latejava. Não viu ninguém a espreitar pela janela, mas era quase certo que alguém o fizera.

Harry pensou em ir espreitar a rua, mas mudou de ideias. Era provável que não quisesse falar com quem quer que estivesse do lado de fora da porta. O que lhe interessava era chegar ao apartamento 2F.

O primeiro andar era constituído por um corredor escuro com paredes de estuque, ladeado por várias portas de apartamentos. De um dos lados, havia uma escada não alcatifada e tão estreita que Harry não percebia como é que as pessoas dos andares de cima conseguiam passar por ali com um sofá ou um frigorífico. Não lhe pareceu que houvesse elevador. Ainda nervoso com a ideia de que alguém pudesse tê-lo espreitado, Harry subiu a escada com cautela e sem fazer barulho.

O apartamento 2F ficava nas traseiras do prédio. Harry aproximou-se, tentando imaginar Evie a percorrer aquele mesmo corredor. Ao chegar à porta, pôs-se à escuta. Não ouviu nada. Bateu devagarinho. Nada.

Por fim, mais uma vez com o pulso a fazer-se notado, Harry meteu a segunda chave na fechadura, rodou-a e entrou no mundo da mulher que se autodenominava Desiree.

CAPÍTULO 13

O apartamento estava completamente às escuras. Harry aproveitou a luz do corredor para localizar um candeeiro, acendeu-o e fechou a porta atrás de si.

A sala pequena e com pouca mobília contrastava fortemente com o apartamento imaculado e impecavelmente decorado onde ambos tinham vivido. Era óbvio que se tratava do refúgio de uma escritora atarefada. Na carpete coçada viam-se arquivadores de cartão e pequenas pilhas de folhas manuscritas. Todas tinham etiquetas, cujos títulos sugeriam a existência de mais do que um projeto em curso.

Em cima de uma mesa articulada encontrava-se uma máquina de escrever eléctrica e, ao lado, uma mesa de computador com um PC e uma impressora laser. No chão, ao lado, havia um televisor, um gravador vídeo e sete ou oito vídeos, uma garrafa pela metade, um gravador de cassetes e duas dúzias de cassetes. Havia também um telefone. Harry ouviu o sinal de chamada e voltou a pousar o auscultador no descanso. O telefone não tinha número. Era provável que algumas pessoas tivessem acesso à linha. Mas a melhor amiga de Evie, Julia, não estava incluída nesse grupo.

Harry verificou a casa de banho, que estava vazia, e depois a cozinha.

Havia uma reserva de soda diet, uma máquina Braun de fazer café e um forno micro-ondas. Nos armários havia aperitivos e comida enlatada e, no frigorífico, algumas refeições congeladas e meia dúzia de gelados Ben & Jerry, os preferidos de Evie, de sabores diferentes.

Ao lado da cozinha, havia uma pequena casa de banho com um duche mas sem banheira. O champô era da marca de Evie e o

aroma misto de pós e de sabonetes fez-lhe lembrar a mulher. Por cima do lavatório, havia um armário de medicamentos.

Harry viu-se ao espelho. Tinha um aspecto horrível, cansado, abatido e a precisar de fazer a barba. Perguntou a si próprio se Gene Hackman tivera alguma vez um aspecto tão desagradável. Dentro do armário, viam-se vários frascos de comprimidos sem rótulo. Harry reconheceu o Valium, o Seconol e uma série de anfetaminas.

Desconfiava que os outros fossem analgésicos. Todos os rótulos tinham sido arrancados. Havia também um pequeno frasco com pó branco. Harry pôs uma pitada no dedo umedecido e esfregou-o numa parte das gengivas. O torpor imediato que sentiu levou-o a admitir que se tratava de cocaína. Evie nunca revelara o mínimo interesse por drogas, e Harry não se lembrava de a ter visto aceitar sequer um pouco de marijuana que lhe tivessem oferecido numa festa.

Desiree devia consumir drogas para se distrair ou, quando muito, com raridade. Apesar da sua dupla identidade, se Evie fosse toxicod dependente, Harry teria dado por isso.

Harry abriu a única gaveta existente e ficou completamente arrasado ao ver o seu conteúdo. Tinha apenas preservativos talvez de quinze tipos e marcas diferentes, em caixas e em embalagens individuais — uns comuns, comprados em supermercados, outros exóticos, adquiridos em estabelecimentos especializados. Harry pegou numa embalagem. De um lado, tinha um rótulo onde se lia Thai Tickler, e do outro, um desenho lascivo, acompanhado de uma promessa: Prazer Garantido para Ele e para Ela. Furioso, Harry atirou-o na gaveta e fechou-a. Uma parte dele queria ir-se embora, pura e simplesmente sair dali e esquecer tudo. Já soubera mais acerca da mulher e do seu alter ego do que queria saber. E receava ter de enfrentar as revelações que o aguardavam nas folhas de papel e nos ficheiros do computador da sala. Mas sabia que não podia recuar.

Caíra no meio de um pesadelo e a única maneira de sair dele era suportá-lo até ao fim.

No quarto, mal havia espaço para um toucador estreito e uma cama grande feita de lavado. Armários duplos, de ripas, cobriam

uma das paredes. Harry espreitou debaixo da cama e em seguida abriu um dos armários. Os vestidos de noite — catorze, ao todo — eram elegantes, sensuais e nada baratos. No chão, por baixo deles, viam-se diversos pares de sapatos, todos provenientes das lojas caras que Evie frequentava. Noutro armário, havia uma coleção de camisas de noite, túnicas, roupa interior e outras peças de vestuário extremamente provocantes.

A coleção espalhafatosa não era muito atraente aos olhos de Harry.

Excitava-o muito mais o toque do corpo de Evie por baixo de uma camisa de noite de flanela ou até de uma camisola de algodão. Talvez fosse por isso que ela raramente usava as poucas peças de vestuário de renda que tinha em casa. Ou talvez os métodos de Evie fossem apenas diferentes dos de Desiree. Confuso e mais triste do que irritado, Harry regressou à sala e aos textos que, muito provavelmente, tinham custado a vida a Evie.

Pegou num dossier estreito, em cuja etiqueta se lia apenas Introdução, e abriu-o na primeira página.

EM VALE DE LENÇÓIS

O PODER E A INFLUÊNCIA EXTRAORDINÁRIA DO SUBMUNDO SEXUAL NA AMÉRICA Os homens dizem que sou bela. As mulheres também, por sinal.

Sempre que me apercebo dessa reação, consigo utilizá-la em meu benefício. Sou inteligente e culta e interesso-me por muitas coisas.

Mas o que mais me interessa é o sexo. O sexo e o poder. Ao longo das páginas deste livro, saberá como eu — e as muitas, muitas mulheres com quem tenho trabalhado e que tenho entrevistado — me sirvo do aspecto e da atração física de outras pessoas, homens e mulheres, para as seduzir e controlar. Saberá de decisões empresariais que deram a ganhar ou deitaram a perder milhões de dólares, que foram tomadas apenas para agradar a uma de nós.

Saberá de detentores de importantes cargos políticos que foram despedidos e de outros que foram admitidos só porque uma de nós o exigiu. Às vezes, pagam-nos para exercermos a nossa influência —

grandes somas. As vezes, controlamos juízes, políticos, empresários e outros, só para provar que somos capazes.

Valemos esse dinheiro? Leia este livro e tire as suas próprias conclusões...

Harry pousou o dossier e abriu outro onde se lia Correspondência.

Continha cartas dos responsáveis de várias grandes editoras, que se mostravam muito interessados em receber amostras dos capítulos de Em Vale de Lençóis, de Desiree. A correspondência era enviada para a caixa postal de um agente de Manhattan, chamado Norman Quimby. Harry nunca ouvira Evie referir-se ao homem e perguntou a si próprio se ele existiria. Outras cartas eram de produtores de programas de televisão condensados. Essas cartas tinham sido escritas a Evie e remetidas para outra caixa postal. Nelas se dava a entender que, se ela conseguisse entregar Desiree e todo o material que afirmava ter em cassete e em filme, haveria sérias hipóteses de conseguir um contrato de longo prazo. Os produtores também prometiam averiguar como haviam de implementar um sistema de defesa altamente especializado, destinado a proteger a identidade de Desiree e a realçar a mística que a envolvia. Um dos produtores escrevera: Creio que é uma ideia maravilhosa fazer da identidade de Desiree o segredo mais bem guardado desde Pearl Harbor. Quando a série for para o ar, o livro será posto à venda e o entusiasmo que despertaremos deverá criar um fenômeno do tipo Madame X, Sydney Barrows, Christine Keeler e Heidi Fleiss num só, com uma pitada de Marilyn e de Kennedy à mistura. Ainda não posso falar-lhe de números, mas asseguro-lhe que, se me entregar o que afirma estar ao seu alcance, conseguiremos fazer negócio.

Harry pegou num dos vídeos, em cuja etiqueta se lia apenas #1.

Examinou os dossiers que estavam no chão. Num lia-se Vídeos. Lá dentro estavam seis histórias, cada uma com duas ou mais páginas e com um título constituído por um só algarismo. Harry escolheu o número 1 e pôs de parte os restantes. Introduziu a cassete no gravador.

Esta cassete descreve uma mulher que diz chamar-se Briana, leu Harry.

Tem trinta e um anos e foi rainha de beleza numa grande universidade do Sul do país. De dia, é fisioterapeuta numa clínica mesmo à saída de Washington, D. C. À noite, trabalha para um serviço de acompanhantes. Os seus honorários são de 2000 dólares por noite.

Tem apenas alguns clientes e só trabalha quando quer. O acordo que tem com a agência é de meio por meio. Há pouco tempo, engravidou do namorado e resolveu retirar-se do serviço de acompanhantes. O vídeo — uma espécie de presente oferecido por Briana a si própria — foi gravado por uma câmara oculta atrás dum espelho no seu apartamento. A proprietária do serviço de acompanhantes a que ela pertencia não sabia de nada. Briana agia por conta própria. Mas já vendera os seus serviços a um poderoso lobby do tabaco. Os seus honorários por ter influenciado o voto do senador que aparece com ela neste vídeo foram de 50 mil dólares. Quanto ao vídeo propriamente dito, custou outros 50 mil dólares. O seu rosto e a sua voz, assim como os do senador, foram disfarçados através de métodos eletrônicos...

com um fascínio mórbido, Harry viu uma mulher de seios grandes e jovens, corpo perfeito e musculado de adolescente a deixar-se despir por um homem cujo corpo não estava tão bem conservado. Tratando-o por "senador", ela gracejava, roçava-se nele e por último fazia amor com ele em troca da sua promessa de não apoiar o lançamento de mais um imposto sobre o tabaco. A mulher era extraordinariamente sensual, atraente e hábil... a tal ponto que o senador não aguentou mais de dois minutos desde o momento em que começou verdadeiramente a fazer amor com ela.

O disfarce dos rostos e das vozes não permitia identificar o homem, e Harry perguntou a si próprio se, de fato, o filme seria genuíno ou algo que Desiree encenara. Não figuraria a própria Desiree num ou mais vídeos? Infelizmente, era muito provável. Harry resolveu não ver os restantes antes de examinar todo o outro material.

Viu as horas. Eram quase duas da manhã. Em silêncio, agradeceu à sua profissão o fato de poder se autocontrolar hora a hora ou até minuto a minuto e folgar uma noite inteira, seguida de um dia

inteiro de trabalho. Ficaria ali até ao amanhecer, depois passaria por casa para tomar um duche e mudar de roupa e seguiria para o hospital.

Assim que se despachasse do consultório, voltaria.

Examinou os dossiers e as folhas soltas, tentando perceber como havia de organizar-se. Havia uma pequena pilha de papéis que lhe chamou a atenção. Tinha, talvez, cinco ou dez páginas, unidas por um elástico. No rótulo por baixo do elástico, Evie escrevera à mão, num autocolante amarelo: Executivos de Empresas (notas preliminares).

Ver também Diário de Desiree.

Eles reúnem-se de duas em duas semanas no Hotel Camelot.

São jovens, elegantes e poderosos. Fui escolhida pela Page para integrar um grupo de mais seis mulheres, todas selecionadas entre as mais belas e mais apetecíveis da cidade. Os honorários por cada noite de trabalho são de mil dólares, em dinheiro. Cada uma de nós foi destinada a um deles. Na minha primeira noite, uma terça-feira, mandaram-me para o quarto de...

Harry ficou hirto. Ouviu um ruído no corredor, do lado de fora da porta.

Tinha certeza. Alguém estava encostado à porta, à escuta. Voltou a pôr os papéis onde estavam, aproximou-se de uma das janelas em bicos de pés e subiu cuidadosamente a persiana. Havia uma escada de salvação e, por baixo, uma rua estreita. Mas as janelas tinham grades de ferro fechadas a cadeado. Harry voltou a aproximar-se da mesa onde deixara as chaves de Evie e manuseava-as sem fazer barulho quando ouviu dois toques suaves na porta. Avançou, mas depois parou. Alguém bateu mais duas vezes, dessa vez com mais insistência. Harry olhou para os papéis de Desiree. Não conseguiria esconder tudo.

— Quem é? — perguntou, aproximando-se para ouvir a resposta.

— É o Thorvald. Paladin Thorvald — respondeu o homem numa surdina forçada. — Preciso de falar consigo.

— Como é que veio cá ter?

— Por favor, é muito importante.

Harry olhou de novo à sua volta. Depois, encolhendo os ombros, abriu o ferrolho. Assim que rodou o puxador, dois homens de blusão escuro entraram. Um era alto e tinha a constituição física de um lutador profissional. O outro era muito mais baixo, mas entroncado. Ambos tinham enfiado meias de nylon na cara.

— Menti — grunhiu o mais alto, empurrando Harry para o interior do apartamento.

A reação de Harry foi puramente reflexa. Desferiu um soco em cheio na cara do homem mais alto, que foi embater na parede junto da porta. Em seguida, deu um pontapé ao outro, atingindo-o na parte lateral do joelho. O homem caiu de lado, a praguejar. Harry passou por ele a correr, em direção à porta, mas o mais alto apanhou-o pelas pernas e fê-lo estatelar-se no corredor.

— Socorro! — gritou Harry, levantando-se a custo.

Antes que conseguisse fugir, o homem enorme agarrou-o pelos tornozelos. Harry deu outro grito e tentou libertar-se. Pesava noventa quilos, mas o homem gigantesco manejava-o como se ele fosse um fantoche. O seu rosto, oculto pela meia, estava coberto de sangue.

— Dá cá isso, pelo amor de Deus. Este tipo é doido varrido! — exclamou ele, arrastando Harry para o interior do apartamento.

Com um pé livre, Harry atingiu o homem no queixo, conseguindo libertar-se mais uma vez. O homem mais forte, a cambalear mas de pé, tentou manietar Harry. Mas este estava possesso. Com o cotovelo, atingiu o homem na garganta e, qual dervixe rodopiante, deu uma volta de trezentos e sessenta graus, de que Baryshnikov se teria orgulhado. O homem atarracado voltou a cair.

A cambalear, Harry dirigiu-se para a porta. Mas a hesitação foi o suficiente para que o gigante o agarrasse outra vez. Todavia, Harry ainda tinha os braços livres. Concentrou-se mas, ao dar uma volta completa, sentiu uma dor terrível no peito e nas costas. Era a mesma sensação de eletrochoque que tivera no circuito de manutenção do hospital, mas mais forte. Sentiu que os joelhos tocavam um no outro.

A vista turvou-se-lhe. E, no mesmo instante, os dois homens caíram sobre ele e imobilizaram-no em cima da alcatifa.

— Dá cá essa coisa — disse um deles.

— Está bem, está bem, tenho-a aqui. Tenho-a aqui.

A transpirar e atordoado pela dor insuportável, Harry sentiu o cheiro adocicado e enjoativo do clorofórmio. Pouco depois, aplicaram-lhe um pano embebido em anestésico no nariz e na boca. A dor terrível no peito impediu-o de oferecer resistência. E de fato, quando começou a perder a consciência, sentiu um certo alívio por se libertar também da dor. Debateu-se enquanto pôde, recusando-se a inalar. Mas, com vários quilos em cima, a sua tenacidade foi de pouca dura.

“Qual será a sensação de estar morto?”, foi a última coisa em que pensou antes de perder a consciência.

Quais são os nomes dos ficheiros que leste?...

De que nomes é que te lembras?...

Ouviste alguma das cassetes?...

O que diziam?...

As perguntas flutuavam na escuridão como penas, roçando na consciência de Harry e afastando-se em seguida.

A tua mulher alguma vez te falou do seu trabalho?...

Como é que soubeste que este apartamento existia?...

Há quanto tempo sabes da sua existência?...

Quem mais é que sabe?...

A voz, masculina, era suave e nada exigente. Mas Harry sentia-se incapaz de resistir às respostas. As perguntas, cada vez mais monótonas, eram intercaladas com respostas lentas e indistintas numa voz que era a sua, e contudo não parecia uma voz humana.

Vamos recomeçar, Harry. Conta-nos tudo o que leste aqui esta noite...

Diz-me todos os nomes de que te lembras...

Todos os nomes...

Todos os nomes...

Harry estava deitado de costas, como que amarrado a uma cama.

Tinham-lhe tapado os olhos com algodão. Podia mexer as mãos, mas não os braços, e a cabeça, mas não os ombros.

— Deixem-me levantar — disse ele, com uma voz esquisita.

— Quando eu estiver convencido de que me disse tudo o que tem a dizer, será libertado. Deem-me mais Pentotal, por favor.

O cérebro de Harry começou a ganhar nitidez. A dor terrível no peito desaparecera, e ele não morreria... pelo menos era o que julgava.

— Esteja quieto, Harry. Não tente mexer o braço. Daqui a pouco já se sente melhor.

A voz do seu inquiridor era educada e inteligente; não era a de nenhum dos homens que o tinham atacado. Mas os outros dois estavam presentes. Harry tentou imaginar os três junto da cama, a olharem para ele.

— Ainda vou precisar mais disso. Encham-me metade dessa seringa com aquela cetamina. Não acredito que ele tenha mais alguma coisa a dizer-nos, mas veremos — disse o homem da voz educada.

Harry apercebeu-se do movimento junto do seu braço esquerdo e, de repente, sentiu um tubo intravenoso. "És tu, não é verdade?", pensou.

"És tu o médico do Alexander Nove!"

Um calor agradável sobrepôs-se à escuridão. Harry sentiu que começava a pairar. E, mais uma vez, as perguntas e as suas próprias respostas começaram a passar por ele.

De que mais é que te lembras?...

De que nomes?...

De que locais?...

De que cassetes?...

Que mais?...

Que mais?...

Que mais?...

Harry sentiu-se erguer das profundezas de um mar quente, escuro e impenetrável. Sentia a cabeça inchada, e o peito parecia um balão. As bolhas giravam à sua volta, à medida que, a pouco e pouco, palavra por palavra, o seu encontro com os dois rufiões e o subsequente interrogatório feito pelo homem da voz suave adquiriam contornos nítidos na sua mente. Estava amarrado a uma cama e... Esperem!

Devagarinho, levantou primeiro um braço e depois o outro. Os atilhos tinham desaparecido. Também as pernas estavam soltas. Tocou na fita adesiva que tinha nos olhos. Lentamente, com uma sensação de desconforto, retirou o adesivo. O quarto estava escuro como breu.

Resistindo a uma náusea súbita, levantou-se da cama e abriu a persiana. O sol da manhã ofuscou-o. Escondeu a cara no braço e ficou à espera.

Por fim, conseguiu olhar à sua volta. Encontrava-se no quarto de Desiree. Estava completamente vestido, embora os sapatos estivessem no chão, ao pé da cama. O seu relógio desaparecera.

Tinha uma pequena ferida provocada por uma picada na pele da parte de dentro do cotovelo esquerdo, decerto o sítio por onde entrara o tubo intravenoso. Com excepção do mobiliário, o quarto estava vazio.

Não havia roupas no roupeiro. Não havia perfumes no toucador. Nada.

A casa de banho e a sala tinham sido igualmente limpas dos haveres de Evie. O computador desaparecera e a gaveta do armário da casa de banho fora esvaziada do seu conteúdo deprimente. O armário dos medicamentos estava vazio. As chaves de Evie tinham sido levadas, embora as suas próprias chaves e a carteira estivessem em cima da mesa.

Harry deixou-se cair no sofá, com uma dor de cabeça castigadora que não parecia disposta a abandoná-lo tão cedo. Pegou no telefone e ligou para o consultório. Mary Tobin ficou muito aliviada ao ouvi-lo.

— Doutor Corbett, telefonei para todo o lado — disse ela.

— Até para a Polícia.

— Que horas são?

— Como disse?

— As horas, Mary.

— Meio-dia. Quase meio-dia. Onde é que está?

— Digo-lhe quando a vir. Preciso de ir a casa. Não estarei antes das três horas. Dê uma desculpa às pessoas. Compensarei o tempo no sábado.

— Está bem?

— Digamos que já estive melhor. Depois falo consigo.

Harry calçou os sapatos, fez uma inspeção final e infrutífera ao apartamento e foi para casa. As respostas tinham estado ali mesmo, ao seu alcance. Por não ter sido mais cuidadoso, perdera a oportunidade de se salvar a si próprio. Mas sabia muito melhor quem era verdadeiramente Evie DellaRosa. E além disso tinha uma voz... uma voz suave e educada, com um ligeiro sotaque britânico.

CAPÍTULO 14

Embora fossem apenas cinco da manhã, Kevin Loomis já estava pronto para ir trabalhar. Foi para a cozinha sem fazer barulho e fechou a porta com cuidado. Lá porque não conseguia dormir, isso não era motivo para acordar Nancy nem os miúdos. Deitara-se depois da meia-noite e levava pelo menos uma hora a adormecer. O que perfazia um total de dez horas de sono desde que vira a fotografia de Evie DellaRosa no obituário do Times. Por instantes, teve certeza que a mulher da fotografia era Desiree. Mas depois duvidou. Havia semelhanças inegáveis, mas a mulher da fotografia parecia mais nova, embora não tão atraente como Desiree.

Aqueceu um copo de café da véspera no micro-ondas e levou-o para o escritório da cave, um pequeno espaço que tinha entre os caixotes, o equipamento desportivo, as condutas de aquecimento e o carvão. Não passara muito tempo ali desde que fora promovido, mas aquele continuava a ser um bom local para se esconder a pensar. Além disso, não faltava muito para que o arremedo de escritório que lhe fora tão útil pertencesse ao passado. A sua casa, com três assoalhadas, situada numa rua ladeada de árvores em Queens, tinha um letreiro de Para Venda no relvado da frente. Andavam em negociações com um canalizador e a mulher. Assim que a venda se realizasse, a oferta que Nancy e ele tinham apresentado para uma casa fabulosa em Port Chester tornar-se-ia definitiva. Doze assoalhadas, três lareiras e quatro casas de banho, num terreno com meio hectare. Era a casa dos seus sonhos, que nunca imaginaram conseguir realizar.

Emprego novo, carro novo, casa nova, colegas novos, segredos novos... tudo acontecia tão depressa. Talvez fosse isso que o preocupava. Não era o assunto de Desiree, de Kelly ou da Roundtable, mas o assunto de Kevin Loomis. Por muito que tentasse

sentir-se diferente, não conseguia afastar a sensação de que vivia acima da sua condição.

“A maioria dos cavaleiros ocupa cargos executivos há anos”, dissera Burt Dreiser no dia em que fizera a proposta que tanto alterara a vida de Kevin. “E eles criaram um vínculo único como membros da Roundtable. A princípio, vai sentir-se intimidado por eles. Mas não é preciso. Há muito tempo que o observo e não lhe proporia ocupar o meu lugar se não tivesse uma confiança total em si. O que interessa é que você perceba o que a Roundtable pretende, que acredite que a nossa causa justifica os meios que utilizamos para resolver os problemas.”

Kevin não se lembrava exatamente da resposta que lhe dera, mas era óbvio que fora a resposta certa. Também falara verdade. Ao longo da vida, muitas vezes limara arestas — legais, morais e outras — por coisas que desejava ou por causas em que acreditava. Não havia nada na Roundtable nem nos seus programas que ele não pudesse aceitar, sobretudo quando era a sua companhia e ele próprio que estavam em jogo. Tudo seria perfeito, totalmente perfeito, se ele se sentisse um pouco mais à vontade em tudo aquilo.

Alisou a notícia da morte de Evelyn DellaRosa em cima da secretária e voltou a lê-la. O cargo de editora da revista Manhattan Woman condizia bem com o que ele sabia de Desiree, mas não o fato de ela ser mulher de um médico. Embora ela não tivesse tido relações sexuais com Kevin, mostrara-se disposta e desejosa disso. Gawain também admitira que mantivera certas intimidades. Negou ter feito amor com ela, mas Kevin sempre teve a noção de que ele estava a mentir. Situações em que mulheres de médicos passam a prostitutas finas aconteciam, de certeza. Quem não lera artigos sobre o sexo suburbano ou os relatórios da Hard Copy? Mas Kevin nunca julgou ver-se envolvido em tal coisa. Continuou a ler.

... faleceu de repente num hospital de Manhattan.

Faleceu de repente. O que significava aquilo?

Não sabia se diria alguma coisa a Galahad e aos outros. Talvez. Na reunião seguinte decidiria. Talvez o fizesse.

— Que diferença faz? — perguntou a si próprio em voz alta.

Mesmo que Desiree fosse Evelyn DellaRosa, o que havia de mal nisso? Nada sugeria que a sua morte tivesse qualquer relação com a Roundtable. Absolutamente nada. Estava prestes a convencer-se quando se lembrou da troca final de palavras — entre Galahad e Merlim — na última reunião.

Fomos demasiado longe para permitir que alguém ponha em risco o nosso trabalho.

Não fora o que Galahad dissera? Fora sem dúvida uma coisa parecida, pensou. E o que respondera Merlim?

Mas não se precipite... Pelo menos até ter certeza de que ela não detém nenhuma apólice das nossas companhias.

Talvez as palavras não tivessem sido exatamente estas, mas eram parecidas. Já então Kevin sentira que havia algo de ameaçador no comentário de Merlim. Não eram as palavras, mas a inflexão, talvez...

e a expressão do seu rosto. Era como se Galahad saboreasse intimamente uma anedota.

E agora morrera uma mulher que podia ser a Desiree... De repente...

Num hospital...

Kevin assustou-se quando o telefone começou a tocar. Levantou imediatamente o auscultador.

— Kevin, daqui fala o Burt. Espero não o ter acordado. Ouça, aconteceu uma coisa de que lhe queria falar. Nada de grave, nada que seja motivo para se preocupar. Mas gostava que se encontrasse comigo no meu barco, digamos, às sete e meia.

O barco. O único local onde Dreiser se sentia verdadeiramente em segurança. Era com certeza um assunto da Roundtable.

— Com certeza — respondeu Kevin, tentando ocultar a tensão que sentia.

— Saio de casa dentro de alguns minutos.

Guardou o obituário de Evie DellaRosa num envelope e empurrou-o para o canto da gaveta da secretária. Em seguida, subiu as escadas, deixou um bilhete para Nancy e para os miúdos em cima da mesa da cozinha e dirigiu-se para a garagem.

— Ouve lá, homem eléctrico, não te esqueceste de nada? Nancy chamou-o da porta da rua. Tinha a pasta dele numa mão e um saco de pistácios, o vício mais duradouro de Kevin, na outra. Vestia o roupão de seda bege que ele lhe oferecera no Natal. A luz do Sol da manhã, filtrada pelos bordos do outro lado da rua, dava-lhe um aspecto muito atraente. Tinham-se conhecido no nono ano, no piquenique da igreja, e apaixonaram-se imediatamente. Nancy Sealy era muito bela nesse tempo; e agora, passados vinte e quatro anos e já com três filhos, ainda era bonita. De repente, à sua imagem sobrepôs-se a de Kelly, nua, entre as suas pernas abertas, a acariciá-lo pacientemente, habilmente. Por instantes, tal como naquela noite, todo o seu mundo parecia reduzir-se aos pelos púbicos reluzentes e negros de azeviche dessa mulher. Ele deixara que ela o lambesse e até que o metesse na boca durante algum tempo — não havia nenhum homem no mundo que recusasse essa situação. Mas, tal como sucedera com Desiree, Kevin não tivera relações sexuais com ela. E estava grato por se ter reprimido.

Pegando na pasta e nos pistácios, Kevin beijou a mulher na face, depois na boca, e mais uma vez na boca, ainda com mais paixão.

— Isto é um convite? — perguntou ela, mordiscando-lhe a orelha. — Se é, posso telefonar para o escritório a dizer ao Marty que...

— Querida, não posso. Tenho uma reunião com o Burt. Mas tentarei vir para casa cedo. Melhor ainda, telefono. Talvez possamos encontrar-nos no Motel Starlight.

Nancy ficou radiante com a ideia.

— Estás a falar a sério?

O fato de se encontrar com Kevin num motel para fazerem amor era uma fantasia de que Nancy falava muitas vezes, desde os tempos da universidade em que ambos o tinham feito.

— Eu telefono ao princípio da tarde — disse ele. — Se for possível, faremos isso.

Beijou-a mais uma vez e correu para o seu Lexus. Seria a última vez que se encontraria com Kelly ou com qualquer outra acompanhante, prometeu a si próprio. Era fiel, mas não era nenhum

santo. Mais tarde ou mais cedo, se continuasse a brincar com o fogo, queimar-se-ia.

Falaria da sua decisão a Burt, apenas por uma questão de cortesia, considerando tudo o que o homem fizera por ele. Mas estava decidido.

Lancelot teria de convidar menos uma jovem para o grupo ou então de arranjar-se com duas. Sir Tristram estava fora desse círculo.

Atalhou pelos arredores e dirigiu-se para Midtown Tunnel. O barco de Dreiser, um magnífico Bertram de doze metros, estava ancorado num clube naval perto da doca da Rua 79, na margem do rio Hudson.

Atravessaria a Rua 42 e depois subiria a autoestrada de West Side, pensou Kevin. No último minuto mudou de ideias e tomou a FDR. Podia atravessar a 72 e depois em Central Park. Talvez tivesse sorte e conseguisse chegar bastante adiantado. Tinha a secretária portátil no banco traseiro e muito trabalho para fazer. O computador portátil custara à Crown 4500

Dólares, mais do que ele ganhava em seis meses, quando estava a começar.

Pôs um disco de Sinatra no CD e fechou as janelas. A aparelhagem de som fora feita à medida e tinha doze altifalantes e um equalizador de doze bandas. "Mas que potência", pensou Kevin. "O automóvel de sonho. O emprego de sonho. A casa de sonho." A sua vida funcionava como uma máquina bem oleada. E ali estava ele a tentar misturar tudo na sua mente. Encontrava sempre um defeito, uma nuvem, em qualquer situação. O caso de Evelyn DellaRosa resumir-se-ia talvez a duas mulheres com uma forte semelhança física, e a sua imaginação fértil já estava a funcionar.

O trânsito na cidade era menos denso do que era habitual. Kevin chegou à doca com cerca de meia hora de antecedência. Mesmo assim, Burt já estava no barco, a tomar o pequeno-almoço no convés da popa. Burt era um homem de cinquenta e um anos, atraente, de cabelos grisalhos e feições aristocráticas.

— Passei a noite na cidade — explicou ele, fazendo sinal a Kevin para se servir de café e de sumo.

Na cidade significava no barco. E Kevin desconfiava fortemente que no barco significava com Brenda Wallace. Talvez fosse acerca dela que Burt queria falar: Burt precisava de um álibi.

— Se tem de ficar na cidade, esta é uma boa solução disse Kevin, apontando para o Hudson.

— Já tem uma resposta acerca da sua casa?

— Hoje ou amanhã, calculo eu.

— Port Chester, não é verdade?

— Sim.

— Port Chester tem zonas bonitas. Muito bonitas.

— A casa é maravilhosa. A Nancy ficará desfeita se o negócio falhar.

— Se tiver problemas, avise-me. Sou muito bom a arranjar maneiras de resolver os problemas.

— Obrigado.

Dreiser deitou pela borda fora o que restava do seu muffin. Uma gaivota apanhou-o no ar.

— Então, o que se passa consigo e com a Roundtable? perguntou ele, de repente.

Kevin sentiu a cor fugir-lhe da face.

— Não sei do que está a falar.

— Kevin, fui levado para a Roundtable há cinco anos, pouco depois de ela ser constituída. Após aceitar a presidência da Crown, tive necessidade de me distanciar do grupo. O nosso acordo é que, se a Roundtable alguma vez fosse investigada, os presidentes das companhias teriam de negar que sabiam da sua existência. Os cavaleiros quiseram pura e simplesmente eliminar o meu lugar. Talvez com o objetivo de trazerem alguém de outra companhia. Não imagina como tive de lutar com eles para permitirem que eu fosse substituído por um elemento da Crown.

— Ainda bem que conseguiu.

— Bem pode dizê-lo. Deixe-me dar-lhe uma ideia do que o fato de pertencer à Roundtable significa para nós. Há cerca de um ano, um dos cavaleiros sofreu um envenenamento alimentar num restaurante chinês, depois teve um ataque cardíaco no hospital e morreu. O presidente da sua companhia não foi autorizado a

recomendar um substituto. Tinha havido uns problemas com o homem. Os cavaleiros, incluindo eu próprio, consideravam que lhe faltava empenho naquilo que todos nós tentávamos alcançar. Ninguém confiava nele. Se não tivesse morrido, era provável que fosse afastado da Roundtable daí a pouco tempo. O que seria a primeira vez que acontecia. Mas, a menos que ele mudasse de métodos e de atitude, isso teria acontecido. Por ter ficado sem a sua representação, a Mutual Cooperative Health perdeu qualquer coisa como dezanove milhões, no ano passado.

Dezanove milhões é muito dinheiro, e eu não quero que isso aconteça à Crown.

— E então?

— Kevin, como já lhe disse muitas vezes, esses homens são muito cautelosos e desconfiados. Esse caso com a repórter da revista...

Como é que ela se chamava?

— Disse que se chamava Desiree, mas creio que o seu verdadeiro nome era DellaRosa. Ela...

— Sim, bem, esse caso com a repórter aborreceu algumas pessoas.

Eles estão preocupados com aquilo que você possa ter-lhe dito.

— Eu não disse...

Dreiser levantou a mão.

— Kevin, por favor. Deixe-me acabar.

— Desculpe — disse Kevin em voz baixa.

— Não foi nada de especial, mas você era o mais novo no grupo. Eles não o conhecem, portanto não confiam totalmente em si. É compreensível, não é verdade?

— É.

— Muito bem. A palavra-chave aqui é confiança. Kevin, se esses homens não estiverem à vontade consigo, não confiam em si. E, se não confiarem em si, você sai. E por tudo o que eu conheço, a Crown também pode sair. Isso aleijar-nos-ia, Kevin. Dezanove ou vinte milhões por ano, e Deus sabe o que seria nos anos seguintes, aleijar-nos-iam muito.

— Compreendo.

— Então por que diabo é que você telefonou ao Lancelot a queixar-se da rapariga que ele lhe mandou? — perguntou Dreiser, elevando um pouco a voz.

Kevin ficou espantado por o presidente da sua companhia ter recebido um relatório tão completo da situação. No último instante, resolveu não apresentar qualquer desculpa ou explicação. Só havia uma coisa, e só uma, que Dreiser queria ouvir naquele momento.

— Foi um mal-entendido — respondeu Kevin. — Não volta a acontecer.

— Excelente, excelente — exclamou Dreiser, cerrando o punho e erguendo-o, para dar mais ênfase às suas palavras. Kevin, não me interessa o que você faz com essas jovens depois de elas entrarem no seu quarto. Mas, quanto mais os outros cavaleiros sentirem que você faz parte do grupo, mais depressa você se integrará. Isto pode parecer-lhe trivial. Mas acredite que nada neste grupo é trivial. Estão demasiadas coisas em jogo.

— Compreendo.

— Ótimo. Você vai conseguir, desde que nunca se esqueça do que está em jogo.

CAPÍTULO 15

Seis dias depois do enterro de Evie, e exatamente um dia antes de fazer cinquenta anos, Corbett percebeu que já não era um possível suspeito de um provável caso de homicídio. Era o único suspeito de um caso de homicídio.

A manhã começara como todas as outras desde a morte de Evie.

Harry tentava mostrar-se concentrado e profissional, mas os seus pensamentos rodopiavam como um tornado. Embora tivesse quase certeza de que o homem que o drogara e depois o interrogara naquela noite era o responsável pela morte de Evie, parecia não haver absolutamente nada que pudesse fazer. Depois de sair do apartamento, passara pela loja de Paladin Thorvald. Os dois rufiões que o tinham atacado tinham-se servido do nome de Thorvald. Mas o joalheiro não sabia nada deles e os seus modos davam a entender que ele desconfiava cada vez mais da sanidade mental de Harry.

Harry calculou que, dentro de pouco tempo, Thorvald teria companhia.

Quando saíra da loja de Thorvald, dirigira-se à esquadra da Polícia local. Entrou, sabendo o que o esperava, saiu e foi para casa. A um quarteirão de distância, recorreu à sua coragem, preparou-se para mais um golpe na sua autoestima e voltou à esquadra. Sem as chaves do apartamento de Desiree, a única coisa que podia fazer era relatar o que acontecera por escrito e esperar hora e meia que o agente localizasse o responsável do prédio. O apartamento 2F fora alugado a uma tal Crystal Glass, com seis meses de renda paga adiantada, em dinheiro. Harry perguntou a si próprio se Crystal Glass seria outra das personalidades de Evie ou apenas um produto da sua imaginação. Esperava ardentemente ter negligenciado qualquer coisa no apartamento, que permitisse, pelo menos, admitir

a hipótese de ele não ser louco. Mas não havia nada. Absolutamente nada.

— Contate-nos se conseguir mais alguma informação, doutor Corbett — disse o detetive, num tom muito paternalista.

— Com certeza — respondeu Harry.

Os dois intrusos deviam tê-lo seguido, concluiu. Mas durante quanto tempo? Preocupava-o a hipótese de ter colocado Julia Ransome em perigo inadvertidamente e telefonou a avisá-la. Mas, nos dias seguintes, nada aconteceu.

Quando Albert Dickinson chegou ao seu gabinete para anunciar a nova prova que lhe conferia o estatuto de único suspeito, Harry estava a acabar de fazer um exame cardíaco com esforço a um tipógrafo de setenta e seis anos, reformado, chamado Daniel Gerstein. Gerstein, um homem mal-humorado, sobrevivente dos campos de concentração nazis, recusava-se terminantemente a consultar outros médicos para fazer a prova de esforço destinada a averiguar a causa de uma dor constante no peito, e por isso Harry retomara temporariamente esse método. O seu paciente não revelava sintomas nem alterações no eletrocardiograma. Era uma artrite degenerativa das costelas e dos ombros, disse-lhe Harry. Gerstein exigia um diagnóstico mais impressionante e a medicina exuberante que os amigos recebiam dos seus médicos. Harry optou por uma "avançada artralgia torácica não cardíaca" e receitou-lhe Motrin.

Ao ver o ritmo cardíaco do velho a subir, sem qualquer anomalia, no ecrã do monitor, Harry perguntou a si próprio se a sua prova de esforço daria um resultado tão bom. A dor que sentira no peito quando estava no apartamento de Evie levava-o a contactar um cardiologista.

Porém, quando lhe disseram que o homem estava fora da cidade, num congresso, Harry não tentara contactar mais nenhum. Em vez disso, correria com especial vigor nos dias seguintes, no circuito de manutenção. Não voltara a sentir-se mal. E cada dia sem sintomas dissipava as recordações da sensação de atordoamento e produzia várias explicações plausíveis.

O que estava a acontecer, concluiu Harry, era que a sua história familiar — a maldição dos Corbett — lhe conferira uma hipersensibilidade cardíaca. As mais pequenas dores, que a maioria das pessoas ignoraria pura e simplesmente, ganhavam uma importância exagerada na sua mente. O irmão também devia ter dores no peito, de vez em quando. Não havia ninguém que não tivesse. Contudo, Phil não andava sempre a consultar o calendário nem os cardiologistas. Por isso é que não acreditava que a genética o tivesse condenado a uma doença cardíaca precoce.

“Qualquer dia”, pensava Harry enquanto receitava a Daniel Gerstein os comprimidos para a pressão arterial. Qualquer dia consultaria um e faria uma prova de esforço. Mas, naquele momento, com maldição ou sem ela, tinha preocupações maiores na sua vida.

Foi então que ouviu a voz de Mary Tobin através do intercomunicador, anunciando que tinha duas visitas, um tal agente Graham e o detetive Dickinson.

Dickinson encaminhou o agente Graham, que vinha fardado, para uma das cadeiras que Harry lhes ofereceu, mas ficou de pé, andando de um lado para o outro enquanto falava. Continuava a tresandar a cigarro e Harry teve a impressão de que ele trazia o mesmo fato de poliéster, mal confeccionado, que lhe vira no hospital.

— Bem, doutor, eu disse-lhe, naquela noite no hospital, que havia de voltar. E cá estou — disse ele, examinando os diplomas e as obras de arte.

— Cá está — repetiu Harry, num tom sardônico.

— A sua sala de espera está muito cheia. Está sempre assim tão ocupado?

— Tenente, acha que pode voltar às cinco horas? Muitas das pessoas que estão lá fora tiveram de alterar substancialmente os seus compromissos para conseguir a marcação. Tento ser pontual.

— Quem me dera que o meu médico se preocupasse tanto com o tempo. É o doutor McNally, na zona ocidental de Central Park. Conhece-o?

— Não. Tenente, quanto tempo calcula que isto vá levar?

- Depende.
- De quê?
- De si, doutor. O nome de...

O homem puxou do bloco de apontamentos e leu a palavra, sílaba a sílaba.

- ... me-tar-am-i-nol diz-lhe alguma coisa?

Harry sentiu-se desfalecer. A réstia de esperança que tinha de que a análise ao sangue de Evie fosse negativa desaparecera.

— Metaraminol — disse Harry, corrigindo a pronúncia. O nome de marca pelo qual nós, médicos, conhecemos essa substância é Aramine.

- E sabe o que ela faz?
- Sim, sei o que faz. Tenente, vá direito ao assunto.
- Tem cá esse tal me-tar-a-mi-nol?
- Agora é raro usá-lo. Não tenho cá nenhum. Nunca tive. Agora

não se importa de dizer o que tem a dizer e sair? Tenho pacientes para...

Dickinson avançou para ele.

— Eu digo o que tiver a dizer quando me apetecer — respondeu ele, de punhos cerrados. — Se você não consegue fazer o que o meu médico faz, que é manter todos sentados até você ter vontade de os ver, então chame a recepcionista e diga-lhe que os mande todos para casa.

— Saia daqui. Já — disse Harry.

— Se não, o que acontece? Chama a Polícia? Dickinson suspirou, ostensivamente para se acalmar.

— Ouça, doutor. Vamos tentar colaborar nisto. Será melhor para todos.

Harry pegou no telefone, disposto a falar para a Polícia. Depois hesitou, pousou o auscultador e recostou-se na cadeira.

- O que deseja?
- Quero que você assuma o que fez à sua mulher.
- O quê?
- Doutor, eu sei que foi você, você sabe o que fez, e todas as

pessoas que conhecem este caso sabem que foi você. Agora, o que tem a fazer é admitir que o fez.

— Eu não fiz nada. A Evie tinha Aramine no sangue? Dickinson sorriu, com um ar condescendente.

— O suficiente para fazer explodir a cabeça de todos os elementos da equipe de futebol dos New York Giants. O médico legista diz que só um médico ou alguém ligado à indústria farmacêutica é que podia conhecer esse produto. Vá lá, doutor. O que tem a dizer?

— Eu não a matei.

Foi a vez de Harry suspirar. Por muito infundamentadas que fossem as suas informações, não fazia sentido escondê-las de Dickinson.

— Ela foi morta por um homem que julgo ser médico. Talvez o homem que a Maura Hughes viu entrar no quarto. A Evie andava a trabalhar numa história que incomodava muito alguém. Só sei que isso estava relacionado com prostitutas finas e gente muito importante. Ela foi morta para não acabar a história. Na noite após o seu funeral, encontrei o material com que ela andava a trabalhar num apartamento da Village.

— E?

— E esse médico e dois dos seus capangas agrediram-me antes de eu conseguir ler uma parte substancial.

Mais tarde ou mais cedo, Harry seria obrigado a revelar a natureza do alter ego de Evie e dos seus artigos. Mas ainda não estava pronto para isso.

— Como sabe que ele é médico?

— Não tenho certeza. Creio que é porque ele se move bem nos hospitais e com as drogas. Enfiou-me um tubo intravenoso no braço, quando eu estava no apartamento, e depois aplicou-me uma droga muito sofisticada e interrogou-me durante várias horas. Por fim, limpou completamente o apartamento e saiu.

— E deixou-o vivo depois de você lhe ter visto a cara?

— Eu... Eu nunca lhe vi a cara, nem as dos outros dois. Harry apercebeu-se de que o cinismo na expressão de Dickinson dera lugar à incredulidade.

-- Os dois capangas tinham meias enfiadas na cabeça explicou ele. — Quando o médico, ou lá o que ele era, entrou em cena, eu

tinha os olhos vendados. A Maura Hughes é a única pessoa que eu conheço que lhe viu a cara.

Harry não levava muito tempo a perceber por que motivo é que o misterioso médico o deixara vivo. Sob a influência dos fortes hipnóticos, ele dissera tudo o que sabia, antes de examinar a fundo o material de Evie. E não havia nada nele que Harry tivesse lido ou visto e que incriminasse fosse quem fosse. Nem nomes, nem datas, nem locais. Se o médico confiava nos seus próprios métodos — e havia todos os motivos para pensar que ele era um especialista em interrogatórios —, sabia que Harry não constituía nenhuma ameaça para ele.

No entanto, agora Harry percebia que havia outro motivo mais lógico para o terem deixado viver. Se Caspar Sidonis não tivesse desencadeado uma tempestade com a sua fúria e a sua desconfiança, ninguém teria questionado se a morte de Evie se ficara a dever a causas naturais. A hemorragia em qualquer fase do processo era uma complicação dos aneurismas bem aceite. O médico legista teria assinado a certidão de óbito sem hesitar. Mas, por insistência de Sidonis, fora feita uma análise completa ao sangue de Evie. O assassinio ou o desaparecimento de Harry só contribuiriam para desencadear uma investigação intensa do caso de Evie. Harry fora poupado às mãos dos gladiadores a favor de uma retirada mais prolongada dos leões.

— Então, diga-me, doutor, como sabe que esse tipo do apartamento é o mesmo que matou a sua mulher?

— Não sei... Pelo menos não tenho certeza. Agora, não se importa de sair?

— Tenho um mandado para fazer uma busca a este consultório e encontrar essa droga, doutor. E para revistar a sua casa, também.

— Oh, isto é ridículo! Se eu tivesse feito o que você diz, não seria estúpido ao ponto de ter aqui um fornecimento de Aramine.

— Doutor, você foi suficientemente estúpido para matar a sua mulher e julgar que conseguia safar-se. Não é estúpido ter aqui um fornecimento de Aramine. Estás a ver, Graham? Eu disse-te. Estes médicos julgam que os outros não têm miolos. É por isso que se lixam, e é por isso que são sempre apanhados.

O jovem agente mexeu-se na cadeira, embaraçado, e desviou o olhar.

— Vai revistar este consultório enquanto eu estou a ver os pacientes?

— Não precisaremos de o fazer se nos disser a verdade. Olhe, eu sei do caso da sua mulher com o superdoutor. Sei que ela tencionava deixá-lo. Sei da apólice de seguro que você se prepara para arrecadar. Sei da droga que você usou. E sei que você era a última pessoa a querer que ela vivesse. E agora, doutor? Talvez tenha sido uma coisa de momento. Ela era uma linda mulher. Você não conseguiu suportar o fato de ela o deixar. De repente, passou pela farmácia. Pensou naquele aneurisma. A seguir, viu-se com a droga na mão... Segundo grau. Era o que você apanharia. Mais nada. Um homicídio do segundo grau não é grande coisa, doutor. Podia sair dentro de cinco anos. Talvez até não cumprisse a pena, se arranjasse um bom advogado.

Dickinson leu as palavras inscritas na estrela de prata. Matou três dos inimigos. Harry sabia que aquelas palavras não passariam despercebidas. De repente, teve uma ideia, ocorreu-lhe fazer uma pergunta e ouvir a resposta.

— Tenente, diga-me uma coisa — disse ele. — Se sabe isso tudo a meu respeito, e se está tão certo de que eu matei a minha mulher, por que não apareceu aqui com uma ordem de prisão?

— Desculpe?

— Um mandado de captura. Algum juiz ou magistrado ou seja quem for recusou-se a emitir um mandado de captura para mim, por homicídio, a menos que você tivesse encontrado Aramine. Não é verdade?

A expressão de Dickinson — a crispação à roda da boca revelou que ele fora descoberto.

— E se for? — ripostou ele. — Daqui a duas semanas, o grande júri reúne-se. E garanto-lhe que, com as provas que tenho para lhes apresentar, eles não terão problemas em condená-lo. Graham, vamos começar.

— Espere aí, agente.

Finalmente na ofensiva, Harry não tencionava deixar-se abater.

— Tenente, há mais qualquer coisa, não há? É a Maura Hughes? O seu magistrado acreditou nela quando ela disse que estivera mais alguém no quarto depois de mim. É isso, não é?

— Você matou aquela mulher, Corbett.

— Eles acreditaram nela, não foi?

— Não foi ela — respondeu Dickinson, mal conseguindo dominar a frustração e a raiva. — Foi o maldito do yalie. Aquele idiota ultrapassa-me. Fez um relatório. Lixou-se, foi o que ele fez. Acredite que o Charles Manson ainda vai apanhar aquele maldito detetive. E não julgue que comeram a história dele. Ele obrigou-os a aguardar que fossem averiguadas certas coisas, mais nada. E, quanto à sua testemunha embriagada, o irmão não vai conseguir fazer nada dela. E, assim que alguém olhar para ela e a ouvir falar, ninguém acreditará no que diz, a não ser as aranhas e as moscas. Agora, vai deixar-nos fazer o nosso trabalho?

— Tenho alternativa?

— Não, Corbett. Não tem alternativa. Você é um patife peneiroso. Detesto patifes peneirosos. E matou sua mulher.

Também detesto quem faz uma coisa dessas. Isto ainda vai no princípio, doutor. Repare bem no que eu lhe digo. Vou apertá-lo até mais não poder. É, mais tarde ou mais cedo, você vai confessar.

Conte com isso. Anda, Graham. Vamos ao trabalho.

Dickinson e Graham levaram duas horas a revistar o consultório, sala por sala. Harry esperou até se certificar de que o detetive não voltaria. Depois bebeu um café morno, comeu um bolo e voltou para o gabinete, tirou o pedaço de papel da carteira e telefonou a Maura Hughes. Ela atendeu ao sexto toque.

— Miss Hughes, fala Harry Corbett, o marido da Evie. Lembra-se de mim?

— Lembro.

Embora se percebesse o que ela dizia, a voz da mulher estava rouca e um pouco entaramelada. Harry não percebeu se ela voltara a beber.

— Como se sente? — perguntou.

— Tenho estado melhor.

— Desculpe.

— Mas também já estive pior.

Harry esperou que ela se mostrasse mais solícita, mas depressa percebeu que não valia a pena.

— A Polícia falou consigo?

— Não.

— Bem, eles saíram agora do meu consultório e creio que irão contatá-la dentro de pouco tempo. Encontraram uma droga no sangue da Evie. Ela foi assassinada.

Manteve-se o silêncio do outro lado da linha.

— Esse tal tenente Dickinson está convencido de que fui eu. Eu acho que deve ter sido o médico que você viu.

O silêncio continuou.

— Miss Hughes, ainda aí está?

— Fala a Maura. Ainda cá estou.

— Está bem?

— Quer saber se eu estou a beber?

Harry imaginou a mulher de roupão, sentada à mesa da cozinha de um apartamento acanhado e sujo, a olhar para um copo meio cheio e uma garrafa meio cheia de Southern Comfort. A imagem provocou-lhe um nó na garganta.

— Sim, acho que sim — respondeu Harry. — Desculpe.

Não tenho nada com isso. Ouça, quero encontrar-me consigo. É muito importante para mim.

— Por quê?

— Aquele polícia, o Dickinson, está apostado em prender-me pelo assassinio da Evie. Saiu daqui depois de ter revistado o meu consultório à vista de todos os meus pacientes. Na realidade, houve momentos em que a única coisa que me impediu de lhe atirar uma cadeira à cabeça foi lembrar-me do que você lhe chamava. Estúpido.

— Eu lembro-me disso.

— Bem, eles só não me prenderam até agora porque alguém, um juiz, ou um delegado do Ministério Público, ou talvez um dos superiores do Dickinson, está preocupado que o homem a que o seu irmão se referiu no depoimento tenha mesmo lá estado.

— E esteve.

— Eu sei. É por isso que preciso de a ver. Tenho de saber quem é ele, e você foi a única pessoa que o viu.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Quando é que você me quer ver? — perguntou ela, por fim.

— Não sei. Esta noite?

— Não posso.

— Amanhã, então. — Harry pensou em acrescentar que era o dia dos seus anos, dos seus cinquenta anos, mas mudou de ideias. — Maura, ouça, por favor não fique envergonhada por causa da bebida.

— Às sete e meia — respondeu ela. — Você tem o meu número de telefone, portanto presumo que sabe onde vivo.

— Sei. Obrigado, Maura.

— Doutor Corbett?

— Sim?

— Já não me lembro da última vez em que me senti envergonhada com aquilo que fiz. Mas, já que pergunta, a verdade é que, se parece que eu estive a beber, é só porque estava a dormir a sesta. Não bebo desde o dia em que fui operada.

— Ena, isso é formidável.

— Mas pouco faltou.

— Por favor, não faça isso!

Havia desespero nas palavras de Harry.

Mais uma vez, seguiu-se um longo silêncio.

— Acho que consigo aguentar, pelo menos até amanhã à noite. Talvez não me apeteça beber. Talvez eu esteja só chateada.

— O seu irmão disse que você pintava. Tem conseguido pintar desde que está em casa?

— Não. Não tenho feito grande coisa, excepto andar por aqui, dormir, ter pena de mim própria e pensar em beber.

— Ouça, talvez amanhã à noite pudéssemos ir jantar fora. É sobretudo graças a si que eu ainda estou em liberdade. Eu espevitava-lhe o cérebro e você saía um pouco de casa.

Se ela estivesse deprimida como parecia, não iria aceitar. Harry percebeu que ela procurava a melhor maneira de o dizer.

— Tenho de ir bem vestida? — perguntou ela, de repente.

— Não, só se lhe apetecer. Quando não estou a trabalhar, ando sempre de calças de ganga.

— Nesse caso, aceito. Gostava muito — respondeu Maura.

CAPÍTULO 16

À meia-noite, quando dobrou oficialmente o cabo dos cinquenta anos, Harry celebrou o seu aniversário com uma taça de champanhe e bombons de chocolate Famous Amos. Não tivera cancro nem fora atropelado por um autocarro nos passados trezentos e sessenta e cinco dias, mas pensando bem, o seu quinquagésimo ano de vida fora bastante mau. E o começo do quinquagésimo primeiro não era muito prometedor. Durante algum tempo, entregou-se à autocomiseração, folheando o álbum do seu casamento com Evie. Depois, para adormecer, leu meia página do seu melhor soporífero, Moby Dick.

Ahab também não estava a ter um grande ano.

Às cinco e quarenta e cinco, quando o rádio despertador tocou, Harry já acordara há quase uma hora e acabava o conjunto de exercícios físicos da marinha, que fazia nos dias em que não ia correr. Sempre fora uma espécie de atleta: basebol da Little League, corta-mato e alguns jogos de basquetebol na faculdade. Faltava-lhe a habilidade natural para ser uma estrela em qualquer atividade desportiva, mas o seu ardor competitivo fizera dele um vencedor bastante consistente.

Contudo, nos últimos dez anos, o vigor que ainda possuía fora canalizado para lutar contra a passagem do tempo. Agora, enquanto resmungava depois de sessenta flexões e a caminho das setenta e cinco, descobria que ia buscar força à sua aversão desgastante a Albert Dickinson.

Na noite anterior, Harry chegara a casa e encontrara lá o detetive, acompanhado de um outro polícia fardado. Estava a interrogar Armand Rojas, o porteiro de dia, mas calou-se assim que Harry apareceu à porta, e apresentou um mandado de busca do apartamento. Depois do fiasco de Rocky com o homem que fora

entregar a comida chinesa, Harry gratificara generosamente os dois porteiros e implorara-lhes que estivessem alerta. Mesmo assim, quando se dirigia para o apartamento, seguido pelos dois polícias preparados para iniciar a busca, perguntou a si próprio se o misterioso médico não teria conseguido lá entrar outra vez para deixar uns frascos de Aramine. Por outro lado, receava também que Dickinson arranjasse uma maneira de fazer o mesmo.

Para seu grande alívio, a busca de hora e meia não revelou nada.

Mas, à medida que o tempo ia passando, Dickinson ficava mais aborrecido, e mais determinado. Quando os dois polícias saíram, já Dickinson tinha mimoseado Harry com várias ameaças coloridas e insultuosas de lhe estragar a vida.

Havia um pequeno terraço fechado junto do quarto principal, donde se avistava metade de outro prédio de apartamentos. Podia ser considerado um solário, se alguma vez recebesse mais do que uma amostra de sol. Evie tinha muitos planos para o quarto quando se tinham mudado para aquela casa, mas depressa se desinteressou deles. Havia terraços semelhantes em todos os andares do edifício.

Os dos andares superiores tinham vistas amplas e horas de sol direto. Com o tempo, o terraço passou a simbolizar aquelas coisas que Evie considerava de segunda categoria na sua vida, e ela nunca mais foi para lá.

Pouco depois, Harry substituíra a mesa, as cadeiras e o pequeno sofá pelo seu colchão de ginástica, pela bicicleta fixa, pelos pesos e por um televisor de trinta centímetros. Naquele momento, ligou-o para ver o noticiário da manhã e iniciou uma sequência de exercícios de elevação de pesos de cinco quilos, destinados a manter a força nos músculos dorsais — os músculos que tinham sido operados depois de dilacerados em Nha-trang. Naquela manhã, a notícia principal era acerca dos rumores crescentes sobre o comportamento sexual indecente que continuavam a fustigar o presidente e a minar a sua eficácia. A segunda notícia era sobre o flibusteiro republicano, que fora o único a rejeitar os capitais necessários para cobrir os prêmios de seguros de saúde exigidos pelo pacote de cuidados de saúde da Administração Central. A terceira história era sobre o assassinio de Evie.

“Evelyn DellaRosa, editora da revista Manhattan Woman e mulher do proeminente médico de Manhattan, doutor Harry Corbett, morreu de uma hemorragia cerebral na semana passada, no Manhattan Medical Center.” A fotografia de Evie apareceu atrás da locutora, atravessada pela palavra ASSASSINADA escrita a vermelho. “Agora, de acordo com fontes policiais fidedignas, a morte da ex-rainha de beleza e repórter televisiva foi considerada um homicídio...”

Harry abandonou os pesos e pôs um joelho em terra, enquanto os pormenores das conclusões do médico legista eram apresentadas na televisão. Atrás da repórter, apareceu primeiro uma fotografia do MMC, depois uma imagem que representava um frasco de Aramine com uma seringa espetada na tampa e, por fim, uma fotografia do próprio Harry, tirada quando ele tinha vinte anos, fardado, e que alguém ressuscitara da morgue fotográfica do Times.

“De acordo com fontes policiais, o único suspeito que está a ser investigado pelo assassinio de Evelyn DellaRosa é o marido, um clínico geral pertencente ao corpo clínico do hospital em que ela morreu. Diz-se que o doutor Corbett, que foi condecorado com a estrela de prata por atos de bravura cometidos no Vietname, foi a última pessoa a visitar a mulher antes da hemorragia fatal. Segundo a Polícia, o casal atravessava uma fase de problemas conjugais. Neste momento, não temos mais pormenores...”

Harry escondeu o rosto nas mãos. A fadiga e a transpiração faziam-lhe arder os olhos. Tal como prometera, Dickinson andava a fazer das suas. E, além de manter a maior compostura possível antes da erupção iminente, Harry não podia fazer mais nada. Nesse momento, o telefone começou a tocar. Era Rocky Martino, o porteiro da noite.

Uma equipe de filmagem do Canal 11 acabara de entrar no átrio e o repórter exigia ver Harry para o interpelar sobre o assassinio da mulher.

“Diga-lhes que se lixem”, pensou Harry.

— Diga-lhes que não haverá entrevistas e não lhes conte nada.

Absolutamente nada. Posso sair do prédio por aquela porta metálica da casa da caldeira?... Ótimo. Rocky, acredite que eu não fiz nada para magoar a Evie... Obrigado. Obrigado por dizer isso.

Agora lembre-se, por muito que queira ajudar-me, não diga nada a ninguém.

Pouco depois de Harry ter desligado, o telefone voltou a tocar. Dessa vez era o irmão. Antes do funeral de Evie, Harry contara ao irmão uma grande parte do que transpirava no hospital com Sidonis e Dickinson. Phil oferecera-se para o pôr em contato com um advogado de primeira água, mas Harry resolvera esperar.

— Tens estado a ver televisão? — perguntou Phil.

— Tenho.

— Estás bem?

— E tu estarias?

— Quando é que tiveste certeza de que essa droga fora administrada a Evie?

— Ontem à tarde. Eles apareceram e revistaram o consultório. Depois, ontem à noite, revistaram-me a casa.

— Aposto que não encontraram nada. Harry, devias ter-me telefonado quando os polícias te apareceram no consultório. Tu tens direitos.

Devias ter-me deixado telefonar ao meu amigo Mel. Ele é uma besta.

É o filho da mãe mais odioso que eu conheço. Isto é um cumprimento, claro. Queres que eu lhe telefone agora?

— Como é que o conheceste, Phil?

— O que achas? Ele compra-me um Mercedes novo todos os anos, desde que eu estou neste ramo. Este ano foi um 600 S EL, dos grandes. Preto. É a primeira coisa que tens de saber quando contratares um advogado. Não é a universidade onde ele se formou ou a média de curso. É o automóvel que ele tem. É claro que isso te custa dinheiro. Talvez ele te cobre uns vinte ou vinte e cinco mil dólares.

Harry ficou escandalizado.

— Deixa-me pensar, está bem?

— Não leves muito tempo. Oh, Harry...

— Sim?

— Parabéns.

Mary Tobin telefonou a seguir. Harry vinha na primeira página de dois jornais. Garantiu-lhe que passaria o dia inteiro no consultório e disse-lhe que não discutisse com ninguém que quisesse desmarcar a consulta ou mudar de médico. Rocky, depois Phil e agora Mary...

Eram apenas seis e meia. Em silêncio, agradeceu a Evie por insistir para que o número do telefone não viesse na lista.

Despiu o pijama e estava a esperar que a água do duche aquecesse quando o telefone começou de novo a tocar. Dessa vez, resolveu ativar o atendedor de chamadas, mas ficou perto para saber quem era.

"Olá, ligou para casa de Evie e Harry..."

A voz era a de Evie. Era simultaneamente desagradável e fantasmagórico ouvi-la falar assim. Antes de sair para o emprego, tinha de fazer uma nova gravação, pensou.

"doutor Corbett, fala Samuel Rennick. Sou o chefe dos serviços jurídicos do hospital. Se está a filtrar as chamadas, agradeço que atenda..."

Harry encostou-se à ombreira da porta da casa de banho. "Maldito Dickinson", pensou.

"...Muito bem. Acho que vou deixar uma mensagem e depois tento encontrá-lo no hospital..." O advogado fez de novo uma pausa. Era como se ele soubesse que Harry estava a ouvir. "... O doutor Erdman gostava de falar consigo acerca das notícias desta manhã. No gabinete dele, às dez horas. Se não puder a essa hora, é favor telefonar à secretária dele. O doutor Erdman pediu-me que estivesse presente, assim como o doutor Lord, do pessoal, o doutor Josephson que é o chefe do seu departamento e o doutor Atwater da Manhattan Health. Estarei no gabinete do doutor Erdman a partir das oito. Poderá encontrar-me lá, se for preciso. Obrigado."

Owen Erdman, um endocrinologista altamente comprometido com a política, que se licenciara e fizera o estágio em Harvard, era o diretor-geral do MMC há quase dez anos. Durante esse tempo, presidira à transformação física de uma instituição estafada e dera uma volta à sua reputação periclitante. A joia da coroa da sua reforma fora a associação com a Manhattan Health. Mas Harry sabia que, com as novas políticas federais de saúde, as alianças entre os

prestadores de cuidados de saúde eram tão frágeis como o gelo da Primavera, e que a fidelidade só tinha significado enquanto fosse rendível. A publicidade negativa para o MMC era forçosamente um motivo de preocupação para o seu diretor-geral.

Harry soubera pelos mexericos do hospital que a sua pequena vitória sobre as resoluções da Comissão de Sidonis não tinha caído bem junto de Erdman. Agora era responsável por mais um contratempo para a empresa do homem. Tomou um duche à pressa e depois telefonou ao irmão.

— Phil, resolvi aceitar a tua sugestão acerca desse advogado — disse ele.

— Boa jogada, mano.

— Se assim é, trata-se da primeira que faço desde há uns tempos.

O adiantamento do advogado Mel Wetstone, "reduzido em vinte e cinco por cento por Phil ser um bom amigo", era de fato de 20 mil dólares, além de uma taxa horária de 350. E ali estava o presidente a bater-se e a virar irmãos contra irmãos em todo o país para efetuar a reforma dos cuidados de saúde, pensou Harry. Talvez o sistema legal merecesse também uma certa atenção.

Harry resolveu retirar os 20 mil dólares do seu PPR, em vez de levantar uma boa parte das suas poupanças. Encontrou-se com o advogado na sala de reuniões dos médicos de família, que ficava no sétimo piso do Edifício Alexander do MMC. Wetstone era um homem próspero, de quarenta e tal anos, com cerca de doze quilos a mais, e cabelo escuro e ralo que parecia ter sido aumentado por via cirúrgica.

A sua respiração era um pouco ofegante. Por vezes forçado a esquecer-se de que a bandeirada era de 350 dólares por hora, Harry contou toda a sua história em pormenor pela primeira vez, incluindo o encontro na Village com aquele que parecia ser o seu carrasco.

Wetstone era um ouvinte compreensivo e só raramente interrompia a narrativa com uma pergunta.

— Portanto, o que o martiriza é que você não fez nada de mal e os outros julgam que fez — disse ele, depois de Harry ter acabado.

— O meu trabalho será impedir que alguém o lese. Na sua opinião, o que se irá passar nesta reunião das dez horas?

— Não sei ao certo. Ultimamente, tenho tomado posições que não têm sido muito populares junto da administração. Agora, estou a criar-lhes uma má imagem pública. Não creio que me demitam neste momento, embora me pareça que podiam fazê-lo. É mais provável que me peçam para eu me autossuspender até que a situação esteja resolvida.

— E você quer fazer isso?

— Não. Claro que não.

— Então, esse será o nosso objetivo. Você já me disse quem é esse Erdman e eu conheço o Sam Rennick. Quem são os outros tipos?

— O Bob Lord é o chefe do pessoal. É um cirurgião ortopédico. Não gosta que eu lidere a luta para continuar a permitir que os clínicos gerais tratem fraturas simples e não deslocadas com gesso sem recorrerem a um especialista. Dá muita importância às pessoas que estão e não estão no poder, e creio que está muito ligado ao cirurgião com quem a Evie andava envolvida. Não consigo imaginá-lo a pôr-se do meu lado. O Josephson e o Atwater são diferentes. São os melhores amigos que cá tenho. O Steve... é o Josephson, é o chefe interino do Departamento de Medicina Familiar, até que a Grace Segal regresses da licença de parto. O Atwater e eu somos ambos maluquinhos por jazz. Vamos juntos aos clubes, de vez em quando, e às vezes ele vai ouvir-me tocar.

Harry esperava que ele fizesse as perguntas habituais: "Oh, que instrumento é que toca?" ou "É profissional? Onde é que toca?" Mas Wetstone arrumou os seus apontamentos e levantou-se.

— Quero ver se consigo falar com o Sam Rennick antes de entrarmos — disse ele. — Deixei-lhe um recado para me contactar pelo pager, mas ele não o fez.

— Você disse que o conhecia. Talvez ele tenha medo de si. Wetstone sorriu, mas os seus olhinhos escuros eram frios e transbordavam profissionalismo.

— Não sei, mas devia ter — respondeu ele.

O Edifício Alexander tinha quinze pisos. Para baixo, o elevador ia quase cheio quando chegou ao sétimo piso. Ao chegar ao átrio, ia apinhado. Um letreiro na parede avisava os passageiros para terem cuidado com os carteiristas. Após milhares de viagens, Harry já mudava inconscientemente a carteira do bolso de trás para o da frente. Pensou no que seria trabalhar num hospital de uma zona rural, sem aglomerações nem avisos contra carteiristas. Duvidava que houvesse algum pequeno hospital rural que o aceitasse, nem que fosse no fim do mundo, se ele fosse afastado do MMC.

A sala de reuniões contígua ao gabinete de Owen Erdman possuía uma longa mesa de madeira de cerejeira polida, com os cantos abaulados e o emblema do MMC ao centro. Cada uma das cadeiras de espaldar alto, a condizer, tinha um emblema idêntico em miniatura, no topo. Harry entrara naquela sala há alguns anos, mas tinha certeza que aquela mobília magnífica não existia nessa altura. Tentou avaliá-la rapidamente, mas depois desistiu quando percebeu que não tinha qualquer ponto de referência. "A Evie saberia. Talvez ao pormenor do dólar, pensou.

Steve Josephson, Doug Atwater e o ortopedista Bob Lord já lá estavam quando Harry e Wetstone chegaram.

— Como estás? — perguntou Steve.

Harry respondeu encolhendo os ombros, como quem diz: "Como achas que estou?"

Wetstone recomendara-lhe que não expusesse a sua teoria a ninguém, nem mesmo aos seus aliados.

— Lembra-se daquele jogo do telefone que costumávamos jogar nas festas, quando éramos crianças? — perguntara o advogado. — Bem, ouça a voz da experiência. Por muito bem-intencionadas que as pessoas sejam, no momento em que as palavras lhe saem da boca e elas as ouvem, a versão original começa a mudar.

Apesar da advertência de Wetstone, Harry não teria hesitado em contar os pormenores da vida secreta de Evie a Josephson ou a Atwater, se Bob Lord não estivesse presente. Fez-se um minuto e meio de silêncio incômodo antes de Erdman e de o consultor jurídico do hospital entrarem na sala. com eles vinha uma mulher bem arranjada e com um ar profissional, que se apresentou como Miss

Hinkle, a responsável pelas relações públicas do hospital. Ao cumprimentá-la, Harry teve a sensação de que pegava num gelado.

— Doutor Corbett, poderia começar por rever os acontecimentos, tal como os vê, desde a noite em que a sua mulher morreu? — disse Sam Rennick.

— Um momento, Sam — interpôs Wetstone imediatamente. — Julguei que tínhamos assentado quais seriam as regras básicas aqui...

Sentindo-se estranhamente distante e distraído, Harry escutava os dois advogados, que nem sequer conhecia até então, e que agora debatiam a sua situação. De vez em quando, um dos outros presentes intervinha. Harry até ouviu a sua própria voz uma ou duas vezes. Mas as vozes pareciam distorcidas, e muitas vezes o significado das palavras perdia-se. Toda a situação era demasiado surrealista. Em vez de serem precisos e concentrados, os pensamentos de Harry eram difusos. Harry tentou imaginar quantas horas — centenas, talvez - teria ele de passar em processos legais. Atravessara para o outro lado do espelho e entrara num mundo em que tudo era possível, por muito ilógico ou bizarro que fosse.

Inexplicavelmente, apesar de o seu futuro profissional estar a ser discutido à sua volta, deu consigo a pensar numa paciente, uma adolescente chamada Melinda Olivera, cuja grave mononucleose ele diagnosticara há pouco tempo e atacara com tal agressividade que, um dia depois, ela estava apta a ir ao baile do liceu. A prática da medicina sempre lhe parecerá uma profissão muito frontal. Quando surgia um paciente, ele fazia tudo o que podia para o curar. Agora, de súbito, havia advogados, administradores e diretores de relações públicas.

— Discordo totalmente.

As palavras duras de Doug Atwater atravessaram o nevoeiro mental de Harry, que não fazia ideia do que estava a ser discutido.

— Já falei do assunto ao diretor-geral da Manhattan Health, que falou com o diretor clínico e com outros elementos-chave da empresa.

Nunca houve uma única queixa do doutor Corbett... sobre a sua competência, sobre os seus honorários ou sobre a sua conduta. Não

vemos motivo para que ele não continue a fazer parte do grupo de prestadores de cuidados de saúde da Manhattan Health.

— Mas o que dirá o público se...

— Doug — interrompeu Miss Hinkle.

— Por favor, não quero ser incorreto, Barbara, mas do que precisamos é de uma declaração firme do hospital, na qual se diga que o doutor Corbett não foi formalmente acusado de nada até agora, e nós, neste hospital...

Harry ouviu pouco do que se seguiu, mas não porque estivesse ausente. Procurara uma caneta no bolso direito do seu blusão. Mas, em vez da caneta, deparara com dois objetos que não se encontravam lá quando ele vestira o blusão, de manhã. De fato, sabia que eles nem sequer estavam na sua posse. Devagar, agarrou neles e pousou-os no regaço.

— Está combinado — dizia Mel Wetstone. — O hospital assumirá a posição de apoiar um elemento respeitado do seu pessoal, que não foi condenado nem tão-pouco acusado de um crime. Pela sua parte, o doutor Corbett abster-se-á de fazer declarações públicas sem as esclarecer com Miss Hinkle. E os seus privilégios neste hospital permanecerão intatos, seja nas admissões seja nos tratamentos. Isto parece-lhe bem, doutor Corbett?... doutor Corbett?

— Como? Oh, sim. Obrigado a todos. É excelente.

Mal conseguia desviar a atenção do que tinha na mão, agora aberta no regaço. Na palma da mão encontravam-se o seu relógio, a pata de coelho de Evie e as chaves, desaparecidos quando ele acordara no apartamento de Desiree. Algures nessa manhã, talvez no elevador cheio de gente, o assassino de Evie estivera atrás dele, ou talvez ao seu lado. As chaves destinavam-se a lembrar-lhe como ele era vulnerável: eram um aviso para que tivesse cuidado com o que dizia e a quem. Mas também havia outra possibilidade, ainda mais perturbante e assustadora: talvez ele não fosse mais do que um brinquedo, um penhor em qualquer jogo macabro, para o assassino da mulher.

— O que disse? — perguntou Wetstone.

— Desculpem? — respondeu Harry, reparando mais uma vez que estava distante.

— Harry, você disse algo como: "... mas eu não serei assim tão fácil". O que significa isso?

— Oh, nada. Nada importante — respondeu Harry, enfiando de novo o relógio e as chaves no bolso.

JUIZ DETERMINA QUE MORTE DE REPÓRTER DE MANHATTAN FOI HOMICÍDIO

Kevin Loomis observava o título do Times. A fotografia de Evelyn DellaRosa era a mesma do seu obituário. Tal como na semana anterior, Kevin tentou convencer-se de que a semelhança dela com Desiree era uma coincidência. Mas, no seu íntimo, sabia qual era a verdade. Há um mês e meio, só com um soutien e umas calcinhas, ela ajoelhou-se entre as suas pernas para lhe dar massagens que lhe aliviaram a rigidez das costas, fazendo-lhe perguntas sobre ele e a família num tom lisonjeiro e desarmante.

Kevin leu o artigo. As mãos tremiam-lhe tanto que teve de manter o jornal colado à mesa. Na última reunião, fora mais ou menos assumido que Desiree não constituía uma ameaça séria para a Roundtable. Alguns dias depois, ela fora assassinada na sua cama de hospital. O marido, um médico, era um dos suspeitos, mas não fora detido. Talvez porque não fora ele que a matara.

Kevin sentia-se esquisito. No caminho para a cidade, tentara convencer-se de que estava a reagir assim devido à intimidade, embora artificial, que partilhara com a mulher não havia muito tempo.

Os jornais — e ele já lera a notícia em todos falavam de problemas conjugais. O Daily News aludia a um amante. Evelyn DellaRosa, Desiree ou fosse ela quem fosse, fora morta pelo marido.

Kevin não se lembrava de ter feito nenhuma das curvas do caminho entre a rampa da sua casa e o edifício da Crown, no centro de Manhattan. Estacionou o carro no espaço assinalado com o seu nome pintado a azul na parede e apanhou o elevador para o seu gabinete no trigésimo primeiro piso. Brenda Wallace aguardava-o, e mal conseguia conter o entusiasmo quando lhe deu a notícia.

— A sua mulher telefonou há uns minutos, Mister Loomis — começou ela, sem fôlego. — Disse que as pessoas que vão comprar a sua casa conseguiram a hipoteca e que o banco aprovou a operação para a sua nova casa em Port Chester.

Na soleira da porta, atrás dela, Burt Dreiser ergueu o polegar, fazendo um sinal de vitória a Kevin. A sua expressão não deixava dúvidas que ele interviera no sentido de apressar a venda.

“Sou muito bom a arranjar maneira de resolver os problemas”, dissera ele nesse dia, no barco.

— O contrato é assinado na quarta-feira — acrescentou Brenda, esfuziante. — Mistress Loomis diz que o senhor pode telefonar-lhe para o escritório, se quiser. Ela estará lá até às cinco horas. Também me pediu para lhe dizer que a casa não é muito importante, e que o senhor não é obrigado a ir avante, mas que este é o segundo dia mais feliz da vida dela, depois do dia do casamento.

CAPÍTULO 17

O apartamento de Maura Hughes ficava em Upper West Side, a meio quarteirão de Morningside Park. Harry saiu do consultório e foi a pé, esperando que Maura honrasse a promessa de estar sóbria. O seu consultório ficava numa zona relativamente pobre e ele conhecia a doença do alcoolismo na sua forma mais virulenta e letal, além do seus múltiplos disfarces. Não seria um exagero afirmar que vira ainda mais tragédias provocadas pela bebida do que vira no Vietname durante dezoito meses. E não era muito tranquilizador ter o seu futuro ligado a uma mulher que ia perdendo a vida por beber. Mesmo sóbria, a credibilidade de Maura era pouca. Se recomeçasse a beber, deixaria de existir.

Graças ao fato de Maura ter afirmado que vira um médico misterioso e à falta de provas que ligassem Harry à injeção de Aramine, Dickinson não conseguira um mandado de captura. Mas Mel Wetstone corroborara a afirmação do detetive de que um júri poderia condená-lo com base na impressionante prova circunstancial. O advogado parecia entusiasmado ante a perspectiva de defender Harry naquilo que poderia vir a ser um julgamento com as proporções do de Von Búlow. Sexo, adultério, dinheiro do seguro, a vida secreta de uma bela repórter, prostituição, venenos misteriosos e médicos. O diretor de um círculo mediático a 350 dólares por hora. Harry tentou recordar-se se alguma vez admitira a hipótese de cursar Direito.

Passou por uma florista, pensou em comprar um ramo de flores, mas depressa rejeitou a ideia. As flores faziam lembrar o hospital e prestavam-se a más interpretações. Não era que Maura Hughes parecesse mais interessada nele do que num copo de Southern Comfort. Mas, ao longo dos anos, Harry passara por experiências desagradáveis com pacientes de ambos os sexos que tinham

interpretado mal o seu empenho. Num dos casos, preocupado com o estado de uma mulher, telefonara-lhe fora de horas, e nem se apercebera da sua paixão por ele. Noutro, tivera uma longa conversa de madrugada com um jovem, junto da sua cama de hospital.

Por fim, Harry decidiu-se por uma caixa de bombons com recheio de hortelã-pimenta. Se Maura fosse um caso típico das pessoas que tinham deixado de beber há pouco tempo, o desejo de álcool seria em parte sublimado por uma paixão por doces.

As casas melhoravam consideravelmente à medida que ele se aproximava do quarteirão onde Maura habitava. Os prédios tinham porteiros e muitos estavam bem conservados. Eram quase sete e meia, mas o fim de tarde estava quente, sem nuvens e bastante claro.

Harry parou junto de um parque infantil, onde um grupo de crianças, negras e brancas, jogavam basquetebol num campo alcatroado em mau estado. Eram essencialmente adolescentes e não tinham qualquer espírito de equipa, mas era divertido observar as suas técnicas. Harry inspirou a energia da cidade e começou a libertar-se um pouco da tensão que caracterizava aquele dia absolutamente horrível. Os únicos elementos positivos tinham sido os esforços bem sucedidos de Doug Atwater para o manter no hospital, pelo menos por enquanto, e os telefonemas e os gestos de apoio quase contínuos dos seus pacientes.

Embora não soubesse o que esperar de Maura Hughes, [apercebeu-se de que estava ansioso por se encontrar com ela. Desde que Evie morrera, fora uma vez tocar contrabaixo com os colegas do C.C.'s, mas passara a maior parte das noites sozinho.

Maura morava num prédio de arenito de quatro andares, bem conservado, com seis amplos lanços de escada em cimento, desde o passeio até uma porta de mogno esculpido. Havia um piso ao nível da rua, sem entrada exterior e com janelas protegidas por grades de ferro forjado. Harry desconfiou que se tratasse do apartamento de Maura.

Ficou admirado ao ver que, das três campainhas, a dela era a de cima. Identificou-se pelo intercomunicador e ela abriu-lhe a porta.

— Ao cimo das escadas — disse ela.

A voz dela parecia aguda e animada, o que era um sinal de esperança. Harry subiu as escadas, um pouco aliviado. Por muito que precisasse de companhia, tomar conta de uma alcoólica em plena atividade não era a melhor maneira de passar o seu tempo livre. Maura estava à porta. A imagem que Harry retivera dela no hospital era a de uma pessoa bastante baixa. Na realidade, era alta, com um metro e setenta e cinco ou um metro e oitenta, um porte majestoso e um corpo esguio que parecia perfeito dentro de uns sapatos de tênis, de umas calças de ganga gastas e de uma blusa de algodão muito larga. Usava um turbante branco e a sua única joia era um par de brincos grandes, chapas de esmalte colorido ligadas umas às outras de tal modo que mudavam de aspecto como um caleidoscópio sempre que ela mexia a cabeça. Maura tinha um ar cansado e paciente. A mão, magra e macia, estava fria. Excepto pelo penteado, Harry nunca reconheceria naquela mulher, de corpo flexível e desprovida de afetação, a paciente inquieta e de olhar esgazeado que conhecera.

Ofereceu-lhe os bombons. Ela agradeceu-lhe com um sorriso tênue, mais triste do que alegre.

— Entre. Entre, por favor — disse ela.

— Esses brincos são muito bonitos.

— Obrigado. Fui eu que os fiz.

Harry foi atrás dela e entrou numa sala de estar enorme, um aposento quadrado, alegre e arejado, talvez com dez metros de lado. O soalho feito de tábuas estreitas de madeira de carvalho estava envernizado e coberto de carpetes orientais. O tecto era alto, e a luz indireta provinha de reentrâncias que não podiam deixar de ter sido concebidas por um especialista. A casa não tinha qualquer comparação com o apartamento esqualido e deprimente de duas divisões que ele imaginara.

— Está admirado? — perguntou Maura, interpretando a expressão de Harry.

Harry apontou para as paredes, que estavam repletas de belos quadros. De um modo geral, as telas eram grandes e quase todas eram óleos ou acrílicos. Mas também havia aguarelas e colagens.

Algumas, sobretudo os retratos, eram tristes e fortemente realistas.

Mas os restantes eram abstratos, mundos dinâmicos de cor e forma, onde a organização meticulosa convivia com o caos absoluto. Harry nunca estudara arte, mas sempre fora sensível a ela. E o que sentia nesse momento era uma vibração extraordinária e uma raiva intensa e dominadora.

— Isto é espantoso — murmurou ele, passeando-se lentamente pela sala.

— Eu já não pinto assim. Não é que não queira.

— Estes são todos seus?

— Até os alcoólicos são capazes de fazer coisas — disse ela friamente.

— Desculpe, se lhe pareceu que era isso que eu queria dizer. Não era.

Estes quadros são de fato espantosos.

— Obrigada. Quer beber alguma coisa? Uma Coca-Cola, Vinho?

— Uma Coca-Cola.

Harry ia comentar que era perigoso ter álcool em casa, mas refreou-se a tempo. Foi atrás dela para a cozinha, que era pequena, mas fora concebida por alguém que sabia cozinhar. A esquerda, viu outra divisão enorme: um estúdio com vários cavaletes, pilhas de telas e uma grande claraboia. No canto oposto, por baixo de uma estante cheia de livros do chão até ao tecto e rodeada de fetos e de várias palmeiras, estava a cama de Maura.

— Olhe, desculpe se lhe pareço tensa ou nervosa — avisou ela, de costas, enquanto enchia dois copos. — É que estou mesmo. Talvez devesse ter-lhe telefonado a cancelar o encontro.

Estendeu-lhe o copo, levou-o para a sala e fez-lhe sinal para se sentar num sofá em frente de uma cadeira. Em cima da mesa de tampo de vidro estava o Times, aberto na página do artigo acerca de Evie. Harry apontou para o jornal.

— Aposto que, se tivesse convidado um suspeito de assassínio para beber uma Coca-Cola, também estaria um pouco nervoso — disse ele.

— Espero que saiba que não é por isso. Ambos sabemos que não foi você que deu aquela droga à sua mulher.

— Então quem foi?

— Doutor Corbett, por que motivo está aqui?

— Ouça, por favor. O meu nome é Harry. Assim que saio do consultório, deixo de ser o doutor Corbett.

— E saiu?

— Saí de onde?

— Do consultório. doutor Corbett... Harry... O meu irmão contou-me que você lhe dissera que era uma espécie de perito em alcoolismo e que conhecia gente capaz de me ajudar e ir comigo às reuniões dos AA, e tudo isso. Se veio cá para me salvar a alma, creio que poderemos ambos poupar-nos a um serão longo e incômodo. A minha alma está mais pronta a ser conservada em álcool do que a ser salva.

— Ouça, eu não sei exatamente o que disse ao seu irmão, mas não sou perito em coisa nenhuma, excepto talvez em tratar de pacientes.

— Então não é por isso que está aqui? Não está aqui para se certificar de que eu não bebo?

— Também não foi isso que eu disse. Diga-me uma coisa. Se julgava que eu vinha cá para lhe salvar a alma, por que acedeu?

— Porque ontem, cá no meu íntimo, não me queria beber. Hoje, quero.

Harry sentiu as paredes a fugir. Ou agira mal, ou ela estava determinada a levá-lo a isso. Se tentasse mentir-lhe naquele momento quanto aos seus motivos, ela perceberia. Se lhe dissesse a verdade ou tentasse pregar-lhe um sermão, talvez voltasse outra vez para o campo de basquetebol onde os miúdos jogavam, antes que a Coca-Cola aquecesse.

— Maura, estou aqui porque estou em apuros — disse ele, por fim. — Há um policial que quer me crucificar e o meu hospital tenta afastar-me. Você é a única pessoa que sabe qualquer coisa que pode ajudar-me. E eu não sei quem é que você viu junto da cama de Evie, nem por que motivo é que esse homem a matou. Mas, uma destas noites, ele poderia ter-me matado também, e não o fez. Creio

que não o fez porque tem certeza que, mais tarde ou mais cedo, a Polícia me prende. Poupou-me a vida porque julga que eu não tenho cartas para jogar. Mas eu tenho... Duas, por sinal. Eu ouvi a voz dele e você o viu.

— E você julga que, se eu beber, não lhe serei útil.

— O que eu penso é que você ia morrendo da última vez que bebeu. E não quero que você morra.

Maura observou-o atentamente.

— Eu quero mesmo beber — afirmou.

— Eu sei — respondeu ele, com uma verdadeira empatia.

— Eu quero fugir disto tudo. Para um sítio onde o calor seja insuportável, onde se usem conchas como moedas e onde não se tenha ouvido falar de processos por negligência médica, nem do Serviço Nacional de Saúde, nem de jurados. Mas não vou fugir.

Maura abriu a caixa de bombons com recheio de hortelã-pimenta, meteu um na boca e fechou os olhos enquanto ele se derretia na boca.

— Você conhecia o truque dos doces, não é? perguntou ela.

Harry sentiu que se fazia uma pausa na construção do muro.

— Isso não faz de mim um perito.

Maura saboreou outro bombom.

— Dez ou onze mil calorias em bombons, Life Savers e Kit Kats e ainda não aumentei trinta gramas. Imagine.

— Tem sorte. Eu, só de olhar para isso, tenho de alargar o cinto, imagine.

Maura pronunciou as palavras em uníssono com ele e por pouco não se riu. Por pouco. Harry ficou à espera. Ela pegou na ponta da caixa dos bombons, fechou-a e pô-la em cima da mesa. Harry sabia que era aquele o momento indicado. Ela tencionava pedir-lhe que abandonasse a sua cruzada para a manter sóbria e que se fosse embora. E, se o fizesse, ele seria obrigado a sair e ela beberia durante uma ou duas horas.

— Harry, desculpe-me por estar a criar-lhe tão mau ambiente — disse ela, por fim. — Suponho que você sabe que, neste momento, é a única coisa que me separa de uma garrafa de Southern Comfort que eu tenho na cozinha.

— A única coisa que a separa dessa garrafa é você mesma, Maura. Se o fato de eu saber isso faz de mim um perito, então talvez o seja.

No silêncio que se seguiu, Harry sentiu que o alto do muro desabava.

“Cala-te!”, suplicou ele, no seu íntimo. Dissera o que pudera. Mais alguma coisa e ela ficaria deprimida. “Nem mais uma palavra. Nem mais uma...”

— O que acha deste turbante? — perguntou ela, de repente. — Sinto-me muito envergonhada por ter tão pouco cabelo. Tentei usar uma cabeleira, mas achei ridículo.

— Como o Dickinson.

— O que disse?

— Como o Albert Dickinson. Você destruiu-o quando lhe disse que o capachinho dele parecia uma alface. Lembra-se?

Harry percebeu que ela não se lembrava.

— Ah, sim — respondeu ela sem convicção. — Você acha o turbante feio. Aposto. Acha que devo tirar?

— Acho que você deve fazer o que quiser.

— Ainda quer ir jantar fora?

— Claro que sim.

— Mesmo com uma mulher atordoada e careca que está sempre a comer M&M de amendoim e Raisinets?

— Ponha-me à prova.

Maura tirou o turbante e atirou-o para o outro lado da sala. O seu cabelo louro quase ruivo crescera um pouco, embora ainda se visse a cicatriz da operação.

— Você está me observando.

Harry sabia que estava, embora não pelo motivo que ela julgava. Sem o turbante, era como se lhe visse o rosto pela primeira vez. O inchaço e as nódoas negras que tanto a desfiguravam tinham desaparecido. A pele era macia e clara, com um leve rubor natural e algumas sardas que lhe realçavam os malares salientes e bem feitos. Os olhos, de um verde-mar forte, pareciam possuídos de uma luz interior. E a boca era grande e sensual. Harry sentiu a boca seca.

— Eu... Hum... Não me parece que precise do turbante conseguiu ele dizer.

— Está bem, lá está você com a história do turbante. Se ainda lhe apetece ir jantar, sou doida por comida indiana.

— Apetece e conheço um bom restaurante.

Harry olhou à sua volta e percebeu que dois ou três dos retratos eram da própria Maura. Eram impecáveis. Indiscutivelmente. E havia uma certa constância no modo como ela se via a si mesma. Porém, na opinião de Harry, nenhum deles captara sequer o mais pequeno traço do fascínio e do mistério subtil que emanavam da mulher que estava sentada à sua frente.

— Sabe, você é um tipo simpático — disse ela. — Gostava de o ajudar, se puder.

Maura pegou num blusão que estava em cima de uma cadeira e vestiu-o.

— Harry, já alguém lhe disse que é parecido com... Espere, que eu estou a pensar... Oh, já sei, com o Gene Hackman. Acho que você é parecido com o Gene Hackman.

Harry olhou para ela com curiosidade, sem saber o que havia de responder. A expressão dela era tão natural. Ela não se lembrava.

— Humm... Sim. Já alguém me disse que eu era parecido com ele.

— Foi a sua mulher?

— Não, não. Foi outra pessoa. Maura, eu tencionava falar no médico misterioso depois do jantar, mas pode só dizer-me como é que ele era... Como é que o descreveu ao seu irmão?

Maura ia a responder. Depois, semicerrou os olhos. Harry percebeu que ela estava confusa.

— Sabe, lembro-me de ver alguém a entrar no quarto respondeu ela. — Pelo menos, acho que sim. Mas mais nada.

— Quer dizer que não consegue descrever a cara dele? Maura deitou-lhe um olhar desanimado e abanou a cabeça.

— Harry, só agora é que me apercebi disso, mas não consigo. Não consigo descrever nada que se tenha passado naquela noite. Absolutamente nada.

CAPÍTULO 18

— Repare nesse miúdo a marcar — disse Harry, quando se encontravam junto da vedação alta que rodeava o campo de basquetebol. — O pequeno, com a T-shirt da Knicks.

O adolescente, mais baixo e mais rápido que todos os outros, justificou a atenção, dando um salto e enfiando a bola no cesto.

— Belo salto — comentou Maura.

Ficaram a ver o jogo durante mais alguns minutos e depois desceram Manhattan Avenue na direção de Central Park.

— Tem certeza que quer ir a pé até ao restaurante? perguntou Harry.

— Sei que custa a acreditar, mas antes de torcer um pé a descer aquelas escadas era uma corredora razoável.

— Então vamos a pé.

Harry contou pormenores dos seus próprios esforços para se manter em forma.

— Você está a ser muito paciente por não me falar naquele médico do hospital — disse ela.

— Podemos falar disso mais tarde.

— É terrível, mas não me lembro do aspecto dele. Não tenho pensado muito no hospital, sobretudo porque não quero. Agora quero, mas é como se... Como se o meu cérebro fosse um queijo suíço. Certas coisas, algumas conversas, são claras como água. Outras...

— Só por curiosidade, lembra-se do amigo do seu irmão, o Lonnie? Ele estava no quarto nessa noite. Aquele a que chamavam Dweeb.

— Ele é negro, não é?

— Exatamente — respondeu Harry, entusiasmado. — >Lembra-se do que ele levava vestido? Do que ele fez nessa noite?

— Usava chapéu. Um boné...

— Ótimo. Exatamente. E que mais?

Maura fixou o olhar num edifício e depois abanou a cabeça tristemente.

— Nada. Desculpe, Harry. É como se tentasse lembrar-me de quem estava sentado ao meu lado na terceira classe. Sei que lá estive, e consigo recordar algumas imagens nebulosas, até o vestido que a minha professora usava. Mas sem pormenores.

Harry lembrou-se da rapidez com que ela reparara no emblema de Jennifer e na cabeleira de Dickinson e como reagira durante as ações criadas por Dweeb. A zona especializada do seu córtex, responsável pela consciência, funcionara bem naquela noite, talvez com maior acuidade do que era normal. Mas a sua capacidade de arquivar informação, ou pelo menos de a recuperar, fora claramente afetada, muito afetada, aparentemente.

— Não é de admirar, suponho — disse ele, esperando que a sua preocupação e o seu desapontamento não fossem muito óbvios. — A concussão, a cirurgia, o álcool, a saída, a medicação... Considerando tudo isso, acho que você se saiu muito bem.

— Desculpe — repetiu ela. — Vou continuar a tentar. Se me lembrar de alguma coisa, você será o primeiro a saber.

— Obrigado. Já chega. Proponho que mudemos de assunto. Vamos falar de arte.

— E de heróis de guerra.

Ao longo dos anos, na maior parte das reuniões sociais, era raro Harry puxar a conversa. Digno de reflexão, era o modo como ele classificava esse tema; enfadonho, era o reparo frequente de Evie. Mas era extremamente fácil conversar com Maura Hughes. Harry divagou enquanto caminhavam e, de repente, deu consigo a falar candidamente na maldição dos Corbett e nas suas dores episódicas no peito — coisas que ele não partilhara com ninguém.

— Então, quem é o seu médico? — perguntou Maura quando ele acabou.

— Ando à procura de um — respondeu Harry à pressa. Maura parou, pegou-lhe nos braços e obrigou-o a voltar-se para ela. À preocupação ensombrou-lhe o rosto.

— Promete?

Harry não fazia ideia de quanto tempo é que esteve a observar os seus olhos cor de esmeralda antes de responder.

— Com tudo o que está a passar-se, não sei dizer quando. Mas prometo.

A luz mudou. Atravessaram Columbus e estavam a meio quarteirão de Central Park quando ela disse: — Você devia saber que, apesar do meu comportamento dessa noite, tenho uma memória fotográfica para as coisas que me prometem. E consigo ser muito chata quando quero.

— Tenho a impressão que você é espantosa em qualquer coisa quando quer.

Harry ficou muito admirado com as suas próprias palavras. Estaria a namoriscar?

— Mas que comentário tão simpático, Harry — respondeu ela. — Sobretudo considerando que, neste momento, você viu-me mais com o delirium tremens do que sem ele.

— Diga-me, o que a levou a atravessar a fronteira?

— Refere-se à bebida?

— Refiro. Ela riu.

— Você julga que houve alguma tragédia, algum acontecimento horrível e medonho no meu passado que me atirou para a bebida?

— Eu... Hum... Acho que era isso que eu julgava, sim.

— Bem, lamento desiludi-lo. Há muita coisa no meu passado que eu desejaria que nunca tivesse acontecido. Mas não há nenhuma catástrofe, nenhuma tragédia. De fato, se houve alguma coisa, o álcool foi uma dádiva de Deus, pelo menos durante uns tempos.

Maura contou que fora criada por pais abastados, falou dos seus Verões em picadeiros, dos seus anos no colégio interno e, por último, da sua breve passagem pelo colégio de Sarah Lawrence. Nessa época, a revolta contra o estilo de vida e a hipocrisia dos pais já cavara um fosso entre eles que nunca seria transposto.

— Pouco depois, o meu... o meu pai sofreu graves reveses financeiros e a minha mãe deixou-o. Ele morreu num acidente de viação... à saída de Los Angeles. Não estava nada sóbrio, se é isso

que quer saber... Uma mulher que ia com ele no carro também morreu.

Quando ela falou do pai, Harry notou uma alteração impressionante tanto na expressão como na voz de Maura. Os músculos do pescoço retesaram-se. A fala tornou-se difícil e hesitante.

Era como se uma sombra opaca lhe caísse sobre os olhos — uma membrana protetora que lhe cobria os sentimentos.

— E a sua mãe? — perguntou ele, ansioso por ajudá-la a mudar de assunto.

— A minha mãe ainda é viva. Mas nem o tom nem eu sabemos dela, excepto no Natal. Duvido que esteja sóbria muitas vezes. Talvez porque os meus pais nunca falavam desses assuntos, tanto quanto me lembro, sou muito sensível às coisas do mundo que são trágicas ou injustas.

Maura contou que passara vários anos a tentar escrever o grande romance americano, incluindo dois anos numa reserva dos Navajos, no Arizona. Mas faltava chama à sua escrita, e as suas experiências com os Navajos e com outros povos que eram pobres e oprimidos parecia acentuarem ainda mais a sua sensação de impotência. Era como se quanto mais ela lutasse, menos sentido fizesse a sua vida.

— Um dia, não tanto para ter respostas como por uma questão de terapia, limpei o pó à minha caixa das tintas e estiquei umas telas.

Tinha aprendido alguns rudimentos no liceu, mas nunca tinha pintado.

Dessa vez, desde o início, pareceu-me que a pintura era a atividade certa para mim. Eu também não era má, mas parecia que ninguém reparava no meu trabalho. Depois, aconteceu-me uma coisa maravilhosa, o Southern Comfort. Descobri que a bebida me libertava de qualquer coisa que estava dentro de mim, ou que talvez limasse as arestas. Não sei. Mas sei que, quanto mais eu bebia, melhor pintava.

— Ou pelo menos julgava que pintava — corrigiu Harry.

— Não. Pode não acreditar, mas eu era melhor. As galerias viram e as pessoas que compravam arte, também. Durante algum tempo,

as minhas obras foram muito procuradas. Até comprei aquele prédio onde vivo. Depois, a princípio sem me aperceber, comecei a passar cada vez mais tempo a beber ou a dormir durante as ressacas, e a pintar cada vez menos. Há três anos que ninguém se interessa por aquilo que eu faço. Não me lembro quando vendi a minha última obra.

— Você nunca procurou tratar-se junto de um conselheiro ou dos AÃ?

— Para quê? Eu tinha sempre motivos para beber: relações que se tinham deteriorado, injustiças, más recordações, problemas profissionais. Durante um tempo, frequentei uma psicoterapeuta. Ela disse que eu tinha apenas o temperamento e a paixão de uma artista.

E, além disso, sempre acreditei que conseguiria sair quando me apetecesse. Agora, depois do que me aconteceu, não estou tão certa disso.

— É um começo.

— O quê?

— Admitir que talvez não consiga abandonar a bebida quando quiser...

O restaurante que Harry recomendara ficava na Rua 93, perto de Lexington. Entraram em Central Park pela Rua 97. Eram oito e quarenta e cinco, mas ainda havia uma réstia de luz do dia. Optaram por um caminho pavimentado que ia dar ao reservatório. A atmosfera estava quente e silenciosa, e a água parecia um espelho.

— Adoro esta cidade — disse Harry. — Sobretudo o parque.

— Vem muitas vezes passear para aqui, à noite?

Tanto quanto podiam ver, o caminho à volta do reservatório estava deserto.

— Considero que ainda não é de noite, mas a resposta é afirmativa.

Não desafio a sorte metendo-me por entre os arbustos, mas as estradas aqui são seguras.

Harry atirou uma pedrinha à água.

— Treze saltos. Um novo recorde do mundo.

— Como é que eu só contei oito?

— Estou a ver que vou ter problemas consigo. Gozando o bem-estar e a tranquilidade que sentiam um com o outro, dirigiram-se para um caminho arborizado que ia dar à estrada. Os últimos vestígios da luz do dia tinham dado lugar ao crepúsculo.

— Ouça, Harry — disse ela. — Tenho estado a pensar e quero propor um acordo. Você acha que eu devia ir a um conselheiro ou aos AA. Eu acho que você devia consultar um cardiologista para averiguar o que se passa com essa dor. O acordo é o seguinte: se você enfrentar o seu problema, eu enfrento o meu.

— Já prometi que o faria.

— Eu estou a falar em enfrentá-lo depressa. Se quiser, eu vou a uma dessas reuniões amanhã.

— Acredite que eu não tenho angina de peito. Eu conheço a angina de peito. É que me sinto inquieto com esta dor no peito por causa da minha história familiar e...

— Está combinado ou não?

Pararam e olharam um para o outro. Harry engoliu em seco.

— Está combinado — respondeu ele. — Desde que você prometa que não bebe nada alcoólico sem me telefonar primeiro e sem me dar a oportunidade de a dissuadir.

— Combinado.

O sorriso de Maura era terno e cheio de esperança. Depois, de repente, a sua expressão alterou-se. Abriu muito os olhos.

— Harry! — exclamou, olhando por cima do ombro dele.

— Nem uma palavra, nenhum de vocês! — rosou o homem atrás de Harry.

Harry reconheceu logo a voz. Pertencia ao mais corpulento dos homens que o tinham atacado no apartamento de Desiree. Harry ia a voltar-se, mas o rufião, mais alto do que ele, pôs-lhe um braço à volta do pescoço e apontou-lhe uma arma às costelas. Instintivamente, Maura virou-se para fugir e colidiu com o outro homem, que descera o caminho pelo lado da estrada, anulando qualquer tentativa de escapar nessa direção. O local que tinham escolhido não se via da estrada que passava por cima, nem do reservatório mais abaixo. Maura deu um grito e o homem mais baixo e atarracado pegou-lhe no pulso e torceu-lhe o braço bem atrás das

costas. Em seguida, obrigou-a a sair do caminho e a subir o declive na direção dos arbustos. O homem que agarrara Harry empurrou-o rudemente atrás dela.

— Nada de murros desta vez, idiota — rosnou ele.

Harry tropeçou na raiz de uma árvore, mas o braço do gigante à volta do seu pescoço impediu-o de cair. Vinte metros mais à frente, a vegetação rasteira e a inclinação da encosta impediram-nos de continuar. Estava muito mais escuro ali do que no caminho.

— De joelhos, os dois — ordenou o homem mais alto. Derrubou Harry com um pontapé forte na parte de trás do joelho. Maura, com o braço levantado quase até ao pescoço, não conseguia resistir.

— Belo corpo — disse o rufião, quando a obrigou a deitar-se no chão, de cara para baixo. — É mesmo giro — acrescentou, ajoelhando-se em cima dela.

— Deixe-a em paz — suplicou Harry. — Ela não constitui qualquer ameaça para ninguém. Não se lembra de nada. Nada. Têm de acreditar em mim.

— Cala-te, raios!

Qualquer coisa sólida — o punho do homem ou o cano do revólver — atingiu Harry mesmo atrás da orelha direita. A dor e uma luz branca e cauterizante atravessaram-lhe a cabeça. Harry inclinou-se para a frente e caiu em peso, libertando o ar que tinha nos pulmões.

— Não! Por favor, não...

Através de uma névoa criada pelo estado de semi-inconsciência, Harry ouviu o grito de Maura. Depois, de repente, as suas palavras deram lugar a um murmúrio assustador. Harry sentia a debater-se, a bater desesperadamente com os pés no chão, ao lado da sua cara.

Levantou a cabeça. Não via nada, mas, através da escuridão, avistou o homem atarracado sentado nas costas de Maura, com as mãos carnudas à volta do pescoço dela, a puxar-lhe a cabeça para cima e a incliná-la para trás, tentando estrangulá-la.

— Não! — gritou Harry, mas a sua voz não passava de um murmúrio rouco e impotente. — Não façam isso!

Debateu-se para tentar levantar-se, mas o monstro que estava atrás dele derrubou-o de novo com um pontapé no meio das costas.

De súbito, o homem que estava em cima de Maura soltou um gemido, caiu para a frente e para o lado e depois resvalou pela encosta na direção do reservatório, como se fosse um boneco de trapos. No mesmo instante, o homem mais alto soltou um grito de dor e caiu no chão, agarrado ao braço direito. Instintivamente, deu duas voltas no chão e tentou abrigar-se atrás de um grande carvalho. Harry recuperava rapidamente a lucidez, mas ainda não conseguia perceber o que estava a passar-se. Depois, avistou a arma do homem a cerca de dois metros. Rastejou na sua direção, esperando que o gigante não chegasse lá primeiro. Mas o homem, ainda agarrado ao braço e a cambalear, desapareceu no meio dos arbustos.

Harry agarrou no revólver e depois aproximou-se de Maura, a rastejar.

A mulher estava deitada de barriga para baixo e muito quieta, mas respirava. Harry virou-a com cuidado e afagou-lhe a cabeça com a mão livre.

— Maura, já passou — segredou-lhe ele ao ouvido. — Sou o Harry.

Você está bem?

Com os sentidos apurados e o dedo junto do gatilho do revólver, Harry tentou descortinar um movimento ou um vulto na escuridão. O ruído do assaltante a fugir desvaneceu-se e foi substituído por um silêncio tão denso como a escuridão do arvoredado.

Harry verificou a pulsação de Maura, palpando-lhe as carótidas. Era normal. Sentia a sua própria pulsação na cabeça. Os olhos de Maura abriram-se e ela desatou a soluçar baixinho. Harry continuou a perscrutar as árvores. Segurou a arma com a perna e acariciou a face de Maura.

— Ele estava a estrangular-me — queixou-se, tentando afastar a rouquidão. — Eu não conseguia respirar.

— Eu sei. Agora é mais fácil. Você já está bem?

— O que... aconteceu?

— Não tenho certeza. Acho que os dois homens foram alvejados, mas não ouvi nenhum disparo. Você está bem?

— Estarei, assim que deixar de tremer. Foi tudo tão rápido.

— Eles trabalham para aquele médico que você viu. Acho que eles queriam matá-la e deixar-me vivo para tentar convencer a Polícia de que não fora eu.

Harry ajudou-a a sentar-se, mas continuou a apoiá-la com o braço à volta do ombro.

— Está ali alguém? — perguntou ela em voz baixa, apontando para a escuridão.

Puseram-se de novo à escuta. Mais uma vez, respondeu-lhes apenas o silêncio. Sem largar o revólver, Harry ajudou-a a levantar-se. Sentia a cabeça a latejar, a par de um certo atordoamento. Um ligeiro traumatismo, concluiu. Nada mais. Tocou na ferida que tinha atrás da orelha e fez um esgar de dor. Não tinha qualquer inchaço, o que não lhe permitia provar que tinham sido assaltados. Os dois rufiões sabiam o que estavam a fazer. Mas alguém os abaterá.

Maura e Harry desceram o declive amparados um ao outro. O caminho, escuro mas um pouco mais iluminado do que os arbustos, estava deserto. Harry encostou de novo o dedo ao gatilho do revólver, enquanto ambos procuravam lentamente ao longo das árvores.

— Tinha certeza que o patife caíra aqui — disse Harry.

— Talvez ele esteja apenas ferido, como o outro.

— Não teria rolado daquela maneira, mas talvez.

— Não me parece que queira voltar aqui ao parque mais alguma vez — afirmou ela.

— Acho que talvez não seja má ideia sairmos daqui.

Nesse momento, Maura apontou para a base de uma árvore, vários metros acima, no declive. Um braço saía de trás dela, e uma mão inerte balouçava, com a palma virada para cima. Harry e Maura deram uma grande volta e depois aproximaram-se da árvore pelo lado de cima. O homem que ia estrangulando Maura até à morte estava encostado ao tronco. Envergava umas calças de ganga escuras e uma camisola preta de gola alta. Um dos lados da cara estava encostado ao solo úmido. O seu olho visível estava aberto, sem nada ver, como se ele observasse o cimo do declive.

— Aqui. Olhe — disse Harry, apontando para uma mancha no pescoço do homem.

Maura inclinou-se e viu um buraco do tamanho de uma moeda, e um círculo de sangue que alastrava.

— O que havemos de fazer? — perguntou ela.

Harry procurou uma carteira nas calças do homem, mas sabia que não encontraria nenhuma.

— Não ouvi nenhum tiro — repetiu ele. — E você?

— Não, estava ocupada a ouvir as goelas a abrirem-se.

— Acho que quem alvejou estes tipos tinha um silenciador.

— E depois?

— Os assassinos profissionais usam silenciadores. Maura, acho que devemos sair daqui.

Maura esfregou o pescoço.

— Concordo — disse ela.

CAPÍTULO 19

A descoberta de um homem morto a tiro em Central Park foi o tema principal dos noticiários da noite e dos jornais da manhã. A Polícia descobriu o corpo às dez horas, após um telefonema anônimo feito de uma cabina. A vítima não tinha carteira e ainda não fora identificada.

As primeiras impressões indicavam que se tratara de um assalto, mas a Polícia não excluía a hipótese de que a morte fosse o resultado de um ajuste de contas.

Harry entrou no hospital para fazer as rondas matinais, com os pensamentos desordenados, como vinha sendo habitual. O mistério que envolvia a morte de Evie permanecia obscuro. E agora havia outras perguntas sem resposta que ensombravam ainda mais a situação. Quem é que estivera no caminho de Central Park, com um revólver munido de silenciador na mão, pronto a matar? A chegada do seu salvador teria sido uma coincidência? Tratar-se-ia de um vigilante anticrime? Nenhuma das explicações fazia muito sentido.

Algumas coisas, muito poucas, pareciam óbvias. Harry continuava convencido de que a sua vida não se encontrava em perigo: estava a ser poupada para desviar a responsabilidade pelo assassinio de Evie.

Mas a sobrevivência de Maura não estava tão assegurada. Talvez Albert Dickinson não desse crédito ao relato da testemunha ocular, mas era óbvio que o assassino dava.

Durante a noite, ela pouco falara da sua provação. Mas Harry estremecia ao pensar no que ela tinha sentido, com um assassino a apertar-lhe o pescoço e a espinha quase a atingir o ponto de ruptura.

Depois de saírem do parque, tinham ido para o apartamento de Harry. Concluíram que a casa de Maura era demasiado vulnerável. E

embora Rocky, o porteiro da noite, não assegurasse uma proteção que desse sossego a ninguém, era melhor do que nada. Maura tinha certeza que o irmão já pusera em perigo o seu futuro na esquadra ao redigir um relatório formal a confirmar a sua história. Dessa vez, insistiu para que ele não fosse envolvido, pelo menos em termos oficiais. Harry não concordou totalmente, mas, depois de tudo que ela passara, não tentou fazê-la mudar de ideias.

Contatou a esquadra de Central Park, de um telefone público. Por enquanto, tom Hughes ficaria de fora.

Quando chegaram ao apartamento, sentaram-se no sofá do pequeno gabinete de trabalho revestido de painéis de madeira de carvalho e acenderam a televisão. Maura, fisicamente esgotada, pouco falou.

Bebeu um chá de ervas, comeu uns biscoitos e ficou a olhar para o ecrã. Cerca de uma hora depois, o noticiário do Canal 2 começou com a notícia do homicídio junto do reservatório de Central Park.

— Harry, acho que estou preparada — disse ela, depois de ouvir o breve relato. — Pode dizer-me o que está a acontecer?

— Quem me dera saber — respondeu ele.

Contou-lhe as descobertas confusas e deprimentes que fizera no apartamento de Evie em Greenwich Village. Disselhe que se lembrava do médico com o sotaque requintado e dos dois homens que o acompanhavam e que os tinham assaltado no parque. Maura ouviu tudo sem o interromper.

— Então está tudo ligado ao sexo — concluiu ela, quando ele terminou.

— De certo modo, acho que podemos dizer que sim. Algures na sua...

O que posso chamar-lhe? Investigação? A Evie cruzou-se com a pessoa errada. Quem quer que a assassinou, ou mais provavelmente quem a mandou assassinar, fê-lo de modo a não levantar quaisquer suspeitas. Os aneurismas como o dela rebentam com frequência.

Tenho certeza que não era para ser criado qualquer tumulto à volta disso, nem para haver autópsia. Mas como Caspar Sidonis afirmou que eu tinha razões para a matar, isso alterou tudo. Agora,

quem a matou na realidade está empenhado em provar que o Sidonis tem razão.

— E em eliminar a única testemunha ocular — acrescentou Maura. — Harry... Parece que a Evie era uma pessoa triste e confusa.

— Acredite quando lhe digo que ela não era assim.

— E quanto a filhos? Você não os desejava quando se casou?

— Oh, muito.

— E ela?

— Costumava dizer que sim, mas não creio que fosse sincera.

Olhe, sei que parece que eu devia ter acabado com o casamento há vários anos, ou que nem sequer me devia ter casado. Mas, quer acredite quer não, no dia a dia não foi assim tão mau. Éramos iguais a muitos outros casais. Levantávamo-nos, íamos para o emprego, tínhamos algum dinheiro, tínhamos amigos, íamos de férias de vez em quando, comprávamos algumas coisas bonitas, fazíamos amor, pelo menos ao princípio. Eu olhava pelos meus pacientes, tocava a minha música, fazia os meus exercícios físicos, corria no parque. Creio que não analisava a situação muito de perto.

— Compreendo. Acho que todas as pessoas que têm um mau casamento são culpadas de não quererem ver a realidade, às vezes durante muito tempo.

Maura recostou-se e fechou os olhos.

— Ainda há muito tempo, Harry.

— Para quê?

Ela bocejou e espreguiçou-se.

— Para tudo...

Horas depois, ensopado em suor, acordou de um sonho que já tivera muitas vezes. Era passado em Nha-trang, visto pelo cano da espingarda de Harry. Do outro lado do cano, um jovem soldado vietcongue erguia a arma. O seu rosto e a sua expressão eram indeléveis na mente de Harry. Com os olhos esbugalhados de medo, tenta nivelar a sua arma semiautomática. A espingarda de Harry dispara. O peito do jovem rebenta como um melão maduro. Ele é projetado para trás e cai no esquecimento. Pouco depois, outro soldado, ainda mais novo que o primeiro, aparece no extremo do

cano. Vê Harry e o homem ferido no chão, a seu lado. Levanta a arma. A espingarda de Harry dispara outra vez...

A televisão tremeluzia na sala às escuras, com o som quase inaudível.

Maura Hughes, coberta com uma manta de lã, dormia ao lado de Harry, com a cabeça no seu regaço. Harry desligou o televisor e sentou-se na penumbra, acariciando-lhe a face e o novo cabelo.

Durante toda a noite, Maura não apresentara desculpas para ela própria ou para a sua vida, não racionalizara o vício da bebida. Não se lamentara da situação terrível para a qual fora lançada. Podia não ter medalhas, mas, à sua maneira, Maura Hughes era uma heroína. E Harry sentiu-se muito próximo dela.

Mudou a posição das pernas. Ela gemeu baixinho, depois levantou-se e olhou para ele.

— Hum. Não o deixo ir para a cama? — perguntou, sonolenta.

— Não. Ultimamente, tenho passado mais noites neste sofá do que na cama. Por que não vai para o quarto de hóspedes para dormir a sério?

— Posso antes ficar aqui?

— Se quiser.

Com as pálpebras a fecharem-se, sorriu-lhe e depois encostou-se para o seu lado.

— Eu quero — murmurou em voz baixa...

Harry tinha três pacientes no hospital. O primeiro, uma menina de quatro anos com asma, estava pronta para ter alta. Harry escreveu instruções pormenorizadas para a mãe, que era pouco mais do que uma criança. Mas não havia informações ou palavras de conforto que fossem suficientes para a acalmar. Harry tirou um cartão de visita da carteira.

— Aqui tem, Naomi — disse ele, escrevendo no verso do cartão.

— Este é o número do telefone de minha casa. Se houver problemas com a Keesha, nem sequer tem de falar para o atendedor, a menos que eu não esteja em casa. Mas ela vai melhorar.

A adolescente guardou o cartão no bolso das calças de ganga, e depois aceitou a alta e os esforços de Harry para lhe dar um abraço.

O segundo paciente, um velho, passara de um cardiologista para Harry, na sequência de uma estada de três dias no serviço de cardiologia.

Era um velho desdentado, cuja mente confusa durava desde que Harry era o seu médico, há quinze anos ou mais. Com os serviços sociais e as enfermeiras do serviço ambulatorio a trabalhar no seu caso, havia boas hipóteses de ele voltar para casa nessa semana.

Deu uma palmada nas costas a Harry, chamou-lhe Dr. Carson e disse-lhe que continuasse a tentar porque ainda viria a ser um bom médico.

Harry sorriu tristemente ao pensar como eram vulgares as rondas como aquela, desde sempre. Naquele momento, ao atravessar o hospital, tinha consciência dos olhares, dos dedos apontados e dos segredinhos.

É aquele. O médico que matou a mulher. Não posso acreditar que o deixem andar pelo hospital desta maneira...

Apanhou o elevador para o quinto piso do Edifício Alexander. O elevador era o mesmo em que descera com Mel Wetstone. Dessa vez, o assassino de Evie fora uma das pessoas que viera encostada a eles. Agora, Harry ia só.

O último paciente que visitara encontrava-se no quarto 505. Era um arquitecto de trinta e três anos, chamado Andy Barlow. Barlow era seropositivo há dois anos e agora lutava com uma pneumonia *Pneumocystis carinii*, o primeiro indício de que desenvolvera sida.

Durante esses anos isentos de sintomas, Andy continuara a trabalhar numa empresa no centro da cidade, dedicava inúmeras horas de voluntariado a visitar os sem-abrigo e os desafortunados num hospício, e liderava a campanha a favor da troca de seringas e da melhoria dos serviços de saúde locais destinados aos pacientes com sida.

"Outro verdadeiro herói", pensou Harry ao entrar no quarto.

Andy Barlow, com os tubos do oxigênio no nariz, não tinha tão bom aspecto como Harry desejava. Tinha uma cor amarelada e um pouco escura, e os lábios mais arroxeados do que devia. Estava sentado num ângulo de oitenta graus, para que o ar lhe entrasse nos pulmões.

Mesmo assim, conseguiu sorrir.

— Olá, doutor — disse ele, no meio de um ataque de tosse.

— Olá.

Harry puxou uma cadeira e sentou-se, folheando a ficha clínica de Barlow. Os resultados dos exames — contagem de glóbulos, níveis de oxigênio, análises, radiografia ao tórax pareciam melhores do que o paciente. Eram uma razão para que ele estivesse, pelo menos, um pouco animado.

— Quais são as notícias? — perguntou Barlow.

— Bem, os relatórios destas pequenas jurisdições internas indicam que estamos a ganhar.

— Diga isso aos meus pulmões.

— Sente-se assim tão mal?

— Por acaso, não — respondeu Andy, fazendo uma pausa para tomar fôlego. — A minha respiração está um pouco melhor e já não tusso tanto.

Voltou a tossir várias vezes e depois riu-se de si próprio, acrescentando: — Como de costume, o homem falou antes de tempo. Harry examinou-lhe a garganta, o peito, o coração e o abdômen.

— Não está mal — afirmou, verdadeiramente animado. Como se sente da cabeça?

Andy encolheu os ombros.

— Acho que ser seropositivo durante dois anos me ajudou um pouco a preparar-me para isto, mas ainda estou lixado e... e um pouco assustado.

— Também eu — disse Harry.

— Eu sei. E aprecio que o diga.

Andy Barlow não era o primeiro paciente com sida de que Harry tratara, nem sequer o décimo. Hábitos saudáveis, exercício, cuidados preventivos e tratamento agressivo com injeções tinham contribuído significativamente para a qualidade e a duração das suas vidas. Mas alguns já tinham morrido. A infecção pulmonar de Barlow assinalava a primeira etapa de um novo caminho. Já se sabia que ele desenvolvera a doença e quando. Agora, médico e paciente tinham de reordenar as suas prioridades e expectativas. Harry simulou mais

um exame ao peito até ter certeza de que conseguia dominar as suas emoções.

— Não se ofenda com o que eu vou dizer, mas acho que não tenho tanto medo de morrer como de estar sempre paciente. Tenho passado tanto tempo nos hospitais com os meus amigos que já receio transformar-me num deles — disse Andy.

— Compreendo. Bem, prometo-lhe que farei tudo o que puder para o tirar daqui o mais depressa possível e para mantê-lo lá fora. E, quanto a estar sempre paciente, sei que nada do que eu possa dizer afastará essa preocupação. Tente concentrar-se na realidade que é o seu presente... É tudo o que qualquer de nós tem. A única coisa que pode fazer é tentar vivê-lo ao máximo.

— Não deixe que eu me esqueça disso.

— Não deixo, se assim o quer. Agora, ouça. Julgo que o Batrim intravenoso inverteu a corrente. A sua radiografia está um pouco melhor, assim como a sua contagem de glóbulos.

— Ainda bem, porque sou um dos principais criadores das remodelações no Claridge Performing Arts Center, e quero estar presente na estreia, no dia vinte e um.

— Daqui a dez dias? Não há problema, homem. Nem que vá com o meu estetoscópio atrás das costas.

— Está garantido?

— Tem a minha palavra.

Andy, que tinha um tubo intravenoso na mão direita, apertou a mão direita de Harry com a esquerda.

Harry apertou-lhe a mão com força, depois voltou-se rapidamente e saiu do quarto. Era uma situação a que nunca se habituaria. E, na verdade, nem queria habituar-se.

Regressou ao posto das enfermeiras e deu ordens por escrito para que a terapia respiratória de Andy Barlow fosse intensificada. Ali perto, duas enfermeiras conversavam com a enfermeira de serviço. Harry trabalhara com todas elas durante algum tempo, num ou noutro caso, e todas se tinham mostrado cordiais. Naquele momento, nenhuma das três interrompeu a conversa para lhe dar atenção. Harry fez-lhes sinal com as receitas e pôs a ficha clínica em cima da secretária.

— São receitas — disse ele.

— Obrigada, doutor — respondeu a mulher, sem levantar a cabeça. — Ficam entregues.

Harry ainda pensou em forçar um confronto com o grupo: uma contestação por estar a ser julgado prematuramente. Mas mudou de ideias. Apesar das garantias constitucionais, sabia que na mente de muita gente era culpado até ser provado o contrário. Enquanto a sua situação não se resolvesse, haveria frieza, distância e silêncio. E ele não podia fazer nada contra isso.

Desceu ao primeiro piso e saiu do hospital. A manhã não tinha nuvens e estava quente, e, como faltavam vinte minutos para começar a atender o seu primeiro paciente no consultório, podia ir a pé e gozá-la.

Como estaria Maura? Quando saía de casa para ir trabalhar, ela começava a aperceber-se da sua verdadeira situação. Parecia irritável, vazia e distraída. E embora não o dissesse, pensava que tudo seria mais fácil se bebesse um copo. Tinham resolvido que ela voltaria a casa com uma amiga, meteria umas roupas na mala e se mudaria para casa de Harry durante uns dias. Entretanto, talvez resolvesse telefonar ao irmão. Harry oferecera-se para contratar um guarda pessoal quando ela regressasse a casa.

— Até quando? — perguntara ela.

Harry não tentara discutir com ela acerca desse ponto. Sobretudo porque ela tinha razão. Se alguém, sobretudo um profissional, lhe quisesse mal ao ponto de a matar, ela teria de esconder-se bem, caso contrário, seria morta mais cedo ou mais tarde. Era tão simples como isso.

Havia uma única pessoa sentada na sala de espera quando Harry chegou ao consultório, um homem que ele nunca vira. Os olhos encovados e o rosto esquelético denunciavam tempos difíceis. O cabelo preto, que começava a embranquecer, estava cortado curto, e Harry apercebeu-se da tensão nervosa do homem. Trazia umas calças de ganga desbotadas, uns tênis gastos e um blusão azul-marinho com um logotipo dos Yankees ao peito. Harry cumprimentou-o com um aceno de cabeça antes de entrar no cubículo de Mary Tobin. O homem respondeu com um sorriso ténue.

— Quem é o nosso amigo? — perguntou Harry em voz baixa, examinando o livro das marcações, onde se viam vários cancelamentos e não figurava o nome de nenhum paciente.

— Chama-se Walter Concepcion. Está desempregado e não tem seguro de saúde.

— E que mais?

— Queixa-se de dores de cabeça.

— Quem o recomendou?

— Quer acredite quer não, ele diz que soube da sua existência pelos jornais.

— Médico suspeito de assassinar a mulher... Que melhor recomendação pode um paciente desejar?

— Bem, o senhor nunca mandou embora nenhum paciente, que eu me lembre, por isso tomei a liberdade de preencher uma ficha e de lhe entregar um questionário.

— Ótimo. Parece que não vamos ficar sepultados numa avalanche de marcações.

— Oh, cá nos arranjaremos. Mas diga-me, como está? "Além de Maura quase ter sido assassinada ontem à noite, de eu ter presenciado um assassinio e de não fazer ideia do que se está a passar, não estou mal. Nada mal."

— Vou para a cama confuso e levanto-me confuso — respondeu Harry.

— Nisso não é diferente das outras pessoas — disse Mary, a sorrir. — Descanse, que as respostas vão aparecer.

Mary tinha um aspecto mais esgotado e cansado do que nunca. No entanto, competia-lhe acalmar os pacientes que telefonavam, aceitar cancelamentos sem fazer comentários, afastar os repórteres e ainda estava preocupada com ele. Harry incluiu-a na sua lista de heróis.

Pegou no bloco com o questionário que o seu novo paciente preencheria. Walter Concepcion tinha quarenta e cinco anos, um irmão em Los Angeles e um endereço no Spanish Harlem e não tinha telefone. Tal como Mary avisara, não tinha seguro de saúde. Mas indicava uma ocupação: detetive particular. Harry apresentou-se e fez sinal ao homem para que o seguisse.

— Eu era detetive particular encartado — explicou Concepcion em resposta à pergunta de Harry. — Mas tive um pequeno problema há uns anos e eles tiraram-me a licença.

O seu sotaque nova-iorquino, sem resquícios latinos, sugeria que ele nascera nos Estados Unidos.

— Em Março, espero reavê-la. Continuo a fazer uns trabalhos, mas por baixo da mesa, se é que me faço entender.

A tensão que Harry sentira na sala de espera era visível no tique intermitente nos músculos da face direita de Concepcion, e nos dedos, que parecia estarem quase sempre em movimento.

— O problema que teve estava relacionado com drogas? — perguntou Harry.

Sem hesitar, Concepcion fez um sinal afirmativo.

— Cocaína. Crack, na realidade. Julguei que aguentava.

— Ninguém aguenta.

— Tem razão. Mas já há 'quase três anos que estou limpo. Nem drogas, nem álcool, nem vinho. Nada. Não é que mereça uma medalha por isso, mas regresssei à minha atividade.

— É uma grande proeza — retorquiu Harry. — Não é preciso negá-lo.

Agradava-lhe a frontalidade do homem. Os olhos de Concepcion, embora encovados, eram brilhantes e inteligentes, e não se desviavam dos de Harry.

— Bem, Mister Concepcion, tenho vinte minutos para o atender — disse Harry. — As dores de cabeça são os sintomas mais difíceis de diagnosticar corretamente, mas farei o que puder. Talvez tenha de cá voltar mais uma ou duas vezes.

— Por mim, tudo bem, doutor, desde que possa espaçar os meus pagamentos. Não estou falido, mas tenho de me equilibrar, se é que me faço entender.

— Não há problema — respondeu Harry. — Entre na segunda porta à esquerda para eu ouvir a sua história clínica e o examinar.

Concepcion levantou-se e saiu do aposento no momento em que o telefone particular de Harry começou a tocar.

A linha particular, direta para o gabinete das traseiras, permitia que Harry fizesse telefonemas sem ser pela linha do escritório.

Também garantia que as chamadas de emergência do hospital não seriam retidas por um sinal de interrompido.

— Doutor Corbett — disse Harry, verificando um pequeno monte de correspondência, quase tudo lixo, que Mary lhe deixara em cima da secretária.

— Estou muito aborrecido consigo, doutor — respondeu uma voz com um ligeiro sotaque que lhe era familiar. — Muito aborrecido.

Harry ficou tenso. Mesmo que quisesse avisar Mary, não tinha nenhuma linha de rede na secretária.

— Quem é você? — perguntou ele.

— O homem que você atraiu e matou com tanta crueldade, ontem à noite, era muito importante para mim.

As palavras eram desprovidas de qualquer emoção.

— Ouça, eu não atraí ninguém. Os seus capangas é que tentaram matar-nos. Não lamento que alguém nos tenha salvo a vida. Mas não sei quem foi.

— Acho que está a mentir, doutor Corbett. Eu é que tive a culpa por não me ter lembrado que você poderia ter arranjado alguém que o seguisse. Mas verá que se tratou de uma decisão infeliz e insensata para si. Muito infeliz e muito insensata.

— Quem é você? Por que faz isso? Por que matou Evie?

— O senhor tornou-se um grande empecilho para mim, doutor Corbett — disse a voz. — E tenciono fazer alguma coisa por isso. Facilitaria a vida a muita gente se arranjasse uma maneira inteligente e indolor de acabar com a sua vida.

— Vá para o diabo.

— Morto ou condenado a prisão perpétua. Receio que estas sejam agora as únicas opções que lhe restam. Se não quiser matar-se agora, prometo que o fará dentro de pouco tempo. O homem cuja morte planeou ontem à noite era meu sócio. Será vingado.

Harry teve vontade de desligar o telefone, mas ficou ali sentado, transfigurado, tentando desesperadamente encontrar palavras que alterassem a situação.

— Por que não nos deixa em paz? Não sei quem você é, nem Maura Hughes. Ela não se lembra do que houve no hospital. De nada.

— Ah, quem me dera acreditar nisso. Voltemos ao duplo tema do seu castigo e do seu suicídio. Considero ambos essenciais. Para lhe mostrar que estou a falar a sério, escolhi aquele jovem com quem você esteve a falar há pouco. Barlow, não é?

— Seu patife! Não lhe toque!

— Um tipo simpático, ao que parece, mas que teve a pouca sorte de o ter como médico.

— Não!

— Pense nas suas opções, doutor Corbett. A morfina administrada por via intravenosa é totalmente indolor. Uns comprimidos para dormir também servem. Assim como o monóxido de carbono. Cair de uma grande altura também seria maravilhoso, e o sofrimento seria de curta duração. Uma bala no céu da boca talvez ainda doesse menos.

— Por favor — suplicou Harry. — Por favor, dê-me tempo. Dê-me tempo para decidir.

— Oh, você tem o tempo todo que quiser.

— Obrigado. Muito obrigado.

— Mas receio que Mister Barlow não tenha tempo nenhum. bom dia, doutor.

— Nããã! Raios, não — gritou Harry ao sentir o telefone a desligar.

Naquele momento, Harry levantou a cabeça e lembrou-se que Walter Concepcion estava à porta.

— Eu... Eu só queria saber se me dispo — disse ele, embaraçado.

Mary Tobin, reagindo ao grito de Harry, entrou a correr no gabinete.

— Telefone para o Alexander cinco — ordenou ele. — Peça-lhes que mandem alguém ao quarto quinhentos e cinco. Andrew Barlow. Quarto quinhentos e cinco. Eu vou a caminho.

— Sim, doutor — respondeu Mary.

— Mister Concepcion, terá de cá voltar outra vez.

Sem esperar pela resposta, Harry passou pelo homem estupefato, saiu do consultório e viu-se na rua inundada de sol. Separavam-no seis quarteirões do Manhattan Medical Center.

CAPÍTULO 20

Nessa parte da cidade, as pessoas não se admiravam muito de ver um homem de fato completo a correr pelo passeio, evitando os peões.

Era como se Harry atravessasse uma zona de melação. A temperatura aproximava-se já dos trinta graus e a manhã estava bastante úmida.

As pessoas que passavam por ele afastavam-se e algumas viravam-se para trás. Mas quase todas continuavam a olhar depois de ele passar, para verem quem é que o perseguia. Harry sabia que era capaz de correr mais depressa, mas, como continuava a ignorar a causa da dor no peito, tinha relutância em esforçar-se demasiado.

Mesmo assim, sentia umas pontadas do lado esquerdo. E, à medida que avançava, perguntava a si próprio quando é que aquele mal-estar fragilizante e envolvente se apoderaria dele.

Quando chegou ao hospital, levava o casaco na mão e serviu-se de uma das mangas para limpar o suor da face. Entrou a correr pela porta principal, esperando que o pager accionasse o Código 99 no Alexander 5. Mas tal não aconteceu, e o aparelho que levava preso ao cinto não disparou. O átrio estava cheio de gente, como de costume.

Por deferência para com o hospital e os pacientes, Harry abrandou a marcha e desceu o corredor até virar para o Edifício Alexander. A certas horas do dia, talvez fosse mais rápido ir de elevador. Mas Harry nem pensou duas vezes. Agradecido aos seus exercícios no circuito de manutenção, subiu as escadas a dois e dois. Voltou a sentir um certo mal-estar no peito, mas nada de grave, nada que parecesse do foro cardíaco. Talvez uma coisa de origem muscular ou gastrintestinal, concluiu.

O carrinho do Código 99 estava estacionado à porta do quarto 505.

Harry soltou uma praga em voz alta, correndo para ele. Ia a aproximar-se quando percebeu que a tampa não fora removida. As duas enfermeiras, que o tinham desprezado de uma forma tão ostensiva há uma hora, estavam ali perto, a conversar.

Olharam para ele, e Harry apercebeu-se do seu desdém.

— O que se passa? — perguntou.

— Nós não sabemos — respondeu uma das mulheres acintosamente. — Diga-nos o senhor.

Harry passou por elas e entrou no quarto. Steve Josephson, de estetoscópio ao peito, encontrava-se do outro lado da cama, inclinado sobre Andy Barlow, a examinar-lhe o peito e as costas. O jovem arquitecto, que inspirava oxigênio a um ritmo de seis litros por minuto, parecia o mesmo que deixara durante a ronda, paciente, mas não moribundo.

— Problemas na base dos dois pulmões — murmurou Josephson, com os seus botões.

Levantou a cabeça e viu Harry.

— Olá, aqui estás — disse ele. — Eu andava neste piso a acabar as rondas quando as enfermeiras me apanharam. Parece que a enfermeira do teu consultório telefonou e disse que havia uma emergência com Mister Barlow.

Harry aproximou-se da cama, ciente de que um grupo de pessoas — enfermeiras, a secretária do serviço e dois internos — se juntava à porta. Sabia que, dissesse o que dissesse, a sua credibilidade, já muito afetada no hospital, em breve desapareceria. Fora apanhado por um louco, e com grande mestria.

— Recebi uma chamada pelo telefone direto do meu consultório — explicou Harry quase em surdina, esperando não ser ouvido pelo resto dos presentes. — O homem que falou comigo deu a entender... — Harry olhou para o seu paciente e mediu as suas palavras com todo o cuidado —, que tencionava fazer mal ao Andrew, aqui, de qualquer maneira.

— Mas por quê? — perguntou Barlow, cujas palavras foram quase abafadas por um acesso de tosse.

Harry virou-se para a multidão.

— Não se importam de fechar a porta? — pediu ele. Ninguém do grupo se mexeu. Harry aproximou-se para ser ele a fechá-la. A enfermeira-chefe, Corinne Donnelly, entrou.

— Autorizo-o a fechar a porta, mas tenciono ficar e ouvir exatamente qual é a explicação que o senhor tem a dar para isto — disse ela.

Donnelly, que tinha mais ou menos a mesma idade de Harry, já uma vez entregara uma amiga íntima aos seus cuidados.

Agora, olhava-o com um ar de desafio, quase a implorar um confronto.

— Entre — convidou Harry, cansado.

A enfermeira fez sinal às outras pessoas para se afastarem e fechou a porta atrás de si. Steve Josephson encostou o corpanzil à parede.

Harry virou-se para o seu paciente.

— Andy, ainda não falamos disto, mas calculo que saiba da morte da minha mulher e o que alguns jornais e noticiários televisivos têm dito a meu respeito.

— Sei. Não acreditei neles.

As duas frases provocaram-lhe um novo ataque de tosse. Harry perguntou a si próprio o que estaria aquela cena a custar ao seu paciente em termos de forças.

— Faz bem em não acreditar nos jornais — disse Harry. Eu não fiz mal à minha mulher. Mas quem lhe administrou aquela injeção letal está muito zangado comigo... Eu... eu não tenho certeza se sei por quê.

Parece que esse homem está decidido a atingir-me, ameaçando os meus pacientes.

Steve Josephson perguntou: — Queres dizer que, por causa do ódio que te tem, esse tipo matou a Evie e agora quer fazer mal aos teus pacientes?

— Creio que há outros motivos pelos quais ele matou a Evie. Julgo que ele se sentia ameaçado por uma investigação que ela andava a fazer.

Mas quanto ao Andy, a resposta é afirmativa. Sei que isto parece uma loucura, Steve, mas...

— Isso não parece uma loucura, doutor Corbett — disse Corinne, interrompendo-o. — Isso é uma loucura. doutor Corbett. Acho que temos de falar no meu gabinete.

Harry olhou para o seu paciente.

— O que tem a dizer... pode dizer aqui mesmo.

— De acordo, como queira, doutor. Tenciono telefonar à diretora de enfermagem agora mesmo e pedir-lhe que fale com o doutor Erdman e com o doutor Lord imediatamente. Não acredito na sua história...

acerca da sua mulher e desse homem misterioso que lhe telefonou.

Não sei o que está a acontecer, o que se passa consigo, mas sei que o senhor sofreu uma mudança drástica nestes últimos tempos. Talvez seja uma espécie de síndrome de stress pós-traumático, qualquer coisa relacionada com a guerra. Ou talvez esteja relacionado com a sua mulher e com o doutor Sidonis. Seja como for, o senhor precisa de ajuda antes que alguém sofra com isso. E, a bem de todos, devia afastar-se voluntariamente deste hospital até se apurar a verdade. Este jovem já tem problemas suficientes e não precisa que o seu próprio médico o ponha em perigo. Harry olhou para o seu amigo de longa data. Josephson, embaraçado, mudou de posição e olhou para o chão. No meio do silêncio, ouviam o ruído do lado de fora da porta. O pessoal continuava ali, sem dúvida tentando ouvir o que estava a acontecer. Corinne Donnelly mexeu-se para pôr fim à escuta, mas Harry fez-lhe sinal para ficar.

— Está bem — disse ele. — Mistress Donnelly, tem razão. Tenho de fazer o que puder para impedir que os meus pacientes sejam ameaçados por esse... esse lunático sádico. Mas não há motivo para pensar que o fato de eu sair do hospital porá cobro a esta situação. Deixar de exercer medicina seria admitir que eu cometi um erro, e eu não cometi nenhum. Desculpe, mas tenciono ficar a acompanhar isto até ao fim.

— O que não acontecerá se eu tiver uma palavra a dizer disparou a enfermeira.

A mulher deu meia volta e saiu do quarto, quase chocando com o grupo de pessoas que estavam encostadas à porta.

— Harry, estou cem por cento contigo — afirmou Josephson. — Diz-me apenas se posso fazer alguma coisa. Até logo, Mister Barlow. Espero que saiba que não poderia ter um médico melhor do que este.

— Eu sei.

Josephson apertou a mão a Andy, depois deu uma palmada no braço de Harry e saiu, fechando a porta.

— Parece que ambos temos tempos difíceis à nossa frente — disse Barlow.

A sua respiração era cada vez mais problemática. Harry percebeu que ele estava exausto e que precisava muito de descansar. O stress era perigoso para um homem no estado de Andy. Harry sentiu-se simultaneamente furioso e impotente. Estava a ser manipulado como um fantoche por um louco que tinha prazer em infligir sofrimento.

— Andy, desculpe — disse ele.

— O que pode fazer?

— Telefone mais tarde para saber se está tudo a correr bem consigo.

— Obrigado... Ouça, Harry.

— Sim?

Pela segunda vez naquela manhã, o jovem que acabara de contrair sida estendeu o braço e pegou na mão de Harry.

— Tudo correrá bem — assegurou.

— Sim, eu sei.

Harry voltou-se e saiu do quarto à pressa, e por pouco não chocou no corredor com um homem de pele cor de bronze, de bata cirúrgica, que levava o recipiente metálico do serviço intravenoso.

— Oh, desculpe — disse o homem, com um forte sotaque indiano.

Harry disse em voz baixa que não havia problema. Consciente de que todos se tinham voltado e de que toda a atividade parara assim que ele se aproximou do posto das enfermeiras, saiu daquele piso o mais depressa possível. Quando chegasse ao consultório, telefonaria a Doug Atwater para a Manhattan Health, no sentido de recolher

apoios, caso Corinne Donnelly ou mais alguém tentasse afastá-lo do hospital.

Também seria aconselhável telefonar a Mel Wetstone.

Ao descer as escadas, Harry perguntou a si próprio o que teria acontecido se, em vez de ter alvejado os dois homens em Central Park, o misterioso pistoleiro os tivesse apanhado e entregue à Polícia.

Talvez todo aquele pesadelo tivesse acabado. Mas o assassino de Evie decidira que Harry pagaria por aquele tiroteio.

Harry entrou no corredor principal, apercebendo-se mais uma vez dos olhares e dos segredos. "Isto ainda poderá ser pior?"

Cinco pisos acima, o enfermeiro do serviço intravenoso entrou no quarto 505, sem ninguém dar por ele, e preparou o equipamento junto da cama. Usava um turbante e uma barba de sique. Andrew Barlow olhou para ele, sonolento.

— Está tudo bem? — perguntou Andy.

— Oh, sim. Está tudo bem — respondeu o homem, num inglês sincopado. Examinou o equipamento intravenoso de Andrew através dos seus óculos de tartaruga. — É apenas um exame de rotina. Nada de agulhas. Nada de mais tubos.

— Oh, ainda bem.

Andrew fez um sorriso débil e fechou os olhos. O enfermeiro, cuja etiqueta do MMC o identificava como Sanjay Samar, enfermeiro, verificou o saco da glucose e os tubos de plástico. Em seguida, injetou uma pequena quantidade de líquido no tubo de borracha.

— É só para desentupir os tubos — disse ele, em voz baixa.

— Hummm — murmurou Andrew, sem abrir os olhos. Sanjay estava a arrumar o seu recipiente de metal quando reparou numa zona de pele clara no lado interior do cotovelo. De futuro, pensou, quando usasse aquele pigmento na pele, teria de ser mais cuidadoso. Saiu do quarto e encaminhou-se para as escadas que ficavam mais longe do posto das enfermeiras. Todo ele era profissionalismo, mas, por baixo dos óculos e das lentes de contato castanho-escuras, os seus olhos azul-claros faiscavam.

CAPÍTULO 21

- Bem doutor, vamos recomeçar.
- De onde?
- Do princípio, evidentemente.

Albert Dickinson, cujo terno amarrotado precisava desesperadamente de uma limpeza a seco, apagou um Pall Mall e preparou-se para acender outro. O cinzeiro estava a abarrotar. O pequeno gabinete de interrogatórios tresandava a tabaco, a café e a odor corporal. Harry mexeu-se desconfortavelmente na cadeira com encosto de ripas e perguntou a si próprio se deveria dizer mais alguma coisa sem telefonar a Mel Wetstone. Mas a verdade é que não fizera nada de mal. E, à parte o seu envolvimento íntimo no crime de Central Park, na noite anterior, não tinha nada a esconder. Mesmo assim, os seus problemas aumentavam rapidamente. E agora, um jovem de que ele tanto gostava, estava morto.

Cerca de vinte minutos depois de Harry ter saído do quarto 505, um servente foi encontrar Andrew Barlow deitado tranquilamente, sem pulsação nem respiração. Uma breve tentativa de reanimação foi rejeitada quer pelas enfermeiras quer pelos internos, visto que o paciente tinha as pupilas fixas e dilatadas e o eletrocardiograma era uma linha recta. Embora a manhã fosse o período mais atarefado e mais fervilhante do dia no hospital, em que técnicos, médicos, estudantes, pessoal da manutenção, serventes e enfermeiros entravam e saíam, nenhum elemento do pessoal do Alexander 5 vira alguém entrar ou sair do quarto de Barlow depois de Harry.

Após receber a notícia, Harry cancelou as marcações que ainda tinha e voltou ao hospital, atordoado e distante. Andy Barlow jazia, de costas, na semiobscuridade, com um lençol que o tapava até ao queixo. O seu rosto refletia já os primeiros sinais da morte. Harry teve vontade de gritar, de berrar como um animal ferido. Apetecia-lhe destruir o quarto, arrancar os tubos da parede, pegar numa cadeira e atirá-la pela janela. Mas sentou-se junto da cama, sozinho, com a mão de Andy Barlow na sua, e desatou a chorar.

Antes de sair do quarto, fez três telefonemas. O primeiro foi para informar Owen Erdman que voltaria a telefonar mais tarde para

marcar uma reunião logo que possível. O segundo foi para a família de Andy, e o terceiro foi para Albert Dickinson.

— Se julga que, por ser você a notificar-me, eu o retiro da minha lista, está doido — disse Dickinson.

O homem pensou um pouco e depois acrescentou: — Mas essa é a realidade, não é?

— O quê?

— Que você está doido, Dickinson não podia acusá-lo de nenhum crime até a autópsia provar que a morte de Andy não fora provocada por causas naturais. Mas mesmo uma autópsia com resultados negativos deixaria várias perguntas sem resposta. Afinal, o jovem arquitecto constava da lista de pacientes sujeitos a cuidados especiais do hospital, e as enfermeiras com quem Dickinson falara testemunharam que o falso alarme de Harry contribuía para aumentar o stress de uma situação já de si difícil.

— Não foi um falso alarme — afirmou Harry, com uma paciência exagerada. — A responsável do meu consultório ouviu a chamada.

— Deixe-me corrigi-lo. Ela ouviu o telefone a tocar. Até um estúpido de um polícia como eu sabe qual é a diferença entre ouvir um telefone a tocar e escutar uma conversa.

— Bem, também lá estava um dos meus pacientes. Ele ouviu uma parte da conversa. Metade.

— Bem, acho que isso me convence.

— Não seja cínico.

— Então não me impinja histórias ridículas como se eu fosse um atrasado mental.

— O homem chamava-se Concepcion. Walter Concepcion. Harry contou o pouco que soubera do seu novo paciente: que fora detetive particular, que estava desempregado, que fora viciado em cocaína, que sofria de dores de cabeça crônicas e que tinha um tique nervoso. Exatamente o tipo de testemunha que Dickinson esperava que ele apresentasse, alguém que ficasse bem ao lado de uma alcoólica como Maura Hughes.

Paliativos.

— Dê-me a morada desse tal Walter, ou lá como é que ele se chama, que eu vou falar com ele — disse Dickinson.

— Ouça, diga-me só uma coisa — respondeu Harry. O que ganharia eu por inventar um telefonema? Por que o faria?

— Deixe-me pensar... Por que é que você inventaria um telefonema do homem que, segundo você diz, matou a sua mulher, a anunciar que resolvera, sem qualquer motivo, eliminar um desgraçado que ia morrer de qualquer maneira? Bolas, isso ultrapassa-me.

— Eu não matei a minha mulher. Eu não inventei o telefonema. Acredita em mim?

— Sabe, pode ser que esse tipo tenha morrido com um ataque cardíaco ou outra coisa do gênero — disse Dickinson, desapertando a gravata. — Se eu estivesse ali, sujeito a uma vigilância especial, com sida e pneumonia, e o meu médico entrasse pelo quarto a gritar que alguém estava a tentar matar-me, acho que também marava.

Harry suspirou.

— Olhe, tenente. Eu telefonei-lhe e contei-lhe o que se passou com a morte do Andy. Esperei, enquanto você e o seu homem interrogavam toda a gente do piso. Vim aqui à esquadra sem sequer telefonar a um advogado. Estou aqui sentado, há hora e meia, a responder a perguntas a que já respondi duas e três vezes. Ouvi os seus insultos, as suas insinuações e as suas acusações, e não lhe causei problemas. Neste momento, sinto-me terrivelmente mal com o que aconteceu a Andy Barlow. Gostava mesmo dele e estava a fazer tudo para que ele vencesse a pneumonia. Acho que ele foi assassinado pelo mesmo homem que matou a Evie. Mas esse homem não sou eu.

Se tem mais perguntas a fazer, faça-as. De outro modo, quero ir para casa.

— Se a autópsia for positiva, você está no papo — disse Dickinson.

— Ótimo.

— E se for negativa, também está no papo.

— O problema é seu.

Dickinson fez menção de apagar um Pall Mall meio fumado, apercebeu-se disso e agitou o cigarro na direção de Harry, antes de

puxar outra fumaça. Harry pegou no casaco que estava nas costas da cadeira e dirigiu-se para a porta.

— Você não me prendeu pelo assassinio da Evie porque não conseguiu encontrar um delegado do Ministério Público que julgasse que você tinha um bom caso. E eles têm razão. Não fui eu.

— Vá dizer isso aos jurados, doutor. Aposto uma semana de ordenado que eles vão cair em cima de si como uma tonelada de tijolos.

— Você sabe onde pode encontrar-me — respondeu Harry.

Já passava das três horas quando Harry voltou ao consultório. A sala de espera estava vazia. Do outro lado do vidro da recepção, Mary Tobin parecia desesperada.

— Já cancelamos e voltamos a marcar a consulta de Mistress Gonsalves e dos miúdos Silverman — disse ela. — Dora Gonsalves reagiu bem, mas Mistress Silverman ficou aborrecida. Telefonou há pouco a pedir que as fichas da família fossem enviadas para o doutor Lorello.

— O Marv é bom tipo. Cuidará bem deles.

— Não está aborrecido?

— Claro que estou aborrecido, Mary. Mas o que fazer?

— Não sei. Oh, meu Deus, desculpe, doutor Corbett. Acho que tudo isto começa a afetar-me.

— Também a mim.

— É terrível o que aconteceu ao Andy Barlow. Harry pegou num formulário em branco e amachucou-o.

— O patife que o matou vai pagar. Juro — asseverou ele, atirando a bola de papel para o cesto e falhando por sessenta centímetros. — Tive de telefonar à família do Andy, em Delaware, a dar-lhe a notícia.

Detesto sempre essa parte do meu trabalho, mas ainda detesto mais que seja pelo telefone.

Mary levantou-se e abraçou o patrão. A sua família já tinha o seu quinhão de tragédia, e ela sabia consolar e confortar. Havia uma ternura especial na sua cintura larga que fazia lembrar a mãe de Harry, antes das trombozes recorrentes e de ter perdido trinta e

cinco ou quarenta quilos de peso. Harry prolongou o abraço por mais uns segundos.

— Tenho outra má notícia. A Sara despediu-se — disse ela, quando Harry se afastou.

Harry sentiu-se desfalecer. Há mais de quatro anos que a enfermeira estagiava no seu consultório. Era inteligente, amiga de aprender e capaz de lidar com quase todos os problemas médicos da mesma maneira que ele teria lidado. Os pacientes adoravam-na, e o dinheiro que ela atraía para o consultório ultrapassava um pouco o seu salário.

Harry olhou para o corredor e viu que o gabinete dela estava às escuras.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Tudo isto a tem afetado. Creio que o marido também anda a pressioná-la. Hoje foi para casa paciente, mas disse que ficaria até ao fim da semana. Duas semanas, se o senhor quiser.

— Uma chega — respondeu Harry, distraído. — Amanhã falo com ela.

“Outra baixa.”

— Mary, voltou a marcar consulta para o Walter Concepcion?

— Para a semana. Quarta-feira, suponho. Ele tentou explicar-me que ouvira essa chamada... desse homem. Creio que estava envergonhado e aborrecido por não ter dado meia volta e não se ter afastado.

— Até fico satisfeito com isso. Temos o número do telefone dele?

— Temos. Ele não o incluiu no questionário, mas deixou-o mais tarde.

Acho que é o telefone de uma pensão qualquer.

— Arranje-me um cartão com o telefone e com a morada dele, por favor. Talvez eu entre em contato com ele.

Nesse momento, o telefone direto do gabinete das traseiras começou a tocar. Harry ficou tenso.

— Depressa, Mary — pediu, em voz baixa, embora não houvesse mais ninguém a ouvi-los. — Venha atrás de mim no caso de ser ele.

Correram para o gabinete. Harry fez sinal a Mary para que se sentasse num sítio donde pudesse ouvir o auscultador. Ao quarto

toque, atendeu.

— Doutor Corbett — disse.

— Olá, Harry, ainda bem que o encontro. É o Doug. Harry tapou o bocal.

— É o Doug Atwater — proferiu, visivelmente desapontado.

— O assassino ainda não cometeu erros. Acho que seria irrealista esperar que cometesse um agora.

Harry esperou que Mary saísse e depois tirou a mão do bocal.

— Olá, Doug.

Atwater era quase a única pessoa ligada ao hospital de quem ele poderia esperar notícias naquela fase.

— Harry, recebi um telefonema do Owen, a saber se eu tenho falado consigo. Contou-me o que se passou com aquele infeliz no Alexander Cinco. É terrível. Terrível. E eu sei que você não é o responsável.

— Doug, há um louco à solta no hospital. Ele matou a Evie e agora está a tentar atingir-me como pode.

— O Owen contou-me a sua versão do que se está a passar.

— É o que se está a passar.

— Ouça, não é preciso zangar-se comigo. É a primeira vez que você me fala de um louco à solta no hospital.

— Desculpe.

— Harry, as enfermeiras têm andado a chatear o Owen, dizendo-lhe que você devia ter telefonado a demitir-se. É verdade?

— Não, não é. Doug, levei vinte anos a construir a minha carreira de médico. Não vou abandoná-la agora. Além disso, se não andar por aí e não lutar, eles nunca descobrirão o tipo que anda a fazer isto. No pé em que as coisas estão, encontrá-lo é a minha única oportunidade.

Fica aí e luta. Harry lembrou-se da manhã em que, há algumas semanas, se queixara a Phil de que não tinha desafios na vida.

— Pode vir falar com o Owen acerca disto? — perguntou Atwater.

— Posso. Era o que eu ia fazer há duas horas, mas fiquei preso por um dos detetives. Oh, você conhece-o, o Dickinson, o mesmo que apareceu quando a Evie morreu.

— Oh, não. Esse tipo é um idiota. Ele também o considera responsável pela morte deste homem?

— Evidentemente.

— Oh, merda. Harry. Desculpe. Ouça, posso fazer alguma coisa?

— Quem me dera que sim.

— Você não sabe quem é que lhe anda a fazer isto?

— Não faço ideia.

Seguiu-se um silêncio incômodo.

— Sabe, Harry — disse Atwater por fim. — Talvez fosse preferível você pensar em afastar-se do hospital por uns tempos. Pelo menos até este assunto arrefecer, até a poeira assentar. Tenho-o apoiado a cem por cento neste caso, como bem sabe. Mas com as enfermeiras no caminho e o Owen a ceder, a situação começa a ser difícil. Muito difícil.

— Você também não acredita em mim, pois não? Percebo-o pelo seu tom de voz.

— Harry, você tem de ser razoável. Este caso tem diversas vertentes.

— Obrigado pelo seu telefonema, Doug. Você estaria pronto a expulsar-me, mas eu não me demito.

Harry desligou o telefone sem esperar pela resposta e enterrou-se na cadeira. O seu amigo de longa data e talvez o seu último aliado no hospital afastara-se. Atwater não tinha autoridade para o demitir do hospital, mas podia suspendê-lo como prestador de cuidados de saúde da Manhattan Health. Os pacientes da Manhattan Health correspondiam talvez a 40 ou a 50 por cento do total dos pacientes de Harry. Sem eles, era duvidoso que conseguisse continuar a trabalhar durante muito tempo.

Mary Tobin apareceu à porta e anunciou que fizera tudo o que pudera e que ia sair para dar umas voltas e já não voltava nesse dia. Harry agradeceu-lhe, disse-lhe, com pouca convicção, que não se preocupasse, e viu-a sair do consultório. No dia seguinte, falar-lhe-ia do golpe que Atwater parecia disposto a desferir. Não queria preocupá-la mais nesse dia.

Procurou na secretária e no chão à volta algumas fichas para ditar.

Não havia nenhuma. Telefonou para o apartamento de Maura e depois para o seu, mas de ambos lhe responderam os atendedores de chamadas.

Harry disse a cada uma das máquinas que estaria em casa às quatro horas. Em seguida, telefonou a Owen Erdman e marcou outra reunião para discutir o seu futuro no Manhattan Medical Center. Por fim, arrumou a secretária, apoiou os pés a um canto, fechou os olhos e tentou desesperadamente pensar nalguma coisa, em qualquer coisa, que pusesse fim à loucura que estava a asfixiá-lo. O som do telefone quase o fez cair da cadeira. Mais uma vez, era o da linha particular.

Harry levantou o auscultador, mas não disse nada. No breve silêncio que se seguiu, Harry percebeu. O assassino estava de volta. De volta para se regozijar, — A autópsia do seu paciente será negativa — disse a voz inconfundível.

— Como é que sabe?

— Tenho acesso a uma neurotoxina tão forte e de efeito tão rápido que, no momento em que mata, já começou a desaparecer do corpo. O metabolismo final do veneno ocorre depois da morte. Aqui, temos a mania de chamar selvagens aos índios da bacia do Amazonas.

Garanto-lhe que, quando se trata de matar, eles são autênticos virtuosos.

Harry sentiu a arrogância e o ego enorme do assassino. Como testemunhara as consequências indizíveis da sua irritação, escolheu as palavras com cuidado.

— O que pretende de mim?

— Que encerre este caso. Mais nada. A mesma coisa de sempre. Preferia que escrevesse um bilhete. De preferência um bilhete em que admitisse que administrou por engano... O que é que você usou?...

Ah, sim, Aramine. Que deu Aramine à sua mulher, por engano. Você ficará em paz. E eu verei este caso encerrado.

— Eu não constituo qualquer ameaça para si — contrapôs Harry.
— Ninguém constitui. Nem sequer consigo convencer ninguém da sua existência.

Nem sequer consigo convencer ninguém da sua existência.

De súbito, Harry começou a pensar mais depressa. O homem era louco, é verdade, mas também era esperto. Por que se arriscava daquela maneira, telefonando para o consultório de Harry quando alguém podia ouvir a sua confissão? Harry só precisava de um aliado digno de confiança, com conhecimento em primeira mão, só um. O homem sabia da existência da linha particular e, aparentemente, também sabia que Harry não podia fazer sinal a alguém do consultório para ligar uma extensão. Mas como é que sabia que não estava ali ninguém ao pé dele, à escuta, como Mary Tobin, quando Doug Atwater telefonara? Era atrevido e arrogante, mas não devia ser imprudente. Por que ele arriscava? Harry tentou compreender.

De repente, percebeu. O patife estava a espiar o consultório! Naquele momento, ali perto, ele estava à espreitar Mais nenhuma explicação fazia sentido.

— Espere aí, que vem um mensageiro a descer dos outros andares e eu tenho de entregar-lhe um embrulho — disse Harry. — Se tem mais alguma coisa a dizer-me, espere aí, que eu já volto.

Harry pôs o auscultador em cima da secretária e correu para o átrio da porta principal. Havia um telefone público do outro lado da rua, dois prédios mais abaixo. O seu carrasco tinha de lá estar!

Harry saiu do edifício, a correr, entrou na atmosfera crepuscular e ia chocando com um táxi amarelo ao atravessar a rua. A cabina telefônica estava deserta. Mas não estivera. O auscultador balouçava de um lado para o outro, como um pêndulo. O lenço branco que se encontrava no pequeno balcão metálico garantia que não havia impressões digitais. Harry correu para a Quinta Avenida, para a esquina mais próxima. Os peões eram muitos. Harry examinou a rua, à procura de alguém que parecesse deslocado ou interessado nele.

Nada. Carla De Jesus, a proprietária idosa de uma pequena loja de bugigangas, que varria o passeio em frente do estabelecimento, interrompeu o que estava a fazer e acenou-lhe. Harry correspondeu, aproximou-se e perguntou-lhe se ela não vira um desconhecido ou alguém a correr pela rua. Ela respondeu que não vira ninguém.

Harry teve vontade de gritar, de destruir alguma coisa. Mas a sua sanidade mental já estava em causa em demasiados quadrantes.

— Hei-de encontrar-te, patife — murmurou em voz baixa, continuando à procura de qualquer coisa fora do vulgar. — Seja quando for, vou te encontrar.

Regressou ao consultório para fechar a porta. Seguindo um impulso, tentou de novo falar para casa. Maura respondeu ao primeiro toque.

Só quando ouviu a sua voz é que Harry percebeu quanto ela o preocupara.

— Maura, olá, é o Harry — disse ele.

— Como está, senhor doutor?

A sua fala era demasiado fluida, demasiado cantada. A disposição de Harry, que já não era brilhante, ficou ainda pior.

— Maura, está bebendo? — perguntou ele.

A pausa que se seguiu bastou como resposta.

— Não tanto que tenha importância — respondeu ela, impassível.

— Maura, por favor — disse ele, tentando não denunciar o seu medo nem a sua irritação. — Por favor, pare. Pare imediatamente.

Preciso de si. O assassino da Evie julga que eu paguei a alguém para nos seguir ontem à noite. Julga que eu sou o responsável pela morte do homem. Para se vingar, há umas horas, matou um dos meus pacientes, um tipo com trinta e três anos. Conseguiu entrar no quarto dele e matou-o. Depois, telefonou-me para aqui a gabar-se do que fez...

Harry foi obrigado a calar-se para se recompor. Maura não disse nada.

— Ouça, você... Você é a única amiga que eu tenho neste momento.

Nem sequer sei o que fazer. O patife disse que ia continuar a atormentar-me, e aos meus pacientes, até eu... Até eu me matar.

Durante dez segundos, não se ouviu nada.

— Harry, por que não vem para casa? — perguntou ela.

— O que vai fazer?

— Bem, para começar, vou tomar uma ducha.

Harry deu graças em silêncio.

— Bem frio — aconselhou.

CAPÍTULO 22

Harry lidara com demasiados alcoólicos para saber que nenhuma promessa — em especial a de não beber mais —, tinha grande significado. Apanhou um táxi, esperando o pior. Em relação a ele, Maura tinha uma certa responsabilidade por ter recomeçado a beber.

Mas, na sua opinião, ela saía prematuramente do hospital na sequência da operação no MMC — não pela operação, nem mesmo pelo delirium tremens, mas pelo seu problema de alcoolismo.

Precisava de estar hospitalizada mais tempo, de alguém que lhe delineasse um plano de tratamento realista. Teria beneficiado da intervenção dos serviços sociais, de psicoterapia, talvez de uma ou duas visitas de alguém dos AA e muito possivelmente de uma estada numa unidade de alcoólicos, destinada a pacientes internados. Noutros tempos, era assim que se faria. Mas agora, mesmo que o médico soubesse que esse método seria o mais aconselhável para a sua recuperação, a companhia de seguros ditava outras leis.

Na base de dados da companhia havia códigos para todas as doenças, ferimentos e situações, para tudo, desde a lepra até à febre da água negra. Havia códigos que estabeleciam limites para as permanências no hospital, para os métodos de tratamento e para o esquema de pagamentos. Mas não havia um código que tivesse em consideração a complexidade de um indivíduo ou a sua reação à doença — não havia nenhum código “Maura Hughes” ou “Harry Corbett”. O admirável mundo novo da medicina.

Harry pagou ao motorista, lembrou-se de comprar outra caixa de bombons — talvez ela precisasse de açúcar —, mas depois encolheu os ombros e atravessou a rua na direção do seu prédio. Sentia-se derrotado e ferido. A luta que se travava no seu íntimo era alimentada pela raiva e pela frustração. Andy Barlow não queria morrer. No tempo que lhe sobrava, queria fazer projetos de edifícios,

ir a concertos e estar com os amigos. Se Maura Hughes queria autodestruir-se, beber até estoirar o fígado, o estômago ou o cérebro, Harry Corbett não podia fazer nada por isso, nem ninguém. Nada de doces.

Maura esperava-o do lado de dentro da porta. Tinha uma maleta aos pés.

— Resolvi ir para casa — disse ela. Harry ficou irritado.

— Por quê? — perguntou. — Por que bebeu? Ou por que quer beber mais?

— Pelos dois motivos, talvez. Harry, não discutamos, está bem? Eu não faço bem a nenhum de nós e não percebo por que mais alguns copos vão alterar a situação.

— Mas vão.

Harry tinha vontade de gritar. Lembrar-lhe rudemente que ela controlava coisas que Andy Barlow não controlava. Mas respirou fundo e pegou-lhe nos braços. O olhar de Maura ainda estava límpido e focado. Era quase certo que não bebera mais nada desde que falara com ele ao telefone. Ainda havia uma hipótese remota de ficar por ali.

— Vamos entrar e conversar — disse ele. — Só um bocadinho.

— Harry, por favor. Não estou a brincar consigo, não estou com pena de mim própria e não estou a induzi-lo a suplicar-me que não beba.

— Nem eu pensei que estivesse. Ouça, estamos ambos a passar um mau bocado. Eu sei que você se sente mal por não se lembrar do aspecto daquele patife. Quem me dera que você se lembrasse, também. Mas se não consegue, não consegue. Não é assim tão importante. O que importa é que você é a única pessoa que sabe a verdade acerca de mim e da Evie. Conto consigo para me ajudar a não perder o controle. E acho que posso fazer o mesmo por si. Agora, por favor, entre.

Durante alguns segundos, ela observou-o, em silêncio. Por fim, disse: — Já alguém lhe disse que é parecido com o Gene Hackman?

Harry ficou estarecido. Depois, reparou no seu olhar travesso.

— Bem, agora que fala nisso...

Sentaram-se no sofá do escritório, a beber café e a tentar dar sentido aos acontecimentos que fustigavam as suas vidas. Tinham chegado a muito poucas conclusões quando, uma hora depois, o pager de Harry o avisou de que deveria entrar em contato com o serviço de recepção de chamadas. Maura reconheceu que não era muito eficiente a gerir o seu alcoolismo, mas não reconheceu a necessidade de ser internada numa unidade de reabilitação durante duas semanas ou mais, sobretudo se fosse Harry a pagar a conta, como ele se oferecera para fazer.

— Outra coisa qualquer. Tudo excepto o internamento avisou ela.

Harry propôs-lhe que falasse com Murphy Gates, o pianista da orquestra do C. C.'s Cellar. Gates, que em tempos fora um alcoólico inveterado e um viciado em heroína, estava limpo e sóbrio há mais de dez anos, embora fosse raro falar do assunto.

— Terei todo o prazer em falar com o seu amigo — disse Maura.

— E o que ele me disser para fazer, eu farei... excepto ser internada numa enfermaria de doidos.

— Talvez ele esteja no clube — disse Harry.

— Agora?

— Só abre daqui a duas horas, mas estarão lá muitos músicos, a tocar ou só a assistir. Por sinal, é a hora de que eu mais gosto. Está escuro, sossegado e... bem, parece um ventre materno. Lembrei-me agora mesmo que, uma vez, o Andy Barlow foi lá para me ouvir tocar...

Os pensamentos de Harry entraram outra vez no quarto escuro do Alexander 5 e concentraram-se no rosto magro que olhava, sem vida, para o tecto. Quando ouvira a fala entaramelada de Maura ao telefone, ficara preso por fios. Agora, sentia que os fios estalavam e que ele começava a escorregar por uma parede de vidro inclinada.

— O louco admitiu o que fez, Maura — disse ele, a andar de um lado para o outro. — Telefonou e admitiu que tinha matado o Andy como...

se admitisse que tinha roubado o jornal da manhã da banca em frente da minha casa. E eu não pude fazer nada. Absolutamente nada. O que fazer? Sou uma espécie de brinquedo para ele. Salta,

Harry. Cai no chão. Faz de morto. Como é que eu vou acabar com isto? Quem se seguirá?

— Harry, vamos embora — pediu Maura, de repente, pegando-lhe na mão. — Vamos sair daqui imediatamente. Talvez lhe faça bem ir ao clube, também.

— Não sei — respondeu. — Ouça, deixe-me ver que mensagem é esta.

Depois podemos resolver o que nos apetece fazer.

Harry ligou para o serviço de atendimento. A chamada fora de alguém que não fazia parte do grupo de pessoas que o contactavam habitualmente. A operadora, em geral conversadora e entusiástica, mostrou-se formal e fria. Aparentemente, juntara-se àqueles que tinham certeza da culpa de Harry no assassinio da mulher. Era como se a opinião a seu respeito se espalhasse como uma nuvem tóxica.

— Doutor Corbett, recebeu um telefonema de Mister Walter Concepcion — anunciou, sem fazer qualquer esforço para pronunciar o nome à espanhola. — Ele disse que é seu paciente, mas que não se trata de um problema médico. Disse que só o senhor o pode ajudar.

Harry tomou nota do número, verificou que era o mesmo que Mary lhe dera no consultório, e fez a ligação. Ao quinto toque, respondeu uma mulher.

— Diga?

— Buenas tardes — disse Harry. — Está Walter Concepcion, por favor?

Depois de dois anos de atividade nas imediações do Spanish Harlem, a sua fluência na língua equivalia à segunda classe, embora o sotaque estivesse mais próximo da pré-primária.

— Un momento.

Ouviu-a pousar o telefone e imaginou uma mulher de vestido de fantasia a aproximar-se do fundo de um lanço de escadas com degraus de madeira carcomida.

— Oye, Walter! — gritou ela, como se estivesse a representar. — Walter Concepcion! Telefono!

Desta vez, Harry imaginou o seu novo paciente, esquelético e tenso, a calçar umas pantufas puídas, a abrir uma das portas do

segundo andar numa pensão deprimente, e a descer as escadas.

— Hola — disse ele, quase no momento em que Harry esperava.

— Mister Concepcion, fala o doutor Corbett.

— Oh, olá, obrigado por falar tão depressa, doutor — disse ele.

— A empregada do seu consultório contou-me o que aconteceu depois daquele telefonema. Lamento que tenha tantos problemas. Eu... eu telefonei para saber se posso falar consigo acerca disso.

— De fato, eu ia telefonar-lhe.

Harry olhou para Maura e fez-lhe sinal que não se demoraria. Queria conhecer melhor Walter Concepcion antes de dar o seu número de telefone a Albert Dickinson. Também queria preparar o homem para o tipo de interrogatório degradante que poderia esperar do detetive.

Mas lembrou-se de outra coisa. Concepcion orgulhava-se de ter afastado o vício do álcool e da droga. A avaliar pelo aspecto, não era exatamente um símbolo de abstinência. Mas era inteligente e parecia tomar a sério a sua recuperação. Se Murphy Gates não estivesse no clube, Concepcion poderia ser outra voz de esperança para Maura.

— Está livre dentro de, digamos, uma hora? — perguntou Harry, calculando que o ex-detetive estivesse quase sempre livre.

— Diga onde, doutor, e eu lá estarei.

Harry hesitou por instantes e depois deu-lhe o endereço do clube.

O C.C.'s Cellar era um estabelecimento pequeno e desprezioso, de 120 lugares, situado na Rua 56, a oeste da Nona Avenida. As paredes de tijolo riscadas estavam cobertas de fotografias assinadas, com molduras pretas, de nomes grandes do jazz, muitos dos quais tinham passado a vida inteira na penumbra, enredados num círculo vicioso de pobreza, vício e sofrimento. C.C., Cari Cataldo, morrera há uns anos, e deixara o clube à sobrinha, Jackie. Tanto quanto Harry sabia, com excepção de algumas fotografias nas paredes e de um sistema de altifalantes que era o último grito da tecnologia, pouco mudara no local, desde que Cari o abrisse, há várias décadas.

Havia quatro pessoas na sala principal pouco iluminada, quando ele e Maura chegaram. Jackie, expansiva, de avental branco, estava atrás do balcão. Um velho empregado da limpeza, curtido pelo tempo, que estava no clube desde o primeiro dia, varria a pequena sala privada.

Dois músicos, ambos guitarristas, improvisavam à vez, no palco. Um deles chamou Harry — O doutor, e se viesses para aqui tocar contrabaixo conosco?

— Talvez mais tarde, Billy.

— Quando quiseres, pá.

— Sabes onde para o Murphy?

O homem abanou a cabeça e depois tocou alguns trechos espantosamente melódicos de Remember You. À parte lamentarem a perda sofrida por Harry, ninguém no clube dera a entender, quer por palavras quer por modos, que estava aborrecido com a publicidade que o envolvia. Confiavam na sua música, confiavam nele. Era tão simples como isso. E, numa cidade com oito milhões de habitantes, este era o único sítio onde ele se sentia verdadeiramente seguro e aceite.

— Vá tocar, se lhe apetece — disse Maura bebendo soda. Eu fico bem.

— Obrigado, mas não me parece. Julguei que me apetecia quando saí de casa, mas agora só quero estar aqui consigo e... Maura, ele passou por toda a gente no Alexander Cinco, entrou no quarto do Andy e voltou a sair. Como é que pode ter feito uma coisa dessas sem ninguém o ter visto? Ninguém.

— Como é que ele entrou no nosso quarto na noite em que matou a Evie? Ele sabe mover-se nos hospitais. É o que é. Se você fosse suficientemente mau e se dispusesse a isso, conseguiria fazer o mesmo. Há tanto stress e tanta tensão nos hospitais que aposto que a maior parte das pessoas que lá trabalham se concentra totalmente em não cometer erros. Em certas alturas, talvez você conseguisse introduzir um elefante lá dentro sem que ninguém reparasse. O tipo sabe o que faz.

— Calculo que sim.

— Harry, quem me dera poder dizer alguma coisa para o ajudar. Quem me dera.

— Você pode, com os diabos. Pode dizer que não volta a tocar em álcool.

Os olhos de Maura cintilaram ante a rudeza de Harry. Era a primeira vez que ele lhe falava assim.

— Farei o possível. Que tal? — perguntou ela.

— Por agora serve.

Maura olhou fixamente para o copo.

— Então, fale-me desse tipo que vai encontrar-se conosco aqui — disse ela, entusiasmada. — Você disse que ele é detetive particular?

— Foi. Meteu-se em sarilhos por causa da bebida e da cocaína. Não sei o que é que ele fez para perder a licença, mas agora anda a tentar recuperá-la.

— Bem, deve ser ele que está ali.

Walter Concepcion estava a beber uma soda servida por Jackie, que lhes acenou. O homem trazia um casaco desportivo leve e tinha um ar mais profissional do que no consultório de Harry. Harry examinou-o quando ele se aproximou da mesa, perguntando a si próprio qual a impressão que ele causaria a Albert Dickinson. Mexia-se bem e dava a entender que em tempos tivera certos dotes atléticos. Mas, apesar de estar bem vestido, tinha um ar destroçado e paciente. Dickinson nunca acreditaria que ele abandonara o crack há anos. Harry apresentou-o a Maura.

— Três sodas em pleno antro da cerveja — disse Concepcion, apontando para os três copos. — Será possível que eu não seja o único passageiro da carruagem?

Harry ficou impressionado.

— Eu não disse nada. Você ouviu toda a conversa — disse ele a Maura.

— O Harry está apenas a proteger-nos. Eu sou a alcoólica.

— Nesse caso, aos alcoólicos.

— Este tipo agrada-me — confessou Maura, juntando-se ao brinde.

Após cinco minutos de conversa, Harry percebeu que a sua avaliação do homem no consultório não fora acertada. Apesar do aspecto amarelado e do tique ao canto da boca, Concepcion era insinuante e inteligente. Nascera e crescera em Nova York, mas viajara muito em serviço e depois à sua custa.

Falou com facilidade e até com humor do tempo em que bebia e da sua dependência terrível da cocaína. Mas a intensidade do seu olhar não deixava dúvidas de que se tratava de um assunto sério para ele.

No auge da sua carreira, cobrava mil dólares por dia e era alvo de uma procura constante. O seu declínio profissional ocorreu quando ele trocou a sua arma por uma certa quantidade de crack, vendido por um polícia infiltrado. Nessa altura, não se importou — nada lhe importava excepto a dose seguinte. Mas a recuperação alterara tudo.

— Vou sobretudo aos NA — explicou Concepcion a Maura, quando lhe pareceu adequado ventilar o assunto. — Os Narcóticos Anônimos, como sabe. Mas terei muito gosto em acompanhá-la a uma reunião dos Alcoólicos Anônimos. NA, AA, Hershey Bars Anonymous, para mim é tudo o mesmo.

— Quanto mais depressa, melhor, acho eu — disse Maura. Jackie trouxe uns aperitivos e mais três sodas. Aos dois guitarristas juntaram-se Hal Jewell, um baterista a tempo inteiro, que fazia lembrar Buddy Rich a Harry, e um saxofonista chamado Brisby, que era sócio de uma das firmas de advogados negros mais bem sucedidas da cidade. Tocavam uma balada clássica em dó maior, que Harry nunca ouvira. Tinham-se passado três quartos de hora e, entre a música e a agradável surpresa que Walter Concepcion constituía, conseguira afastar um pouco o sofrimento que o dilacerava.

A balada era cativante, sobretudo com a acústica da sala quase vazia.

Escutaram-na em silêncio até à última nota melancólica de Brisby.

Depois, Concepcion pigarreou e virou-se para Harry.

— Doutor Corbett, eu... Hum... Há uma coisa que eu preciso de lhe dizer. Tenho dores de cabeça, como lhe disse no consultório...

São fortes e ninguém conseguiu aliviar-me. Mas esse foi apenas um dos motivos que me levou a ir ter consigo.

— Ah, sim?

— Espero que não se zangue. Se se zangar, acho que compreendo.

— Continue.

— Eu ia dizer-lhe isto no consultório, mas o senhor recebeu aquele telefonema e saiu a correr antes que eu pudesse falar. doutor, tenho lido nos jornais os artigos a seu respeito. De fato, tenho lido tudo o que me tem chegado às mãos acerca do que lhe aconteceu, e à sua mulher, no hospital. Deixei-me fascinar por isso. Até falei com a irmã de uma amiga, que é enfermeira lá. Ela... ah... falou-me da discussão que o senhor teve com aquele cirurgião. Como é que ele se chama?

Por instantes, Harry admitiu a hipótese de acabar com a conversa naquele momento. Mas, durante a última hora, Concepcion revelara-se um caso sério. E agora não havia nada de ameaçador ou de obsessivo no seu tom ou na sua expressão.

— Sidonis. Caspar Sidonis — respondeu.

— Sim, esse. Eu... — Concepcion olhou para as mãos. Eu até sei da sua existência, Maura, partindo do princípio que você é a mesma Maura que estava no quarto de Mistress Corbett. Não é muito, realmente. Mas é suficiente para perceber que não são muitas as pessoas do hospital que acreditam em si.

— Walter, talvez seja melhor ir direito ao assunto — disse Harry.

— O assunto é que eu preciso de trabalho. Sei que não parece, mas sou bom naquilo que estava habituado a fazer. Muito bom. O senhor diz que não matou a sua mulher. A Maura afirma que esteve mais alguém no quarto depois de si. Eu quero ajudar a descobrir quem era essa pessoa. Se eu o ajudar, paga-me. Se eu não o ajudar, desembolsa apenas o dinheiro das despesas.

Harry olhou de frente para ele. Nunca se lembrara de contratar ninguém para o ajudar. Reconhecia agora que a ideia tinha mérito.

Mas Walter Concepcion não lhe parecia a escolha ideal. Teve pena do homem quando o imaginou na sua pensão, procurando no

seu pequeno roupeiro o melhor fato, na esperança de conseguir trabalho.

— Não sei — respondeu.

— Walter, diga-me uma coisa. Depois daquilo que leu, o que pensa de tudo isto? — perguntou Maura.

Pensativo, Concepcion cofiou a barba curta do queixo.

— Bem, não estamos a falar de um marido ciumento ou até de um amador — disse ele. — Tenho certeza disso. Estamos a lidar com um assassino profissional, um psicopata, um sociopata, um homem sem escrúpulos. Por isso, creio que a coisa mais importante que tenho a dizer é que não creio que o doutor Corbett tenha esse perfil. Portanto não acredito que tenha sido ele.

— Tem razão nesse ponto — disse Harry.

— Também não acredito que o senhor tenha contratado o homem que o fez.

— Acertou outra vez. Walter, não fui.

Harry sentia-se atraído pela experiência de Concepcion e pelo seu conhecimento da gente da rua, já para não falar da importância de ter mais alguém empenhado em provar que ele não era um assassino.

Mas tinha relutância em fazer um acordo com um homem que conhecia tão mal. Maura livrou-o de embaraços.

— Está combinado — confirmou ela.

— O quê?

— Harry, você quer dizer que sim e bem o sabe. Estamos num impasse. Nem sequer sabemos o que havemos de fazer a seguir. Walter pode ajudar. Sinto em minha carne.

— Acho que posso, doutor Corbett.

Harry levou mais quinze segundos a responder, só para manter as aparências.

— Se vai trabalhar para mim, então também me pode tratar por Harry.

— Não vai arrepender-se. Prometo — disse Concepcion. O homem estendeu o braço e apertou a mão a Harry. Os dedos eram ossudos e nodosos, mas o aperto de mão era espantosamente firme.

Durante meia hora, Harry contou-lhe o seu caso em pormenor.

Concepcion ouvia-o atentamente e interrompia-o de vez em quando para esclarecer um ou outro ponto.

“Esse técnico que tirou as impressões digitais sabia alguma coisa?”...

“Alguma vez você desconfiou que a sua mulher tinha um caso amoroso?”... “Descobriu alguma coisa acerca dos dois nomes que viu na agenda dela?”... “Calcula para quem trabalhava a sua mulher?”

Quando Harry acabou, estavam no clube há mais de duas horas. Os primeiros clientes tinham começado a entrar.

— Bem, o que acha? — perguntou ele.

Concepcion virou a pequena aliança de ouro que usava no dedo do meio da mão direita.

— Creio que temos de fazer o que pudermos para descobrir para quem trabalhava essa tal Desiree. É por aí que vou começar.

— Boa sorte — disse Harry, verdadeiramente impressionado com a lógica da ideia. — O que podemos fazer entretanto?

— Precisamos de chegar a esse rosto que a Maura tem fechado no seu cérebro.

— Refere-se à hipnose?

— É uma hipótese. Harry esfregou os olhos.

— Maura, sinto-me muito estúpido por não ter feito esta sugestão.

— Você tem várias coisas na cabeça — retorquiu ela. Ouça, Harry. Eu tentarei tudo. Talvez possamos gastar mais uns dólares e talvez quem me hipnotizar consiga convencer o meu subconsciente de que o Southern Comfort sabe a borscht ou a Diet Dr. Pepper, ou a outra coisa qualquer. Conhece alguém?

— Conheço — respondeu Harry. — Muito bem. Chama-se Pavel Nemec.

Talvez tenha ouvido falar dele. Chamam-lhe... o Húngaro.

— O último recurso dos fumadores — exclamou Maura. Ouvi dizer que tem uma lista de espera de seis meses.

— Uma vez tratei-lhe do filho. Tenho o número do telefone de casa dele no apartamento. Se for humanamente possível, ele recebe-nos amanhã.

Concepcion assobiou.

— Você deve ter feito algo muito especial pelo miúdo dele.
— Nem por isso, mas ele acha que sim. Harry virou-se para Concepcion.
— Muito bem, Walter, temos acordo.
— Hum, quase. — Concepcion olhou para ele com um ar cansado. — Vou precisar de algum dinheiro para as minhas despesas e também para comprar informações, quando for preciso. Não se preocupe, que eu farei a contabilidade e guardarei os recibos.
— De quanto é que estamos a falar?
— Para despesas, talvez de quinhentos.
— E para as informações?
— Não sei. Talvez de mil.
— Mil e quinhentos dólares? — exclamou Harry. — Julguei que você tinha dito que, se não houvesse resultados, não seria pago.
— Eu disse-lhe, Harry. Sou um profissional. Sei o que custa obter informações. Quanto é que julga que esse tipo recebeu para matar a sua mulher?
— Está bem, está bem. É ponto assente. Passe pelo meu consultório amanhã de manhã, que eu dou-lhe o dinheiro.
— Ótimo. Não se vai arrepender.
— Já me disse isso.
Concepcion levantou-se e apertou as mãos a ambos.
— Maura, marcaremos uma reunião amanhã ou depois, prometo.
— Ótimo. Estou pronta.
Concepcion deu meia volta, mas depois voltou atrás.
— Harry?
— O que há?
— Se puder, avança-me algum desse dinheiro das despesas?
Harry deu-lhe uma nota de vinte dólares, e depois outra.
— Por que tenho a sensação de que estou num rodão?
Concepcion limitou-se a sorrir com o seu ar atraente e afastou-se.
— Fui ruim? — perguntou Harry.
Maura abanou a cabeça.
— Não. Você tem levado a vida protegida demais — disse ela. — Todos têm de comer. Eu confio nele. Além disso, já apresentou duas

boas ideias que nós não tivemos.

— Eu acabaria por me lembrar do hipnotizador — resmungou Harry.

CAPÍTULO 23

Aguardando com impaciência a reunião da Roundtable, Kevin Loomis estava deitado de barriga para baixo na cama enorme do seu quarto nas Suítes Garfield. Já há uma semana que soubera do assassinio de Evelyn DellaRosa. Pensara várias vezes em tentar seguir Sir Gawain, para ver se o homem reconheceria que ela era Desiree. Mas, se alguém do grupo o apanhasse a tentar descobrir a identidade de outro cavaleiro, era provável que estivesse tudo acabado para ele. Para já, o seu plano consistia em manter o silêncio acerca do assunto e esperar que Gawain o abordasse.

A jovem beldade chamada Kelly ajoelhou-se junto das nádegas de Kevin, massajando-o para anular a tensão concentrada na parte inferior das costas. O seu vestido de seda oriental — vermelho e com enfeites de lamé dourado nessa noite —, estava em cima da cadeira, junto das calcinhas de renda preta. Kevin viu o reflexo da rapariga no espelho do outro lado do quarto, os seios empinados e firmes, os mamilos pequenos e escuros, as curvas perfeitas das ancas e do rabo. “Kelly. Mais um nome sem significado”, pensou. Tal como Lancelot, Merlim, Desiree e os outros — nomes sombras sem substância, criados apenas para esconder segredos. Nomes que desapareciam à luz do dia.

— O seu verdadeiro nome é mesmo Kelly? — perguntou ele. Viu-lhe o sorriso no espelho e sentiu-se ridículo ao pensar que não devia ter sido o primeiro a fazer aquela pergunta.

— Se você quiser que seja, é — respondeu ela em voz baixa, com paciência.

Kevin fechou os olhos, sentindo-se um pouco nauseado. A massajá-lo estava esta mulher deslumbrante, pronta, se ele quisesse, para o puxar para dentro dela, das formas mais íntimas que se podia imaginar, mas proibida de partilhar sequer o seu nome

próprio com ele. Seria repórter? Ou estudante de Física Nuclear em Columbia? Ou seria apenas uma prostituta? Kelly, Tristram, Desiree, Galahad, Gawain. Nomes sombras.

“O que diria Nancy se soubesse?”, perguntou a si próprio. Acreditaria que ele fazia parte daquilo tudo? E ele, acreditava?

— Vou tomar um duche — explicou, virando-se.

Kelly inclinou-se e beijou-lhe o pênis, que começou logo a endurecer.

— Quer que eu vá consigo?

— Não — respondeu ele com rispidez. “Quero que me digas o que estás aqui a fazer.” — Vista-se e encomende qualquer coisa para o jantar...

Não me interessa o que é, desde que seja o prato mais caro da ementa.

— Lombo meio passado — disse ela. — Eu lembro-me.

Assim que Kevin entrou na Suíte Stuyvesant, deu de caras com Gawain. A avaliar pela maneira de se vestir e pelos modos do homem, Loomis sempre julgara que ele frequentara o liceu e depois talvez a Ivy League. Nessa noite, parecia irritado e o seu sorriso um pouco tenso.

As sete cadeiras de espaldar alto que rodeavam a mesa estavam afastadas entre si cerca de um metro e vinte. A placa de latão com o nome de Tristram encontrava-se no sítio habitual, entre Kay e Lancelote. Gawain dirigiu-se para o seu lugar, que ficava quase em frente do de Kevin.

Kevin olhou para ele, cumprimentou-o de longe e depois aproximou-se.

— Como está? — perguntou.

— Não me posso queixar — respondeu Gawain.

— Desta vez, o Lancelot mandou-me uma rapariga chinesa. Onze numa escala de dez, diz ele. Talvez tenha razão. Acho que ele está a tentar desculpar-se daquele fiasco com a Desiree.

— Sim, talvez.

Gawain sorriu, pouco à vontade, e puxou a cadeira.

Antes que Kevin conseguisse pô-lo à prova mais uma vez, a reunião começou, presidida por Merlim.

“Talvez ele não saiba nada de Evelyn DellaRosa”, pensou Kevin.
“Talvez nem sequer tenha visto as fotografias dela.”

O relatório financeiro de Galahad mostrava que as contribuições do grupo tinham permitido que o capital circulante tivesse atingido de novo os seiscentos mil dólares acordados. Kevin ignorava como é que eles tinham chegado àquele número, e como é que as suas regras tinham sido adotadas. Nunca se guardavam minutas, nem o registo das votações, nem documentos de qualquer espécie. Mas todos pareciam saberem exatamente em que pé se encontravam os projetos e o que se esperava de cada um deles.

Kay foi o primeiro a falar, sobre um dos três grandes projetos novos que seriam debatidos nessa noite. Apressou-se a dizer que estavam prestes a realizar-se as votações destinadas a aprovar a legislação que permitia às empresas submeter a exames genéticos todos os seus potenciais empregados. Primeiro, exames e perfis psicológicos formais, depois análises da sida e, por fim, testes genéticos. Todos sabiam que o pacote final podia não contribuir com um único elemento positivo para as companhias envolvidas. Mas permitiria que essas companhias de seguros de saúde poupassem dezenas ou mesmo centenas de milhões de dólares.

— Surgirão as habituais objecções legais — explicou Kay.

— Mas creio que conseguiremos controlar essa parte. Entre a aprovação, as objecções e os apoios, passar-se-á um ano, talvez mais, se os sindicatos arranjam advogados decentes. Mas nós vamos ganhar.

— Quanto mais depressa melhor — disse Lancelot. — Na minha opinião, temos de exigir que se façam testes genéticos obrigatórios para entrar nos jardins de infância. Há mutantes por toda a parte.

Ouviu-se uma gargalhada à volta da mesa. Loomis fingiu que se ria e reparou que o sorriso de Gawain parecia mecânico.

Kay foi contemplado com uma ronda de aplausos pelo seu trabalho.

Persival bateu as palmas com força. Dezenas de milhões em lucros acrescidos para a indústria, talvez mais. Tristram pensou no número que Burt Dreiser lhe apontara, na manhã em que se encontrara com ele no barco. Dezanove milhões de dólares. Fora o

que a companhia do ex-cavaleiro perdera num ano, por não ter sido autorizada a substituí-lo na Roundtable. Dezanove milhões de dólares. Partindo do princípio de que a Crown Health beneficiaria do seu trabalho na mesma proporção, o bônus de Tristram seria um por cento disso: cento e noventa mil dólares, além do seu salário base.

Se mais ninguém falasse em Desiree, não seria ele quem quebraria o gelo. Estava decidido.

Gawain foi chamado a seguir para pôr o grupo ao corrente do seu esforço mais recente: legislação que permitiria que as companhias de seguros de saúde decidissem qual o tratamento que era ou não apropriado para pacientes com doenças terminais. Kevin continuou a observá-lo atentamente, notando que ele remexia os papéis e agitava a caneta enquanto falava. O Senhor Respeitável estava invulgarmente nervoso. Não havia dúvidas.

— Reparem que me refiro a pacientes com doenças terminais e não a pacientes na fase terminal da doença. Quando formos autorizados a definir quais as doenças que podem ser consideradas terminais, tencionamos virar-nos para outro lado e determinar quando é que o tratamento dessas situações deixa de gerar custos. Precisamos de ter o direito de recusar a cobertura a esses pacientes, que ocupam camas de hospital e exigem cuidados dispendiosos de especialistas, quando já não há esperança para eles. É claro que, quanto mais depressa nos conseguirmos envolver nesse processo, melhor será. O clima legislativo é excelente, neste momento. O Tristram conseguiu trazer de novo o agente para o grupo, portanto ele não será problema. Há anos que andamos de volta disto: convencer os legisladores e o público de que, já que somos nós a pagar as contas, devemos ser nós a tomar as decisões quanto aos tratamentos. Agora, parece que estamos prontos a comer uma fatia muito maior. Lancelot, quer continuar com a sua parte?

Lancelot pôs de lado o seu charuto meio fumado e pigarreou. Nunca acendia um charuto durante uma sessão da Roundtable, mas era raro andar sem ele. Fez um sorriso travesso a Gawain e um sinal de assentimento. Tristram reparou que Gawain quase não reagiu.

— A parte hábil deste programa — explicou Lancelot — é uma rede de infraestruturas a que chamamos centros paliativos, CPs. São

locais para os quais os pacientes que consideramos em fase terminal podem ser enviados e onde lhes serão prestados cuidados de saúde não dispendiosos. Uma espécie de hospícios... Algo na senda do hospital e do lar, mas cuja gestão é muito menos dispendiosa. Nada de tratamentos, nada de soros, nada de terapias de qualquer espécie. Só analgésicos, administrados vinte e quatro horas por dia, tudo dentro da maior humanidade. E a melhor parte é que vamos avançar com a criação destes CPs e constituir até as empresas que virão a geri-los. Em certos casos, estamos a comprar as instalações que um dia os acolherão.

Seguiu-se meia hora de discussão sobre os centros paliativos, e depois Merlim tomou a palavra.

— Esta reunião tem sido formidável — disse ele, alegremente. — Uma reunião formidável. Bem, tenho o prazer de anunciar que as minhas notícias também são boas. Implementamos o programa de mudança de emprego numa base limitada, e esta noite estou pronto para apresentar os resultados e as projeções dos primeiros dez casos. Em todos eles os segurados perderam o emprego. Uns encontraram novos empregos em empresas que colaboravam com outras seguradoras não pertencentes à Roundtable. Outros, conforme a lei permite, continuam a pagar os seus prêmios durante dezoito meses.

Outros, ainda, recorrem à Medicald. Mas, na maior parte dos casos, já estamos fora da jogada como seus seguradores. Já largamos o anzol, por assim dizer.

Loomis não se lembrava de nada com o nome de “programa de mudança de emprego”. Aparentemente, Merlim servia-se do dinheiro e da influência da Roundtable para forçar o despedimento dos segurados que ficavam mais caros à companhia. Se assim fosse, era a primeira vez que esses indivíduos constituíam o alvo do grupo.

Kevin leu o seu exemplar da folha impressa que Merlim distribuía à volta da mesa. “Qualificações” — os fatores utilizados pelo computador para selecionar os casos. Por baixo, viam-se dez nomes, e ao lado de cada um figurava uma seguradora, um diagnóstico e uma quantia em dólares. A quantia mais pequena era de duzentos mil dólares e a maior de um milhão e setecentos mil dólares. O

quarto dos dez nomes era um subscritor da Crown Health and Casualty.

Subscritor Doente Seguradora Diagnóstico Importância 4.
DeSenza Ryan Elizabeth Crown Lesão cerebral 300 mil dólares Kevin olhou para o nome, fazendo um esforço para se manter impassível. Beth DeSenza trabalhava na linha de produção de uma grande fábrica de confecções à saída da cidade.

O filho, Ryan, sofrera uma paragem cardíaca e o seu cérebro fora afetado depois de ter sido atingido no peito com uma bola de basebol. Graças à ampla cobertura da sua companhia de seguros, Ryan estava internado no centro de reabilitação mais conceituado — e mais caro — da zona, especializado em lesões cerebrais. Kevin fora responsável pela realização do acordo de cobertura com o sindicato.

Beth fora a única segurada que, desde que Kevin trabalhava na Crown, se dera ao trabalho de descobrir o seu nome e de lhe agradecer o papel que ele tivera na prestação de cuidados de saúde ao seu filho. Incluía uma fotografia de Ryan antes do acidente, em pose de morcego, com um sorriso acanhado e um boné de basebol que parecia duas vezes maior do que ele.

Obrigada, Mister Loomis, escrevera ela. Obrigado a si e à Crown por terem possibilitado o tratamento do Ryan.

Nancy levava o bilhete e mandara emoldurá-lo. Agora, a cobertura do filho de Beth, pelo menos ao nível assegurado pela Crown, acabara. O prêmio da apólice individual era extremamente caro — decerto demasiado caro para que ela continuasse a pagar a cobertura, mesmo durante o tempo permitido por lei. Tristram ficou desolado.

— ... pelas primeiras indicações — dizia Merlim —, desde que o programa não seja demasiado utilizado, assim que aumentarmos o nosso ritmo, as nossas companhias poderão gerar poupanças confortáveis de três a seis milhões de dólares por mês. Não é exatamente uma mina de ouro, mas também não é comida para pombos.

Em sinal de apreço, os presentes bateram com as canetas na ponta da mesa.

— Não percebo por que as companhias de apólices não foram consultadas acerca dessas pessoas antes de elas serem despedidas. Fez-se um silêncio mortal na sala.

— Tristram, creio que não percebi o que você disse — respondeu Merlim, por fim.

O seu tom e a sua expressão eram acrílicos, mas Kevin sentiu o sangue a pulsar nos ouvidos. Tudo parecia estar a acontecer instantaneamente. Os seis rostos fixos nele pareciam máscaras de cera... com expressão mas sem vida.

Depois, de repente, o olhar de Kevin foi atraído por um movimento.

Gawain, sentado à sua frente, abanava a cabeça quase imperceptivelmente. Os seus olhos, colados aos de Kevin, faiscavam. Loomis viu os seus lábios mexerem-se e ouviu a palavra não pronunciada, como se esta lhe tivesse sido gritada ao ouvido.

Não!

Com a atenção dos outros concentrada nele, Loomis tinha certeza que fora o único a aperceber-se do aviso.

— Hum... Desculpem — proferiu. — O que eu quis saber foi por que motivo é que você não pediu mais nomes a cada um de nós.

— Ah, compreendo — respondeu Merlim. — Obrigado pelo seu esclarecimento. Eu percebi mal.

— Talvez eu possa responder à sua pergunta, Tristram, porque fui eu que criei o programa para selecionar os clientes disse Kay. — As decisões, do ponto de vista empresarial, são tomadas por computador, para que sejam o mais racionais e desapaixonadas possível. Como pode ver pela lista de fatores considerados, muitos dos elementos são avaliados antes de ser feita uma seleção. Milhares e milhares de segurados são sujeitos a triagem, de cada vez. Seria impossível para todos nós utilizar este método regularmente, e decerto não com o mesmo rigor de um computador.

A atenção dos cavaleiros tinha-se desviado para Kay, com exceção de Gawain, que continuava de olhos fixos em Kevin. O seu rosto estava tenso e pálido. O aviso não verbalizado continuava a faiscar no seu olhar.

— Compreendo — disse Tristram, forçando um sorriso.
Compreendo perfeitamente.

A reunião da Roundtable terminou sem mais incidentes. Os cavaleiros saíram da Suíte Stuyvesant pela ordem inversa da sua chegada. Kevin pensou em interceptar Gawain e exigir uma explicação. Mas não sabia o número do quarto do homem, e o perigo de ser descoberto tão próximo da sala de reuniões era demasiado grande. Optou por voltar para o quarto, vexado.

Kelly, só de calcinhas, estava deitada na cama a ver um filme e a comer uvas que tinham sobrado do jantar. Parecia totalmente descontraída.

Kevin atirou-lhe o vestido.

— Vá embora — disse ele.

— Mas você tem direito a ficar comigo até de manhã.

Kevin tirou uma nota de cinquenta dólares da carteira e pôs na mão dela.

— Eu não direi a ninguém e quero que você faça o mesmo.
Tenha cuidado ao sair. Até a próxima.

Kelly atirou o vestido para o lado, pôs-se na ponta dos pés e beijou-o avidamente.

Kevin apalpou-lhe o seio.

O mamilo endureceu. O corpo macio e elegante da jovem misturou-se ao seu.

— Eu te desejo — segredou ela.

Durante um minuto, os pensamentos de Kevin foram só para ela.

Ainda não cedera e não fizera amor com ela. Mas sabia que, quanto mais tempo passasse na sua companhia, mais depressa chegaria esse momento.

Talvez fosse aquilo de que precisasse verdadeiramente, pensou. Não encarar os demônios que, de repente, o atormentavam, mas, antes, fugir-lhes.

— Eu desejo-te — gemeu ela outra vez.

Ainda em bicos de pés, a rapariga pegou no pênis entumescido de Kevin e meteu-o entre as suas coxas.

— Quero tanto que me penetres.

Kevin pegou-lhe pelos ombros e empurrou-a. A rapariga fazia parte deles, era uma extensão da Roundtable. Um dos nomes-sombra. O que ela estava prestes a tirar-lhe ainda o ligaria mais à sociedade.

Talvez ela fosse recompensada por conseguir obrigá-lo a fodê-la. Vê, Tristram? Você é capaz, dir-lhe-ia a Roundtable. Você é capaz de tudo!

— Saia. Já — ordenou ele.

A rapariga mostrou-se verdadeiramente ofendida. Kevin teve vontade de dar uma gargalhada ao ver como ela era hábil. Enfiou o vestido pela cabeça e virou-se de costas, para Kevin lhe puxar o fecho.

— Para a próxima? — perguntou ela.

— Veremos. Agora saia, por favor.

Kevin esperou que a porta se fechasse, depois deitou um pouco de bourbon num copo e bebeu-o de um trago. Até ver o nome de Beth DeSenza na folha de Merlim, nenhum dos programas da Roundtable lhe criara qualquer dilema moral. Mas eram programas que envolviam leis e as pessoas que as faziam. O chefe do departamento de seguros era um patife, um vaidoso, cheio de motivações políticas: nascera para aquilo, na opinião de Kevin. A sabotagem das empresas fazia todo o sentido, dado o clima de canibalismo vigente no ramo segurador. Mas este caso era diferente. Tratava-se de uma pessoa de carne e osso. Kevin aguentava ficar atrás das linhas de fogo, a fustigar o inimigo. Mas este era um combate corpo a corpo. E, de repente, o inimigo tinha um rosto.

Kevin estava desorientado. Agora percebia tudo. E não podia fazer nada, excepto adaptar-se. O preço daquela viagem era uma casa com doze divisões e o futuro assegurado para ele e para a família. Tinha pago o bilhete. Agora não. Não tinha alternativa, excepto aguentar e tirar o melhor partido da situação. Quando Kelly voltasse a fazer-lhe a pergunta, ele estaria pronto fosse... para o que fosse.

Deitara mais dois dedos de bourbon no copo quando o telefone começou a tocar.

— Tristram — disse ele.

— É o Gawain — disse o cavaleiro em voz baixa. — Pode falar?

— Posso, estou sozinho.

— Mandou a sua rapariga para casa?

— Mandei.

— Meu Deus. Você está a arranjar sarilhos. A minha está no outro quarto.

— O que se passa? Por que me mandou calar na reunião?

— Eu sei o seu nome. Você sabe o meu?

— Não.

— Stallings. Jim Stallings. Sou vice-presidente da Interstate Health Care, em Manhattan.

Kevin conhecia bem a gigantesca empresa de cuidados de saúde.

Uma vez comparecera a uma entrevista para se candidatar a um lugar no departamento de vendas.

— Continue — pediu ele.

— Loomis, temos de falar. Amanhã, ao meio-dia em ponto. Pode aparecer?

— Posso, mas...

— Em Battery Park. Nos bancos do lado do Hudson. Certifique-se de que não é seguido.

— Mas...

— Por favor, Loomis. Espere até amanhã ao meio-dia e tenha cuidado.

— Uma coisa — disse Kevin, à pressa. — Viu a fotografia daquela mulher, a DellaRosa?

— Claro que vi.

— E acha que ela é a Desiree?

— Nunca tive dúvidas acerca disso. Você é que tinha. Eu não tinha certeza se você era como eles ou não. Mas, depois desta noite, quero dar-lhe a oportunidade de você ser um intruso, como eu. Na realidade, estou apostado nisso.

Durante alguns segundos, Kevin ficou à escuta do sinal de desligado.

Depois, pousou o auscultador e aproximou-se da janela. Catorze andares mais abaixo, o trânsito da madrugada fluía lentamente pelas ruas quase desertas. Um táxi parou mesmo por baixo da sua janela.

Uma mulher de vestido vermelho justo e reluzente saiu do hotel e entrou no automóvel. A mulher sem nome.

O táxi aproximou-se da esquina e depois virou, na direção do centro da cidade. Kevin teve a sensação de que vira a rapariga, a quem acariciara o corpo rijo e magnífico, pela última vez. Olhou para o relógio. Onze horas. Faltavam onze horas para Battery Park.

CAPÍTULO 24

Às três e meia da manhã, Maura desistiu de tentar dormir, saiu do pequeno quarto de hóspedes em bicos de pés e foi para o escritório.

Pela porta entreaberta, viu Harry a dormir no seu quarto. Depois de voltarem do C.C.'s Cellar, admitira que ele lhe pedisse para dormirem juntos. Harry gostava dela. Isso era óbvio. Mas havia razões — muitas razões — para que ele quisesse manter uma certa distância entre ambos. Uma das principais era o fato de ela ter cedido à sua frustração e aos seus fantasmas e ter bebido nessa tarde.

Tanto lhe fazia, pensou. Também ela não estava preparada para um envolvimento emocional. Mesmo assim, já não se lembrava da última vez em que um homem olhara para ela. E, o que era mais importante, Harry era um dos homens mais simpáticos e decentes que ela conhecia. Seria agradável enroscar-se nos seus braços só por uma noite e deixar correr as coisas.

Acendeu a luz do escritório e passou os dedos pelos livros da estante, à procura de qualquer coisa leve, muito leve. Depois pensou que talvez fosse preferível um livro pesado. Tirou um livro de poemas de bolso de Lorde Byron. Evelyn DeliaRosa, lia-se no interior da capa, numa caligrafia perfeita. Evie era, evidentemente, outra razão válida para que Harry mantivesse a distância entre ambos. Maura fechou o livro e voltou a arrumá-lo. Harry e ela tinham passado por tantas vicissitudes desde a morte da mulher, que custava a crer que esta tivesse ocorrido apenas há algumas semanas.

Maura examinou as prateleiras mais uma vez e por fim decidiu-se por um livro sobre a Irlanda. Dentro de seis horas, ela e Harry iriam encontrar-se com Pavel Nemec. Maura desejava ardentemente que a

sessão resultasse. Se conseguisse lembrar-se do rosto que estava fechado no seu subconsciente, isso compensaria a humilhação que sentia por ter cedido ao seu vício.

Nunca fora hipnotizada e não fazia ideia se o fato de não ter dormido na noite anterior seria uma vantagem ou uma desvantagem. Por outro lado, se o lendário húngaro fosse tão bom como a reputação de que gozava, isso talvez não fosse importante.

Tal como Harry previra, assim que Nemec ouviu o seu pedido, arranjou logo tempo para os receber.

— O que é que você fez exatamente pelo filho dele? perguntou Maura, depois de Harry lhe ter falado da marcação.

— Pelo Ricard? Nada, verdadeiramente. Fiz-lhe apenas um exame físico para ingressar num encontro de músicos. Ele toca trompa.

— E?

— E descobri um pequeno inchaço de que não gostei, debaixo do braço.

— Era cancro?

— A doença de Hodgkin. Graças a Deus, estava numa fase inicial. Já vai fazer seis anos, portanto o rapaz foi dado como curado.

Harry disse isto com a mesma naturalidade com que Maura podia falar de misturar tintas. Mas Maura sabia bem como eram as inspeções das escolas e dos encontros. Conhecia-os o suficiente para saber que a maioria dos médicos se limitava a auscultar o coração dos jovens.

Mas Harry não tratara o filho de Pavel Nemec de uma forma tão apressada. Harry portara-se como... Harry.

Maura refletiu no que ele lhe contara acerca do drama que o envolvia no hospital: o telefonema do amigo Atwater a pedir-lhe que se demitisse; a audição que estava a ser preparada para decidir se ele seria ou não autorizado a exercer medicina naquele local.

Harry Corbett não merecia aquele tipo de tratamento, pensou, irritada.

Passou os dedos pelo seu novo cabelo penugento e pelos extremos ainda sensíveis da cicatriz da craniotomia. Ele também não merecia o tratamento que ela lhe dera. Voltar a beber, fora

petulante, imaturo e estúpido. Tinha sorte por ele não ter pegado numa garrafa e não a ter posto na rua.

— Mais nada — disse ela entre dentes, sabendo que já faltara muitas vezes àquela promessa. — É isso, minha senhora. Nem mais uma gota.

Folheou algumas páginas sobre a paisagem rural irlandesa e sentiu as pálpebras pesadas. Perguntou a si própria o que sentiria ao ser hipnotizada, se seria igual a tantas outras coisas. A Torre de O'Brien no cimo dos rochedos de Moher, em County Clare, começou a ficar turva, e depois desapareceu.

Mais nada. As palavras ecoaram na sua mente. Nem mais uma gota...

O aroma de café acabado de fazer foi direito à sua consciência. Maura entreabriu os olhos.

A luz pálida da manhã entrou no escritório, filtrada pelos prédios.

Harry estava sentado na poltrona ao lado do sofá. Tinha umas calças de algodão e uma toalha ao pescoço, e era óbvio que acabara de fazer alguns exercícios. Os seus cabelos pretos brilhavam com a transpiração e a cor na face tornava-o mais atraente, apesar do seu aspecto abatido.

Sonolenta, Maura estendeu o braço e apertou-lhe a mão.

— Que horas são? — perguntou.

— Passa das sete. Ainda temos tempo, se você quiser dormir mais um bocadinho. Estou a ser egoísta ao acordá-la desta maneira.

— Então eu vou ser ainda mais egoísta e ficar acordada.

— Como se sente?

— Sóbria.

Maura sabia que esta era a única palavra que ele queria ouvir.

— Está pronta para que o seu cérebro seja sondado pelo húngaro?

— Estou. O melhor que ele tem a fazer é atrever-se a chegar onde mais nenhum homem chegou.

— Ele é um feiticeiro, pelo menos é o que me têm dito. Ouça. A máquina de café de trezentos dólares comprada pela Evie está na cozinha a trabalhar arduamente. A primeira coisa que ela fez depois do casamento foi desfazer-se da minha Mr. Coffee. A dela vai

comprar o café sozinha, consegue a mistura perfeita, mói-a, fá-la e serve-a.

— Com esse aparato, sou toda papilas gustativas.

— Como é que o toma?

— Depois de ontem ainda pergunta? Harry sorriu.

— Simples — disse.

Maura nunca dera muita atenção ao seu aspecto. Um ex-amante afirmara que era assim porque ela nunca fora obrigada a isso. Mas, nesse dia, levou mais tempo a arranjar-se do que era costume: um pouco de maquilhagem, os brincos de esmalte de que Harry gostava e um vestido de algodão, em vez das calças de ganga de marca.

Sentia-se entusiasmada com o que a esperava — com medo de que a sessão fosse um fiasco, mas igualmente apreensiva com outras hipóteses. Ao longo dos dois anos e meio da sua espiral descendente, bebera a sério, sem se preocupar com os locais que frequentava nem com as companhias. Agora, perguntava a si própria até que ponto Pavel Nemec seria seletivo ao desatar-lhe a memória. Quase tudo o que estava escondido no seu subconsciente podia muito bem ficar onde estava.

Nemec vivia e trabalhava em Upper East Side. Antes de se dirigirem para lá, Harry e ela apanharam um táxi para o consultório, passaram por casa dela para trazer um bloco de papel para desenho, alguns lápis e alguns pastéis, e pelo banco de Harry, onde este levantou mil e quinhentos dólares.

— Cancelei outra vez meio dia no consultório e arranjei um substituto para me fazer as rondas no hospital — explicou ele. — Quase todos os meus pacientes são bastante fiéis, creio eu. Mas começo a pôr alguns à prova.

Maura fez um gesto de compreensão.

— Este é o dia — avisou ela. — Este é o dia em que tudo começa a dar uma volta. Confie em mim. Por falar em volta, volte-se para cá um bocadinho. Quero experimentar uma coisa.

Harry obedeceu e, passados dois quarteirões, Maura fizera um razoável esboço dele. Quando chegaram ao consultório, o desenho estava bastante bom.

— É espantoso — disse ele.

— Sei fazer melhor. Mas pelo menos este indica que sou capaz. Há uns tempos que não pinto. Por sinal, uma vez passei o Verão em Itália a fazer esboços e caricaturas para os turistas na Piazza Navona.

Walter Concepcion já estava na sala de espera, a conversar com a recepcionista, que Maura soube tratar-se de Mary Tobin. Maura ficou satisfeita ao vê-lo outra vez. Nesse dia levava uma T-shirt preta, e ela reparou que os braços dele eram fortes e mais musculosos do que esperava. Walter tinha uma tatuagem no deltoide esquerdo, muito bem feita, que representava uma caveira com uma serpente a sair de um olho.

— Telefonaram do gabinete do doutor Erdman no hospital — disse Mary. — A reunião está marcada para amanhã, às dez horas, na sala de reuniões ao lado do gabinete dele.

Harry suspirou.

— Acho que vai ter de telefonar aos meus pacientes da manhã e cancelar de novo as marcações.

— Já o fiz.

— Isto é ridículo. Sabe, talvez seja melhor fecharmos o consultório por uns tempos.

Os olhos da mulher faiscaram.

— Faça isso, e vai ver se eu não arranjo uma dessas bengalas de bambu. daquelas que tiram a carne à segunda vergastada...

— Está bem, está bem. Veremos o que acontece amanhã.

— Ótimo. Telefonei ao seu advogado, a informá-lo da hora da reunião.

Ele ainda lhe telefona hoje, mas confirmou que lá estará amanhã.

— Não havia de estar, a trezentos e cinquenta dólares por hora.

— O quê?

— Nada, Mary. Nada. Sou eu que estou irritável. Isto passa.

— Ainda bem — respondeu.

Harry entregou a Concepcion o dinheiro num envelope. Era óbvio para Maura que Harry ainda tinha dúvidas acerca do homem. Mas ela não tinha nenhuma. Walter já lhes fornecera um ponto de partida: já lhes indicara os primeiros passos de um contra-ataque.

— Muito bem, estamos combinados — disse Concepcion, guardando o envelope no bolso. — E não se preocupe, Harry. Todo o dinheiro que for gasto terá justificativos, recibos e tudo. Já avançamos desde a noite de ontem. Depois de chegar a casa, telefonei para cerca de quarenta serviços de acompanhantes. Disselhes que uma mulher chamada Desiree me tinha proporcionado a noite da minha vida quando fui à cidade, há seis meses. Infelizmente para mim, foi um amigo que me tratou de tudo e eu não consegui apanhá-lo para ele me dar o nome do serviço de acompanhantes. O dinheiro não era problema, mas só se fosse a Desiree. Pareceu-me que três dos serviços a conheciam. Disseram que tentariam entrar em contato com ela e que eu voltasse a telefonar. Um quarto serviço, Elegance, disse que ela já não trabalhava para lá. É a esse que eu me vou agarrar.

— Por que esse? — perguntou Maura.

— Porque a mulher com quem falei começou por me dar respostas vagas acerca de Desiree. Pediu-me o número do telefone e disse que eu seria contactado. Cerca de uma hora depois, telefonou outra mulher. Disse que se chamava Page. Creio que ela é a dona.

Brincamos ao gato e ao rato durante um certo tempo. Eu falava em dinheiro sempre que podia. Ela dizia que não conhecia nenhuma mulher chamada Desiree sempre que podia. Por fim, eu disse-lhe que sabia que a Desiree tinha morrido e que eu só queria umas informações a respeito dela. Ofereci-lhe quinhentos dólares só para falar comigo pessoalmente, durante meia hora. Nem mais um minuto.

E ela não era obrigada a responder a perguntas sobre a Desiree, se não quisesse. Eu tinha certeza que ela ia recusar. Mas, quando ela voltou a dizer que não conhecia a Desiree, eu percebi que não era verdade. Encontramo-nos amanhã de manhã.

— Isso parece prometededor — disse Maura.

— O que me parece é que vamos ficar sem quinhentos dólares.

— Confie em mim, patrão — respondeu Walter, cujo tique ao canto da boca disparou várias vezes. — Talvez ainda não saiba, mas este que está aqui à sua frente é o detetive com maior capacidade negocial do século. Vamos estando em contato. Talvez possamos

encontrar-nos amanhã à noite para comparar dados. A propósito, Maura, vou saber quando é que há uma reunião dos AA para lá irmos, se você ainda estiver pelos ajustes.

— Estou pronta.

— Você tem o número de telefone da minha casa — notou Harry.
— Fale-me assim que souber alguma coisa.

Hesitou e depois acrescentou: — Walter, desculpe estar a fazê-lo passar um mau bocado. Tentarei evitar que tal aconteça.

Concepcion deu um beliscão no próprio braço.

— Ouça, isto é pele de cão, homem — disse ele. — Além disso, ainda não fiz nada, excepto pedir-lhe dinheiro. Quando produzir alguma coisa, e vou produzir, espero que me deixe em paz.

Walter apertou a mão a ambos, disse adeus a Mary Tobin e saiu.

— Venha. Podemos apanhar um táxi na Quinta Avenida alvitrou Harry.

— Está bem — disse Maura, refreando um súbito e inexplicável ataque de nervos. — Vamos a isso.

Encaminhou-se para a porta e depois virou-se para trás, dizendo: — Faça figas, Mary. Vamos a casa do feiticeiro.

Numa placa de latão discreta, por baixo da campainha, lia-se: P. NEMEC ALTERAÇÕES DO COMPORTAMENTO !

Pavel Nemece recebeu-os calorosamente e serviu-lhes chá e bolos na sala de espera vitoriana, forrada de madeira, do seu consultório. Harry e ele passaram algum tempo a falar do que acontecera à família de um e do outro durante aqueles anos, desde a última vez que se tinham encontrado. Nemece tinha sessenta e poucos anos, pelos cálculos de Maura, o cabelo grisalho e era muito débil, mas capaz.

Maura achou-o encantador e despretenso.

Mesmo assim, a ansiedade que começara a apoderar-se dela no consultório de Harry agravou-se. Esforçara-se tanto por se lembrar da cara do homem de bata branca! Mas quanto mais tentava, mais difusas se tornavam as suas recordações. Naquele momento, perguntava a si própria se, depois do delirium tremens, da operação, e dos medicamentos que tanto tinham distorcido a realidade, o homem existira de fato.

As mãos tremiam-lhe um pouco. Desistiu de tentar pegar na chávena e ficou tranquilamente a ouvir Harry explicar a situação em que se encontravam. Nemeč também ouviu com toda a atenção. Mas, a meio do relato de Harry, levantou-se e começou a passear lentamente atrás da cadeira dela, parando uma ou duas vezes e pondo-lhe as mãos nos ombros.

— Não tem motivo para se assustar, Maurie — começou ele em voz baixa. — Nenhum.

Maura ficou espantada. Maurie, não Maura. Não havia dúvidas de que fora o que ele dissera. Só o pai a tratara por Maurie. E só até aos dez anos.

Harry calou-se. Maura apercebeu-se nitidamente dos ruídos do trânsito que vinham da rua. Estava a acontecer, concluiu ela. Nem divã, nem pêndulo, nem música New Age, nem utensílios de prestidigitação. Pavel Nemeč estava a trabalhar, naquele preciso momento.

Deu a volta para ficar de frente para ela e pôs-lhe as pontas dos dedos nas têmporas. Maura tinha os olhos fechados, mas a sua mente estava a discorrer. Imagens e rostos sucediam-se em catadupa, atravessando-lhe o pensamento como um vídeo em busca rápida.

Rostos da sua infância: de professores, colegas de escola, Tom, a mãe... casas e salas, cenas rurais e ruas citadinas. Maura associou-as facilmente a alguns quadros, e não a outros... Depois, de repente, uma cena começou a repetir-se. Era o pai, com um copo cheio na mão, a virar-se para ela. Os olhos ramelosos eram frios e desdenhosos. A sua fala era grossa e entaramelada. Cuspia saliva quando avançou para ela.

— *Tu não prestas, Maurie... Não tens emenda e não prestas... Não consegues fazer nada certo a não ser dar dor de cabeça. Como a tua mãe... Depois do meu casamento com ela, foste o pior erro que eu cometi... De fato, se não fosses tu, eu nem teria sido obrigado a casar com ela...*

— Calma, Maurie — disse Nemeč com uma firmeza suave. — Ele nunca mais voltará a falar com você assim...

Ele estava paciente.

— Mais nada... Você nunca mereceu que lhe falassem desta maneira.

Não conseguiu se controlar.

Nemec pôs mãos tranquilizadoras atrás dos ouvidos.

— Você fez tudo para lhe ser agradável... Ele se detestava demais para mostrar amor a alguém... Ele nunca pensou no que estava fazendo... Deixe isso pra lá, Maura... Deixe isso para sempre.

O turbilhão de imagens começou a dissipar-se. Maura sabia que tinha os olhos fechados, mas via o misticismo que se libertava da camisola cinzenta de Nemec, que andava de um lado para o outro à sua frente.

A sua preocupação desaparecera: o manto de repulsa por si própria, que cobrira a sua vida durante tanto tempo, fora retirado, legando-lhe uma incrível sensação de tranquilidade. O pai sempre a ferira no seu orgulho, sempre a vexara. Nem a notícia da sua morte destruíra as terríveis sementes que ele lançara. Ao longo da vida, sempre que o êxito estivera ao seu alcance, a insegurança patológica de Maura levava-a a arranjar maneira de o sabotar e destruir.

Não prestas para nada... Que idade teria quando ele começou a dizer-lhe aquilo? Sete? Oito anos?

Agora, finalmente, saberia que nunca foi ela mesma.

Nem uma só vez. Nunca merecera o que Arthur Hughes lhe fizera. E, tal como Pavel afirmava, ele nunca mais poderia voltar a ofendê-la.

Ainda de olhos fechados, viu Nemec aproximar-se da mesa e pegar no seu bloco de desenho e no lápis de carvão. Depois, sentiu que ele lhe pousava no regaço.

Temos trabalho para fazer. Maura ouviu a sua própria voz, mas sabia que não falara. Agora és livre, Maura, livre para veres o que precisa de ser visto...

Mais tarde, Harry dir-lhe-ia que ela nunca abrisse os olhos, senão quando acabara o desenho. Descreveu o modo estranho como o lápis se movia no papel e o processo desconexo, mas absolutamente unificado, através do qual o rosto do homem ganhou forma. Falou-

Ihe no momento em que ele próprio o reconheceu, enquanto ela concluía o sombreado com o lápis a carvão e com o dedo.

Maura espreguiçou-se e relaxou o pescoço. Sentia-se descontraída e renovada, como se tivesse acabado de sair de uma fonte de água mineral quente. Sabia que fizera um desenho do homem que matara Evelyn DellaRosa. Também sabia que Pavel Nemec a ajudara como nenhum terapeuta ou conselheiro o teria feito. Havia deficiências na percepção de si própria hiatos pelos quais ela nunca fora responsável, que continuavam a alimentar o seu comportamento autodestruidor, que a tinham obrigado, de vez em quando, a faltar às promessas que fazia a si mesma.

Mais nada... Nem mais uma gota...

Abriu os olhos e olhou para o esboço. Depois desenhou o alfinete de gravata do homem e pintou-o de verde com laivos dourados. Atrás da sua cadeira, Pavel Nemec bebia chá.

— Como é que consegue? — perguntou ela. Ele sorriu-lhe ternamente e encolheu os ombros.

— Os meus encontros com os clientes nem sempre são assim tão bem sucedidos. Há dias em que é como se eu atravessasse um denso nevoeiro. Noutros, como hoje, vejo com uma nitidez incrível. Creio que estava à minha espera há algum tempo, Maura. Talvez há anos.

— Fez alguma coisa pelo meu vício da bebida, não fez?

— Não, mas você fez. E com muita força, devo acrescentar.

Maura mostrou o desenho a Harry. Tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Consegui — disse ela.

— Eu sei que consegui. Está extraordinariamente parecido.

— Como é que sabe?

— Porque o vi. Exatamente o homem que você desenhou. Ele esteve sempre à porta do quarto enquanto eu estive lá dentro, à espera de uma oportunidade para acabar o que tinha começado quando pediu o IV para a Evie.

— À porta do quarto?

— A limpar o chão, a ouvir um Walkman. O tipo de pessoa para a qual olhamos vezes sem conta sem a vermos verdadeiramente. As

enfermeiras não o viram entrar no piso, depois de eu sair, porque ele não entrou. Já lá estava. Saiu antes de eu voltar.

— Tem certeza ? — perguntou Maura.

Harry examinou o desenho durante mais alguns segundos.

— Nunca estive tão certo na minha vida — afirmou. — Vocês dois fazem cá uma equipa!

Maura aproximou-se do homenzinho discreto e beijou-o na face.

— E você nem sabe da missa a metade — disse ela.

CAPÍTULO 25

O dia estava quente em Nova York. Ao fim da manhã, ondas de ar saturado de umidade elevavam-se do pavimento e as crianças abriam as bocas de incêndio. Kevin Loomis saiu do seu gabinete, com ar condicionado, às dez e meia para uma viagem até Battery Park, um oásis à beira-rio na ponta mais meridional da ilha, na confluência do Hudson e de East River. Para corresponder ao conselho de James Stallings e certificar-se de que não era seguido, planeara cuidadosamente todos os seus passos.

Logo de manhã, tivera uma reunião de quarenta e cinco minutos com os oito executivos que constituíam a equipe de planeamento do Burt Dreiser. E, embora não tivesse acontecido nada de especial durante a sessão, Kevin sentira-se permanentemente desconfiado e detetara duplas intenções naquilo que Dreiser dizia ou fazia. Quando saiu com Brenda Wallace daquela reunião marcada há tanto tempo e foi almoçar, transpirava por motivos que não tinham qualquer relação com o tempo.

Evelyn DellaRosa fora assassinada, e James Stallings, o outro cavaleiro que ela conhecera, estava aterrado.

Eu não tinha certeza se você era como eles ou não... O que diabo queria Stallings dizer com aquilo?

Loomis atravessou a rua contra a luz, evitando uma série de motoristas de táxi enfurecidos. Depois entrou numa pequena camisaria. Era raro haver mais de um ou dois clientes na loja, de cada vez, e, naquele momento, só o dono lá estava. Desde que fazia parte da Roundtable que Kevin lá ia regularmente. Os gabinetes de provas ficavam nas traseiras, junto de uma porta que dava para uma rua estreita. Kevin encomendou uma camisa de cento e cinquenta dólares, deixou que lhe tirassem as medidas e depois deu uma desculpa para sair pela porta de trás. Em seguida, apanhou um táxi

para East Side e percorreu vários quarteirões a pé até chegar a uma estação de metropolitano, escondendo-se com frequência nos umbrais das portas para espreitar a rua atrás de si. A paragem de Battery Park ficava no fim da linha.

Kevin chegou com dez minutos de avanço.

Ainda nervoso com a hipótese de estar a ser seguido ou vigiado, aproximou-se de um parque infantil, parando de vez em quando junto da vedação alta. Havia vinte ou mais crianças a andar de balouço, a subir às barras, a andar nos balancés, a rir e a gritar, deliciadas. Kevin pensou nos seus próprios filhos e na vida em que estavam prestes a entrar: uma casa fabulosa com um quarto para cada um e terreno suficiente para um enorme conjunto de balanços e talvez mesmo para uma piscina, numa comunidade suburbana impecável, com escolas de primeira categoria e um futuro sem limites.

A luz do Sol projetava-se na água. A sul, a Estátua da Liberdade erguia-se na atmosfera abafada. Kevin olhou outra vez à sua volta e seguiu para norte, na direção da avenida arrelvada. Era meio-dia em ponto. Com o casaco no braço, passou por meia dúzia de bancos, todos ocupados. Os empregados de escritório saboreavam o seu almoço; uma mendiga dormia em cima de uma almofada feita de jornais; duas jovens mães embalavam os filhos adormecidos nos carrinhos; pares de adolescentes abraçavam-se, esquecidos de tudo excepto um do outro. Tão normal.

— Loomis. Aqui.

Stallings, também com o casaco no braço, fez-lhe sinal da sombra de um bordo centenário. Tinha a pasta no chão, entre os pés. A tensão de que Kevin se apercebera no homem, durante a reunião da Roundtable, era ainda mais visível nesse dia. Olhava à sua volta, nervoso, e estava constantemente a umedecer os lábios com a língua.

— Tem certeza de que não foi seguido? — perguntou ele.

— Tenho. O que o preocupa?

— Qualquer deles: o Lancelot, o Kay, o Galahad, o Merlim. Ou alguém que eles tenham contratado. Merda, Loomis, não sei o que fazer. Não posso acreditar que isto esteja a acontecer.

A apreensão do homem era contagiosa. Ainda sem saber o que estava a passar-se, Loomis sentiu o pulso mais acelerado.

— Você tem de se acalmar. Apetece-lhe andar?

— Não. Não, este é um bom sítio. Vamo-nos sentar aqui mesmo. Encoste-se à árvore e mantenha-se de olho alerta em alguém que nos preste uma atenção exagerada.

Stallings tinha olheiras fundas e a pele descorada estava coberta por uma camada de suor. Parecia um animal acossado.

— O Lancelot veio ter comigo há dois dias — disse ele, assim que ambos se sentaram na relva, junto da árvore. Chama-se Pat Harper.

Conhece-o fora da Roundtable?

— É da Northeast Life. Joguei golfe com ele uma vez.

— Bem, ele veio ter comigo depois do trabalho e fomos até ao Connecticut. Ele tem um Rolls.

— Isso condiz com ele. Não sei nada a seu respeito, mas os charutos agoniam-me e ele joga golfe muito melhor do que eu. Além disso, não sei mais nada acerca dos cavaleiros.

— Nem eu. O segredo é o objetivo. Eles não se importam que saibamos quem eles são, mas querem dar-se ares de muito importantes. Estão envolvidos nessa mística.

— Você continua a dizer "eles". A que se refere?

— A todos, mesmo ao Persival, creio eu. Eles estão de um lado da vedação. Você e eu estamos doutro. Durante algum tempo, julguei que era só eu, que, apesar de ter entrado depois de mim, você era um deles. Sempre me pareceu tão confiante, tão sintonizado com tudo o que estava a acontecer. Mas ao ver como eles o apertaram por causa da Desiree, comecei a perceber que você também era um intruso.

Depois, ao ouvi-lo ontem à noite, tive certeza.

— Tudo o que posso dizer-lhe é que os únicos contatos que tenho tido com a Roundtable ou com os cavaleiros têm sido nas nossas reuniões. Falo com o meu patrão, evidentemente. Foi ele que me escolheu para lhe suceder. Mas mais nada. E nunca falamos da Roundtable em serviço: só no barco dele.

Stallings olhou para o rio e suspirou, devagar. Era como se estivesse pronto a atirar-se de um rochedo.

— O seu patrão já alguma vez lhe disse que eles estão a matar gente? — perguntou ele, de repente.

Kevin recuou e olhou para o homem, esperando que ele estivesse a brincar.

— Ouça, calma, Jim — disse ele, tentando manter uma voz tranquila. — Tenho certeza de que não é o que você julga.

Stallings soltou uma gargalhada sem alegria.

— É exatamente o que eu penso. O Lancelot começou por me dizer que estavam todos muito satisfeitos com o trabalho que eu estava a fazer, sobretudo com a legislação que eu criei sobre o projeto dos cuidados terminais. Disse que, como a atividade da Roundtable era muito pouco ortodoxa... Foi o termo que ele usou: muito pouco ortodoxa... Todos os membros tinham de passar por um período experimental. Agora o meu terminara, e eu estava em condições de beneficiar muito a minha companhia, e eu próprio.

Stallings voltou a deitar um olhar furtivo à sua volta. Em seguida, abriu a pasta, retirou uma folha de computador e deu-a a Kevin. Era uma lista de "qualificações" muito semelhante à que Merlim apresentara na reunião — os fatores que tinham levado a que Beth DeSenza fosse escolhida pelo microchip e perdesse o emprego. Só que esta lista de critérios tinha o título de Hospitalizados Atualmente.

— Você sabe das análises previsionais, não sabe? — perguntou Stallings.

— É aquilo que o Merlim anda a falar, a estimativa do que uma doença custa à empresa durante a sua vida inteira.

— Exatamente. Bem, este programa tem um custo futuro mínimo de quinhentos mil dólares. O Lancelot quer que eu verifique os nossos bancos de dados todas as semanas e descubra dois ou três nomes.

Sida, cancro, problemas cardíacos crônicos, doenças mentais, traumas múltiplos, doenças de sangue, fibrose cística, e até bebés nascidos com menos de um certo peso.

— Decerto não faltam situações que custem meio milhão de dólares ao longo do tempo.

— Muito mais do que isso, por sinal. Um milhão, ou mesmo dois. Coisas como substituição de medula óssea e transplantes de fígado. Um paciente mental de vinte e cinco anos que precise de estar internado num hospital atinge o milhão antes de chegar aos trinta e cinco anos.

E a sua esperança de vida não é muito diferente do normal.

— O que acontece aos nomes que você descobre? Stallings mordeu o lábio inferior.

— Devo entregá-los em mão a cada um dos outros cavaleiros, excepto você, ao que parece. Creio que você ainda se encontra no período experimental. Depois, transfiro para um banco suíço o equivalente a vinte e cinco por cento do total que os cuidados de saúde do paciente custariam à minha companhia. O Lancelot explicou que os fundos que eu transfiro vêm de pagamentos feitos a pacientes que não existem. Pareceu-me que ele estava muito orgulhoso do sistema, que, segundo ele, foi testado, é seguro e é incontornável. Foram estas as palavras dele: Testado, seguro e incontornável.

— Então o que acontece aos pacientes?

Sir Gawain encolheu os ombros, desanimado.

— Morrem — respondeu.

— Quer dizer que são assassinados no hospital?

— O Lancelot nunca usou essa palavra. A minha companhia geraria poupanças líquidas... é exatamente como ele diz: "poupanças líquidas"... de cerca de um milhão e meio a dois milhões de dólares por mês.

— Oh, não acredito nisso. Deve haver outra explicação.

— Então tente arranjar-me outra. Eu tentei. De que outra maneira é que esse dinheiro seria poupado?

— E todos os outros fazem o mesmo?

— Tanto quanto eu sei.

— Isso é uma loucura. Como é que eles podem fazer uma coisa dessas? Como é que eles conseguem safar-se sempre?

Stallings guardou a folha na pasta e fechou-a, ligando o dispositivo de segurança.

— Não sei. Mas continuo a pensar na DellaRosa. Acho que quem lhe injetou aquela substância deve ter sido...

A voz falhou-lhe. Stallings olhou para um cargueiro ao longe. Perto do sítio onde eles estavam sentados, uma adolescente de calções justos e de top, estava de mão dada com um rapaz alto e desajeitado. Tão normal.

— Fez alguma pergunta ao Lancelot sobre a DellaRosa?

— Falei-lhe nela. Mas ele afirmou que, se ela e Desiree fossem a mesma pessoa, ele teria sabido. Perguntei-lhe quem é que tratava dessas coisas nos hospitais e como é que faziam. Ele limitou-se a responder que isso não era do seu departamento.

— Deve haver qualquer coisa que você percebeu mal.

— Kevin, eles não lhe prometeram um bônus adicional de um por cento de tudo o que a sua companhia poupe, graças ao seu trabalho na Roundtable?

— Prometeram.

— Também a mim. Bem, o Lancelot esforçou-se particularmente por indicar o que corresponde a um por cento de um milhão ou de dois milhões de dólares por mês. Também disse coisas que todos nós sabemos: que o custo em tratar de pacientes com doenças críticas e com doenças terminais entrou numa espiral descontrolada, que todas as nossas companhias estão a ser fustigadas como nunca foram, e que a reforma dos cuidados de saúde, com a redução dos prêmios e isso tudo, só está a piorar a situação. Disse que o dinheiro poupado, graças aos nossos esforços, significava mais postos de trabalho e melhores serviços em todo o sector. A dada altura, apresentou uma lista de situações como a sida, cancro metastático e distrofia muscular. "Verdadeiramente, neste momento, para todos os efeitos, considerando que os médicos não têm tratamentos que permitam curar qualquer destas doenças, quando o diagnóstico é feito, é como se essas pessoas estivessem mortas. Certo?", disse ele.

"E você quer saber o pior, Loomis? O pior é que, à medida que ele falava, eu dava comigo a aceitar aquilo tudo! Dólares e cêntimes, lucros e perdas, contenção de custos, pelo amor de Deus! Deixei de pensar na qualidade de vida dessa gente. Comecei a concordar com tudo o que ele dizia. Diagnóstico, prognóstico. Era assim. Era só o

que interessava. Até comecei a pensar como é que mais quinze mil dólares por mês modificariam a nossa vida. Depois, no último momento, antes de assinar, comecei a lembrar-me que ele estava a falar de pessoas. E julguei que era nisso que você estava a pensar quando começou a fazer perguntas ao Merlim sobre o programa, ontem à noite.

— Eu conhecia uma das mulheres da lista dele. Stallings fez um sinal afirmativo.

— Por isso é que eu lhe fiz sinal para você se calar. Kevin, essa gente significa negócio. Quando voltávamos para a cidade, perguntei ao Lancelot o que aconteceria se eu resolvesse não participar neste programa. Ele disse que não acreditava que acontecesse nada.

Explicou que só um cavaleiro se recusara a participar: Sir Lionel. Foi o que sucedeu há cerca de um ano. Mas antes de a Roundtable decidir se ele seria autorizado a continuar, o homem teve uma espécie de envenenamento alimentar e morreu.

— Oh, meu Deus! — gemeu Kevin. — Eu sei tudo acerca desse tipo.

Quando ele morreu, a companhia dele perdeu o lugar na Roundtable.

É provável que lho tenham dado a si. O meu patrão serviu-se dele para ilustrar o que eu custaria à companhia e a mim próprio, se fosse afastado e não fosse substituído. Mas, Jim, o Lionel não morreu de um envenenamento alimentar. Morreu de um acidente coronário após o envenenamento alimentar. Morreu no hospital, tal como...

— Continue, diga. Tal como a Evelyn DellaRosa e sabe Deus quantos mais pacientes com doenças caras.

Kevin sentiu-se mal.

— O Lancelot deu a entender que a morte do Lionel tinha sido architectada por eles? Ou seja, disse-o como se fizesse uma ameaça?

— Não tenho certeza. Ele tem aquele sorriso que é indecifrável.

Kevin fez um sinal afirmativo. Vivera a mesma experiência com Pat Harper.

— Ele não deixou de sorrir quando me contava a história do Lionel. Eu não sabia o que havia de pensar, mas fiquei aterrado. Não sabia o que havia de lhe dizer.

— E como é que as coisas ficaram? Stallings voltou a desviar o olhar.

— Até amanhã à noite, tenho de apresentar o primeiro conjunto de nomes e transferir os fundos.

— Oh, não! E quem é que recebe o dinheiro? Os cavaleiros? O tipo que... que faz isso?

— Não sei. Mas se você multiplicar os meus dois ou três clientes por dois ou por três para cada um dos outros, é muito dinheiro.

— E todas essas pessoas... morrem?

— Estão todas muito pacientes. E há tantos hospitais e tantos pacientes na cidade que, aparentemente, ninguém repara que está a passar-se qualquer coisa de anormal... Loomis, o que vamos fazer?

— Ouça, talvez tudo isto seja uma espécie de teste de fidelidade — respondeu Kevin, em desespero de causa.

— Você sabe que não acredita nisso.

— Jim, eu não sei nada. Por que não faz uma denúncia?

— De quê? De quem? Não tenho provas de nada. Nem sequer o nome de um paciente. Além disso, se a Roundtable se expuser, eu sou arrastado. E a minha família? Os meus filhos?

— E depois? Apareça na reunião e implore-lhes que parem com isso.

— É uma hipótese.

— E Sir Lionel e o seu envenenamento alimentar?

— Por isso é que eu resolvi arriscar-me a contar-lhe isto tudo. Se formos dois, creio que, enquanto estivermos unidos, poderemos convencer os outros a parar.

— Preciso de pensar.

— Não demore muito. Amanhã tenho de lhes entregar os nomes e... e não creio que consiga.

Stallings olhou para o relógio.

— Ouça, tenho de estar no escritório daqui a uns minutos. Por favor, Loomis, por favor. Não diga nada a ninguém até voltarmos a falar. Está bem?

— Prometo.

— Nem ao seu patrão, nem à sua mulher, nem a ninguém.

Stallings estava verdadeiramente assustado. E, se tivesse razão quanto à Roundtable, Kevin percebia muito bem por quê.

— Telefone-lhe antes da noite de amanhã — disse Stallings.

Trocaram cartões de visita e cada um escreveu o número do telefone de casa no verso do seu.

— E, Kevin, por favor, espere cinco ou dez minutos depois de eu sair daqui.

— Estarei em contato consigo.

Sir Gawain pegou na pasta e dirigiu-se para a estação do metropolitano. Kevin ficou ali, atordoado e sem ver nada. A sua mente recusava-se a analisar o que lhe havia sido contado, reconhecendo apenas que as possibilidades que se abriam a ambos eram inaceitáveis, se a situação fosse aquilo que Stallings julgava.

— Senhor! Senhor!

Kevin voltou-se, sobressaltado. Dois jovens de calções e de bonés dos Yankees estavam no passeio. Tinham cerca de dez anos, a idade do seu filho Nicky. Cada um calçava uma luva de basebol.

— Sim, o que é?

— A nossa bola, senhor. Está mesmo junto do seu pé. Pode atirá-la?

Kevin pegou na bola gasta e manchada e atirou-a. O garoto mais alto apanhou-a facilmente. Kevin já vira Nicky apanhar milhares de lances como aquele.

— Obrigado, senhor. Belo braço. Belo braço — gritou o garoto.

CAPÍTULO 26

A noite estava quente e extremamente úmida, o tipo de noite que suscitava invariavelmente versões ainda mais vívidas do sonho. Ray jazia, de barriga para baixo, em cima de um lençol que já estava ensopado. Tinha os pulsos fortemente amarrados e todos os seus músculos estavam tensos. A um certo nível, sabia que tudo aquilo se situava no seu passado, que ele estava apenas a reviver a experiência terrível da sua mente.

Mas, como sempre, não conseguia acordar.

"... O hiconidol corresponde quase, átomo por átomo, à substância química dos neurotransmissores responsáveis pela dor. Isso significa que eu posso estimular esses nervos todos ao mesmo tempo e quando quiser. Todos. Pense nisso, Mister Santana. Nada de feridas...

Nada de espalhafato... Nada de sangue. Apenas dor. Dor, pura e simplesmente. O hiconidol não tem qualquer valor do ponto de vista clínico, excepto para o trabalho que eu faço. Mas, se alguma vez o comercializarmos, pensei que um nome adequado para ele seria Agonil. É um produto incrível, se me é permitido dizer isto. Uma pequena injeção? Uma picadinha. Uma grande? Bem, tenho certeza que você percebe."

A boca de Ray está seca como um deserto. No seu peito, o coração bate-lhe com tal força que ele tem certeza que o doutor está a vê-lo.

Por favor, não faça isso, grita ele em silêncio. Por favor...

O polegar de Perchek carrega no êmbolo.

— Acho que vamos começar por qualquer coisa mais modesta — diz ele.

— O equivalente, talvez, a uma pequena brisa fresca nas cavidades dos seus dentes. Estamos interessados na identidade dos

agentes mexicanos infiltrados, Mister Santana.

Mister Orsino tomará nota dos nomes que o senhor quiser dar. E o aviso. Alguns nomes que queremos que nos dê já são do nosso conhecimento. Seria muito desagradável para si se o apanhássemos a tentar qualquer espécie de evasiva ou de engano.

— Vão-se lixar. E que tal uma evasiva ou um engano? O doutor limita-se a sorrir.

A última voz que Ray ouve é a de Joe Dash.

Há três maneiras que um homem pode escolher para morrer...

O êmbolo da seringa comprime-se um pouco.

Em menos de meio minuto, Ray sente uma pequena vibração em todo o corpo, como se alguém lhe tivesse ligado uma corrente de baixa intensidade. O couro cabeludo contrai-se. Os músculos da face retesam-se. Ray esfrega as pontas dos dedos umas nas outras, tentando libertá-las de um torpor desagradável. Entretanto, Perchek tirou um cronômetro da mala.

— Espero que esta dose minúscula dure um minuto e vinte segundos — disse ele. — Uma dose maior dura mais tempo. Embora nesta situação, para si, o tempo se vá tornar bastante relativo. Alguns segundos parecer-lhe-ão uma hora. Um minuto poderá durar uma vida. Tem alguns nomes para nós?

— Gary Grant, Mick Jagger, Marilyn Monroe...

Perchek encolhe os ombros e carrega mais uma vez no êmbolo. A sensação redobra de intensidade e quadruplica o mal-estar. Dessa vez, a dor é mais cauterizante do que eléctrica. Facas quentes dilaceram as mãos e os pés de Ray, chegam-lhe ao abdômen, às virilhas e à parte inferior das costas. O suor inunda-o com a rapidez de uma tempestade de Verão, picando-lhe os olhos, ensopando sua camiseta.

— Uma dose um pouco maior e mantê-la-emos a esse nível durante algum tempo — continua Perchek, verificando a tensão arterial e a pulsação de Ray. — Não temos grande pressa, pois não, Mister Orsino?

Lá de fora, de cima e do outro lado das paredes, Ray ouve a orgia da Fiesta de Nogales. Os fogos de artifício e a música. A

celebração ruidosa vai durar toda a noite. Não é certo que ele ainda esteja vivo quando ela terminar.

O doutor tem razão. Para Santana, a hora que se segue é uma eternidade. Por duas vezes, desmaia de dor. De cada vez, Perchek usa uma injeção diferente e aumenta a infusão intravenosa para o despertar para a série seguinte de injeções.

Ray habitua-se ao som dos seus próprios gritos. A dada altura, urina-se. Nos intervalos das injeções, os músculos sofrem espasmos incontrolláveis. Várias vezes, Ray pronuncia nomes, entre os gemidos.

Perchek olha para Orsino, que abana a cabeça. O castigo de Ray por mentir é o aumento da dosagem. A sua resposta, mais gritos.

... Há três maneiras que um homem pode escolher para morrer... três maneiras... três maneiras... três maneiras...

Ray deixa cair a cabeça para trás. A visão tolda-se-lhe. Olhar para a luz que vem da lâmpada por cima da sua cabeça já não o incomoda. É como se a dor horrível lhe tivesse obscurecido a visão. O suor continua a brotar-lhe do corpo. O seu sistema nervoso está desfeito, a sua mente pronta a estalar. Tem de lhes dar um nome que eles possam verificar, qualquer coisa, qualquer coisa que impeça o violento ataque químico de Perchek, mesmo que seja por pouco tempo. Ray fez o possível por superar as duas primeiras fases de Joe Dash.

Agora, a sua resistência desapareceu. Tem de lhes dar qualquer coisa que faça parar a dor.

— Patife! — grita ele, quando a dose é de novo aumentada. — Patife! Está bem. Está bem. Mais, não. Eu...

É interrompido pela porta do túnel atrás de si a abrir-se. Através de uma névoa densa, ouve a voz ofegante de um homem.

— Anton, há tropas governamentais lá fora! — exclama o homem num inglês perfeito. — Dúzias delas. Acho que têm o Alacante. Os agentes também atacaram a casa do Arizona. A entrada do túnel ainda está fechada, mas não tarda que eles a encontrem. Andam atrás de si, Anton. Não sei como é que descobriram, mas eles sabem que você está aqui.

A voz. Ray esforça-se para reunir os seus pensamentos dispersos.

Conhece aquela voz.

— Orsino, há outra maneira de sair daqui? — pergunta Perchek.

— Por aquela porta, doutor. Há um pequeno túnel que vai dar a uma casa do outro lado da rua. Foi o Alacante que o mandou construir.

— Ouça — diz a voz. — Tenho de voltar para trás antes que eles descubram o túnel principal comigo lá dentro.

— Obrigado por me avisar, meu amigo.

— Você sabe como pode encontrar-me. Se eu puder fazer alguma coisa.

A porta do túnel fecha-se. Durante alguns segundos, ouve-se o eco dos passos e depois faz-se silêncio. Mas, nesses momentos, a mente enevoada de Ray identifica a voz.

Sean Garvey.

— Garvey, patife!... Filho da mãe! — grita ele, lembrando-se do momento em que ele e o chefe tinham sido apanhados pelos homens de Alacante.

“Já houvera dezenas de indícios de que existia qualquer coisa de estranho em relação a Garvey”, pensa ele. “Que imprudência não se terem apercebido deles. Que estupidez!”

— Mister Santana, parece que o nosso caso vai ter um fim prematuro — disse Perchek.

Do andar de cima ouve-se uma porta sendo arrombada. Segue-se um tiroteio.

— Doutor, acho que devíamos ir embora — diz Orsino.

— Tem razão, Mister Orsino — responde Perchek. — Mas só até certo ponto.

De costas, Perchek pega na mala. Quando se volta, empunha um revólver. Antes que Orsino possa reagir, é atingido no alvo que é a sua boca entreaberta. A cabeça cai-lhe para trás. O homem descreve uma volta completa fazendo uma pirueta desairosa e em seguida cai no chão poeirento.

No andar de cima, o tiroteio acabou. Os passos estão agora mais próximos e ouvem-se vozes. O doutor aponta a arma automática ao

meio da testa de Santana. Ray cerra os dentes e tenta manter os olhos abertos até ao último momento. Depois, perante o sorriso de medo e de repugnância de Ray, Perchek baixa o revólver, avança e esvazia a seringa quase cheia no tubo intravenoso.

— Não se preocupe — diz ele. — Morrerá desta dose muito antes de sentir totalmente o seu efeito.

Dá meia volta, passa por cima do corpo de Orsino e corre para o túnel.

— Garvey, — grita Santana, concentrando a sua fúria final não no louco mas no amigo que o traiu. — Garvey, vai apodrecer no inferno por isso.

Pouco depois, o seu sistema nervoso explode num vulcão de dor.

Santana grita sem parar. Sacode a cabeça violentamente. Morde o lábio e rebola-se no chão. A agonia, em todos os nervos, em todas as fibras, intensifica-se.

— Garveeey.

Ensopado em suor, Walter Concepcion senta-se na cama. Mais de sete anos depois, já quase se acostumara ao pesadelo. Mas algumas viagens de regresso às sessões na cave, com o doutor, eram piores do que outras. E esta — a primeira desde que chegara a Manhattan, vindo da sua terra natal no Tennessee — fora horrível.

A dor é que suscitara o regresso ao passado. Em geral era assim. A dor no nervo, que fazia parte da sua vida há sete anos, desde que o doutor lhe esvaziara a seringa no corpo. Ray limpou a testa e a cara com o lençol e procurou na gaveta da mesa de cabeceira a Bíblia que esvaziara para guardar os Percodans. Suportava que lhe roubassem tudo o que tinha no quarto alugado, até a sua arma. Mas não os seus Percodans. O médico da sua terra compreendia. Após vários anos de consultas neurológicas, de psicoterapia, de reuniões nos AA e nos NA, e de hospitalizações, o homem desistira de tentar alcançar a cura e agora limitava-se a passar as receitas. O farmacêutico local também compreendia e limitava-se a aviá-las. Para esses homens e para os outros que conheciam toda a sua história, o homem era uma lenda. O homem que capturara Anton Perchek.

Santana trouxera comprimidos suficientes para um mês, desde que a dor crônica não piorasse. Não lhe apetecia andar pelas ruas à procura de drogas, mas fá-lo-ia se fosse obrigado a isso. Anton Perchek estava vivo e fazia o seu miserável negócio em Nova York. Ray não sairia da cidade senão quando o homem estivesse morto.

Harry dissera-lhe que a sessão no hipnotizador fora um êxito. Em seguida, Maura encontrar-se-ia com o criminologista que o irmão conhecia. Juntos, desenvolveriam diversas versões em computador do desenho dela, com vários disfarces. Esses desenhos seriam distribuídos pelos hospitais de toda a cidade. O plano de Santana era simples. Continuar a desgastar o doutor. Irritá-lo o suficiente e, mais tarde ou mais cedo, levá-lo a cometer uma imprudência. Mais tarde ou mais cedo, ele cometeria um erro.

Walter atirou dois Percodans para o fundo da garganta e bebeu um copo de água. Em seguida, vestiu-se para o seu encontro com Page.

Levava o casaco de desporto para esconder o coldre e a arma de calibre 38. Não esperava sarilhos, mas precavia-se. Desde que fora traído e capturado em Nogales, precavia-se sempre.

Meteu a mão debaixo da almofada, tirou a pistola e retirou o silenciador. Este era volumoso e, embora tivesse funcionado bem naquela noite em Central Park, afetava o rigor do disparo. Além disso, quando se encontrasse finalmente cara a cara com Anton Perchek, quando lhe apontasse a sua arma de calibre 38 ao meio dos olhos e puxasse o gatilho, queria que o doutor ouvisse o som da detonação.

CAPÍTULO 27

— Esta audição não vai ser agradável — disse Mel Wetstone a Harry, quando se dirigiam para o hospital. — Mas prometo-lhe que não permitiremos que essa gente nos engane.

Mel fora buscar Harry no Mercedes que Philip lhe vendera, aquele que, na opinião de Phil, o definia como advogado. As quatro portas e o porta-bagagens fechavam-se eletronicamente, e o banco traseiro tinha encostos reclináveis. Era reconfortante verificar que Mel era suficientemente bem sucedido para se dar ao luxo de se fazer transportar daquela maneira. Mas, nesse dia, o Mercedes chocara-se com as sensações de inadaptação de Harry. O ar condicionado suave inchava-os como carros alegóricos do Dia de Ação de Graças.

Felizmente, estavam quase a chegar.

— O Sam Rennick disse-lhe para que é que eles lá vão? perguntou Harry.

— O Sam é muito reservado, mas é óbvio que não quer reconhecer a importância de qualquer dos elementos que lhe apresentamos: nem do esboço de Miss Hughes, nem da teoria do empregado da limpeza, nem do telefonema do assassino para o seu consultório. Eles querem que você se afaste até o caso estar resolvido.

— E podem fazê-lo?

— Talvez. Há algumas passagens no regulamento do hospital cuja linguagem é vaga quanto a quem pode fazer o quê, propositadamente vaga, segundo cremos. Na pior das hipóteses, se eles votarem a favor do seu afastamento... e acredite que ainda temos algumas cartas para jogar... podemos tentar pedir uma interdição. Mas teremos de encontrar um juiz compreensivo. O melhor seria derrotá-los agora mesmo. É o que eu tenciono fazer.

Harry examinou a paisagem que passava através dos vidros fumados. Não tencionava ser afastado do MMC. Por um lado, os pacientes eram a sua razão de ser, quer em termos emocionais quer em termos financeiros; por outro, se lhe fosse vedada a prática clínica no hospital, seria muito mais difícil exercer qualquer pressão sobre o assassino. E já tinham feito muitos progressos desde que conheciam Walter Concepcion, o que lhes permitia esperar que, dentro de pouco tempo, essa estratégia resultasse e a pressão aumentasse.

Maura ia encontrar-se com o amigo do irmão, Lonnie Sims. Dweeb tivera acesso aos mais recentes programas informáticos de gráficos destinados a ajudar as testemunhas a fazer desenhos dos suspeitos.

Juntos, aperfeiçoariam o desenho de Maura e a qualidade fotográfica, a cor e o pormenor. O resultado seria, essencialmente, um retrato-robô de frente e de lado. Em seguida, mediante várias adições, subtrações e misturas, obteriam fotografias semelhantes do homem com o aspecto alterado.

Quando Harry e o advogado entraram na sala de reuniões pela segunda vez desde a morte de Evie, o ambiente era visivelmente mais formal, e mais ameaçador. Tinham sido colocados microfones em vários locais à volta da mesa enorme. Os atores da primeira peça já lá estavam todos, a par de recém-chegados notáveis, entre os quais os administradores do hospital, os chefes de departamento que integravam a comissão executiva, as enfermeiras-chefe do Alexander 9 e do Alexander 5, Caspar Sidonis e uma estenógrafa. Também lá se encontrava um homem sentado ao lado do advogado do hospital, que Harry não conhecia, um homem de fato azul mal confeccionado.

Steve Josephson apertou a mão de Harry ao passar por ele. Doug Atwater sorriu, embaraçado, e aproximou-se.

— Harry — disse ele em voz baixa. — Ainda bem que tenho esta oportunidade de falar consigo. Espero que compreenda que, no outro dia, eu estava apenas a sugerir o que julgava ser melhor para si.

Como é óbvio, aborreci-o, e peço-lhe desculpa por isso. Queria que soubesse que estou cem por cento consigo neste caso.

Pela mente de Harry passaram meia dúzia de respostas cínicas. Mas Harry não verbalizou nenhuma. Atwater não a merecia. Ao longo dos anos, sempre apoiara Harry e a sua luta para que a medicina de família fosse uma opção respeitada.

Sugerir que Harry se afastasse voluntariamente do hospital fora a única hipótese de que ele se lembrara para impedir a audição que estava prestes a realizar-se, uma audição na qual Harry parecia destinado a ser humilhado e, em último caso, posto de lado.

— Compreendo, Doug — respondeu. — Mas não fiz nada de mal. Portanto, não posso deixar-me abater.

— Nesse caso, dê-lhes luta, Harry — afirmou Atwater, sorrindo.

Sam Rennick recordou os pontos essenciais que tinham sido acordados entre ele e Mel Wetstone.

As testemunhas fariam uma declaração e responderiam a perguntas, primeiro de Rennick e depois de Wetstone. Harry seria autorizado a falar depois de cada testemunha, mas só para responder a perguntas do seu advogado e não para se dirigir diretamente a nenhuma das testemunhas. Quando a audição acabasse, as comissões executivas, formadas pelos administradores e pelos médicos do hospital, decidiriam, por voto secreto, se as prerrogativas de Harry lhe seriam ou não retiradas.

— Antes de começar, Mister Rennick, gostaria que ficasse registado que a Manhattan Health Cooperative se orientará pelos resultados desta audição — disse Doug Atwater.

Atwater olhou para Harry.

— O estatuto do doutor Corbett manter-se-á intato enquanto as suas prerrogativas neste hospital se mantiverem.

Considerando que o plano de saúde estava vinculado apenas às suas próprias leis, que permitiam admitir e afastar os médicos prestadores de cuidados de saúde, a declaração de Atwater equivalia a um endosso. A sua companhia podia ignorar os resultados da audição, limitando-se a afastar Harry da sua lista de médicos. Era uma decisão que Harry receava que eles pudessem tomar. Agora, sentia-se duplamente satisfeito por se ter refreado perante Doug.

A enfermeira-chefe do Alexander 9 começou por ler depoimentos das enfermeiras que estavam de serviço na noite em que Evie morrera.

Nenhuma delas duvidava que Harry fora a última pessoa a ver a mulher antes da ruptura fatal do aneurisma. Sue Jilson voltou a contar, com pormenores, que Harry saíra para ir comprar um batido de leite e que depois voltara. O advogado do hospital serviu-se das suas perguntas para obter uma resposta conclusiva da enfermeira sobre o sistema de segurança existente naquele piso. Depois, concentrou-se no estado clínico de Maura Hughes.

— Ela era o caso mais clássico de delirium tremens que eu vi — disse a mulher. — Estava inquieta e agressiva, a suar muito e quase sempre desorientada. Quando não acusava o pessoal de a ignorar, afastava insectos que não existiam. Esteve quase sempre medicada enquanto permaneceu no nosso serviço e, apesar disso, foi uma das pacientes mais desestabilizadoras que tivemos nos últimos tempos.

Harry e Mel Wetstone olharam um para o outro. O advogado do hospital sabia que o esboço de Maura ia ser apresentado e que o fato de ter sido traçado um retrato tão pouco abonatório da paciente destruía a sua credibilidade. Por isso é que Harry se opusera a que fosse a própria Maura a apresentar o esboço na audição. Mel avisara-o do que ela poderia ouvir.

Wetstone pigarreou, bebeu lentamente um pequeno gole de água e contemplou a enfermeira com um sorriso gélido.

— Lamento que Miss Hughes se tenha revelado tão desestabilizadora para o seu piso neurocirúrgico — respondeu ele.

— Obrigada — respondeu a enfermeira, sem se aperceber do sarcasmo de Wetstone.

— Não parece gostar muito de alcoólicos, pois não?

— Alguém gosta?

Wetstone esperou trinta segundos que a resposta produzisse o seu efeito na sala.

— Por sinal, há quem goste — disse ele, com brandura. A Associação Médica Americana classificou formalmente o alcoolismo como uma doença. A Associação Psiquiátrica Americana também.

Espero que a senhora não tenha preconceitos para com muitas outras doenças, também. Não tenho mais perguntas a fazer-lhe.

A enfermeira-chefe, vermelha como um pimentão, folheou os seus apontamentos e olhou para um local que a impedia de ver fosse quem fosse. Se o impacto do seu testemunho não fora totalmente neutralizado, decerto fora reduzido. Wetstone virou-se para Harry.

— Doutor Corbett, estive em contato com a Maura Hughes desde que ela teve alta?

— Estive.

— E como está ela?

— Muito bem, por sinal. Não bebeu desde que foi operada e recomeçou a pintar.

Na véspera, tinham chegado a acordo sobre a mentira inofensiva.

— Ah, sim, ela é uma artista realizada e conceituada, não é verdade?

Tem em seu poder algum desenho feito por ela?

— Tenho uma fotocópia. Miss Hughes teve dificuldade em lembrar-se dos pormenores do rosto do homem, por isso recorremos a um hipnotizador.

— Seria o doutor Pavel Nemec?

O murmúrio em toda a sala mostrou que o húngaro era conhecido da maioria dos presentes.

— Não sei ao certo se ele é médico — respondeu Harry. Mas não teve dificuldade em ajudá-la a unir, de novo, as suas recordações. Uma sessão de quinze ou vinte minutos foi quanto bastou.

— Mister Rennick — disse Wetstone. — Temos aqui uma declaração de Pavel Nemec, reconhecida notarialmente, na qual ele afirma que o esboço que o senhor vai ver representa o rosto que Maura Hughes recordou: o homem que entrou no quarto novecentos e vinte e oito depois de o doutor Corbett ter ido comprar um batido de leite para a mulher.

Wetstone esperou que fossem distribuídos exemplares por todas as pessoas envolvidas e depois perguntou: — Doutor Corbett, já alguma vez viu o homem representado no esboço de Miss Hughes?

— Já. Tinha um jaleco do pessoal de manutenção do hospital e estava a puxar o lustro ao chão junto à porta do quarto novecentos e vinte e oito, quando eu cheguei. Quando voltei, ele tinha desaparecido.

— Tem certeza ?

— Absoluta. Trata-se de um retrato muito fiel. A Maura Hughes retém os pormenores com uma facilidade incrível. Ela diz que desconfia que a gravata era postiça porque o nó estava demasiado perfeito.

Várias pessoas soltaram uma gargalhada.

— Isto é ridículo — murmurou Caspar Sidonis entre dentes, embora suficientemente alto para toda a gente ouvir.

— Então está a dizer-nos, doutor Corbett, que este homem... — Wetstone apontou para o esboço com ênfase. — Que este homem esperou pelo momento oportuno para vestir um jaleco de médico que tirou da sua enceradeira, se atreveu a entrar no quarto novecentos e vinte e oito e injetou na sua mulher uma dose letal de Aramine?

— Creio que foi precisamente o que ele fez.

Muitos dos rostos das pessoas que se encontravam na sala eram inexpressivos. Mas Harry apostava que a maioria ainda tinha fortes dúvidas a seu respeito.

Sem mais comentários, Wetstone indicou que terminara a sua intervenção. Como o ônus da prova recaía, pelo menos em teoria, sobre o hospital, Harry não seria interrogado pelo advogado do hospital. Era um dos vários pontos processuais que Wetstone ganhara.

Em seguida, Sam Rennick apresentou o homem de fato azul mal confeccionado, Willard McDevitt, o chefe da manutenção do hospital.

McDevitt, um homem de cinquenta e tal anos, muito corado e cujo nariz parecia ter sofrido uma ou duas fraturas, falou com a convicção de alguém que se julgava incapaz de se enganar acerca fosse do que fosse. Harry lembrou-se de Bumpy Giannetti, o gigante desajeitado que o perseguia à saída do liceu e lhe tinha batido com uma regularidade biológica entre o sétimo e o décimo anos.

Perguntou a si próprio se Bumpy o respeitaria agora, quando era o principal suspeito de dois assassínios.

— Mister McDevitt, reconhece o homem que está representado naquele desenho? — perguntou Rennick, depois de verificar as credenciais do homem.

— Não. Nunca o vi na minha vida — respondeu ele, deitando um olhar altivo a Harry.

— E quanto àquela enceradora industrial, aquela que, segundo o doutor Corbett, o assassino usava naquela noite?

— Bem, em primeiro lugar, deixem-me que lhes diga que, se havia alguma enceradora no Alexander Nove nessa noite, era a minha. E, se era a minha, era um dos meus homens que estava a trabalhar com ela.

— Alguém poderia ter trazido outra para o hospital?

— Tudo é possível. Mas essas meninas pesam cerca de duzentos e cinquenta quilos e são maiores que um secador de roupa. É difícil imaginar alguém a introduzir uma no hospital à socapa.

— Seria possível terem roubado uma do seu departamento?

— Não, a menos que fosse à força. Nós temos um controle de saída que eu próprio criei, para evitar que alguém não autorizado se sirva do nosso equipamento. Até a saída de uma chave de porcas tem de ser justificada. Não creio que perdêssemos o rasto a uma enceradora de duzentos e cinquenta quilos.

— Obrigado, Mister McDevitt.

Rennick fez um aceno de cabeça a Wetstone, sem olhar verdadeiramente para ele. Harry viu o gesto e refletiu cinicamente numa profissão na qual a mímica era aceite, ensaiada e fazia até parte da atividade. Depois, reparou que Caspar Sidonis trocava comentários em voz baixa com o administrador que estava sentado a seu lado, apontando para Harry ao mesmo tempo. A mímica, em medicina, podia ser mais subtil que em direito, mas era igualmente repugnante.

— Mister McDevitt, onde são guardadas essas enceradoras? — perguntou Mel.

— Estão fechadas numa arrecadação do porão. Bem fechadas, por sinal. Só eu e o Gus Gustavson, o chefe da manutenção do

soalho, é que temos a chave. Todas as enceradoras que saem da arrecadação precisam da minha autorização escrita ou da dele.

— Compreendo. Mister McDevitt, gostaria de lhe perguntar outra vez se alguém que não pertencesse ao seu pessoal poderia servir-se de uma dessas máquinas.

— Isso é impossível.

“Outra vez aquele olhar.” Harry enfrentou o olhar do homem como nunca fizera com Bumpy Giannetti, manteve-o e conseguiu até esboçar um sorriso débil. Se Mel Wetstone tivesse partilhado com ele a parte seguinte da sua estratégia, o seu sorriso teria sido muito mais aberto. Wetstone levantou-se, dirigiu-se para a porta, abriu-a e recuou.

Durante alguns segundos reinou um estranho silêncio, que depois foi quebrado pelo ruído de uma máquina. Um homem alto e louro, envergando um fato-macaco da manutenção do MMC, entrou na sala.

Trazia um distintivo de identificação com fotografia e puxava lustro aos mosaicos que rodeavam a felpuda tapete oriental com uma enceradora industrial. De lado, lia-se a letras vermelhas: PROPRIEDADE DO MMC.

— O que é isto? — exclamou Willard McDevitt. Wetstone fez sinal ao homem, que desligou a máquina.

— Mister McDevitt, conhece este homem?

— Não.

— Mister Crawford, trabalha para este hospital?

— Não.

— Mister Crawford, onde arranjou esse aparelho?

— Na arrecadação da manutenção do soalho, no porão.

— E foi difícil tirá-la de lá? O homem louro sorriu.

— Foi canja — respondeu ele. — Vou devolvê-la agora, se for possível.

O homem fez girar a máquina e saiu da sala. No mesmo instante, era como se toda a gente falasse e gesticulasse ao mesmo tempo. Harry reparou que vários membros do corpo clínico se riam. Willard McDevitt parecia que ia atirar-se a Mel Wetstone. Mas escutou qualquer coisa que o advogado do hospital lhe disse em voz baixa,

empurrou a cadeira para trás e saiu. Pela sua parte, Wetstone teve o cuidado de não se mostrar exultante, nem sequer satisfeito. Pela primeira vez, Harry sentiu que a emoção reinante na sala poderia virar-se a seu favor. Se Rennick e a sua testemunha podiam enganar-se tanto acerca da enceradora, seria de admitir que talvez se enganassem também acerca de outras coisas.

— Esperem. Esperem um bocadinho!

Era óbvio que Caspar Sidonis atingira o seu limite de resistência. Levantou-se e encaminhou-se a passos largos para a cabeceira da mesa. Owen Erdman, o presidente do hospital, afastou a cadeira para ele passar.

— Este homem é um impostor. Um vendedor traiçoeiro disse Sidonis, apontando para Wetstone. — Está a servir-se de truques para vos impedir de se concentrarem no ponto que é importante neste caso. E, Sam, lamento que tudo o que você fez só lhe tenha facilitado a vida.

Isto não é uma sala de audiências, é um hospital. Não estamos aqui para debater as subtilezas da lei. Estamos aqui para garantir que os nossos milhares de pacientes, pacientes que poderiam dirigir-se a qualquer outro hospital, tenham confiança no Manhattan Medical Center e continuem a vir aqui. Estamos aqui reunidos para impedir que o nosso hospital se transforme no alvo da chacota da cidade.

Estamos aqui para garantir que os licenciados em Medicina, entre todos os hospitais do país, tenham por este a consideração suficiente para o escolherem e nele se instalarem.

O homem era bom, muito bom, reconheceu Harry. Aquilo era o resultado da vingança pela morte de Evie e a recompensa pela humilhação sofrida no anfiteatro. E, acima de tudo, a sua força e a sua eficácia provinham do ódio que nutria por Harry e da sua convicção de que ele era o culpado. Fez-se de novo um silêncio. A situação já não se revelava tão prometedora. Mel Wetstone parecia prestes a objetar à tirada de Sidonis, mas pensou melhor e afundou-se na cadeira.

Tentar impedir o chefe do serviço de cirurgia cardíaca de exprimir a sua opinião poderia ofender os presentes.

— Não me envergonho de dizer que a Evie DellaRosa e eu estávamos apaixonados — continuou Sidonis. — Durante anos, ela e o Harry Corbett mantiveram um casamento que era apenas uma fachada. Na véspera de ela dar entrada neste hospital, na véspera de ser assassinada, contou ao marido o que havia entre nós. Tenho certeza. Isso dá-lhe um motivo. Uma apólice de seguro de duzentos e cinquenta mil dólares dá-lhe outro. As enfermeiras já testemunharam que ele teve a sua oportunidade. E, evidentemente, o método escolhido foi aquele que só um médico poderia saber. Existe uma hipótese remota de o doutor Corbett estar inocente, tal como ele afirma. Existe uma hipótese remota de qualquer explicação alternativa e tresloucada que ele apresente corresponder à verdade. Mas nem mesmo a sua inocência altera o fato de dois dos nossos pacientes com fortes ligações a ele terem morrido. Os jornais estão a viver à custa do hospital. A confiança pública que tanto trabalho nos deu a conquistar está a desaparecer.

“O Harry Corbett deve a este hospital respeito e consideração suficientes para se afastar do corpo clínico até que todo este assunto esteja resolvido de uma maneira ou de outra. Como se recusou a honrar essa responsabilidade, este grupo tem de entrar em ação.

Prometo, aqui e agora, que não continuarei a exercer numa instituição que não seja capaz de resistir pelos seus próprios meios nem de fazer o que deve pelo seu pessoal e pelos seus pacientes. Obrigado.

Aparentemente esgotado, Sidonis regressou ao seu lugar apoiando-se nos espaldares das cadeiras. Mel Wetstone respirou fundo e depois suspirou. Harry sentiu-se corado e constrangido. Sidonis ameaçara o hospital e a administração com um golpe aplicado nas suas duas áreas mais vulneráveis: a reputação e os recursos financeiros.

Cirurgião Cardíaco de Renome Mundial Abandona Hospital Devido ao Descrédito Lançado pela Acusação de Um Médico. Harry imaginava os títulos no Daily News.

Inclinou-se para o seu advogado.

Ouviu-se um burburinho no exterior da sala. As portas abriram-se de rompante e a secretária circunspecta de Owen Erdman entrou.

— Desculpe, doutor Erdman — disse ela, sem fôlego. Tentei explicar-lhes, mas eles não me deram ouvidos. A Sandy telefonou para a segurança. Eles vêm a caminho.

A mulher desviou-se e uma pequena multidão entrou na sala. À frente vinha Mary Tobin, e, logo atrás, Marv Lorello. Seguiam-se todos os outros membros do Departamento de Medicina Familiar e vários pacientes de Harry, alguns com crianças pela mão. Duas dúzias de pessoas ao todo, calculou Harry. Não, talvez três. Entre elas reconheceu Clayton Miller, o homem cujo grave edema pulmonar ele e Steve Josephson tinham tratado com uma enorme transfusão de sangue. O grupo concentrou-se numa extremidade da sala de conferências. Depois, várias pessoas afastaram-se e Mabel Espinoza, uma paciente de Harry, avançou. Dois dos seus netos agarravam-se-lhe à saia.

— Chamo-me Mabel Espinoza — disse ela. O seu sotaque latino era forte, mas ninguém tinha dificuldade em entendê-la. Enfrentou os presentes com a dignidade firme que sempre fizera dela uma das pacientes preferidas de Harry. — Tenho oitenta e um anos. Há vinte anos que o doutor Corbett trata de mim e da minha família. Se hoje estou viva é porque ele é um médico extraordinário. Muitas outras pessoas poderiam dizer a mesma coisa. Quando estou muito paciente, ele vai ver-me a casa. Quando alguém não pode pagar, ele tem paciência. Eu assinei a petição. Em menos de um dia, ela foi assinada por mais de duzentas pessoas. Obrigada.

— Isto foi uma ideia da sua Mary — segredou Wetstone a Harry. — Nunca julguei que ela conseguisse desencadear uma coisa destas.

Avançou outra mulher, que se apresentou como Doris Cummings, uma professora primária de Harlem. Leu a petição, assinada por 203 pacientes de Harry e enumerou os motivos pelos quais Harry era essencial ao seu bem-estar e ao das suas famílias.

— ... Se o doutor Corbett for afastado do corpo clínico do Manhattan Medical Center sem justa causa, nós, abaixo assinados, tencionamos mudar-nos para outro hospital. Se for necessário e possível, abandonaremos também a Manhattan Health.

Este homem tem sido uma parte importante das nossas vidas. Não queremos perdê-lo — disse ela, concluindo a leitura da petição.

Marv Lorello segredou ao ouvido de Cummings e apontou para Owen Erdman. Cummings contornou a mesa e colocou a petição em frente do presidente do hospital. Diante de Harry, uma mulher distinta chamada Holden, que fora presidente do conselho de administração, enxugou uma lágrima. A seu lado, Mary Tobin rejubilava como uma mãe com a licenciatura de um filho.

Em seguida, Marv Lorello falou em nome do Departamento de Medicina Familiar, considerando Harry um amigo inestimável e um exemplo para todo o departamento, especialmente para os recém-chegados à prática da medicina. Leu uma declaração assinada por todos os membros do departamento, que, na realidade, ameaçavam transferir os seus serviços para outra unidade, se Harry fosse afastado do corpo clínico do hospital sem uma prova absoluta e legalmente vinculativa da sua conduta imprópria. Marv Lorello colocou o documento em cima da petição, em frente de Owen Erdman. Depois, o grupo saiu da sala.

Não houve mais discussão. A votação foi uma formalidade, embora dois dos doze votantes se tivessem pronunciado a favor do afastamento de Harry. Caspar Sidonis saiu da sala assim que o resultado foi comunicado.

— Doutor Corbett, esta foi uma impressionante manifestação de consideração por si — disse Erdman friamente. — Seria trágico saber que essa lealdade não era merecida. Tem mais alguma coisa a acrescentar?

— Só que agradeço a votação. Estou inocente e tenciono prová-lo e descobrir esse homem. Espero começar, afixando este retrato em todo o hospital.

— De modo nenhum! — vociferou Erdman. — O meu pessoal distribuirá discretamente este documento aos nossos chefes de departamento.

Mas não nos arriscaremos a que o público admita que um assassino pode entrar no nosso hospital, disfarçar-se de empregado de limpeza e assassinar os nossos pacientes. Exijo a sua promessa de colaboração nesta matéria.

Harry olhou para Mel Wetstone, que se limitou a encolher os ombros e a fazer um sinal afirmativo.

— Tem a minha palavra — disse Harry.

— Nesse caso, tem a nossa aprovação para continuar com o seu trabalho — concluiu Erdman.

— Vai para casa? — perguntou Wetstone, quando saíam do hospital.

— Não, vou para o consultório. Acho que a Mary merece um almoço.

— Um jantar no Ritz seria mais apropriado.

CAPÍTULO 28

O termômetro montado na parede exterior da estação de metropolitano de Battery Park estava diretamente exposto ao sol.

Mesmo assim, trinta e cinco graus eram trinta e cinco graus. Quando James Stallings entrou na estação úmida e desconfortável, com a pasta numa mão e o casaco enrolado na outra, amaldiçoou a sua tendência para as camisas escuras. Gostava muito de se ver com elas e do efeito que surtiam nos seus colegas de camisas brancas. Mas, num dia como aquele, vestir-se de azul-marinho era um disparate.

Porém, mais uma vez, cometera uma série de disparates nos últimos tempos.

A estação estava apinhada. Os turistas de Ellis Island e da Estátua da Liberdade acotovelavam-se com os passageiros que saíam da barca de Staten Island e com uma multidão de adolescentes de camiseta de Camp Cityside. Quase todos falavam do calor. Stallings passou pela cruzeta giratória atrás de duas raparigas de Cityside, que se riam de um rapaz que não fora autorizado a participar na viagem.

Apanhado na conversa, Stallings tentou perceber o que fizera o rapaz e para onde é que todos eles se dirigiam. Mas as adolescentes juntaram-se a mais doze campistas e desceram a escadaria larga como uma legião de tagarelas.

Havia um comboio à espera na gare. Battery Park era o início da linha, portanto havia quase sempre lugares sentados, mesmo às horas de ponta. Mas, naquele dia, só havia lugares de pé. Através dos fragmentos de conversas irritadas à sua volta, Stallings depreendeu que houvera um atraso qualquer. E, é claro, se as carruagens tinham ar condicionado, as gares não tinham. O ar denso e úmido entrava com os passageiros e sobrepunha-se ao

sistema de refrigeração. A camisa de Stallings estava ensopada nas axilas. Pela janela, Stallings via a multidão que continuava a descer as escadas e a atravessar a gare de cimento.

Loomis deveria esperar dez minutos antes de regressar à Crown.

Talvez já pouco faltasse. Não era que fosse importante se eles acabassem por ir no mesmo comboio. Sobretudo em carruagens diferentes. Mas Stallings, que nunca fora nervoso nem paranoico, estava assustado — irracionalmente assustado, como não deixava de tentar convencer-se.

Sir Lionel lançara uma espécie de ameaça sobre a Roundtable e morrerá de repente, envolvido em mistério. Um ano e tal depois, Evelyn DellaRosa fora assassinada na sua cama de hospital. Também ela se cruzara com a sociedade. A droga utilizada para a matar fora descoberta, mas quase por acaso. As duas mortes seriam uma coincidência? “Era possível, mas duvidoso” pensou Stallings. Agora, dentro de vinte e quatro horas, também ele teria de apresentar uma lista de pacientes terminais hospitalizados, ou transformar-se numa ameaça potencial para a Roundtable.

Fizera bem em encontrar-se com Kevin Loomis, concluiu. Loomis parecia um tipo honesto e decente. Apesar de ainda não ter colaborado e talvez até de não estar convencido, assim que tivesse oportunidade de perceber tudo, aproximar-se-ia. E, juntos, descobririam alguma coisa. Era forçoso. Stallings limpou o suor da testa com a manga da camisa. A carruagem estava quase cheia. O calor era opressivo. Era só uma questão de tempo até alguém sair.

— Eia, cuidado! — exclamou um dos passageiros.

— Vá-se lixar! — retorquiu outro, com a resposta pronta.

Uma velha de pele engelhada, com uma corcunda acentuada e um saco de compras a abarrotar abriu caminho entre ele e os bancos e parou com um dos saltos dos sapatos bem assente no dedo do pé de Stallings. Este desculpou-se e libertou o pé. A velha deitou-lhe um olhar furibundo, com os olhos vermelhos, e resmungou qualquer coisa que Stallings deu graças por não perceber.

As portas fecharam-se e, por instantes, era como se todos tivessem sido condenados a uma nova tortura. Mas devagar, quase

com relutância, o comboio começou a andar. Stallings era mais alto do que a maioria dos outros passageiros. Agarrado à pasta e com o casaco irremediavelmente amarrotado na mão esquerda, conseguia equilibrar-se em parte, quer agarrando-se ao varão por cima da cabeça da velha, quer pela força das pessoas que se comprimiam à sua volta. Descia em Upper East Side para trocar de comboio e era um passageiro inveterado e extremamente tolerante. Mas não se lembrava de uma viagem tão desagradável. Para piorar a situação, o comboio balouçava sem dó nem piedade, talvez correspondendo ao esforço do condutor para recuperar o tempo perdido.

Um minuto depois de o comboio sair da estação, tinha outra vez o salto da velha em cima do seu pé. Dessa vez, Stallings afastou-a, ganhando mais um olhar furibundo e mais um epíteto. Pouco depois, um safanão particularmente forte atirou uma série de pessoas para cima dele. Stallings sentiu uma picada no lado direito, mesmo por cima do cinto. Seria uma abelha? Uma aranha? Com a mão direita esfregou a pele nesse sítio. A sensação de picada já quase desaparecera. A camisa continuava colada ao corpo. Ainda tinha a mão no varão quando uma curva pronunciada o fez cair sobre os passageiros que iam atrás dele.

— Agarre-se a qualquer coisa, pelo amor de Deus — gritou alguém quando ele se endireitou.

— Idiota — acrescentou mais alguém.

— Desculpe — disse Stallings entre dentes, ainda a tentar perceber o motivo da picada. Já fora picado várias vezes, por abelhas e aranhas.

Não era alérgico a esses animais. Mas desta vez fora mordido através da camisa.

O comboio abrandou ao entrar na estação de City Hall. O aperto aumentou quando alguém tentou abrir caminho na direção das portas.

— Desculpe — proferiu uma mulher, tentando passar à frente de Stallings. — Por favor?

Stallings não conseguiu responder. O coração começara a bater-lhe de uma forma desordenada. A pulsação ecoava-lhe nos ouvidos como fogo de artilharia. Stallings sentiu uma náusea terrível e teve

uma tontura. O suor escorria-lhe pela face. As luzes toldaram-se e depois começaram a girar, cada vez mais depressa, Stallings sentiu um vazio no peito, como se os pulmões e o coração tivessem rebentado.

Precisava desesperadamente de se deitar.

— Ouça, o que é que você está a fazer? — perguntou alguém.

A mão escorregou-lhe do varão.

— Eia, pá...

Stallings sentiu os joelhos a dobrarem-se. A cabeça caiu-lhe para trás.

— Afastem-se, afastem-se! Ele está a morrer!

Stallings sabia que estava no chão, com os braços e as pernas a mexerem-se de uma forma incontrollável. Sentia no seu corpo os pés das pessoas que tentavam recuar. Mordeu o lábio mas não sentiu qualquer dor. Uma avalanche de palavras chegou até ele, como se estas fossem ecos distantes que atravessassem um longo tubo metálico.

— Ele está com convulsões... — Metam-lhe qualquer coisa na boca...

— Virem-no! Virem-no para o lado!

— Eu sou paramédico.

— Afastem-se, todos. Mais para lá...

— Façam qualquer coisa.

— Sou, minha senhora, chegue-se para trás.

— Chamem a Polícia...

As palavras tornaram-se mais desconexas, mais deturpadas. Stallings sentiu que as pessoas se ajoelhavam à sua volta e que lhe tocavam, mas ele não conseguia reagir. Sabia que estava a perder a consciência. O sangue do lábio caiu-lhe na camisa azul-marinho.

Sentiu a bexiga a ceder. As imagens toldadas deram lugar à escuridão. As vozes e os sons desapareceram...

Todas as atenções se concentravam em Stallings, com uma excepção. Um homem de aspecto vulgar, com uma camisa de fantasia, esgueirou-se entre dois candidatos a socorristas e pegou na mala de Stallings. Depois, muito devagar, libertou-se da multidão.

Sorriu intimamente ao imaginar Sir Gawain a utilizar sucessivas táticas evasivas para não ser seguido até Battery Park, sem saber que os microfones sofisticados que Galahad colocava nos quartos de todos os cavalheiros tornava essa prática desnecessária.

As portas das carruagens abriram-se naquele momento e as pessoas acotovelaram-se para sair para a gare. O homem com a pasta de Stallings acompanhou tranquilamente a multidão. A seringa que tinha na algibeira seria atirada na sarjeta no quarteirão seguinte. A cardiotoxina que ele esvaziara no corpo de Stallings era uma das suas armas favoritas — uma droga praticamente desconhecida no exterior do Baixo Amazonas, tão potente que o veneno que ficara no êmbolo da seringa talvez fosse suficiente para matar alguém. A agulha inserida na seringa era tão fina que cabia num poro e a sua picada era invisível. E mesmo que a injeção tivesse produzido uma gotícula de sangue, a camisa azul-escura do homem disfarçá-la-ia. Mais outro número para a estatística, mais outra morte atribuída ao calor. Maravilhoso, simplesmente maravilhoso.

Anton Perchek saiu da estação no preciso momento em que dois polícias iam a entrar.

— Tenham calma, senhores — disse ele em voz baixa. Acreditem que não há motivo para pressas.

CAPÍTULO 29

No apartamento de Harry, a disposição era decididamente a melhor.

Walter Concepcion e Maura chegaram com alguns minutos de intervalo, ambos com boas notícias.

Harry bem precisava delas. Depois da audição, quando ia a sair do Mercedes de Mel Wetstone, tivera outra dor no peito — mais aguda do que duradoura ou do que um simples aperto, que lhe vinha de dentro das costas e lhe chegava ao meio do esterno. Não durou muito, talvez três ou quatro minutos. E não fora muito forte. Mas fora a pior dos últimos tempos. Quando Harry dera a Mary Tobin um beijo rápido de gratidão e correria para o armário dos medicamentos para ir tomar um comprimido de nitroglicerina, já a dor estava a passar. Se fosse angina, não era um caso típico dos manuais, disse ele com os seus botões.

Mesmo assim, Maura cumpriria a sua parte do acordo e iria a uma reunião dos AA com Concepcion. O mínimo que ele podia fazer era marcar um eletrocardiograma com prova de esforço. Voltou para a secretária, marcou o número de um cardiologista seu amigo e deixou o telefone tocar uma vez antes de desligar. Traria a nitroglicerina no bolso e tomá-la-ia ao primeiro sinal de dor. Se resultasse, se a dor cedesse, talvez houvesse uma boa hipótese de que o problema fosse do coração. Depois telefonaria ao cardiologista. Entretanto, o exame com prova de esforço podia esperar.

Harry fez a Maura e a Concepcion um relato vivo da audição no hospital, sobretudo do discurso quase catastrófico de Caspar Sidonis e da atuação notável de Mel Wetstone e de Mary Tobin.

— Esse Sidonis sabia da investigação que a sua mulher andava a fazer? — perguntou Concepcion quando ele acabou.

— Não creio. Não contei a ninguém o que sei acerca da outra vida dela, a não ser à Polícia. Não serviria de nada contar ao Sidonis. Duvido que ele acreditasse, aliás.

— Ele pode tornar-se um inimigo perigoso. Recomendo-lhe que se afaste o mais possível dele. Ele vai insistir na ameaça de se despedir?

— Duvido, mas nunca se sabe. Ele dá a entender que sairia do MMC e encontraria logo um lugar noutra hospital. Mas ele possui um grande laboratório de investigação, e quando a categoria é muito elevada, como eu julgo ser a dele, as coisas não são assim tão simples. Não há nenhum hospital na cidade cujo serviço de cirurgia cardíaca não tenha um chefe. E duvido que qualquer deles gostasse que o velho Caspar resolvesse invadir o seu território.

A seguir, Maura contou que Lonnie Sims a ajudara a produzir uma série de imagens quase fotográficas do homem que ela vira. Além do original, havia três outras imagens de frente e de lado: uma com óculos e barba, outra com bigode e cabelo louro e uma terceira com olhos azuis e cabelos castanhos compridos. Sims reduzira-as todas e colocara-as em cima de uma folha de tamanho normal, junto de uma caixa vazia destinada a outras informações. Depois, arranjara-lhe dez cópias.

— Devia ter feito uma com ele disfarçado de mulher disse Concepcion, examinando as imagens.

— O quê?

— Nada. Estava a brincar. Até parece que este tipo consegue atravessar as paredes dos hospitais. Estava a pensar como seria ele disfarçado de enfermeira.

— Por acaso, o Lonnie tentou uma série de cabeleiras femininas e vários tipos de maquilhagem. Isso abria dúzias de combinações e de hipóteses. Mas as imagens ficariam muito pequenas se tivéssemos tentado imprimir uma grande quantidade. Além disso, ele achou que seria muito confuso alguém concentrar-se numa imagem retirada de uma série de quinze ou vinte.

— Boa — disse Concepcion. — Vamos tirar uma série de fotocópias a cores e afixamo-las em todos os andares do hospital. Talvez até noutros hospitais, também.

— Não podemos — avisou Harry.

Harry contou a sua discussão com Owen Erdman e disse que dera o seu acordo para que Erdman fosse o único a controlar a distribuição dos desenhos, que só seriam entregues particularmente aos chefes de departamento.

— Isso não vai resultar — advertiu Concepcion, mais agitado do que nunca.

— O que quer dizer com isso?

— Não é muito provável que alguém olhe para esses cartazes e diga: "Ah, ah! Cá está o nosso homem." Às vezes acontece, mas é raro. O que estamos a tentar fazer é aborrecer o... doutor, aborrecê-lo ao ponto de ele cometer um descuido... desafiá-lo até que a única coisa que ele deseje seja ajustar contas consigo.

— Você fala como se o conhecesse — disse Harry.

O tique ao canto da boca de Concepcion disparou várias vezes.

— Não o conheço especificamente, Harry — afirmou ele. Mas conheço os psicopatas. É mais provável que ele tropece no seu próprio ego do que nós o encontremos. Mas, para isso, temos de arranjar maneira de o irritar.

— Desculpe, mas não posso fazer isso, Walter. Dei a minha palavra ao presidente do hospital. A minha situação é demasiado periclitante naquele local para eu abusar da sorte com ele. O Erdman é conhecido pelo seu mau feitio. Dentro de uma semana, podemos tentar sondá-lo de novo. Mas não agora.

— Como queira, doutor.

Concepcion examinou um dos cartazes durante alguns segundos.

— Maura, esta é espantosa — disse ele, guardando-a numa pasta de cabedal já gasta.

Maura olhou-o com curiosidade.

— Como é que sabe?

— Posso ser um pouco tosco, mas sei reconhecer uma obra de arte quando a vejo — retorquiu ele alegremente.

— Obrigada — disse ela, afastando a sua preocupação momentânea. — Veremos até que ponto o desenho é parecido quando o tipo olhar para nós do outro lado das grades.

Se ele viver até lá. Por instantes, Concepcion teve receio de ter falado em voz alta.

Maura teve a sensação de que o rosto de Concepcion se toldara, como se, de repente, ele se tivesse afastado para um local distante.

Concepcion bebeu uma boa parte da limonada que Harry preparara para eles. Quando pousou o copo, a sombra desaparecera. O seu sorriso era aberto e atraente.

— Bem, mis amigos — começou. — Chegou a minha vez de falar de Elegance, o serviço de acompanhantes para cavalheiros bem-pensantes. A mulher que o dirige chama-se Page. Não me disse mais do que isso. Encontrei-me com ela naquele bar escuro de East Side, que não tem janelas. Nem uma. Parece que as minhas suspeitas tinham razão de ser. A Desiree trabalhava por conta própria para a Elegance, por períodos de quatro ou cinco meses. Bem... Desculpe dizer isto, Harry, mas aparentemente ela era muito requestada.

— Ótimo.

— Ouça, você não se importa de ouvir esta conversa? Harry encolheu os ombros.

— Continue.

— Muito bem. De qualquer modo, essa tal Page está muito zangada porque uns tipos muito ricos e poderosos denunciaram o contrato feito com ela quando descobriram que a Desiree era repórter. O que aconteceu é que a Desiree tentou entrevistar algumas das raparigas e uma delas denunciou-a. A Page julgou que, ao despedir a Desiree, seria recompensada. Mas a colaboração entre a Elegance e ela cessou. A Page acabou por perder muito dinheiro. Pareceu-me suficientemente irritada para falar dos homens envolvidos, mas também me pareceu verdadeiramente assustada com eles. Parece que dois deles a foram visitar e lhe fizeram um interrogatório cerrado acerca da Desiree. A princípio, não consegui que ela me dissesse nada deles. Continuei a passar-lhe a mão pelo pelo e ela falou...

Harry, eu... Ah... Os quinhentos dólares já voaram.

— Todos?

— Foi uma espécie de pegar ou largar. Ela tinha uns copos no bucho e estava muito nervosa. Percebi que, se não lhe acenasse

com uma boa oferta, poderia perdê-la para sempre.

— Bem, esses quinhentos dólares foram para si — disse Harry.

— Harry! — exclamou Maura.

— Desculpe, desculpe. Continue, Walter. Eu confio em si. A sério.

— Ela não sabia os nomes dos homens, excepto o de um que se chamava Lance. Acho que é o apelido. Ele pagava-lhe em dinheiro e avisava-a sempre que uma rapariga não satisfazia, fosse pelo que fosse. As raparigas eram sete, do melhor, que havia. Iam ao Hotel Camelot duas vezes por mês e passavam lá a noite. A Page não sabia ao certo o que eles iam lá fazer, mas, por coisas que as raparigas contavam de vez em quando, calcula que alguns deles pertencessem ao ramo dos seguros.

— Dos seguros?

— Foi o que ela disse. Não é grande coisa, mas despertou-me a atenção. Estava a pensar em sondar algumas das criadas do Camelot.

As criadas dos hotéis sabem tudo, e nesta cidade metade delas são latinas. Talvez eu consiga saber quem são os tipos e possamos partir daí.

Eles reúnem-se de quinze em quinze dias no Hotel Camelot...

— Não me parece que seja necessário — disse Harry, lembrando-se de uma das poucas linhas do texto manuscrito de Desiree que tivera oportunidade de ler. — Creio que a Evie nos deixou os nomes de dois deles.

Harry copiara os dois nomes que encontrara na agenda de Evie e guardara a cópia na carteira. O original estava enfiado na ponta de um velho par de tênis, no armário da entrada. Harry alisou o papel em cima da mesa, telefonou para as informações e depois para a Biblioteca Pública de Nova York. Perguntou por uma bibliotecária chamada Stephanie Barnes, que fora uma das suas primeiras assistentes, e uma das poucas que deixaram o consultório para voltar para a faculdade em vez de ter bebês ou de ir ganhar mais dinheiro do que ele podia pagar. Harry pagara-lhe um belo bônus pela ajuda que ela lhe dera no primeiro ano. Agora, com um casamento feliz e um mestrado em Ciências Documentais, tinha bebês e mais dinheiro do que ele podia pagar.

Ao longo de vários anos de amizade mútua, Stephanie ensinara a Harry uma coisa de que ele já desconfiava há muito: uma bibliotecária expedita e imaginativa podia descobrir quase tudo.

— Stephanie, tenho dois nomes com endereços e até com os números da Segurança Social — disse ele, depois de aceitar as condolências pela morte de Evie e de lhe garantir que não tinha nada com a morte dela. — Creio que os dois homens estão envolvidos nos seguros. Quero todas as informações que você conseguir acerca deles, sobretudo onde trabalham e o que fazem. Se você estiver muito ocupada, pode ficar para amanhã, mas eu preferia que fosse daqui a uma hora, mais ou menos.

Stephanie disse-lhe que não ficasse à espera de nada, mas daí a meia hora telefonou.

— Uau! — exclamou Harry depois de receber as informações. — Walter, você acertou outra vez. James Stallings, vice-presidente da Interstate Health Care. Kevin Loomis, primeiro vice-presidente da Crown Health and Casualty. Parece que ambos são estrelas em ascensão, também.

O Loomis andou dois anos numa universidade pública de Nova Jersey e ainda há dois anos era um simples vendedor. Agora é um tipo importante. Não sei por que vive no Queens, com o dinheiro que deve ganhar. O Stallings frequentou sempre faculdades privadas: Saint Stephen's, em Dartmouth, e a Wharton Business School. Ganhou uma série de prêmios pelo seu desempenho na companhia e na indústria.

— Quer que eu procure os números de telefone das companhias? — perguntou Maura.

Harry apontou para a folha onde tomara os seus apontamentos.

— Vê-se mesmo que vocês não conhecem pessoas como a minha amiga Stephanie. Tenho aqui os números do telefone de casa e da companhia de ambos.

— Qual deles quer tentar primeiro? Harry olhou para Concepcion.

— O executivo que ganhou os prêmios, evidentemente respondeu Walter. — Vale a pena dizer-lhe como é que se vai dirigir?

— Acho que é preferível improvisar — lembrou Harry. Harry ligou para o escritório de Manhattan da Interstate Health Care e pediu

para falar com James Stallings. Pouco depois, a secretária apareceu na linha.

— Fala do gabinete de Mister Stallings.

— Boa tarde — disse Harry. — Estou a tentar localizar o Jim Stallings.

Chamo-me Collins, Harrison Collins. Fui colega do Jim em Dartmouth.

Faço parte da comissão de finalistas do próximo ano. O nome do Jim foi escolhido para um prêmio e eu preciso de combinar alguns pormenores com ele.

Harry foi contemplado pelo seu escasso público com dois polegares erguidos. Seguiu-se uma pausa invulgarmente longa antes de a secretária responder.

— Desculpe, Mister Collins. Mister Stallings não pode atender o seu telefonema — explicou ela.

— Quando é que devo voltar a telefonar? Mais um intervalo longo e desagradável.

— Pode dizer-me outra vez do que se trata?

— De um prêmio. Dartmouth vai conceder um prêmio a Mister Stallings.

— Mister Collins, Mister Stallings está muito paciente. Muito paciente. Ele está na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital Memorial.

— Oh, isso é horrível. Qual é o estado dele?

— Não lhe posso dizer mais nada sem autorização. Desculpe. Harry relatou a conversa a Maura e a Concepcion, e depois serviu-se do seu título e do seu conhecimento das normas hospitalares para entrar em contato com a UCI do Hospital Memorial.

A sua conversa com a mulher durou apenas um minuto. Harry pousou lentamente o auscultador.

— O Stallings teve uma paragem cardíaca no metropolitano, esta tarde — disse ele. — Está ligado a um ventilador e cerebralmente morto. Ela não conseguiu dizer-me mais nada.

— Que idade tinha ele? — perguntou Maura. Harry olhou para os seus apontamentos.

— Quarenta e dois anos.

— Não é exatamente a idade indicada para uma paragem cardíaca — afirmou Concepcion.

— O que acha?

— Não me agrada. Não me agrada nada. Acho que você devia telefonar ao outro. Como se chama ele?

Harry já estava a ligar para a Crown Health and Casualty.

— Loomis — disse ele. — Kevin Loomis.

Harry alterou a história que contou à secretária de Loomis. Harrison Collins fazia parte da "Comissão do Executivo do Ano" da American Insurance Association. Loomis era um dos três nomeados para o prêmio do ano. Harry sabia que se tratava de uma boa mentira. Pouco depois, Loomis respondeu-lhe do outro lado da linha.

— Em que posso ser-lhe útil, Mister Collins? — perguntou ele.

— O senhor é a única pessoa na linha? — perguntou Harry.

— O quê?

— Pode falar à vontade?

— Claro que posso. O que se passa?

— Mister Loomis, o meu nome não é Collins, é Corbett. doutor Harry Corbett. Sabe quem sou?

— Eu leio os jornais.

— Trata-se da minha mulher, Mister Loomis. Da minha falecida mulher, Evelyn.

— Por que me telefona?

— Mister Loomis, ao tentar libertar-me das acusações de ter assassinado a minha mulher, tenho andado a investigar a vida dela.

Soube que ela trabalhou para o serviço de acompanhantes de nome Elegance. Sei que o senhor e James Stallings foram clientes dela no Hotel Camelot.

— Isso é um absurdo. Nunca fui ao Hotel Camelot e não conheço a sua mulher nem ninguém chamado Stallings. Agora, estou muito ocupado e...

— O seu nome, a sua morada e o seu número de Segurança Social estavam na posse da minha mulher quando ela morreu. Assim como os de Stallings. Calculo que ela os tenha tirado das suas cartas de condução. Agora, pode falar comigo ou com a Polícia.

— Doutor Corbett, não gosto de ameaças. Não o conheço nem conheço a sua mulher. Vou desligar. Não volte a contatar-me.

— Mister Loomis, acabo de falar com uma enfermeira da UCI do Hospital Memorial. O James Stallings teve uma espécie de paragem cardíaca, hoje. Está inconsciente e ligado a um ventilador, mas nunca mais voltará a acordar. Está cerebralmente morto. Morte cerebral irreversível.

O silêncio prolongado foi uma resposta positiva.

— Eu não conheço o Stallings e não tenho mais nada a dizer-lhe.

— O meu número é oito, sete, zero, três, quatro, zero, zero, em Manhattan. Telefone-me quando quiser, mas depressa. Tenho a sensação de que precisamos de conversar.

Kevin Loomis desligou sem dar resposta.

— Ele vai verificar o que eu lhe disse do Stallings — disse Harry aos outros. — Depois, acho que terei notícias dele.

— De uma maneira ou de outra — respondeu Maura, cautelosa. — Por tudo o que sabemos, talvez tenha sido ele quem contratou o assassino da Evie.

CAPÍTULO 30

Cada paciente estava autorizado a receber duas visitas na UCI do Hospital Memorial. Quando Kevin Loomis lá chegou, às dez para as três da tarde seguinte, James Stallings já recebera o seu quinhão. Foi encaminhado para uma pequena sala familiar cheia de bugigangas, com uma seleção de material de leitura inspiradora e religiosa, e um televisor ligado ao canal de desenhos animados.

As visitas eram do meio-dia às oito horas da noite, mas esta fora a primeira oportunidade de Kevin para se dirigir ao hospital, desde que recebera a chamada de Harry Corbett. Assim que ele desligara, Kevin telefonara para o Hospital Memorial. Disseram-lhe apenas que James Stallings se encontrava na UCI, e que o seu estado era crítico. Kevin ligou para o gabinete de Stallings na Interstate Health, na esperança de saber mais alguma coisa, mas desligou assim que a secretária lhe perguntou o nome. Muito abalado, conseguiu aguentar uma reunião de uma hora no escritório, uma reunião na qual Burt Dreiser estava sentado precisamente do outro lado da mesa, a sorrir-lhe com um ar benevolente.

Burt, você conhece Sir Gawain, aquele tipo alto e bem-parecido que ingressou na Roundtable seis ou sete meses antes de mim? Por acaso não sabe por que ele se encontra em estado crítico na UCI do Memorial Hospital, não?

Depois da reunião, Kevin mal teve tempo para o recital de dança de Julie. Teria preferido o jogo da Little League de Nicky, mas o seu acordo com Nancy era que ambos alternariam. Agora que o pequeno Brian iria começar a ter lições, assim que estivessem instalados em Port Chester, a fórmula teria de ser alterada.

Quando se encontrou com Nancy eram quase nove horas. As crianças já estavam todas nos seus quartos. Kevin passara a noite anterior nas Suítes Garfield e já há um dia e meio que Nancy e ele

não trocavam mais de meia dúzia de palavras. A mulher apercebera-se da sua tensão invulgar e perguntara-lhe qual a causa. Ele não tentara negar. O trabalho fora particularmente duro, dissera. Quando ela lhe perguntou como é que se saíra no jogo de póquer, ele mentiu dizendo que ganhara “alguns dólares”. Em seguida, Nancy contou-lhe as novidades de dois dias da família e começou a namoriscar com ele, acariciando-lhe o interior da coxa. Há duas semanas que não faziam amor... desde a reunião da Roundtable, por sinal. Mas também não o fariam nessa noite. Kevin desculpou-se, alegando uma dor de cabeça lancinante, cansaço e um telefonema que tinha de fazer a Burt. Não quis ver como ela ficaria ferida e preocupada e foi para o seu escritório da cave. Aí, telefonou de novo para o Hospital Memorial. UCI, estado crítico.

— Desculpe.

— Como disse?

Kevin estivera a olhar, sem ver, para um clássico de Bugs Bunny.

À

porta da sala estava uma mulher. Era alta e magra, de cabelo louro e curto. O seu rosto esguio era atraente e talvez fosse belo se não fossem as olheiras.

— Veio ver o Jim Stallings?

— Vim.

A mulher avançou e estendeu-lhe a mão.

— Sou Vicky Stallings. A mulher do Jim. Kevin apresentou-se.

— Kevin Loomis. Trabalho na Crown Health. Eu... Eu jogo às cartas com o Jim.

— Oh, então viu-o na noite antes... Antes disto acontecer. Ele pareceu-lhe bem?

— Perfeitamente normal.

— Ele ia no metropolitano quando desmaiou — disse ela, falando tanto consigo própria como com Kevin. — Na estação de City Hall. A secretária disse que ele tinha um compromisso qualquer lá em baixo, mas não sabia do que se tratava. Como é que disse que conheceu o Jim?

— Eu... Bem... Eu jogo às cartas no grupo dele.

— Oh, sim. O senhor já me disse isso, não é verdade? Não consigo reter nada na cabeça. Creio que ele voltou a perder — disse ela, desesperadamente distraída, mas tentando ser educada. — O Jim nunca se interessou muito por jogos de cartas, nem era muito bom nisso, tanto quanto posso afirmar. Mas nunca perderia esse jogo. Suponho que a situação tinha mais a ver com a companhia do que com o póquer.

Kevin teve uma sensação de estranheza ao ouvir a mentira na boca da mulher de outro homem.

— Lamento muito o que aconteceu — começou. — Pelas informações do hospital, só soube que o estado dele era crítico. Ele... Ele...

Vicky Stallings abanou a cabeça e depois, de súbito, descontrolou-se.

Kevin ficou a seu lado, sem saber o que fazer, até que ela se recompôs. Deixou de soluçar. Embaraçada, pediu desculpa. Ele disse-lhe que não tinha motivos para se desculpar.

— A minha irmã saiu agora mesmo daqui — murmurou ela, a custo. — Por que não entra sozinho? Eu fico aqui um pouco. O Jim não me falou de si, mas guardava esse jogo de póquer muito para ele. Foi muito amável ter vindo.

— Lamento que isto tenha acontecido — disse Kevin outra vez.

Kevin sempre tivera uma forte aversão a hospitais. E as unidades de cuidados intensivos desagradavam-lhe ainda mais. Dirigiu-se à enfermeira da recepção e foi encaminhado para o cubículo 3, uma cabina envidraçada com cortinas que tapavam parcialmente as janelas. O paciente que estava lá dentro pouco se parecia com o executivo elegante que se sentava à sua frente há cerca de cinco meses nas reuniões da Roundtable. Tinha tubos no nariz e na boca, presos à face penugenta com adesivo. Ao lado da cama, um grande ventilador assobiava e zumbia, e o seu ecrã reluzia como um jogo eletrónico obscuro. Os lábios de Stallings — o que Kevin conseguia ver deles estavam inchados, gretados e feridos. Os olhos estavam tapados com adesivo. De vez em quando, todos os músculos do seu corpo parecia contorcerem-se num espasmo, e os braços rígidos viravam-se para dentro até as palmas das mãos se afastarem do

corpo. Por cima, o ecrã do monitor mostrava um ritmo cardíaco bastante regular. Kevin sabia como aquele padrão inocente era enganador.

Cerebralmente morto. Fora o que o Dr. Corbett dissera.

Cerebralmente morto.

Kevin imaginou Evelyn DellaRosa tal como aparecera nos jornais e ele a recordava. Uma mulher com um aspecto notável, tão espantosamente clássico. Também fora assim que ela acabara? Com tubos a saírem-lhe de todos os orifícios do corpo? Ofegante e cerebralmente morta, com respiração artificial, viva só até que algum médico passasse por lá e desligasse o aparelho? Era isto o que esperava também Kevin Loomis?

Kevin aproximou-se mais da cama.

A paragem cardíaca de Stallings no metropolitano poderia ter sido uma coincidência? O homem andava extraordinariamente tenso por causa da Roundtable. Estavam quase quarenta graus na gare, e a temperatura não era melhor no interior das carruagens. E se ele tivesse tido o azar de entrar numa daquelas mais antigas, que não tinham ar condicionado? Talvez alguma situação já existente tivesse provocado o colapso do seu coração. Por outro lado, talvez eles tivessem sido observados quando se encontravam em Battery Park.

Talvez Stallings tivesse reconhecido alguém da Roundtable no metropolitano. Talvez eles lhe tivessem feito alguma coisa.

“Bolas, James, o que aconteceu? O que devo fazer?”, pensou Kevin.

— Agradeço-lhe a sua paciência, Mister Loomis.

Vicky Stallings lavara a cara e maquilhara-se um pouco.

— Trate-me por Kevin — pediu. — Isto é tão triste. Os médicos dele imaginam o que poderá ter acontecido?

— Gostava de falar consigo, Kevin — disse ela em voz baixa. — Mas preferia que fosse na sala. Duvido que o Jim ouça, mas há sempre essa possibilidade.

— Compreendo.

Regressaram à pequena sala. O coioote atirava-se a um grande foguetão, enquanto Bip-Bip passava por ele a correr. Kevin desligou o aparelho.

— Não é obrigada a falar-me nisso se for muito doloroso para si — disse ele.

— Não há muito a dizer, na verdade. Os médicos disseram que não há esperança. Calculam que o coração dele tenha parado durante oito ou nove minutos. Tentaram a reanimação, mas acho que não foi suficiente. Por fim, a equipe de primeiros socorros conseguiu que o coração voltasse a bater.

— Ele tinha problemas cardíacos?

Kevin sentiu que esperava ardentemente uma resposta positiva.

...

— Kevin, o Jim fez a Maratona de Nova York em três horas e meia, no ano passado. Há cerca de seis meses, fez um seguro de vulto. Eles exigiram-lhe uma prova de esforço. O Jim disse que se saiu tão bem que o médico que o fez lhe interrompeu o exame para atender o paciente seguinte.

“Um seguro de vulto.” Pensativo, Kevin lembrou-se da sua própria apólice. Quando ingressara na Roundtable aumentara-a. “Dois milhões e meio e mais meio milhão por morte acidental.”

— Ele sempre me pareceu em forma — confirmou Kevin.

— Os médicos dizem que talvez ele tenha tido uma quebra do nível de potássio devido ao calor e à transpiração. Parece que o coração é muito sensível ao potássio. Depende do que ele fez uma hora antes...

A voz de Vicky Stallings embargou-se de novo. Kevin percebeu que ela estava outra vez prestes a descontrolar-se. Ele próprio se sentia assim. A morte de Stallings não era uma coincidência, tal como a de Evelyn DellaRosa ou a do cavaleiro chamado Sir Lionel não tinham sido. Eles tinham seguido Stallings, ou talvez mesmo Kevin, até Battery Park. Depois, tinham-no atingido. Agora, Stallings era um vegetal. O inatingível Sir Gawain. Kevin perguntou a si próprio se Stallings também se mudara e comprara uma nova casa quando a sua nomeação para a Roundtable se tornara realidade.

Kevin teve vontade de gritar. Fingiu que olhava para o relógio. Vicky Stallings salvou-o do embaraço.

— Muito obrigada por ter vindo, Kevin — agradeceu ela, estendendo-lhe de novo a mão. — E, quem sabe? Será preciso um

milagre, mas já houve outros. Muitos.

— Rezarei por ele — disse Kevin, saindo da sala. Sentia a cabeça muito leve e apetecia-lhe muito uma bebida.

Kevin parou no primeiro bar por onde passou, bebeu duas vodcas com água tônica e depois regressou à Crown. Brenda Wallace tinha umas cartas para ele assinar e uma lista de telefonemas para ele fazer.

Kevin observou-a enquanto ela andava de um lado para o outro no seu gabinete, bronzeada, com um corpo flexível e muito sensual. Burt Dreiser tinha o gabinete do canto, o iate e Brenda Wallace. Quando é que concluíra que podia gerir o que a Roundtable pretendia dele?

Participara na concepção de todo aquele programa? E, o mais importante, por que razão é que Kevin não conseguia ser como ele?

Kevin acabou o trabalho e manteve-se sentado durante algum tempo, a admirar a cidade. Depois pegou no telefone e ligou a George Illych, o agente que lhe tratava de todas as apólices na Crown.

— George, daqui fala Kevin Loomis. Como está?

— Bem, Kevin. Em que posso ajudá-lo?

Kevin imaginou George Illych, recostado na cadeira, a contemplar ansiosamente os seus queridos Winstons. Illych, um jogador de bilhar e de golfe, jovial e pesado, era um dos maiores riscos para as companhias de seguros que Kevin conhecia.

— Eu e a Nancy compramos uma casa em Port Chester.

— Ótimo, isso é ótimo. Primeiro a grande promoção e depois a grande casa.

— Depois o grande seguro. George, resolvi que, com a nova casa e um rendimento de trezentos mil dólares incluindo bônus, quero aumentar o valor do seguro.

— Não há problema. Qual foi o aumento mais recente que lhe fizemos?

— Um milhão. Há quatro meses. Os meus exames ainda estão válidos, não é verdade?

— Durante seis meses. Qual é o total que pretende?

— Três milhões e meio.

“Mais quinhentos mil por morte acidental”, pensou Kevin, sem o dizer.

— Tudo para a Nancy?

— Sim.

— Não há problema, pá. Daqui a dois dias, dou-lhe os papéis para assinar.

— Perfeito. Obrigado, George.

— E que tal irmos jogar uma partida de bilhar um destes dias, depois do trabalho?

— Jogar bilhar consigo? Não posso dar-me a esse luxo, George.

— Espere aí. Você acaba de tornar-se o homem dos três milhões e meio.

— Isso é só se eu morrer, George.

— Oh, sim. Boa resposta.

Meia hora depois, Brenda Wallace entrou para se despedir.

Apressado, Kevin empilhou os papéis em que estivera a trabalhar e guardou-os na gaveta da secretária. Não havia mais nada, disse a Brenda. Ela contemplou-o com um dos seus sorrisos mais espantosos antes de ir para casa.

Kevin abriu a pasta e tirou um recorte de jornal com uma notícia acerca de Evelyn DellaRosa. Estava a olhar para a fotografia dela quando ligou para Harry Corbett.

— Corbett, você telefonou-me hoje — disse Kevin, falando para o atendedor automático de Harry. — Quero falar consigo. Esteja em casa amanhã às nove horas. Telefonarei a essa hora.

Kevin voltou a guardar os artigos de jornal na pasta e tapou-os com os desenhos que estivera a fazer. Era uma série de diagramas e de esboços da cave da sua casa em Queens, que realçavam sobretudo a posição da máquina de lavar roupa, do secador, da entrada e em especial do quadro eléctrico.

CAPÍTULO 31

Era quase meia-noite quando Harry ouviu Maura a bater levemente na porta entreaberta do seu quarto. Estava deitado de costas, acordado, e esforçava-se por adormecer. Mas ainda se sentia muito alterado. A situação continuava a evoluir favoravelmente desde que Maura o convencera a contratar Walter Concepcion. Agora o executivo de seguros Kevin Loomis deixara-lhe uma mensagem no atendedor.

Queria falar-lhe. Telefonar-lhe-ia de manhã. A pouco e pouco, o círculo estava a fechar-se. A pouco e pouco, aproximavam-se do assassino de Evie e de Andy Barlow.

— Entre, estou acordado — disse ele.

— Só queria saber se você quer beber um chá e fazer-me um pouco de companhia.

Maura, com umas cuecas de algodão e uma camisola curta, estava à porta, enquadrada pela luz que vinha de trás. Se o seu objetivo naquele momento era mostrar-se atraente e incrivelmente sensual, conseguira alcançá-lo de uma forma admirável. Harry levantou-se e fez-lhe sinal para que se sentasse na cama, a uma distância razoável dele.

— Não quero chá, obrigado, mas a companhia é bem-vinda.

Um pouco de companhia. Harry sentira-se atraído por Maura pouco depois de a ter visto em casa dela, e a atração aumentara firmemente. Era um disparate, bem o sabia. Um disparate e um perigo. Ambos eram frágeis e vulneráveis. A mulher de Harry morrera apenas há umas semanas. Maura podia recomeçar a beber. E tinham um assunto a resolver: um louco que queria ver ambos mortos.

— Harry, resolvi ir para casa amanhã — disse ela, de repente. Harry tentou disfarçar a surpresa e a mágoa.

— Não é obrigada a fazê-lo.

— Eu sei. Mas, mais tarde ou mais cedo, terá de ser. Não é que eu queira ir-me embora daqui. Espero que saiba isso. É que, de repente, tenho a cabeça cheia de coisas que quero pintar.

Atravessam-me a cabeça como cometas.

— Isso é fantástico. Mas creio que ainda não é seguro fazer uma coisa dessas.

— Por causa do assassino. Concordo. Mas estar aqui também é perigoso. O perigo está em toda a parte até apanharmos o homem. Do que eu já me livreí foi do álcool. Isso é que me preocupava mais... Era ainda mais perigoso do que o assassino. A reunião dos AA a que fui ontem à noite deu-me ainda mais segurança. Não tenho certeza se vou continuar a ir às reuniões, mas sei que isto vai correr bem. No meio de todas as coisas terríveis que aconteceram, é uma coisa boa.

Maura sorriu-lhe.

— Mas agora sinto que tenho de estar só, e você precisa de espaço.

Maura estava sentada de pernas cruzadas. A sua silhueta era realçada pela luz do corredor. Harry tentou lembrar-se da última vez que abraçara Evie... da última vez que tinham tido relações sexuais.

Da última vez que se interessara verdadeiramente por ela. Sentiu um formigueiro no corpo. Nos últimos dias, conseguira superá-lo. E naquele momento? Estendeu o braço e pegou na mão de Maura.

— Eu não preciso de espaço e não quero que você se vá embora — disse ele.

Maura aproximou-se. Harry sentiu-lhe o perfume e percebeu que a sua capacidade de resistência se desvanecera.

— Você não me conhece, Harry — advertiu. — Eu sou resistente. Sou conhecida por comer homens simpáticos e ternos como você ao pequeno-almoço e por cuspir os caroços.

Harry afastou-se e observou-a.

— Isso parece-me qualquer coisa que você ouviu num filme.

— E é, de fato. Deve ter sido a Garbo. Mas eu sempre quis tentar a minha sorte no mundo do espetáculo. Infelizmente é verdade. Não

me lembro do último amante que tive senão na medida em que ele serviu para provar que eu valia a pena.

— Você vale a pena e é terrivelmente sensual — disse ele.

— Mesmo sem cabelo?

— Você tem muito cabelo. Além disso, essa coifa minimalista permite que eu me concentre mais no resto.

Harry puxou-a para si e acariciou-lhe o seio. Ela soltou um gemido suave, pôs a mão sobre a dele e apertou-a, encostando a cabeça ao seu peito.

— Harry, quis que você me desejasse desde que o vi a subir as escadas da minha casa pela primeira vez. Agora estou assustada.

Temos passado por tanta coisa, estamos tão magoados.

— Maura, não é obrigatório fazermos amor. Podemos deitar-nos apenas e ficar abraçados.

Maura meteu a mão no interior dos calções dele.

— Não se deixe levar pelo que eu digo — disse ela. Encostado à cabeceira da cama, Harry beijou-a ao de leve na boca, no pescoço e na garganta. Ela ajoelhou-se a seu lado e despiu-lhe a T-shirt. Depois, com a boca dele a alguns milímetros dos seus seios, despiu a camisa e atirou-a para o lado. No mesmo instante, a boca dele colou-se ao seu corpo, sugando-o, acariciando-lhe o mamilo com a língua.

— Será uma experiência extraordinária para mim fazer amor sóbria.

— Não é obrigatório fazermos amor esta noite.

— Schiu... Harry, ouça. Não me parece acertado fazer amor consigo, a menos que seja seguro. Há muito tempo que o não faço, creio. Mas você sabe como os alcoólicos são.

— Não se preocupe. A Evie era a rainha do preservativo. A última caixa está na gaveta da mesa de cabeceira. Está lá há meses. Creio que nem sequer foi aberta.

— Bem, mas vai ser.

Beijaram-se docemente, com ansiedade. Harry meteu-lhe a mão nas calças, acariciou-lhe as nádegas e avançou, até sentir-lhe o sexo úmido. No mesmo instante, Maura ficou ensopada. Deixou que ele a acariciasse até conseguir suportar a situação. Depois, escorregou

para debaixo dele, tirou-lhe as cuecas e percorreu o corpo dele com a boca e a língua, vezes sem conta.

— Devagar, Maura — pediu ele. — Estou destreinado e quero que isto dure.

— Quem é que disse que esta será a única vez? — disse ela em voz baixa, aproximando a sua boca da dele e ajudando-o a despir as cuecas.

Completamente nua, com uma pele maravilhosamente branca e uma penugem macia na cabeça, Maura era a mulher mais sensual que Harry conhecia. Naquele momento, estava deitada de barriga para baixo, com os dedos dos pés esticados. Ele ajoelhou-se a seu lado e passou-lhe a mão pelo corpo longo e sedoso, acariciando-lhe as nádegas repetidamente. Depois, rolou docemente para cima dela, massajando-lhe os músculos das costas e abrindo-lhe as pernas com os joelhos. Estava tão excitado, tão erecto, que se sentia dorido.

Beijou-lhe o interior das coxas e acariciou-a entre as pernas. Ela estava pronta, também... incrivelmente pronta.

— Por favor, Harry — gemeu ela. — Assim, não. Quero olhar para ti desta vez. Quero ver o teu rosto. Quero ver o teu rosto maravilhoso.

Harry beijou-lhe a nuca e ajudou-a a voltar-se. Maura encolheu as pernas e pegou-lhe no sexo. Durante alguns segundos mágicos, ficaram assim, de olhos fixos um no outro.

— Continua a olhar para mim — segredou Maura, ajudando-o a entrar dentro dela. — Querido, por favor, não feches os olhos. Só mais um bocadinho. Mantém os olhos abertos e vê como estou feliz. Vê como eu gosto de fazer isto contigo.

A luz da manhã entrava pelos intervalos das persianas quando o telefone começou a tocar. Harry nem se lembrava quando ambos tinham adormecido, mas sabia que não fora há muito tempo. Tinham feito amor, depois descansaram. Em seguida, fizeram amor, tomaram um duche, comeram e fizeram amor outra vez.

— Se és assim aos cinquenta anos, ainda bem que não te conheci quando tinhas vinte e cinco — disse Maura, ofegante, em determinado momento.

— Tu terias onze — respondeu ele.

— Aí é que está.

Uma hora depois, quando ela estava deitada a seu lado, tocou-lhe nas cicatrizes que lhe cobriam as costas. Ele já lhe falara de Nha-trang.

— Agora podes contar-me a verdadeira história — disse ela. — Tenho certeza que compreenderei. Como se chamava ela?

O telefone continuava a tocar. Harry passou o braço por cima de Maura quando esta começou a mexer-se. No relógio digital do rádio eram dez para as oito.

— Está?

— Harry?

— Sim.

— Harry, é o Doug. Desculpe acordá-lo.

— Já estou levantado há muito tempo.

Maura, já quase acordada, meteu a mão debaixo do lençol para lhe tocar. Harry empurrou-lhe a mão e abafou o riso.

— Harry, o que diabo se passa? — perguntou Atwater. Pela voz tensa do Doug, era óbvio que ele não se referia ao que se passava naquele momento no quarto de Harry.

— Com quê?

— Com aqueles cartazes, raios. Harry, por favor, nós somos amigos.

Não brinque comigo.

Harry estava agora totalmente acordado e sentado. Maura, apercebendo-se de que havia problemas, levantou-se também.

— Doug, você tem de acreditar em mim. Não sei do que está a falar.

— Há cartazes por todos o hospital e pelo menos em dois outros hospitais, tanto quanto sabemos. Cartazes com oito versões do esboço daquele homem que você julga que matou a sua mulher. O Owen está furioso, Harry.

Harry soltou um gemido e tapou o bocal.

— Há cartazes em todo o hospital, com os diabos. Só pode ter sido o Concepcion. — Virou-se de novo para o bocal. Doug, aposto que foi um tipo que eu contratei para me ajudar que fez uma coisa dessas. Eu disse-lhe que não o fizesse, mas parece que ele

desobedeceu. São só as imagens? O cartaz tem alguma coisa escrita?

— Claro que tem, Harry. Ouça, eu não sou parvo. Não me trate como...

— Por favor, Doug, o que é que eles dizem?

Harry ouviu o suspiro de Doug, que tentou manter a compostura.

— Dizem que esse homem é procurado pelo assassinio de Evelyn DellaRosa e que qualquer pessoa que tenha informações a respeito dele deverá contatá-lo por este número. Há uma recompensa de cinquenta mil dólares para quem prestar informações que conduzam à detenção e à acusação do homem.

— Quanto?

— Cinquenta mil.

— Cinquenta mil?

— Harry, o Owen está furioso com isso.

— Diga que peço desculpas. Vou telefonar para explicar o que houve e arrancar os cartazes todos.

— Não é só neste hospital, Harry. Também telefonaram do Universitário e do Saint Bart's. Desconfio que haja outros.

— Vou tratar disso, Doug. Vou tratar disso tudo.

— Quem é que fez isso?

— Ninguém que você conheça. Obrigado, Doug. Obrigado por telefonar.

Harry desligou.

— Nem que eu conheça — disse ele entre dentes. — Maura, podes entrar em contato com teu irmão?

— Acho que sim.

— Quero saber se há algum detetive licenciado em Nova York que se chame Walter Concepcion.

A chamada de Kevin Loomis chegou pontualmente, às nove horas. A esta hora, Harry já recebera mais três telefonemas. Um era de um empregado da manutenção do MMC, outro do Hospital Universitário e o terceiro era de Bellevue. Todas as pessoas que tinham telefonado afirmavam ter visto o homem do cartaz. Duas queriam um adiantamento sobre a recompensa, antes de prestar quaisquer informações. Harry foi buscar um bloco de apontamentos

ao escritório e começou a tomar notas. Ligou também o atendedor de chamadas.

— Maldito Concepcion — resmungava, depois de cada telefonema. — Maldito Concepcion.

Loomis, que falou de um telefone público, disse apenas que queria encontrar-se com ele. Pareceu-lhe tenso mas não em demasia.

— Esteja na esquina sudeste do cruzamento da Terceira Avenida com a Rua Cinquenta e Um, hoje, às onze horas da noite — disse ele. — Leve um boné de basebol na cabeça. Eu vou buscá-lo.

Desligou antes de Harry lhe fazer quaisquer perguntas.

Durante a meia hora seguinte, houve mais dois telefonemas com palpites e perguntas acerca da recompensa. Maura é que os atendeu.

Nenhum parecia muito promissor.

— Vamos criar um sistema para avaliar estas chamadas — lembrou ela. — Devíamos dizer que, se a pessoa que telefonar conseguir indicar-nos o homem, estamos interessados. De outro modo, não, obrigado.

— Maura, eu não tenho cinquenta mil dólares.

— Ouve, uma coisa de cada vez — disse ela. — Não te lembras que o orador disse o mesmo na reunião dos AA, ontem à noite?

— Meu Deus, criei um monstro.

O terceiro telefonema era de tom Hughes. Continuava a procurar mas, tanto quanto podia afirmar, nunca houvera um detetive privado licenciado em Manhattan nem em qualquer cidade do estado de Nova York que se chamasse Walter Concepcion. Harry desligou o telefone bruscamente e depois ligou para a pensão de Concepcion. Foi o próprio Walter que atendeu.

— Concepcion, quero saber quem diabo é você e por que motivo é que me apunhalou pelas costas desta maneira.

Durante quinze segundos, fez-se um silêncio.

— Em sua casa ou na minha... — respondeu por fim Concepcion.

CAPÍTULO 32

— ... não consegui ver a cara do homem por causa do modo como estava amarrado, mas, apesar das drogas e das dores, reconheci-lhe a voz. Era o meu chefe, o Sean Garvey. Ele era aquilo a que nós chamávamos um agente infiltrado: em parte pertencia à CIA, em parte à DEA e em parte a tudo. Competia-lhe coordenar a nossa atividade clandestina no Norte do México. Mas ele traiu-me e pôs o seu amigo Perchek a tratar-me da saúde...

Quando o homem que Harry conhecera como Walter Concepcion chegou ao apartamento, Harry descontrolou-se imediatamente. Sem esperar por uma explicação, encostou Concepcion à parede do corredor e preparava-se para o agredir quando Maura o impediu.

Naquele momento, Maura e ele estavam sentados no sofá da sala e escutavam em silêncio Ray Santana, que lhes contava os três anos da sua vida em que fora agente infiltrado da Drug Enforcement Agency, no México, fora capturado e depois torturado às mãos de Anton Perchek.

— ... Depois de o Garvey sair da cave, Orsino, um dos ajudantes do senhor da droga, disse ao Perchek que havia um túnel de fuga que ia dar a uma casa do outro lado da rua. Como havia festa em Nogales e milhares de pessoas em toda a cidade, eles teriam uma oportunidade perfeita de escapar à Polícia mexicana. Era óbvio que o pobre Orsino não sabia com quem estava a lidar. Não era por acaso que não havia fotografias nem descrições fidedignas do doutor. O Perchek tirou uma pistola da mala e, com toda a calma, atingiu-o a tiro na boca. Depois, apontou-me a arma. Mas estava furioso comigo porque eu não cedera. Isso era o pior dos insultos para ele. Queria que eu morresse, mas não depressa. Em vez de me dar um tiro, despejou-me no corpo o conteúdo de uma seringa cheia de hiconidol.

— Oh, meu Deus — disse Maura. Santana estremeceu.

— Foi horrível. Um horror indescritível. Mas também foi um erro. Eu não morri...

Fascinado, Harry observava o homem enquanto este falava. Havia entusiasmo na voz de Santana, mas os seus olhos estavam vazios, estranhos e distantes. Contava a sua história, mas intimamente estava a vivê-la, concluiu Harry.

— ... por amor de Deus, Ray. Vá lá.

Uma voz masculina, insistente, intromete-se na consciência de Santana. Ray tenta manter-se na escuridão. Mas, por fim, geme, entreabre os olhos e tenta concentrar-se no rosto que está por detrás das palavras. É como se o tivessem sovado com um taco de basebol.

Está deitado de costas na cave soturna, com uma espécie de almofada debaixo da cabeça.

— Ray, sou eu, o Vargas. Ray, onde está ele? Onde está o Perchek?

Vá lá, Ray. Perdemos muito tempo.

O rosto ganha contornos. Joaquin Vargas. Um dos tenentes mais dignos de confiança de Alacante. Um dos homens que Ray se preparava para prender. Vargas, que sempre fora um agente infiltrado mexicano!

— Vargas... Nunca julguei que você...

— Isso não interessa. Onde está o Perchek?

Com um grande esforço, Ray consegue levantar-se. A sua mente desanuvia-se depressa. Parece que o doutor não conhece a sua droga dolorosa tão bem como julga. Ou talvez não conheça Ray Santana.

— Há quanto tempo é que você está aqui ao pé de mim?

— pergunta Santana.

— Há meia hora. Talvez há um pouco mais. Você tem estado inconsciente como um peixe no gelo. A princípio, julgamos que estava morto.

— Ele saiu por um túnel que há ali . Vai dar à casa do outro lado da rua.

— O túnel! — ordena Vargas.

No mesmo instante, três polícias fardados correm nessa direção.

— Eles não o conhecem — diz Ray. — Eu conheço-o. Preciso de uma arma.

— Ray, você está demasiado...

— Estou bem, Joaquin. Não imagina o que aquele patife me fez. Por favor. Dê-me a sua arma.

Relutante, Vargas entrega-lhe o revólver, uma Smith & Wesson de nove milímetros. Ray afaga a arma e dá uma palmada no braço do mexicano.

— Você enganou-me bem — afirma ele.

Sem esperar pela resposta, Ray sobe as escadas a correr. Se as ruas estão como Garvey disse que estavam, cheias de polícias e de estrangeiros, ainda há uma hipótese de Perchek não ter conseguido safar-se.

São quase seis horas da tarde. Enormes sombras crepusculares estendem-se ao longo da rua principal, onde um pequeno cortejo se dirige para a praça. A multidão que se encontra nos passeios é escassa; é provável que faça um intervalo entre as festividades da tarde e as da noite. Mas vários foliões usam fantasias... e máscaras.

Talvez Perchek esteja atrás de um deles, no meio do cortejo. Ou talvez vá a sair da cidade, nesse momento. Mas há polícias em toda a parte, a bater às portas, a verificar os becos e a bloquear as principais saídas da cidade. Ainda há uma hipótese.

Ray está mais trémulo, devido ao que passou, do que gostaria de admitir. Mas cada passo é mais seguro que o anterior. E ele sabe que, se e quando precisar de força, ela lá estará. Começa a seguir o cortejo. Mas, pouco depois, um dos homens de Vargas chama-o. O polícia aproxima-se dele com um homem magro e agitado, que gesticula desenfadadamente e que fala sem parar. O homem está quase nu e veste apenas umas cuecas sumárias de seda vermelha.

— Mister Santana, encontramos este homem amarrado e amordaçado com adesivo num beco, a dois quarteirões daqui, naquela direção - diz o agente. — Ele diz que ainda há dez minutos um gringo lhe apontou uma arma à cabeça, lhe despiu a máscara e o amarrou.

Procuramos um palhaço com um fato vermelho, uma máscara e cabelos cor de laranja-vivo. Pela descrição deste tipo, duvido que ele seja difícil de encontrar. Foi apenas há dez minutos. Ele não pode escapar-nos. Vamos fechar a praça.

Ray manifesta a sua aprovação, mas sente que alguma coisa está errada. Anton Perchek matara Orsino sem hesitar. Um dos seus aliados. Então por que poupou a vida ao homem vestido de palhaço que viu sua cara?

Põe a Smith & Wesson no cinto, afasta-se da praça e encaminha-se para o beco onde o palhaço foi encontrado. Um rolo de adesivo emaranhado indica-lhe o local exato. O beco está deserto.

Com o estralejar constante dos foguetes, ninguém daria por um tiro.

Contudo, o homem está vivo.

Sem saber ao certo o que procura, Santana dá a volta ao quarteirão enfeitado com espalhafato. Depois, contorna o seguinte, rapidamente.

E mais outro. Está tudo coberto de lixo da festa. Na soleira das portas ou entre bidões de lixo, veem-se vários foliões profundamente mergulhados numa sesta induzida pelo álcool. Um deles, um pouco afastado dos outros, atrai a atenção de Santana. É uma jovem de rosto bonito, talvez com vinte e poucos anos. Dorme, encostada a um prédio, coberta até ao pescoço por um cobertor mexicano esfarrapado. Ray aproxima-se. Mas, a cinco metros de distância, percebe que ela está morta.

Afasta o cobertor. A jovem tem apenas umas cuecas de algodão branco vestidas e está grávida, talvez de sete meses, talvez de oito.

Um único orifício de bala contempla-o, obscuro, de cima do mamilo esquerdo, inchado. O sangue derramado já secou. Santana aposta que o doutor escondeu as roupas da mulher ainda antes de vestir as de palhaço.

Impulsionado por um jato de adrenalina, Santana sente que as suas pernas reagem de repente. Pega no revólver e desata a correr pela rua principal. Um ilusionista mascarado de esqueleto entretém um grupo de cinquenta e tal pessoas. Protegido pela esquina de um prédio, Ray examina a multidão e depois concentra-se na rua. Todos

parece estarem envolvidos na conversa, no comércio com os vendedores ambulantes ou a ver o ilusionista.

Então, de súbito, Ray avista-a. Do outro lado da rua, um quarteirão mais abaixo. Caminha lentamente, tranquilamente, afastando-se da multidão, afastando-se dele. Mas o que chama a atenção de Ray é a calma dela. Vai descalça, com a cabeça coberta por um xaile. Um peão incaraterístico numa cena que chama atenção.

Incaraterístico. O atributo mais valioso do doutor.

Santana avança, deixando que a multidão o mantenha separado da mulher. Se for o Perchek, não será fácil apanhá-lo. À volta, há dezenas de reféns e de vítimas potenciais se se desencadear o tiroteio. Um movimento. É tudo o que ele tem. Se estiver enganado, haverá uma mulher atacada, ferida. Mas cerca de quinze anos de atividade policial dizem-lhe que não está enganado. Um movimento.

Ray mantém-se na sombra do prédio enquanto pode. Depois, atravessa a rua a correr e precipita-se para a mulher, por trás. No último momento, ela sente o movimento e começa a virar-se. Mas Ray, de arma apontada, já está em ação. O seu ombro atinge-a nas costas e ela estatela-se no pavimento sujo e rugoso. No momento em que choca com ela — no instante em que sente o volume e os músculos retesados — Ray sabe que se trata de Perchek.

Gritando em russo, o doutor vira-se para trás e tenta apontar a arma que leva na mão direita. Mas o vestido largo atrasa-o e Santana está pronto a saltar. Agarra no punho de Perchek com a mão esquerda e simultaneamente encosta-lhe a Smith & Wesson à carne macia debaixo do queixo.

— Mãos ao alto! — ruge ele. — Mãos ao alto ou ficas sem cabeça, Perchek. Estou falando sério!

Os olhos azuis do doutor trespagam-no. A boca do homem retorçe-se num esgar de ódio. Depois, lentamente, Anton Perchek larga a arma e deixa-a cair da mão...

Harry virou a cabeça e apercebeu-se de que não se mexera durante algum tempo. Na sua frente, Ray curvou-se, visivelmente cansado de contar a proeza que lhe poderia ter custado a vida. Sem

falar, Maura foi à cozinha e trouxe café. Ninguém falou até ela encher três chávenas.

— Pode contar-nos o que aconteceu depois? — perguntou Harry.

— Nada de bom. A injeção do Perchek não me matou, mas durante estes últimos sete anos desejei que isso tivesse acontecido. Sucedeu algo irreversível às fibras responsáveis pela dor do meu sistema nervoso. Elas disparam sem motivo. Uma vez não custa. Outras, é um inferno.

— Presumo que tenha consultado vários médicos.

— Sem a substância química que o Perchek utilizou, os médicos nem sequer sabiam por onde começar. Quase todos julgaram que eu estava doido. Você sabe como os médicos reagem às coisas que não leram nos manuais. Julgaram que eu procurava drogas ou uma pensão do Governo. Por fim, consegui reformar-me com cem por cento de incapacidade. Vou aos Alcoólicos Anônimos e aos Narcóticos Anônimos de vez em quando, mas a dor está lá. Felizmente, tenho um médico e um farmacêutico da minha terra, no Tennessee, que compreendem a situação. Por isso não me é difícil conseguir receitas de Percodan.

— E a sua família? — perguntou Maura. Santana encolheu os ombros tristemente.

— A minha mulher, a Eliza, tentou compreender o que me acontecera e o que eu estava a passar. Mas, como não foi encorajada nem esclarecida pelos médicos, acabou por desistir. No ano passado, casou com um professor de Knoxville.

— E o seu filho?

— Anda na universidade. De vez em quando, sempre que pode, telefona. Não o vejo há uns tempos.

— Que tristeza — disse Maura.

— Eu estava a conseguir... Pelo menos até há umas semanas. Cerca de um ano depois de o Perchek estar preso na penitenciária federal mexicana, mesmo à saída de Tampico, foi-me dito que ele morrera na queda de um helicóptero durante uma tentativa de fuga. Não confiei no que me disseram. No México, se alguém tiver dinheiro, pode fazer com que tudo aconteça, ou simular qualquer acontecimento. Dera-se uma explosão quando sobrevoavam o mar.

O helicóptero explodiu e houve várias testemunhas fidedignas. O que recuperaram no Atlântico foi identificado como sendo os restos do Perchek pelas radiografias aos dentes.

— Você não parece muito convencido.

— Digamos que aquilo em que eu quis acreditar e aquilo em que acreditei não era uma e a mesma coisa.

— Mas como veio aqui parar? — perguntou Harry.

— Recebi um telefonema de um velho amigo do Departamento de Medicina Forense. Esse seu perito, Mister Sims, tinha enviado para baixo uma série de impressões digitais para identificar. Uma delas, a impressão de um polegar, coincidia com a do Perchek em noventa e cinco por cento. Não fiquei admirado, sobretudo quando soube que ela provinha do quarto de uma mulher que fora assassinada num hospital.

Vim para cá e comecei a fazer planos para me aproximar de si. O meu amigo prometeu dar-me um pouco mais de tempo antes de entregar o resultado da identificação ao Sims.

— Mas por que não nos disse quem era?

— Bem, a verdade é que eu não tinha certeza de que lado estava você. Pensei que tivesse contratado o Perchek para matar a sua mulher. Nem mesmo depois daquela noite em Central Park eu tive certeza.

Harry gemeu.

— Foi você. Você é que matou aquele homem.

— Parece aborrecido.

— Estou aborrecido.

— Salvei a vida da Maura. Talvez a sua, também.

— Se tivesse apanhado aqueles homens em vez de matar um deles, o Andy Barlow ainda poderia estar vivo.

Foi a vez de Santana perder a paciência.

— Harry, não seja burro. Estamos a lidar com assassinos, aqui. Não com professores universitários nem com trabalhadores sociais. Trata-se de assassinos. Percebeu? Essa gente não se aproxima para permitir que alguém os acompanhe à Polícia. Essa gente mata. Foi uma pena o que aconteceu ao Barlow. Ele não devia ter morrido. Mas meta na cabeça que a culpa não foi minha.

— Você é perigoso, Santana — afirmou Harry, de chofre. É um pedaço de dinamite ambulante com um pequeno rastilho. Você não se importa com quem é eliminado, desde que o Anton Perchek esteja envolvido.

— Tem razão, irmão.

— Bem, eu podia ter sido despedido do hospital por causa do que você fez, irmão.

— Vá lá, Harry — disse Santana. — Você pode ser repreendido mas não será despedido. O seu advogado é muito bom. Ouça, vamos retirar esses cartazes. Já lá passaram a maior parte da noite, o que significa que já conseguiram irritar o Perchek, e isso é exatamente o que eu queria que eles fizessem.

— Irritar o Perchek. Você é mesmo uma ave rara — retorquiu Harry, não muito bem-disposto. — Quantas vezes é que o maldito telefone tocou desde que você cá chegou? Em Manhattan há cada vez mais idiotas, todos convencidos de que podem ganhar cinquenta mil dólares. Irritar o Perchek. Santana, ponha-se a andar daqui para fora. Já tenho problemas suficientes com os meus inimigos. Não preciso de outros, criados por aqueles que se dizem meus amigos.

Maura já estava farta do que ouvira.

— Ouçam, vocês os dois — disse ela. — Sentem-se e calem-se por um instante. Não me interessa o que sentem um pelo outro, mas nenhum de vocês, sozinho, tem grandes hipóteses de apanhar esse Perchek. Harry, tu és médico, não és polícia. Ray, você não pode entrar nos hospitais, e é lá que está o seu homem. Vocês precisam um do outro. Admitam-no.

Harry deitou um olhar furioso a Santana. Maura atravessou a sala e pôs-se em frente dele, de mãos nas ancas.

— Querem que eu vos obrigue a apertar as mãos como era costume fazermos no liceu, depois das discussões? Muito bem. Mantemo-nos juntos e tentamos esclarecer a situação uns com os outros antes de discutirmos. De acordo?

— Combinado — responderam os dois homens entre dentes.

— Bem, então venham daí — interpôs Maura, antes de eles recomeçarem a conversa. — Temos vários cartazes para arrancar.

Uma pequena multidão aglomerava-se junto do painel na saída do bloco operatório do MMC. Viam-se enfermeiras, técnicos e médicos, incluindo um anestesista, um especialista e Caspar Sidonis. Parecia que todos falavam ao mesmo tempo dos cartazes que tinham aparecido durante a noite em todo o hospital.

— Sabem? Eu acho que já vi este tipo — alvitrou uma das enfermeiras, apontando para o esboço de Perchek com barba.

— Janine, desde que despachaste o Billy, o ano passado, já viste quase todos os indivíduos da cidade.

— Não tem graça nenhuma — disse Janine.

— Concordo, Janine — apoiou Sidonis. — E esta... Esta última humilhação para o nosso hospital também não tem graça nenhuma.

Ao ouvirem as primeiras palavras do cardiocirurgião, todos os outros se calaram.

— Toda a gente no hospital sabe que o Harry Corbett matou a mulher.

Não conseguiu suportar a sua perda e matou-a. É tão simples como isto. Esses esboços são apenas uma cortina de fumo, uma manobra de diversão. O homem é absolutamente imputável, tal como a mulher que fez estes desenhos. Eles são o produto de uma mente distorcida pelo álcool, e nada mais. Vocês verão. Já estou farto do Corbett e do modo como ele manipula toda a gente aqui. Uma recompensa de cinquenta mil dólares, francamente!

Embaraçada com a explosão do cirurgião e com as histórias que todos sabiam acerca do seu envolvimento com a mulher assassinada, a multidão dispersou rapidamente. Quando Sidonis se virou, por pouco não chocou com um homem que vestia um jaleco de laboratório, e cujo distintivo o identificava como sendo Heinrich Hauser, um professor e investigador do Departamento de Endocrinologia.

— Concordo totalmente consigo, doutor — disse Hauser com um forte sotaque alemão. — Esse Corbett arranja sarilhos a toda a gente.

— Obrigado, doutor — respondeu Sidonis.

Olhou para o homem, que era cerca de dez centímetros mais baixo do que ele, de cabelos grisalhos e bem aparados, óculos

grossos e dentes amarelados. Os dentes não agradaram a Sidonis, que recuou instintivamente, receando uma baforada de mau hálito. Não se lembrava de ter visto aquele homem, mas era raro reparar em alguém com quem não tivesse um assunto importante a tratar.

— Desejo-lhe um bom dia — disse Hauser.

— Sim. Também para si.

Sidonis parou e olhou para o homem mais uma vez.

— Já nos conhecemos? — perguntou.

O sorriso de ocre do outro homem obrigou Sidonis a virar a cara.

— Não me parece, doutor — respondeu ele. — Mas talvez venhamos a encontrar-nos outra vez.

CAPÍTULO 33

Ao anoitecer, os três dias de calor tinham dado lugar a uma agradável chuva de Verão. Harry saiu de casa às dez e meia e apanhou um táxi para East Side. Seguindo as instruções recebidas, levava um boné de basebol na cabeça, o único que conseguira encontrar em casa. Era de Evie, do tempo em que ela vivia em Washington, azul-marinho e com umas letras bordadas a ouro mesmo por cima da pala, onde se lia "U. S. Senate". Depois de ler a introdução do livro de Desiree, Em Vale de Lençóis, não podia deixar de perguntar a si próprio se o boné seria um troféu.

Harry fora repreendido em voz alta por Owen Erdman por ter quebrado o acordo e pendurado os cartazes. Mas, tal como Santana previra, não corria o risco de perder os seus privilégios desde que os cartazes fossem retirados prontamente. Harry encarregar-se-ia do MMC. Santana e o homem que ele contratara para o ajudar tratariam dos outros seis hospitais em que já tinham afixado cartazes.

Quando saíram do apartamento de Harry, ainda reinava uma certa tensão entre ambos. Harry sentia que já não podia confiar mais em Ray Santana, que só agia no seu próprio interesse. Santana teve o mérito de não contestar este ponto. Mas continuava a afirmar que qualquer sacrifício, fosse de quem fosse, do qual resultasse a morte do doutor teria valido a pena.

Consideraram a hipótese de convencer Albert Dickinson a acelerar o andamento do caso. Mas nenhum foi a favor desta opção. As hipóteses de que ele os ajudasse eram significativamente menores das que ele lhes criasse mais problemas. Perchek era arrogante e destemido, mas não era parvo. Era mais que certo que Dickinson acabaria por arrastá-lo para o secretismo... talvez o pior que poderia acontecer. Como ainda não se sabia o que o doutor

fazia em Manhattan nem o motivo que o levara a matar Evie, era impossível prever durante quanto tempo é que ele andaria por ali.

Harry e Santana saíram para retirar os cartazes, e Maura ficou no apartamento para atender os telefonemas, que choviam a uma média de dois ou três por hora. Quase todos eram enganosos, mas alguns pareciam interessantes. Maura tomou nota de todos e prometeu dar uma resposta.

Como ainda faltava um quarto de hora para o seu encontro com Kevin, Harry saiu do táxi junto do parque e da Rua 51 e percorreu a pé os restantes quarteirões. Embora não o preocupasse especialmente o fato de ser seguido, não se esquecera da experiência vivida no apartamento de Desiree. Atravessou a Rua 49 duas vezes, parando junto de várias portas para examinar a rua. Nada. Era noite de recolha de lixo, e a chuva miúda pouco contribuía para afastar o cheiro nauseabundo que vinha das montanhas de sacos de plástico que aguardavam a recolha. Já se passara bastante tempo desde a última greve prolongada do lixo em Manhattan. Em noites de Verão como aquela, Harry percebia por que motivo é que a resolução do conflito raramente se arrastava.

O trânsito era escasso e o cruzamento da Rua 51 com a Terceira Avenida estava quase deserto. Com o boné de Evie bem puxado para os olhos, Harry encostou-se a um candeeiro e ficou à espera.

Exatamente às onze e cinco, um táxi amarelo parou junto dele. A porta do passageiro da frente abriu-se.

— Entre, doutor — disse o motorista, cuja voz parecia lixa número trinta e seis.

— Você é o Loomis? — perguntou Harry, quando o táxi arrancou.

— Não.

O motorista não disse mais nada até se aproximarem do cruzamento da Quinta Avenida com a Rua 57.

— Assim que eu atravessar a avenida, saia do carro e corra para a esquina da Rua 60. Apanhá-lo-ão aí. Já me pagaram, por isso saia depressa.

O homem abrandou até o semáforo ficar vermelho e depois atravessou o cruzamento à pressa, parando mesmo à frente do trânsito que vinha da Quinta Avenida. A manobra provocou uma

série de buzineladas indignadas, mas garantiu que nenhum automóvel viria atrás deles. Harry subiu a Quinta Avenida a correr, na direção da Rua 60. Assim que chegou à esquina, um Lexus preto aproximou-se. A porta abriu-se e Harry saltou lá para dentro com o carro em andamento. O homem que ia ao volante, bem-parecido e com cerca de quarenta anos, virou para a zona sul de Central Park e acelerou.

— Kevin Loomis — disse ele. — Desculpe o aparato. Nem sequer tenho certeza se isto serviu para alguma coisa. Eu e o Stallings tomamos todas as precauções quando nos encontramos em Battery Park, mas eles conseguiram seguir um de nós, ou ambos. O Stallings regressava ao escritório quando sofreu a paragem cardíaca.

— Quem são eles? — perguntou Harry.

— Eles são as pessoas que eu considero responsáveis pela morte da sua mulher. Por isso é que resolvi encontrá-lo esta noite. São gente dos seguros de saúde. Autointitulam-se Roundtable.

— Como a Million Dollar Roundtable.

— Eu diria antes como a Hundred Million Dollar Roundtable... Eu faço parte dela.

Viraram para a autoestrada de West Side e continuaram em frente.

Harry quase nem queria acreditar quando Kevin Loomis descreveu a sociedade secreta e o seu envolvimento recente. Harry gostou logo do homem: o tom crítico do seu discurso, a dureza e a esperteza subjacentes aos modos de executivo recém-adquiridos. Se a Roundtable era uma elite exclusivista como Loomis a descrevia, era um pouco difícil imaginá-lo lá dentro.

Houve duas coisas que impressionaram Harry quase desde o princípio. A primeira foi o secretismo e a desconfiança, o pouco que Loomis sabia dos outros cavaleiros. Mais parecia uma operação secreta do Governo do que um clube de colegas de profissão. A segunda foi algo de que se apercebeu no homem. Era óbvio que Loomis estava triste com o que acontecera a Evie e a James Stallings.

Mas não era palavroso nem volúvel, nem lhe pareceu perturbado ou desesperado, nem tão-pouco assustado. Parecia mais calmo

naquela noite do que quando tinham falado ao telefone pela primeira vez.

Calmo e indiferente.

— Quanto à sua mulher, aposto o que deve ter acontecido — disse Loomis. — Presumo que você não teve nada a ver com a morte dela.

— O nosso casamento estava por um fio, tal como os jornais disseram.

Mas eu nunca seria capaz de lhe fazer mal.

— Os tipos da Roundtable são terrivelmente paranoicos. Temiam que a Desiree andasse a investigá-los.

— Não andava — disse ele. — Andava a escrever um livro e a preparar uma reportagem televisiva sobre o poder do sexo nos negócios e na política.

Harry passou em revista a noite que estivera no apartamento de Desiree, sem nunca mencionar o doutor.

— O envolvimento dela no seu grupo era essencialmente uma questão de investigação — prosseguiu Harry. — Talvez ela vos tenha revistado as carteiras, se teve oportunidade para isso. Descobriu que vocês pertenciam ao ramo dos seguros, mas não sabia mais nada. Não creio que ela desconfiasse sequer do objetivo das suas reuniões.

— Bem, parece que a Roundtable não engoliu isso. Eu estive presente na discussão, e ninguém desconfiou que eles tencionavam encontrá-la e matá-la. Mas agora tenho certeza de que o fizeram. Não sei quem é que lhe injetou a tal substância química. Imagino que tenha sido o mesmo tipo que se encarrega de matar os segurados que custam muito dinheiro às nossas companhias. Com os diabos, pelo que sei, talvez seja mais do que um.

Harry resolveu saber mais um pouco de Loomis e das suas motivações, antes de partilhar com ele as informações acerca de Anton Perchek. Entraram no Bronx por Henry Hudson Parkway e continuaram a afastar-se de Manhattan, na direção de Van Cortland Park. Harry continuava a sentir-se inquieto quanto às intenções de Loomis, e perguntou a si próprio se o homem estaria a mentir ou a esconder alguma coisa.

— Kevin, por que resolveu contar tudo isto? — perguntou Harry.
— Você faz parte da Roundtable. Se ela for destruída, há uma boa hipótese de você também sofrer com isso.

— Há vários motivos, de fato. Tenho lido muita coisa a seu respeito, e não me agrada o que estão a fazer-lhe: a destruir a sua vida. Você ganhou uma medalha por ter sido alvejado no Vietname. Era muito novo para combater, mas o meu irmão mais velho, o Michael, perdeu lá uma perna. Além disso, estou a ficar farto desta situação. Mas não me interprete mal. Não sou nenhum anjo. Longe disso. Seria capaz de fazer quase tudo o que a Roundtable queria sem pestanejar. Mas paro quando está em causa a morte doutras pessoas, por muito pacientes que elas estejam e por muito dinheiro que nos custem. Tenciono arranjar provas e fazer uma espécie de acordo com a DA... Isto se alguma vez conseguir arranjar provas.

— O que quer dizer com isso?

— Não há nada no papel. Absolutamente nada. O Stallings era o único que podia ajudar-me. De qualquer modo, irei em frente. Contarei a mesma história que acabo de lhe contar e direi os nomes que puder.

Mas desconfio que os advogados dos outros cavaleiros me cortarão aos pedaços.

— Talvez não. Sabe? Sempre tive uma teoria para explicar o fato de a pessoa que matou Evie aparentemente se ter afastado sem me molestar. Descobri que isso acontecia porque eu era o tipo indicado para ser acusado. Para que se veriam livres de mim? Agora percebo que talvez tivesse razão. Se todos os indícios apontam para mim, não era provável que fosse você e o Stallings a desafiar a Roundtable.

— Exatamente. Você disse que o assassino da sua mulher tem tentado induzi-lo a matar-se. Essa seria a prova concludente. Não sei como reagiria o Stallings, mas eu deixaria imediatamente de desconfiar da Roundtable.

Harry virou-se para Loomis.

— O que você está a fazer exige uma grande coragem disse ele.
— Quando for ter com as autoridades, lá estarei consigo, se isso o conforta.

— Obrigado, mas, por aquilo que tenho lido nos jornais, não estou certo de que isso constituísse um benefício. Os polícias odeiam-no.

Harry sorriu.

— Entendido. Kevin, ouça, estou a pensar numa coisa que poderia ajudar-nos. Lembra-se dos critérios que constavam dessa folha que o Stallings lhe deu?

— Melhor do que isso.

Kevin entregou-lhe a folha de papel com o programa de Merlim, os critérios que tinham custado o emprego a Beth DeSenza. Em seguida, virou para Mosholu Parkway e seguiu por Major Deegan Expressway, na direção da cidade.

— Quantas são as companhias envolvidas? — perguntou Harry.

— Talvez cinco, sem contar com a minha e com a do Stallings.

Conheço bem duas delas; a Comprehensive Neighborhood Health e a Northeast Life and Casualty. Ainda não sei quais as companhias que os outros três representam, mas posso descobrir se trabalhar nisso.

— Não faça nada que irrite ninguém. É óbvio que esses tipos não têm muita paciência com quem os incomoda.

Harry examinou os critérios.

— Os custos mínimos para alguém se candidatar a morrer são quanto? Meio milhão?

— Exatamente.

Harry enrolou a folha de papel e fê-la tamborilar no pulso. A sua ideia começava a ganhar forma.

— Kevin, gostei que me tivesse contactado antes de ir ao DA — disse ele. — Agora sou eu que tenho uma coisa para lhe mostrar.

Estendeu-lhe um exemplar do cartaz. Kevin olhou para ele, depois estacionou na faixa de resguardo e acendeu a luz interior.

— Nunca o vi — retorquiu, trinta segundos depois.

— Foi ele que matou a Evie. Temos provas. Vi-o a sair do quarto dela pouco antes da injeção. A companheira de quarto da Evie viu-o dentro do quarto. E ele deixou uma impressão digital que foi identificada pelo laboratório do FBI. Chama-se Anton Perchek. É doutor, Kevin. De medicina. É conhecido em todo o mundo como

mestre da tortura e por manter as vítimas vivas e acordadas durante as torturas. Julgava-se que ele tivesse morrido num acidente de helicóptero, quando fugiu da prisão, há seis anos.

— E acha que ele está envolvido com a Roundtable?

— Acho. Acho que é ele que leva a cabo essas... Essas mortes.

Kevin devolveu-lhe o cartaz e reentrou na autoestrada. Durante algum tempo, reinou o silêncio.

— Você tem de apanhar esse tipo — proferiu Kevin.

Você tem de apanhar? Harry olhou para ele com curiosidade, mas não fez comentários. Kevin continuava de olhos fixos na estrada.

— Tive uma ideia — disse Harry. — Você disse que duas das companhias envolvidas eram a Comprehensive Neighborhood Health e a Northeast Life and Casualty. Não tenho muitos pacientes da Comprehensive, mas tenho bastantes cobertos pela Northeast Life. Suponha que eu admitia um no meu hospital e inventava um diagnóstico que integraria na lista dos candidatos à morte, segundo esse protocolo.

— Conseguiria fazer uma coisa dessas?

— Acho que sim. A verdadeira questão é saber se o seu cavaleiro da Northeast Casualty mordera o isco. Como se chama ele?

— Pat Harper. É o Lancelot, aquele que convidou o Stallings para se juntar ao círculo mais restrito.

— Portanto, se alguém estivesse ativamente envolvido nisto, seria ele.

Ótimo.

— Mas você sugere que selecionemos um paciente e o exponhamos a esse tal Anton Perchek? Quem faria uma coisa dessas?

— Na verdade, estou a lembrar-me de alguém que teria o maior prazer nisso. Mas não é meu paciente. Pode levar-me ao meu consultório?

Fica na Rua Cento e Dezasseis, junto da Quinta Avenida.

— Com certeza. Eu sabia que faria bem em contactá-lo. Mais uma vez, as palavras de Loomis e o modo como ele as pronunciou deixaram Harry inquieto. Loomis não falara uma só vez nas

implicações do que ele estava a fazer para si próprio e para a família. A verdade é que nem sequer falara da família. Optara por contatar Harry antes de se dirigir à DA. Por quê? Você tem de apanhar esse tipo. Por que não nós?

De repente, Harry percebeu. O que o preocupava no homem era o fato de ele parecer distante, como se os acontecimentos que descrevia estivessem relacionados com outra pessoa. Loomis optara por falar com Harry antes de procurar a DA, porque não tinha intenção de ir às autoridades. De fato, não tinha qualquer intenção de levar aquilo até ao fim. De repente, toda aquela estranha viagem fazia sentido. A calma de Loomis. A sua ausência de medo. Loomis era um executivo de uma seguradora. Harry desconfiava que a sua morte deixaria a família numa boa situação econômica.

— Sente-se bem? — perguntou Harry, quando se aproximaram das luzes da cidade.

— O quê? Sim, evidentemente. Continuo preocupado com o que vai acontecer. Mas sinto-me muito mais otimista depois de ter falado consigo.

— Ainda bem. Nós podemos acabar com a Roundtable, sabe?

— Eu sei.

Naquele momento, a tristeza na voz de Loomis era inconfundível.

— Kevin, você disse que sabia o que passei na guerra.

— O que li nos jornais.

— O meu pelotão caiu numa emboscada. Fomos apanhados num tiroteio terrível, com morteiros a cair em cima de nós vindos de um monte próximo. Quase todos os nossos camaradas foram mortos ou ficaram gravemente feridos. Eu consegui arrastar três dos deles para a fuga. Por isso é que fui condecorado... como se eu soubesse o que estava a fazer nesse momento. Depois, um morteiro explodiu mesmo atrás de mim. Julguei que ele tinha atingido uma mina porque parecia que metade da selva fora pelos ares. Não faço ideia de quem me tirou dali. Levei cerca de uma semana a acordar. Eles tiraram o metal e todos os resíduos que puderam das minhas costas, além de uma parte de um rim. Passei meses a recuperar no hospital. As dores eram muitas e durante muito tempo julguei que não conseguia andar.

— Mas conseguiu.

— Aí é que está. Ao fim de três meses de recuperação, resolvi que não podia aguentar aquilo. Saí na minha cadeira de rodas, com um revólver enfiado debaixo do lençol. Durante meia hora... oh, com os diabos, nem sequer sei quanto tempo durou... estive na floresta com essa arma metida na boca e o dedo no gatilho.

— Por que não o puxou?

Harry encolheu os ombros.

— Acho que concluí que não me competia fazê-lo. Tinham atravessado o rio na direção da cidade e dirigiam-se para o consultório de Harry.

— Ainda bem para você.

— “Desesperado” é um termo relativo, Kevin. A situação de James Stallings é muito mais desesperada. A sua, não. Pense nisso, promete?

Por instantes, pareceu-lhe que Kevin ia dizer qualquer coisa, mas este limitou-se a fazer um sinal afirmativo e concentrou-se na estrada.

Harry sentiu que fora até onde pudera, ao aconselhar um homem que não conhecia. Pelo menos fora esse o seu objetivo. Rodaram em silêncio até que Loomis parou à porta do consultório de Harry.

— Há mais alguma coisa que eu deva saber antes de criar uma minhoca para Sir Lancelot morder?

— Limite-se a seguir o protocolo — disse Loomis. — Desejo-lhe sorte.

Harry saiu do automóvel. A chuva tinha parado, mas a percentagem de umidade rondava os cem por cento.

— Dê-me uma semana antes de ir à DA — pediu Harry. Se desencadearmos uma coisa destas, a publicidade será dolorosa.

— Não há problema. Eu falo consigo primeiro, de qualquer modo.

— Obrigado. E, Kevin...

— Sim?

— Faça um favor a todos e leve isto até ao fim. Loomis virou-se para ele sem que os olhos de ambos se cruzassem.

— Sim, com certeza. Obrigado — disse ele.

De madrugada, Harry encontrou o que procurava: um paciente do sexo masculino, entre os trinta e cinco e os cinquenta e cinco anos de idade, cuja seguradora era a Northeast Life and Casualty. Max Garabedian, de quarenta e oito anos, diretor de uma escola.

Garabedian, muito melindroso com o seu trabalho e o seu corpo, era um pouco hipocondríaco. Mas era uma pessoa essencialmente saudável. E era isso que Harry precisava de saber. Só havia uma forma de o seu plano resultar, mas eram inúmeras as situações que poderiam frustrá-lo. Contudo, provocar um acidente estranho e permitir que Max Garabedian se apresentasse num hospital qualquer quando já frequentava o MMC não seria uma delas.

Harry pensou em telefonar a Garabedian para lhe explicar o que tencionava fazer. Porém, se o homem concordasse, poderia ser acusado de fraude pela companhia de seguros. Não, resolveu Harry.

Max Garabedian teria de ser hospitalizado para tratar a sua doença dispendiosa e potencialmente fatal sem o seu consentimento. Harry copiou todos os dados pertinentes que o departamento de admissões do hospital precisaria de saber.

Agora, só havia dois problemas: inventar uma situação terrível e convencer Ray Santana a servir de isco.

CAPÍTULO 34

Harry saiu do elevador no Grey 2 e encaminhou-se logo para a prateleira onde se encontravam as fichas clínicas, ao lado do posto das enfermeiras. Tentava não dar nas vistas, mas sabia exatamente que todas as enfermeiras, todos os serventes e todas as secretárias daquele piso se tinham apercebido da sua chegada. Também tentava parecer despreocupado, embora cada vez mais se sentisse como se fizesse a patrulha noturna na selva. Era o terceiro dia que ia visitar o paciente do quarto 218, um homem registado com o nome de Max Garabedian. Para evitar cometer um crime grave, estava talvez a cometer voluntariamente vários outros. O fato de esta charada estar a durar tanto tempo era uma homenagem a uma preparação meticulosa e a uma sorte incrível. Mas o tempo continuava a passar.

Tinham sido necessários dois dias de trabalho intenso para Harry conseguir admitir Ray Santana no Manhattan Medical Center. O diagnóstico que ele escolhera fora uma leucemia linfocítica, agravada por um baixo nível de glóbulos brancos e por uma endocardite bacteriana —, uma infecção grave e potencialmente letal das válvulas cardíacas. Para aumentar a parada da companhia de seguros de Sir Lancelot, Harry acrescentara um código e uma nota especial, onde se lia que se admitia a hipótese de submeter todo o corpo de Garabedian a radiações e a um transplante de medula óssea.

Para pôr o caso à prova, Kevin Loomis verificara os dados existentes nos computadores da Crown Health and Casualty. O custo estimado para tratar as doenças de Max Garabedian durante pouco mais de dois anos — o tempo que lhe restaria de vida — era de 697 mil dólares.

Um transplante de medula óssea custaria mais 226 mil dólares, em parte porque aumentaria a sua esperança de vida para treze anos e meio. Se Lancelot usasse o programa de seleção da Roundtable, Max Garabedian acender-se-ia nos computadores da Northeast Life como um farol.

Harry abriu o dossier de Garabedian e reviu os apontamentos e os relatórios laboratoriais que lá inserira, incluindo umas instruções

que ele próprio dera, servindo-se do nome do chefe da hematologia. Ele próprio assinara a nota e interceptara a cópia quando esta fora colocada no gabinete do hematologista. Estas manobras eram necessárias para não despertar as suspeitas das enfermeiras e de quem examinava as fichas. Mas todos os movimentos eram acompanhados do perigo da descoberta, e Harry sentia definitivamente essa pressão. Dormia apenas quatro ou cinco horas por noite, não tinha apetite e desenvolvera uma tosse desagradável e seca que sabia ser apenas uma questão nervosa.

E, para aumentar a tensão, nem a Roundtable nem o doutor davam sinais de morder a isca.

Harry escreveu uma nota extensa e orientada para o problema do paciente na ficha clínica. Como era habitual nos dois primeiros dias de rondas, ninguém lhe falava a menos que ele se lhes dirigisse diretamente. Assim é que estava certo. Quanto menos perguntas lhe fizessem, menos ele seria obrigado a mentir. E Harry nunca mentira com facilidade.

Para dissuadir o pessoal do hospital de entrar no quarto de Max, Harry acrescentara "tuberculose provável" à mistura; tudo somado, a patologia era suficiente para afastar até o mais intrépido prestador de cuidados de saúde. Devido ao aspecto esquelético, à pele amarelada e à melancolia crônica de Ray Santana, Harry sabia que o pessoal do hospital não teria dificuldade em conotá-lo com o seu diagnóstico assustador.

Crime.

Garabedian, que Harry rotulara de "negociante bem sucedido" no historial de admissão, foi instalado num quarto isolado. Durante o período de hospitalização, seria tratado pelas suas próprias enfermeiras especiais. A "enfermeira" do turno da noite era uma detetive particular chamada Paula Underbill. Os turnos de dia eram assegurados por Maura, que usava óculos e uma cabeleira escura.

Como o estado de Garabedian exigia precauções, ambas as "enfermeiras" tinham de usar máscaras e jalecos. É claro que Anton Perchek também usaria máscara e bata. Mas tanto Maura como Santana sentiam que seriam capazes de o reconhecer. E Paula

Underbill, uma mulher rija de Brooklyn, cinturão negro em karatê Kenpo, estava ansiosa por tentar.

Crime.

O fato de o paciente ter enfermeiras especiais também ajudava a resolver um dos problemas mais bichudos para Harry: os exames laboratoriais. Prescrevia análises diárias ao sangue, mas nenhuma delas incluía a contagem de glóbulos brancos, cujo resultado seria normal. No entanto, como Garabedian tinha as suas próprias enfermeiras, as daquele piso seguiriam os seus exames laboratoriais com menos atenção. O truque consistia em arranjar um paciente que desse muito trabalho, e depois em contemplar o pessoal regular com uma enfermeira particular, à guisa de salvação. Harry inseriu contagens de glóbulos fabricadas, que trazia do consultório, na ficha do paciente, e resolveu improvisar e produzir mais testes laboratoriais consoante o que ouvia do pessoal. Não ouvia nada.

Quase todos os outros pormenores eram simples de burilar, pelo menos em teoria. O tubo intravenoso seria preso à pele de Ray com adesivo e envolvido em gaze. Os medicamentos administrados por via intravenosa escorreriam para a gaze ou para o lavatório. Os medicamentos administrados por via oral seriam suprimidos imediatamente ou mantidos debaixo da língua de Ray enquanto fosse possível. E, evidentemente, o Percodan e o Demerol seriam receitados de três em três ou de quatro em quatro horas, para aliviar as dores.

Crime.

O obstáculo final foi a insistência categórica de Ray em manter a arma ao alcance da mão. Quer a detetive privada, que tinha a sua própria arma, quer Maura, que não tinha nenhuma, concordaram em ajudá-lo a esconder a arma, se fosse necessário.

Crime. Crime. Crime.

Harry concluiu a sua nota indicando que o estado de Garabedian estava a melhorar um pouco, mas que seriam necessários mais dez ou catorze dias de internamento. O seu objetivo consistia em fabricar o maior número possível de complicações. A Northeast Life and Casualty, tal como a maioria das seguradoras do admirável mundo da medicina, tinha uma equipe de inspetores que

examinavam as fichas dos pacientes hospitalizados, e estava disposta a pôr fim aos benefícios se a base de dados indicasse que chegara o momento de o "diagnóstico" ser tratado em casa.

À porta do quarto 218 estava um carrinho de aço inoxidável com as luvas, as batas e as máscaras necessárias para lidar com os pacientes cujas doenças infecciosas exigiam o isolamento. Harry preparou-se e entrou no quarto, fechando bem a porta. Maura estava sentada numa cadeira, desenhando. Ray estava na cama a ver Regis and Kathie Lee.

— Há algum problema? — perguntou Harry.

— Ele quer que eu lhe dê banho na cama — disse Maura.

— Da última vez que estive hospitalizado, as enfermeiras me davam banho duas vezes por dia — lamentou-se Ray. Porque não estou doente, não há razão para que não seja tratado com carinho.

— Nada de banhos na cama, mas vou dar ordens para lhe fazerem três clísteres por dia.

— Até tinha vergonha de pedir só um.

— Creio que não tem aparecido ninguém.

— Nem sequer uma enfermeira. É como se julgassem que a peste grassa aqui.

— E julgam. Maura, precisas de alguma coisa?

— Arranja maneira de aquela pessoa que nós sabemos vir até cá.

Harry apontou para a almofada de Ray.

— Não há problema em manter isso escondido?

— Não, desde que aqui a minha enfermeira continue a oferecer-se para fazer coisas que os de lá de fora não terão de fazer. Já lhe agradei tantas vezes que não me admiraria se eles lhe fizessem uma colecta.

Alguns progressos no mundo exterior?

— Os telefonemas abrandaram, mas continuam a chegar. Um técnico de laboratório do Good Samaritan jura que o nosso homem era um interno calvo da Polônia. Uma enfermeira do Hospital Universitário tem certeza de que ele é um dos serventes, só que tem cabelo escuro e usa um brinco.

— Talvez ele seja ambos — disse Santana. — Se pudéssemos saber quais os dias em que ele foi localizado nesses hospitais,

aposto que descobriríamos uma ou duas mortes em pacientes seguros pelas companhias da Roundtable.

— Bem, se o que estamos aqui a fazer não der resultado, prometo que o ajudo a afixar de novo os cartazes. Nessa altura, não terei nada a perder.

— Isso é verdade. Mas se alguma coisa correr mal aqui e formos apanhados, ficaria admirado se o deixassem voltar a este hospital mesmo na qualidade de paciente.

— Mas, amigo, nós criamos um sistema perfeito — disse Harry, com um ar cômico de desafio. — O que diabo havia de correr mal?

Durante todo o dia, Ray Santana teve mais dores do que era costume, sobretudo atrás dos olhos e nas pontas dos dedos das mãos. Tomara um Percodan às dez da manhã e precisara de levar uma injeção de Demerol cinco horas depois. Por fim, um quarto de hora depois da injeção, mergulhou num sono inquieto. Um forte antibiótico, destinado a tratar a infecção das suas válvulas cardíacas, gotejava de um frasco de plástico para a espessa tira de gaze que lhe envolvia o braço.

Maura lavou a cara, preparando-se para o seu sexto turno de oito horas em três dias, o segundo consecutivo. Sentia-se cansada, mas estimulada. A armadilha que tinham montado parecia condenada ao fracasso desde o início. Mas ainda não ruíra.

A respiração de Santana tornou-se mais profunda e regular quando Maura se sentou na cadeira a ler a última People. A seguir ao álcool, as revistas eram aquilo de que mais dependia. E, tal como sucedia com a bebida, era muito fácil mantê-las à distância, desde que não comesse a lê-las. A porta do quarto estava quase fechada. Lá fora, Maura ouviu os passos e as conversas múltiplas de um grupo que se aproximava. Em seguida, ouviu-se a voz de um homem.

— ... O hospital tem três quartos com a ventilação reversa necessária para o isolamento adequado de doenças infecciosas — dizia ele. — A nova ala ficará ligada a este piso e contará com mais três, o que fará deste hospital o número um da cidade, na eventualidade de uma epidemia infecciosa...

Maura, cuja atenção se repartia entre a revista e a conversa, não se apercebeu de que Santana acordara de repente, se apoiara num cotovelo e esfregava os olhos.

— Maura, consegue vê-lo? — perguntou ele com voz rouca.

— Consigo ver quem?

— O homem, com os diabos! O homem que está a falar! Santana tinha um olhar alucinado, por causa das drogas, e a boca seca como algodão em rama.

— ... Mas você diz que o custo diário destes quartos é agora mais do dobro de um quarto normal? — perguntava uma segunda voz.

— Sim, mas comparado com o que é cobrado nos centros médicos, continua a ser uma pechincha. Agora, se quiserem vir atrás de mim, vou mostrar-lhes o mais recente em...

Naquele momento, Santana estava sentado com as costas bem direitas e a almofada no regaço, para proteger a arma. Em pânico, Maura atirou a revista para o lado. Ray, a transpirar profusamente, tentava libertar-se da roupa da cama e do tubo intravenoso ao mesmo tempo.

— Abra a porta! — exigiu ele num sussurro rouco. Abra-a já!

— Por favor, diga o que há.

— Diabos, Maura, anda! Abra a maldita porta! Santana levantara-se e continuava a proteger a pistola.

Maura abriu a porta. A cerca de dez metros, no corredor, entre a habitual multidão do meio-dia, constituída por enfermeiras, pacientes e visitantes, um grupo de dez ou onze homens e mulheres bem vestidos afastava-se lentamente dela.

— Desculpem — gritou-lhes Maura. — Desculpem, por favor.

O homem que falava calou-se e todos os elementos do grupo se viraram ao mesmo tempo. Durante alguns segundos, ficaram ali enquanto Santana os espreitava da cama. Maura também examinou o grupo. Mas, de longe, não conseguia perceber qual deles... ou se algum era Anton Perchek.

— Filho da mãe! — gritou Santana, de repente, erguendo a arma. — Filho da mãe!

No mesmo instante, ouviram-se gritos e o caos instalou-se no corredor, quando os empresários e talvez mais uma dúzia de pessoas

se baixaram para se proteger ou desatarem a correr.

O tubo intravenoso soltou-se do frasco de plástico quando Santana se precipitou para a porta. O suporte portátil no qual ele estava pendurado caiu ao chão. Santana saltou-lhe por cima e chocou com Maura, atingindo-a num joelho e desequilibrando-se momentaneamente, ao mesmo tempo.

— Seu filho da mãe! — ululou ele outra vez.

Com o tubo intravenoso pendurado no braço, Santana encostou-se à ombreira da porta, apontou a pistola e disparou para o fundo do corredor. O tiro ecoou como um disparo de canhão. Todos os que ainda estavam de pé se atiraram ao chão. Os gritos intensificaram-se.

A cambalear atrás de Santana, Maura viu o vidro que cobria uma grande gravura floral no extremo do corredor estilhaçar-se com o impacto da bala. Vários metros à direita do quadro, três dos empresários saíram do corredor e precipitaram-se para a escada.

Agitando furiosamente a arma, com o tubo intravenoso a estalar como um chicote, Santana, descalço, desatou a correr atrás dos homens, passando por um grupo de visitantes, pessoal e pacientes, que gritavam, aterrados.

— Chamem a segurança! — gritou alguém.

— Apanhem-no! — gritou mais alguém.

Vários homens levantaram-se e desataram a correr — embora com um certo cuidado —, atrás de Ray, que chegara ao fundo do corredor e se dirigira para as escadas. Ouviu-se outro tiro no Grey 2 e depois mais um.

Maura tirou o jaleco e a máscara. O seu único pensamento era sair dali antes que alguém se lembrasse de começar a fazer-lhe perguntas.

Vestia um jaleco de enfermeira comprada num armazém e usava uma cabeleira postiça até aos ombros. Enquanto a ação e as atenções se concentravam no fundo do corredor, ela tomou o sentido oposto, encaminhando-se para as escadas ao lado dos elevadores. Já nas escadas, desceu ao primeiro andar, depois respirou fundo e entrou no corredor principal do hospital. Ainda não percorrera três metros quando dois vigilantes fardados passaram por

ela, na direção das escadas. Pouco depois, dois agentes da polícia, um deles a gritar para um rádio, passaram por ela a correr, encaminhando-se para o extremo do hospital.

A reação à crise foi rápida e bem coordenada. Maura tinha certeza de que não faltava muito para Ray Santana ser preso... ou pior do que isso. Esperava que ele, antes de ser preso, ou morto, desse pelo menos um bom tiro no doutor.

Esforçando-se por manter a compostura, atravessou o átrio principal, que estava cheio de gente. Havia uma eletricidade crescente no ar, a par de um êxodo urgente pelas portas principais, quando se espalhou a notícia de que um homem armado, treloucado, andava à solta no hospital.

— Outra vez, não — ouviu ela dizer a alguém, quando saiu, arrastada pela aglomeração de gente, para a atmosfera luminosa da tarde. — Parece que, sempre que te viras, há um celerado qualquer que desata aos tiros num posto dos correios ou num hospital.

Ouvindo as sirenes da Polícia, Maura afastou-se do hospital. Quando chegou ao quarteirão seguinte, já tinham passado por ela meia dúzia de carros-patrolha; a fazer barulho. Os altifalantes atroavam os ares e vários polícias fardados corriam para as ruas que circundavam o MMC.

A dois quarteirões do hospital, sentiu-se finalmente em segurança para parar e telefonar a Harry. Ligou primeiro para o consultório. Mary Tobin estava lá, mas Harry, que já não tinha mais pacientes, saíra há meia hora e fora para casa. Dissera-lhe que estaria no hospital às cinco, para visitar dois dos seus pacientes.

— Mary, houve problemas no hospital — avisou Maura. Agora não posso explicar, mas desconfio que não tardará a saber pormenores se ouvir os noticiários. Acho que devia fechar o consultório o mais depressa possível e ir para casa.

Mary era demasiado sensata e passara demasiado nas últimas semanas para pedir esclarecimentos.

— Como queira, minha filha — respondeu.

— Obrigada pela sua compreensão — disse Maura. Agora tenho de telefonar ao Harry. Oh, a propósito, o Max Garabedian de que ouvirá falar nos noticiários é o Ray Santana.

— Quem?

— O Ray... O Walter Concepcion. Voltaremos a contatá-la assim que pudermos, Mary. Por favor, vá para casa. Saia daí agora.

Maura tirou outra moeda de vinte e cinco cêntimes e ligou para o apartamento. Respondeu-lhe a máquina.

— Harry, por favor, sou eu, a Maura. Harry, se estás a ouvir, atende, por favor... Harry?...

Maura ia a desligar quando ele apareceu na linha.

— Maura, olá. Desculpa fazer-te isto. Continuo a seleccionar as chamadas. Mas, ouve, tivemos um golpe de sorte. Talvez dos grandes. Vou já para o hospital e depois conto-te tudo, a ti e ao Ray.

— Harry, se eu estivesse no teu lugar, não o faria... murmurou ela.

CAPÍTULO 35

Quando Maura chegou ao apartamento, as notícias acerca do pistoleiro tresloucado do Manhattan Medical Center já estavam no ar.

Max J. Garabedian, um corretor de quarenta e oito anos, saíra de repente do seu quarto de hospital e desatara aos tiros no corredor. Os pormenores eram esquemáticos, mas, até ao momento, desconhecia-se a existência de feridos. E Garabedian, que, na altura, vestia um pijama azul e ia descalço, continuava à solta.

Furioso com Santana, e mais perto do pânico do que nunca, Harry andava de um lado para o outro, falando mais consigo próprio do que com Maura.

— Eu não devia ter confiado nele. Assim que ele afixou aqueles malditos cartazes, eu devia tê-lo afastado como... Como... Espero que ele esteja bem. Mas neste momento apetece-me torcer-lhe o pescoço.

Apetece-me mesmo torcer-lhe o pescoço... Devia ser o Perchek que estava lá fora e que o perturbou tanto. Mas por não o viste?... A polícia pode aparecer aqui a qualquer momento, Maura.

Fraude, tentativa de assassínio... Quem sabe o que mais?... Dickinson vai exultar com isto... O que diabo fazer agora?

O fiasco no hospital não era o único problema grave que Harry tinha de resolver. Restava-lhe pouco tempo para tomar uma decisão que lhe custaria vinte e cinco mil dólares, quase todas as suas economias.

O fracasso de Santana deixara-o encurralado. A Polícia não tardaria a chegar ao apartamento. Se ele aceitasse o acordo proposto por um desconhecido ao telefone, tinha de fazer preparativos e sair antes que eles chegassem.

— Senta-te, por favor. Só por dois minutos. Senta-te e tenta descontrair-te um pouco — disse Maura.

Maura ligou para o Canal 11. Os noticiários variavam muito de estação para estação, mas quase todas continuavam a enviar equipas para o hospital. Mas o Canal de uma outra estação já tinham anunciado que o médico de Garabedian era o Dr. Harry Corbett, que continuava a ser o principal suspeito no estranho assassinio de sua mulher, Evelyn DellaRosa, que também estivera internada no MMC.

Harry estava preocupado com o que esperava o verdadeiro Max Garabedian. Tentara falar-lhe para casa, mas ninguém lhe respondera. Era quase certo que o homem ainda estava no emprego, embora Harry não soubesse qual era a escola em que ele era diretor.

Maura tentou falar para o Ministério da Educação, mas também ninguém lhe respondeu.

— São apenas quatro e meia e não está lá ninguém — contou ela. — Não admira que muitas crianças nesta cidade não saibam ler.

— Não sei o que fazer — disse Harry, talvez pela décima vez. — Este tipo está à minha espera em Nova Jersey às nove horas. O banco fecha daqui a uma hora e um quarto.

Recomeçou a andar de um lado para o outro.

— Temos de começar a mexer-nos, e a mexer-nos depressa. Quanto mais eu esperar, mais provável é que os tipos do banco saibam que eu sou outra vez notícia. Dada a situação, não sei se estarão muito dispostos a pagar-me vinte e cinco mil dólares em dinheiro. Seja qual for a nossa decisão, tenho de ir buscar esse dinheiro agora. Depois, não sei se poderemos voltar para aqui.

À chamada que fizera descer a parada para vinte e cinco mil dólares chegara na mesma altura em que Ray Santana desatara aos tiros no Grey 2. Quando Harry chegara do consultório, tinha dois telefonemas na máquina, e nenhum deles era mais prometededor que as dúzias de outros feitos durante os últimos quatro dias. Pensando que esse telefonema poderia ser de Maura, a dar-lhe conta da situação após o fim do turno, Harry atendeu.

— Está?

— É o doutor Harry Corbett?

A voz era de um homem novo ou de meia-idade, com um sotaque que Harry não conseguiu identificar ao certo, talvez alemão ou suíço.

— Sou — respondeu Harry.

— Estou a telefonar por causa do homem que está no seu cartaz e da recompensa de cinquenta mil dólares.

Harry fez uma careta e arrependeu-se de ter desligado o atendedor.

Abriu o bloco de apontamentos e tomou nota da hora do telefonema.

— Continue — pediu. — Em que hospital trabalha?

— Não trabalho num hospital — disse o homem. — Soube do caso e da sua recompensa pelo meu patrão.

— E quem é ele?

— O homem do cartaz. As suas iniciais são A. P. Não direi o nome pelo telefone. Mas talvez você já o saiba.

Harry ficou hirto ao ouvir as iniciais do doutor e perguntou a si próprio se o homem que estava ao telefone não seria o próprio Perchek. Harry tentou desesperadamente pensar num motivo para negar que sabia quem era Anton Perchek. Estaria a ceder!

— Quem é você? — perguntou.

— Sou vigilante na mansão dele e faço de guarda-costas quando ele precisa. Neste momento, estou a falar de um telefone público. Se você conhece o A. P., sabe que ele não hesitaria em matar-me já por eu estar a fazer este telefonema.

Harry abriu o bloco de apontamentos e escrevia tudo o que podia do que o homem estava a dizer.

— Continue — disse ele.

— Quero encontrar-me consigo esta noite e fazer a minha troca. As minhas informações contra o seu dinheiro.

— Quanto?

— Não tenciono ficar nesta zona nem sequer neste país depois de nos encontrarmos. Eu e o doutor temos tido alguns problemas entre nós.

Tenho motivos para acreditar que ele tenciona matar-me. Aceito metade do que você ofereceu. Vinte e cinco mil em dinheiro.

— Não os tenho.

— Então arranje-os. Não negocio abaixo disso. Vinte e cinco mil ou não há acordo. Em troca, dir-lhe-ei onde fica a mansão do doutor e dar-lhe-ei uma fotografia dele recente, tirada sem o seu conhecimento.

Também lhe direi qual o tipo de segurança que ele tem na mansão. Lá você encontrará provas do envolvimento dele na morte da sua mulher, além de outras provas contra ele. O destino que você dará a essas provas é consigo.

— Mas...

— Doutor Corbett, não tenho tempo para isto. Tenho os meus próprios preparativos a fazer. Hoje à noite, às nove horas. Se conhece o doutor, perceberá por que motivo é que eu não confio em ninguém.

Faça exatamente o que eu lhe digo, ou ambos ficaremos a perder.

Agora, aqui vai o que tem de fazer...

Nessa tarde, o banco de Harry estava aberto até às seis horas. Harry tinha um total de 29.350 dólares na sua conta de poupança e mais 5 mil dólares à ordem. Por outro lado, não tinha qualquer contato pessoal no banco. Amaldiçoando-se por não fazer mais dinheiro, por não ter aceite o lugar na Hollins-McCue, por não ter ido para oftalmologia e por ter confiado em Ray Santana, Harry pegou na caderneta de poupança, no livro de cheques e, com Maura, esgueirou-se pela porta das traseiras. Correram para o BMW, que estava na garagem, pararam por instantes numa banca de jornais e depois foram para o banco. Sem saber qual o espaço que vinte e cinco mil dólares ocupariam, sobretudo em notas de cem dólares ou menos como o homem exigira, Harry esvaziara uma pasta e levava-a consigo.

Entrou no banco meia hora antes do fecho. Era uma filial não muito grande, e ainda havia fila para as seis caixas. Harry nunca pegara em vinte e cinco mil dólares de uma só vez. O banco teria tanto dinheiro disponível?

Lá fora, Maura estava sentada ao volante do BMW de Harry. As normas que o chefe da segurança de Perchek estabelecera

implicavam que Harry levasse o dinheiro a um aterro situado na margem do Hudson, do lado de Nova Jersey, não muito longe da cidade de Fort Lee. Harry deveria ir sozinho e chegar às nove horas em ponto. O caminho para o local foi explicado com minúcia. O aterro era uma lixeira ao fundo de uma estrada sinuosa de terra batida e cascalho. Harry deveria guiar até ao centro da clareira, acender e apagar os faróis quatro vezes e esperar junto da porta do lado do condutor. O homem insistira em saber a marca e o número da matrícula do carro. Se outro veículo se aproximasse do aterro, estivesse ou não ligado a Harry, o encontro gorar-se-ia... para sempre.

— O dinheiro é muito importante para mim, mas não o suficiente para morrer por ele — dissera o homem.

— Como é que eu sei que isto não é uma armadilha? perguntou Harry.

— Que tipo de armadilha? Com que objetivo? Se o meu patrão quisesse matá-lo, você já estaria morto. É tão simples como isto. Se você o conhece, bem sabe que é assim. Você é muito mais importante para ele se estiver vivo. Além disso, ele adora infligir dor. A permanência e a calma da morte são os seus inimigos.

Harry afugentou um arrepio involuntário.

— Irei armado.

— Bem parvo era se não viesse. Posso assegurar-lhe que levarei uma arma.

— Quero ter a oportunidade de ver o que você tem, antes de lhe entregar o dinheiro.

— Terá cinco minutos...

A caixa mais nova examinou o talão de levantamento de Harry durante quinze segundos. Depois, verificou o seu saldo e sorriu-lhe através do vidro.

— Como quer o seu dinheiro? — perguntou a mulher. Harry lembrou-se de que estava na cidade de Nova York e não numa aldeia da província. Um levantamento de vinte e cinco mil dólares era tudo para ele, mas talvez não fosse invulgar para os funcionários do banco.

— Em notas de cem ou inferiores — respondeu ele, sabendo que não fazia sentido aparentar desinteresse quando ela tinha o seu saldo bancário no ecrã, mesmo à frente.

— Trouxe qualquer coisa para levar o dinheiro ou quer um dos nossos sacos? — perguntou ela.

— Tenho uma pasta.

Harry levantou-a para ela ver. A expressão da mulher permitiu-lhe concluir que ela sabia que aquela situação não era muito vulgar para ele.

— Preciso da autorização de Mister Kinchley — disse ela.

Saiu do seu posto e encaminhou-se para a zona das secretárias, onde se encontravam os funcionários mais jovens. Harry seguiu-a com os olhos e viu-a aproximar-se de um homem de trinta e muitos anos, elegantemente vestido, bronzeado como um marinheiro e com um queixo bem delineado.

“Despacha-te. Dá-me o maldito dinheiro”, pensou Harry. Se o levantamento do banco fracassasse, Harry resolvera telefonar a seu irmão Phil, que vivia em Short Hills, a cerca de quarenta e cinco minutos de Fort Lee. Mas se optasse por essa via, tudo se tornaria muito mais complicado.

Arriscou-se a espreitar pela janela da frente. Maura estava estacionada mesmo do outro lado da rua. Usava óculos escuros e um chapéu branco de aba mole, que se agitava animadamente, talvez ao som de qualquer coisa que ela ouvia na rádio. Apesar da tensão provocada pela situação, Harry sorriu ao olhar para ela.

A relação de ambos fora forjada no calor intenso dos acontecimentos que os tinham aproximado. Mas, em pouco tempo, tinham-se tornado amigos, como ele e Evie nunca tinham sido. E essa amizade, por sua vez, conferira à sua relação amorosa uma abertura e um carinho mútuo que nunca existira no casamento de Harry.

Agora, com relutância, Harry punha à prova essa amizade. Apesar da história bastante credível do homem que lhe telefonara, e da sua alusão às iniciais de Perchek, nem ele nem Maura estavam descansados com o que lhe era pedido. No entanto, como o homem dissera, não havia razão para que Perchek quisesse atraí-lo para

uma armadilha. Não podia ser pelo dinheiro. Vinte e cinco mil dólares eram apenas trocos para o homem.

Era como se Harry não pudesse fazer mais nada, excepto seguir as instruções à letra e esperar que acontecesse o melhor. Porém, quando Maura reparou no telefone que Evie mandara instalar no BMW, tivera uma ideia. E, pouco depois, ambos urdiram um plano.

Havia três elementos essenciais à sua estratégia, e Maura possuía-os todos: outro carro, um telemóvel e a coragem e a força de vontade para se expor ao perigo. Tinham parado numa banca de jornais e comprado uma planta detalhada da zona circundante de Fort Lee.

Nela, o aterro não passava de uma mancha vazia junto do rio, quadrada, rodeada de ruas suburbanas. Logo que possível, Maura iria buscar o seu carro e o seu telefone. Em seguida, aproximar-se-ia do aterro e, sem ser vista, estacionaria num sítio onde pudesse esconder-se e donde avistasse o terreno. Às oito e vinte, depois de ele sair da garagem, ela telefonar-lhe-ia. Voltaria a contactá-lo depois de ele chegar ao local. Se não houvesse indícios de armadilha, ele poderia avançar com mais confiança. Se surgissem problemas, ela servir-se-ia do telefone para pedir socorro. Tinham uma arma, a que Harry tirara ao assassino em Central Park. Depois de discutir com Harry para que a conservasse, Maura reconhecera que fazia muito mais sentido ser ela a levá-la.

— Senhor, desculpe a demora.

Harry virou-se para o guiché, mas depois percebeu que a jovem estava a seu lado.

— Oh, sim. Não há problema.

Susteve a respiração e cerrou os punhos para evitar o tremor das mãos. Aproximava-se a hora de ponta. Mesmo que tudo corresse bem no banco, Maura ainda teria de atravessar a Ponte George Washington, encontrar um lugar para estacionar o carro e depois voltar para o aterro. Se tivessem de contactar Phil, com o dinheiro ou sem ele, seria quase impossível que ela chegasse a tempo.

— Se me acompanhar, senhor, Mister Kinchley entregar-lhe-á o seu dinheiro.

— Ótimo — disse ele, com um sorriso calmo e os ouvidos a latejar.

Kevin Loomis estava sentado, sozinho, no seu escritório da cave, com fotografias de família e da sua vida com Nancy espalhadas pela secretária, por baixo de uma lista que ele fizera. Todos os artigos que constavam da lista tinham sido verificados. As apólices de seguros eram absolutamente rigorosas, desde que não houvesse suspeitas de que a sua morte fora um suicídio. O suicídio custar-lhe-ia — custaria a Nancy — dois milhões dos três milhões e meio que constavam da apólice, já para não falar dos quinhentos mil dólares por morte accidental. Mas ele preparara todos os movimentos, todos os momentos, ao mais ínfimo pormenor. Não haveria suspeitas de suicídio.

Preparara com um cuidado especial a lista de convidados para o churrasco que ambos iriam oferecer na noite seguinte. Entre os convidados, catorze ao todo, contavam-se as pessoas mais respeitadas, bem sucedidas, influentes e civilizadas que eles conheciam. O pastor e a mulher, o patrão de Nancy e a mulher, o advogado que chefiava a associação local da Little League e o presidente do Rotary Club. Nancy admirara-se um pouco por ele só ter convidado dois dos seus amigos mais divertidos e amigos de beber, mas Kevin explicara-lhe que queria agradecer a algumas pessoas antes de se mudar para Port Chester e ela aceitara a explicação.

De fato, Kevin queria convidados que testemunhassem, com mais eficácia e eloquência, a sua boa disposição e a sua hospitalidade no momento do acidente, assim como o fato de ele ter “os seus preferidos”. Dois deles acompanhá-lo-iam à cave. Os dois que tencionava levar consigo eram homens em cujas casas ele fizera em tempos pequenas reparações, o dono de um estabelecimento e o pastor. Ficariam nas escadas, com as lanternas apontadas para a água que escorria do tubo solto da máquina de lavar roupa. Eles atestariam que Kevin era suficientemente competente para se encarregar da emergência e diriam que ele se deslocara no chão de cimento com alguns centímetros de profundidade de água. O momento em que a mão de Kevin pousasse no fio do secador ficaria

para sempre gravado na mente de ambos. Mas que se lixasse. Eles eram amigos que faziam tudo por Nancy. E ele pagava um preço muito mais alto.

A situação dos filhos também fora acautelada. Nicky e Julie iriam passar a noite com uns amigos. Brian ficaria com os pais de Nancy.

Era estranho pensar que, na tarde do dia seguinte, quando se despedisse deles, os veria pela última vez. Eles iriam sofrer, mas não tanto como se a família ficasse desamparada e o pai fosse para a prisão.

“Talvez exista mesmo outro mundo”, pensava ele naquele momento.

“Talvez eu possa vê-los todos os dias.”

Kevin empilhou as fotografias e reviu-as, uma a uma, pela última vez.

Depois atou-as com um elástico e guardou-as na gaveta. Rasgou as listas e atirou-as para um cesto de plástico cheio de lixo, que deitaria nos contentores da garagem. Por fim, aproximou-se mais da máquina de lavar roupa e do secador, para verificar o seu trabalho. O cordel atado ao tubo solto, que saía pela janela da cave, estava no seu lugar.

Um puxão, e o tubo soltar-se-ia. Cortar o cordel e livrar-se dele seria um dos seus derradeiros atos neste mundo. O último seria colocar ingenuamente a mão na parte de trás do secador.

Kevin sabia que Harry Corbett desconfiava do que ele tencionava fazer. Não havia nada de subtil na história sobre o Vietname que ele lhe contara no carro, naquela noite. E, de fato, Kevin pensara muito no que Corbett tentara dizer-lhe, que a sua situação não era desesperada. Era fácil a Corbett fazer uma afirmação dessas. Não tinha três filhos para criar.

Kevin falara com ele várias vezes desde então, e tivera o cuidado de se mostrar animado e positivo. Não acreditava que Corbett tencionasse prejudicá-lo. E o que lhe restava, afinal? Daí a pouco mais de vinte e quatro horas, tudo estaria acabado.

Kevin inspecionou a instalação que fizera à volta da máquina de lavar roupa e do secador. A Polícia viria e faria um relatório qualquer.

Mas ninguém poderia provar que não fora um acidente.
Absolutamente ninguém.

Kevin suspirou, como alguém que concluía um trabalho bem feito.

Nessa noite teria um jantar maravilhoso com a família. E, mais tarde, faria amor com Nancy como nunca fizera.

CAPÍTULO 36

A vaga de calor do fim do Verão, à qual tinham sido atribuídas queimaduras, acidentes e mortes em toda a cidade, dissipara-se finalmente. Ao anoitecer, a temperatura era de vinte graus, acompanhada de uma brisa razoável e de uma ameaça de chuva. Às seis horas em ponto, Harry deixou Maura no automóvel dela e depois regressou ao parque do prédio onde aguardaria as oito e um quarto para partir. Há anos que o relógio do tablier do BMW não funcionava, e nem ele nem Evie se tinham incomodado a mandá-lo reparar, por isso Harry contava com o seu Casio. Aproximava-se da garagem quando Maura lhe telefonou para experimentar o telefone celular e lhe dizer que o trânsito entre a sua casa e a ponte era moderado. Voltaria a telefonar-lhe às oito e vinte, como tinham combinado.

— É assim, Harry — disse ela. — Verás. Esta noite, por volta das dez horas, estaremos prontos para ir à Polícia. Desta vez, eles têm de acreditar em nós. Espera e verás.

— Tu é que esperas. E tem cuidado, por favor.

Harry estacionou no seu espaço e saiu da garagem. Um carro-patrolha passou por ali, devagar, a meio quarteirão de distância.

Talvez o tivessem visto, talvez não. Graças a Ray Santana, não havia sítio nenhum onde ele pudesse estar em segurança. Voltou para o BMW, ligou o rádio e ficou à espera.

A WINS, uma estação só de notícias, continuava a fazer transmissões atualizadas de dez em dez minutos sobre os estranhos acontecimentos que envolviam o homem armado do Manhattan Medical Center. O verdadeiro Max Garabedian fora posto sob custódia da Polícia, interrogado e libertado. Regressara ao seu apartamento da Rua 103 e recusava-se a falar à imprensa até receber instruções do seu advogado. Numa declaração preparada,

lida pelo seu advogado, Garabedian negava saber fosse o que fosse acerca do homem admitido com o seu nome no Manhattan Medical Center. Negava ter qualquer relação com Harry para além da de paciente/médico, mas considerava Harry um “médico inteligente e dedicado”, e exprimia a sua determinação em se abster de qualquer juízo até a verdade ser apurada.

Harry lembrou-se de tentar telefonar a Garabedian do telefone do seu automóvel. Mas não tinha tempo de fazer mais nada, excepto ficar sentado à espera que fossem oito e um quarto.

Havia mais. Ray Santana não fora apanhado. As autoridades não conseguiam explicar como é que um homem armado, em pijama e sem sapatos nem meias, conseguira sair do hospital com vigilantes e dúzias de agentes da Polícia a cercarem o local. O locutor, que travava uma luta nítida com o autodomínio, opinava que aquilo era Nova York, afinal. Talvez o fugitivo estranhamente vestido tivesse desembocado nas ruas de Manhattan e se tivesse misturado com os outros transeuntes.

Às sete horas, Barbara Hinkle, a diretora das Relações Públicas do MMC, deu uma conferência de imprensa, da qual a WINS transmitiu alguns excertos. O hospital estava grato por não ter havido feridos no lamentável acidente. Os responsáveis do hospital não tinham mais nada a dizer até estar concluída a investigação preliminar daquele acontecimento, que poderia ter sido uma calamidade. Barbara Hinkle acrescentou que, até então, as autoridades hospitalares ainda não tinham conseguido localizar o Dr. Harry Corbett, o médico que admitira o homem armado no quarto 218 do Grey.

— Estou certa que todos sabem que o doutor Corbett tem estado sujeito a uma grande pressão ultimamente, devido à morte trágica da mulher.

Soube que ele está a receber tratamento médico pela sua reacção ao desgosto e também pelo stress pós-traumático relacionado com os serviços heroicos prestados no Vietname... — confirmava.

Stress pós-traumático!

— A Barbie do hospital com a sua língua viperina — disse Harry em voz alta.

Era óbvio que os médicos do hospital já se tinham reunido e decidido quanto à estratégia a seguir em relação aos desastres colectivos provocados em sua casa pelo Dr. Harry Corbett: estresse pós-traumático. Harry perguntou a si próprio que nome inventariam eles se alguém quisesse saber quem era o seu psiquiatra.

— ... No hospital, especula-se que o doutor Corbett se serviu do nome de Max Garabedian para hospitalizar alguém que estava muito paciente, mas que não tinha seguro de saúde, talvez um veterano do Vietname — prosseguia Hinkle. — O plano fracassou quando o seu paciente enlouqueceu.

— Bonito — exclamou Harry. — Nada mal. “E também não andam muito longe”, pensou.

O resto da conferência de imprensa de Hinkle não acrescentava nada de substancial, excepto que os funcionários do hospital procuravam a identidade e o currículo das enfermeiras especiais que tinham sido levadas para o hospital pelo homem armado.

Durante quarenta minutos, não foi transmitido nada de novo. Depois, meia hora antes de Harry partir, um dos muitos mistérios relacionados com o caso fora dado como resolvido. Um electricista que trabalhava no sistema de aquecimento do hospital fora encontrado por um funcionário da manutenção, amarrado e amordaçado no porão.

Fora roubado sob a ameaça de uma arma por um homem que correspondia à descrição do fugitivo. Tinham-lhe levado as roupas e os sapatos e tinham-lhe tirado vinte e cinco dólares da carteira, que lhe fora devolvida. A Polícia procurava impressões na carteira, assim como no quarto onde o homem armado estivera internado durante três dias.

— Ele estava nervoso e assustado, creio eu — disse o electricista. — Mas foi decente para comigo. Devolveu-me a carteira, dizendo que sabia que era um castigo conseguir uma nova carta de condução. Não me fez mal. Mas acho que talvez me tivesse atacado se eu não tivesse feito o que ele queria...

Harry viu as horas. Eram oito e dez. Lá fora, o crepúsculo começava a dar lugar à noite. As luzes da cidade acenderam-se. Harry ligou o motor do BMW e lentamente, mais lentamente do que

nunca, desceu a rampa que dava para a saída. Por último, às oito e um quarto em ponto, desligou o rádio e saiu para a rua. O jogo começara.

Harry passou por um quarteirão, depois por outro. Não se sentia muito nervoso, mas as suas mãos estavam sem cor. Olhou para o relógio.

Eram oito e vinte. Onde estava ela? Onde estava o telefonema? Viu outra vez as horas. Muito bem, talvez sejam apenas oito e dezoito. Pouco depois, o telefone tocou. Harry atendeu.

— Sim — respondeu.

— Harry, estou em cima de uma árvore — segredou Maura, sem fôlego. — Estou em cima de uma árvore no bosque que fica junto de uma lixeira.

Acreditas? Se eu soubesse que havia um homem como tu que me faria subir às árvores em lixeiras de Nova Jersey, à noite, com uma arma na minha carteira, nunca teria perdido o meu tempo a beber.

— Bem, eu não estou num local tão exótico — disse Harry em voz baixa, embora não fosse necessário. — Estou na Rua Noventa e Seis e vou a caminho da avenida. Já aí está alguém?

— Ninguém. Descobri um sítio espaçoso para deixar o carro e um lugar perfeito para me esconder.

— E tens certeza de que ninguém te viu?

— Tenho. Estás a ser seguido?

— Ainda não posso dizer.

— Tanto faz. Harry, acho que estou a ver um carro a subir a estrada.

Volto a telefonar-te às dez para as nove, a menos que ele se aproxime demasiado desta árvore.

— Estás a fazer um bom trabalho, Maura. Tens frio? Acho que vai chover.

— Estou bem. Já te disse. Esta vai ser a grande noite. Com um olho na estrada e outro no espelho retrovisor, Harry virou para Henry Hudson Parkway. No meio de outros carros, apercebeu-se de um de cor escura, e tinha certeza que ele o seguia desde o início. Mas

Maura tinha razão. Não importava que o homem o tivesse mandado seguir ou não. Seguiria as instruções à letra. Maura era o seu trunfo.

Quando atravessou a Ponte George Washington, começou a cair uma chuva miúda. Harry detestava os limpador de para-brisas e só os ligava quando era obrigado a isso. Dessa vez, ligou-os quando as primeiras gotas começaram a cair. Se as coisas corressem mal nessa noite, não seria por ter cometido qualquer ato estúpido.

Assim que chegou à zona ribeirinha de Nova Jersey, consultou as direções. Três quilômetros mais à frente, saiu da estrada principal e entrou num subúrbio operário densamente povoado. As ruas estavam ladeadas de árvores, e os pequenos quintais das casas de ripas de madeira estavam cheios de bolas e outros ornamentos das novas famílias. O automóvel de cor escura seguia-o mais atrás, com as luzes apagadas. Harry tinha certeza de que via o vulto de duas pessoas lá dentro. Localizou facilmente a esquina onde recebera instruções para parar e esperar um minuto. Ia a travar quando o telefone tocou. Era Maura, vários minutos adiantada. E, assim que pegou no auscultador, Harry percebeu que havia sarilho.

— Sim?

— Harry, para imediatamente! — segredou ela, em pânico.

— Este local está cheio de polícias. Uma dúzia deles. Talvez mais. Os carros-patrolha não se veem e tu nem te aperceberias de nada. Mas eles estão aqui.

Sentindo o sangue gelar-lhe nas veias, Harry olhou pelo retrovisor. O carro ainda lá estava, a dois ou três quarteirões de distância. Pôs o carro em ponto morto e começou a descer lentamente a rua.

— Continua — disse ele.

— Harry, o teu amigo Dickinson está cá. Em dado momento, esteve a cerca de três metros desta árvore. Agora anda a passear por aqui, para verificar se todos estão nos seus postos.

— Tens certeza ?

— Tenho. Ele está acompanhado por um tenente que parece ser da Polícia local. Está muito entusiasmado por ter vindo aqui para te apanhar. Daquilo que pude ouvir, alguém telefonou para a Polícia e disse que tu tinhas exigido um encontro neste local, que tinhas um

cadáver em teu poder e que pagarias vinte e cinco mil dólares a esse tipo para ele o levar para bem longe e o enterrar onde ninguém o descobrisse. O homem disse que tu eras maluco. Que matavas pessoas por diversão. Que não queria nada contigo, excepto ver-te na cadeia, onde não poderias fazer-lhe mal. Tens de sair daqui, Harry.

Com a cabeça à roda, Harry começou lentamente a acelerar.

— Mantém-te escondida até poderes voltar para casa em segurança — pediu. — Depois vai para o meu apartamento. Entrarei em contato contigo.

Ao desligar, Harry ouviu-a recomendar-lhe que tivesse cuidado.

Depois olhou para as direções de que tomara nota. No quarteirão seguinte, viraria à esquerda ou seguiria em frente, em vez de virar à direita como lhe tinham dito. Os homens do outro automóvel levariam alguns segundos a aperceber-se de que ele se afastava do que fora planeado. Três ou quatro segundos, no máximo. Era tudo o que tinha. O melhor seria tentar regressar à autoestrada. Acelerou até aos sessenta.

Enterrar um cadáver? Como é que Perchek podia pensar que uma história tão bizarra criaria problemas a Harry?... A menos que...

No mesmo instante, Harry percebeu o que se estava a passar, apagou as luzes, virou bruscamente para a esquerda e acelerou. Voltou a virar à direita e depois à esquerda. A sirene estava atrás dele, naquele momento, e Harry via o clarão azul através das árvores. As ruas, ressequidas durante quase duas semanas, estavam escorregadias de chuva e óleo. Harry virou outra vez, e entrou numa rua comprida que desembocava na estrada principal. O velocímetro aproximava-se dos cento e vinte. Harry sempre conduzia descontraidamente e era raro acelerar tanto, mesmo numa autoestrada. Um casal que saía de casa para ir ao supermercado, um miúdo de bicicleta... eram desastres que poderiam ocorrer naquele momento. Não havia dúvida de que os homens que vinham no carro-patrolha também tinham pedido reforços.

Harry tentou desesperadamente analisar a situação. O melhor que tinha a fazer era reconhecer que ela era terrível. Percorria ruas ensopadas em chuva, numa zona que lhe era completamente

estranha, à noite, num automóvel com sete anos, e quase de certeza com um cadáver no porta-bagagens. Um minuto. Era tudo o que lhe restava. Um minuto antes de eles o apanharem ou de os reforços lhe bloquearem a passagem.

Harry rodava agora numa estrada principal. Admitindo que era a mesma por onde ele passara, tinha quatro faixas sem divisória. O outro automóvel vinha-lhe no encalço, apenas a três quarteirões de distância, e a ganhar terreno. Harry ia a travar para virar para a faixa que seguia para norte. Mas, no último momento, apercebeu-se de uma pequena folga no trânsito nos dois sentidos. Carregou a fundo no acelerador e atravessou-se na estrada. De ambos os lados vinham dois tratores com atrelados. Numa cacofonia de travões, de pneus a chiar e de buzinas, ambos se desviaram, derrapando num poderoso e grotesco pas de deux. O carro da Polícia não teve alternativa senão parar e afastar-se da dança potencialmente mortal. Havia uma rua mesmo em frente daquela donde Harry saíra. Desceu-a a grande velocidade. Abrandou um pouco e olhou para trás no momento em que um dos atrelados, num movimento lento e tormentoso, tombou para o lado.

Ao longe, ouviu as sirenes, que eram muitas. Virou para uma rua lateral e parou no meio da rampa de uma casa às escuras. As sirenes ouviam-se cada vez melhor. Harry saiu do carro sem fazer barulho, esperando, a qualquer momento, que os faróis incidissem na casa ou que ele fosse atacado por um vagabundo. Olhou à sua volta. Não fazia ideia onde estava, mas sabia que o rio ficava na direção da casa. Logo a seguir à garagem e ao quintal das traseiras, avistou um bosque, a oeste. Com sorte, poderia lá chegar. Depois, teria de ficar à espreita. Abriu a pasta e meteu no bolso o que lhe pareceu serem sete mil dólares. Estava de calças vincadas e de sapatos abotinados: o aspecto ideal para impressionar os funcionários do banco, mas não o melhor para fugir da Polícia. Infelizmente, naquele momento, tinha de se arranjar com eles.

Pegou na chave e meteu-a na fechadura do porta-bagagens. Em parte, apetecia-lhe deixá-la fechada e desatar a correr. Temia confrontar-se com essa parte do pesadelo. Fora Perchek que lho preparara. Mais tarde, onde quer que se encontrasse, saberia pelos

noticiários o que estava lá dentro. Uma das sirenes estava agora muito próxima, e pouco depois um carro da Polícia desceu a rua, com as luzes a faiscar. Harry recolheu-se na sombra. O cerco estava a apertar. Restava-lhe pouco tempo. Rodou a chave, hesitou de novo e depois abriu o porta-bagagens.

Foi imediatamente atingido na cara por uma baforada de ar quente a cheirar a sangue e a morte. Lá dentro, enfiado no porta-bagagens acanhado, estava Caspar Sidonis. O seu rosto perfeito parecia de cera e o cabelo estava ensopado em sangue que lhe saía dos orifícios de bala mesmo por cima das orelhas.

Harry sentiu um afluxo de bílis na garganta. Hesitou, tentando pensar nalguma coisa que pudesse fazer. Depois, voltando a engolir o ácido cauterizante, fechou lentamente o porta-bagagens.

— Pobre patife — disse em voz baixa.

Um segundo carro-patrolha, sem luzes nem sirene, passou por ali, examinando todas as casas e rampas do outro lado da rua, com um holofote. Harry voltou a mergulhar na escuridão. Seguir-se-ia o lado em que ele se encontrava. Deitando um último olhar ao porta-bagagens, fugiu para o quintal das traseiras e saltou por cima de uma sebe com um metro e meio de altura. Ao cair no solo, sentiu uma dor no peito que lhe cortou a respiração, que lhe explodiu mesmo por baixo do esterno e lhe subiu aos maxilares e aos ouvidos. Cambaleou e depois caiu no solo musgoso e ensopado em chuva. No mesmo instante, ficou encharcado, quer da chuva quer da sua própria transpiração.

As sirenes parecia rodearem-no naquele momento. De rastos, Harry embrenhou-se no bosque e subiu para uma árvore. A dor estava a abrandar. Afastou uma onda de náusea e evitou o vômito. Em seguida, fechou os olhos e respirou fundo várias vezes, para se acalmar. Desistir era uma hipótese. Alguém havia de acreditar que lhe tinham armado uma cilada. Mel Wetstone já operara verdadeiros milagres. Talvez conseguisse fazer mais este.

Não. A ideia de ser detido, da prisão, de Albert Dickinson, era superior às suas forças.

A cem metros, ouviu vozes. Tinham encontrado o carro. A dor abrandara muito naquele momento. Quase desaparecera. Com a

experiência de sobrevivência na selva que adquirira no Vietname e uns milhares de dólares no bolso, pelo menos tinha uma hipótese remota de escapar. Empurrou o dinheiro para o fundo do bolso e saltou da árvore. Em seguida, sempre agachado e deslocando-se sem fazer barulho, iniciou uma corrida desajeitada pelo bosque cerrado.

CAPÍTULO 37

High Hill, na zona elegante de Short Hills, em Nova Jersey, era uma casa de estilo colonial com quinze divisões, garagem e piscina, que se erguia num terreno com cerca de um hectare e meio. Construída e baptizada por um barão do álcool em 1920, o seu nome fora conservado pelos proprietários seguintes. Phil Corbett, o último da linha, vivia na propriedade com a família há mais de três anos. Não gostava do pretensiosismo do nome da casa e ameaçava constantemente substituir a placa de pedra onde se lia High Hill, colocada na esteira na base da rampa, por outra com o nome de High Upkeep.

Quando o telefone começou a tocar, às dez e meia da noite de trinta de Agosto, Phil estava a ganhar oitocentos dólares e ponderava a hipótese de aumentar substancialmente a sua vantagem. Uma vez por mês, o jogo disputava-se em casa de cada um dos seis participantes, em sistema de rotatividade, mas os jogadores preferiam High Hill.

Pouco depois de se mudar, Phil convertera a sala de música numa sala de jogo à moda do Oeste, com paredes insonorizadas, painéis de noqueira, música de fundo de cabaré, serradura no chão, uma ventoinha de tecto, charutos cubanos e escarradeiras de latão. As apostas eram suficientemente altas para serem interessantes. Mas não havia um único jogador que não arrecadasse confortavelmente cinco mil dólares.

Ao fim da tarde, alguns dos homens tinham comentado as últimas notícias que envolviam o irmão mais velho de Phil. Dois deles, Matt MacCann e Ziggy White, ambos milionários que não haviam concluído os estudos universitários, tinham crescido com Phil em Montclair e conheciam muito bem Harry.

— A vida é feita de altos e baixos — disse Matt. — Lembrem-se como todos nós idolatrávamos o Harry? Ele era o estudioso que iria para a faculdade. Nós éramos os merdosos que iríamos para a prisão.

— Vocês deviam continuar a idolatrá-lo — retorquiu Phil.

— Ele é um tipo formidável. Enquanto nós estamos aqui a tentar ganhar uma quantia obscena, ele está a ajudar os outros a tratarem-se. Em metade dos casos, nem sequer lhe pagam.

— Mas que disparate é este no hospital? Este stress pós-traumático?

— O Harry tem um stress pós-traumático igual ao teu. Alguém quer apanhá-lo. É o que ele me diz e é nisso que eu acredito.

— Espero que tenhas razão — disse Ziggy. — Sempre gostei muito do Harry. Mas, como sabes, até o Dillinger tinha um irmão.

— Ele não é o Dillinger, Ziggy...

O telefone continuou a tocar: cinco, seis, sete vezes. Segundo o acordo que Phil fizera com Gail, se ela estivesse em casa nas noites de póquer, atenderia todos os telefonemas. Mas, nessa noite, Gail fora ao cinema com uns amigos. Phil examinou o dez, o valete, a dama, o rei de espadas e depois deitou um olhar furibundo ao telefone, desejando que ele se calasse. Por fim, pousou as cartas.

— Vão ter de esperar que eu vos leve o dinheiro, meus senhores — declarou, levantando-se. — Mas desde já vos aviso que estou a preparar uma razia.

— Sim, claro — comentou alguém entre dentes.

— Está?

— Phil? Sou eu. Estás sozinho?

Phil apercebeu-se logo do nervosismo do irmão.

— Ah, não. Não, não estou.

— Muda de telefone, por favor. Phil pôs a chamada em espera.

— Eu estava a mentir acerca da razia — disse ele, pondo as cartas no fundo do baralho. — Vão jogando sem mim.

Vinte minutos depois, Phil estava de volta, com um ar muito preocupado.

— Houve problemas com o meu irmão — contou. — Acho que vai ser uma noite agitada.

— Podemos fazer alguma coisa? — perguntou White.

— Podem. Gostava que tu e o Matt ficassem aqui. Quanto a vocês, vão para casa o mais depressa possível. Amanhã falamos. E, se vos apetecer, rezem pelo Harry. Ele está metido num grande sarilho e vai precisar de toda a ajuda que lhe pudermos dar.

— Phil, tem cuidado — disse um dos outros três homens.

— Ninguém quer acreditar que uma pessoa da família se pode meter em sarilhos, mas isso acontece.

— Eu sei, Stan. Obrigado. Gostaria que se esquecessem que eu recebi este telefonema, mas façam como quiserem.

Os três homens trocaram olhares inquietos. Depois, sem fazerem mais perguntas, precipitaram-se para os carros. Ziggy White e Matt McCann ficaram para trás. Pouco depois de o último ter partido, um carro da Polícia surgiu na rampa.

— Matt, preciso que fiques a olhar pelos miúdos até a Gail chegar — pediu Phil. — Talvez até às onze e meia. Ziggy, vou falar com estes tipos. Depois, tenho de sair sem ser seguido. Alguém tem ideias?

Durante o período do liceu, White fora o maior dos valentões, sempre a saltar do rochedo mais alto ou a roubar alguma coisa, de que não precisava, do estabelecimento mais atento à gatunagem. Chegara a fazer uma pequena fortuna na bolsa. Naquele momento, pensou no problema durante uns segundos.

— Não te aflijas — disse ele, entusiasmado. — O Matt esconde-se enquanto os polícias cá estiverem. Tu esclareces que a tua mulher saiu e que ficaste a tomar conta dos miúdos. Eu acompanho-os e fico a conversar com eles ao pé do carro-patrulha. Entretanto, tu sais pelas traseiras. Leva uma lanterna, mas usa-a só quando tiveres certeza de que não há perigo. Sai pelo quintal e atravessa aquele ribeiro que há lá atrás. Se eles quiserem falar contigo, terão de esperar no fundo da rampa. Eu vou-me embora com eles e finjo que vou para casa, mas viro em Maitland. Encontro-me contigo na rampa dos Griffins. Eles estão em Inglaterra até ao Dia do Trabalho. Sabes onde é, não sabes? Muito bem. Podes deixar-me perto de casa e ficar com o carro enquanto precisares dele.

Harry ajoelhou-se no mato denso, atrás da berma de uma estrada rural de duas faixas. A noite não estava muito fria, mas ele estava ensopado e a tremer. Graças a Deus, Phil estava em casa. Graças a Deus, não hesitara em ajudá-lo. Agora, só faltava ele aparecer. Não era que Harry quisesse expor o irmão à acusação de cumplicidade num homicídio. Mas, até encontrar Anton Perchek e descobrir uma maneira de o vencer, aquela era a única oportunidade realista que tinha.

O maior problema era conseguirem encontrar-se, visto que ele não sabia exatamente onde estava, e Phil não conhecia bem a região de Fort Lee. Por fim, ficara ao cuidado de Harry escolher a pessoa indicada e pagar-lhe para o levar a uma subestação eléctrica que ficava relativamente perto da casa onde tinham passado a infância, em Montclair. Fora lá que Harry apresentara o irmão mais novo à cerveja e aos cigarros, e viera a descobrir que Phil já os conhecia muito bem.

O felizardo escolhido por Harry foi um motociclista que ia numa Harley. Harry avistou-o do bosque, junto de uma estação de serviço, ao entrar para a casa de banho, e chamou-o quando ele saiu. O homem tinha o corpo coberto de tatuagens e era grande como um urso. Era tão improvável que se deixasse assustar por Harry como se mostrasse simpático com a Polícia. O preço de uma viagem de meia hora foi combinado em segundos: mil dólares. Desde que era médico que Harry testemunhara os estragos causados por acidentes com motociclos. Ganhara, portanto, um medo saudável de andar naquilo a que os médicos das urgências chamavam "triciclos". Mas o motociclista, que se chamava Claude, valia o risco. Harry enfiou o capacete sobressalente, encolheu-se o mais que pôde no lugar do passageiro, cerrou os dentes e pôs os braços à volta do "urso".

— Ouça, se você se sair bem, quero mais cem — disse o motociclista, a rir-se.

— Você não acelera, e eu não fugirei — respondeu Harry. Durante os primeiros três quilômetros, passaram por quatro carros da Polícia que seguiam em sentido contrário.

— Você deve ser importante — exclamou Claude, por cima do ombro.

— Mais ou menos — respondeu Harry.

Durante a primeira meia hora que Harry passara agachado nos arbustos da subestação, tinham passado seis carros, um dos quais era um Montclair da Polícia. Agora, ao passar a mão lamacenta pela testa, Harry não sabia o que faria a seguir. Se havia alguma opção exequível, ainda não se lembrara dela. Além disso, escapara como que por milagre à cilada que Perchek lhe armara em Fort Lee. Mesmo assim, quando a viagem de quarenta minutos chegou ao fim, os dentes de Harry ainda batiam sem dó nem piedade. Gratificou o motociclista com uma nota de cem dólares, com a naturalidade de quem não espera receber nada em troca. Agora, conforme o medo que ele e Phil tinham ocultado um ao outro se apoderava dele, desejava não se separar de Claude.

Havia curvas na estrada, em ambas as direções, a cinquenta metros do sítio em que Harry estava escondido. As luzes dos faróis dos carros que se aproximavam refletiam-se nas árvores antes de eles serem vistos. Assim que Harry ouvia o ruído de um motor ou via um reflexo, estendia-se no chão ao lado da estrada. E cada vez ficava mais sujo e mais ensopado, se é que tal era possível.

Através da escuridão e da chuvinha persistente, ouviu o ruído de um motor à sua esquerda. Pouco depois, o reflexo da luz tremeluziu nas árvores. "Um caminhão", pensou ele, escondendo-se. Mas era uma autocaravana, do tamanho de um caminhão, que se deslocava lentamente, seguida de perto por um carro. Harry imobilizou-se quando os dois veículos abrandaram ainda mais e pararam a menos de três metros de distância. Os condutores desligaram os motores e apagaram as luzes. No mesmo instante, voltou a reinar a escuridão. A luz interior da autocaravana acendeu-se e apagou-se quando a porta se abriu e fechou. Durante alguns segundos, fez-se silêncio. Depois, Phil gritou: — Harry? Estás aí?

Para conseguir responder, Harry teve de lutar contra a enorme tensão que lhe paralisava os músculos e os maxilares. Estava preocupado com o segundo carro, mas, na situação em que se encontrava, tinha de acreditar que Phil sabia o que estava a fazer.

— Estou aqui, mano — respondeu ele.

Levantou-se e tentou livrar-se da lama. Phil cruzou-se com ele em frente da autocaravana, na qual Harry reconheceu uma Winnebago.

— Estás bem?

— Ensopado e muito assustado. Isso quer dizer que estou bem?

— Bem, acredites ou não, tenho aqui dentro um fato quente que te serve.

— Quem é que está no carro?

— É o Ziggy White. Lembras-te dele?

— Aquele que costumava apostar que conseguia conduzir durante uma milha com os olhos vendados?

— Eu não queria que ele viesse comigo, mas ele insistiu. Não se cansa de viver na corda bamba... A ti, bastava-te jogar na bolsa. Além disso, diz que nunca se esquecerá de que tu, uma vez, impediste o Bumpy Giannetti de lhe dar uma sova.

— Agradece ao Ziggy por mim — disse Harry, enquanto Phil o ajudava a subir. — Mas diz-lhe que, se for esse o caso, talvez eu tenha aparecido no momento certo e presenteado o Bumpy com um murro que o derrubou.

O interior da Winnebago era espaçoso como um quarto de hotel.

— Isto é incrível — disse ele, despindo a camisa. — É tua?

— Por enquanto, é tua. A Luxor. Dez metros de tudo o que poderias exigir de uma autocaravana. Dois televisores com uma antena no tecto, fax, telefone, bar, geleira, aparelhagem estereofônica, máquina de lavar e secar roupa, airbags para o condutor e para o passageiro e armários de madeira de cerejeira. Disseste-me que precisavas de um carro, mas eu pensei que também precisavas de um sítio onde estivesses em segurança. Depois, lembrei-me que tinha as duas coisas numa só. Alugamos esta menina de vez em quando a quem precisa de um quarto de hotel, mas não quer ficar hospedado num hotel. Pertence à minha empresa. Os documentos estão no porta-luvas, além de duas folhas com os locais para onde podes ou não levá-la e estacioná-la. Também está aqui o número do meu beeper.

Podes contactar-me vinte e quatro horas por dia.

— Phil, eu... Obrigado. Muito obrigado. Isto é perfeito. Quanto é que...

— Ouve — disse Phil, interrompendo-o e erguendo a mão.

— Nem queiras saber.

Harry enxugou-se e tirou os molhos de notas ensopadas dos bolsos.

— Esqueceste-te de falar no micro-ondas — lembrou.

— Não liguês tudo ao mesmo tempo — disse Phil, atirando-lhe um fato Nike quente e preto. — Acho que não conseguiria suportar a ideia de que todo esse dinheiro se tinha evaporado na minha autocaravana. O frigorífico está muito bem fornecido, e no armário há roupa que te deve servir. Tem cuidado e não fiques demasiado tempo no mesmo sítio. Precisas de mais alguma coisa?

Harry ficou a pensar, depois tirou uma caneta e uma folha de papel da pequena secretária de mogno e escreveu meia dúzia de linhas a Maura.

— O porteiro do meu prédio entrega-lhe isto — disse ele.

— Depois quero que te afastes disto. Já fizeste mais do que o suficiente.

Phil meteu a carta na algibeira.

— A nossa vida tem sido engraçada, Harry — assegurou. Não nego que, ao longo dos anos, sobretudo depois de teres ganho aquelas medalhas no Vietname, me esmerei nos negócios porque queria suplantar-te em qualquer coisa.

— Bem, e conseguiste.

— E depois? O fato é que sempre existiu qualquer coisa dentro de mim. Nunca fizeste nem disseste nada que me levasse a pensar que eu tinha de superar-te. O que importa isso neste momento? Não se trata de uma competição. Nunca foi. São as nossas vidas. És o meu único irmão, Harry. Não quero perder-te.

Harry olhou para o irmão na penumbra. Era a primeira vez que ouvia Phil falar assim. Encostou a cabeça ao apoio de couro macio do banco do passageiro.

— Lembras-te daquele dia, em frente do meu consultório, em que me disseste que não me preocupasse, que havia de aparecer

alguma coisa que me desse um empurrão? E apareceu, Phil. Um monstro.

Chama-se Anton Perchek. É médico. E não o largarei enquanto um de nós não desaparecer.

Harry escreveu o nome e entregou-o ao irmão.

— Se me acontecer alguma coisa, esse é o homem que matou a Evie.

Também matou Caspar Sidonis, Andy Barlow, um dos meus pacientes preferidos, e sabe-se lá mais quem. A Polícia federal sabe quem ele é, mas talvez não o admita. Acho que ele colaborou com a CIA nuns trabalhos de tortura. Foi dado como morto há anos, mas eles têm uma impressão digital do Perchek tirada no quarto de hospital da Evie.

“Eu tinha deixado de me preocupar, Phil. Não sei por quê... Talvez por ter feito cinquenta anos, talvez por causa da Evie, talvez por causa da maldição da família. Mas agora preocupo-me, Phil. Graças a esse patife, o Perchek, as coisas voltam a ser importantes para mim. Essa mulher, a Maura, aquela a quem se destina a carta, é muito especial. Quero ter oportunidade de a conhecer melhor. Talvez me volte a casar um dia...

Se não for com ela, será com alguém parecido com ela. Talvez tenha um ou dois filhos, para tu seres tio.

— Hei-de estragá-los com mimos. Sabes para onde vais quando saíres daqui?

— Sei, mas não quero que tu saibas. Já tivestes de mentir à Polícia por minha causa.

— Sabes como me achar.

— Sei. Não te preocupes, Phil. Vou ganhar esta.

— Eu sei. Eu sei que vais. Bem... É melhor irmos andando.

— Agradece por mim ao Ziggy. E dá saudades à Gail e aos miúdos.

Por instantes, os irmãos ficaram à porta, em silêncio. Depois, pela primeira vez desde a morte do pai, abraçaram-se.

Rocky Martino, o porteiro da noite do prédio de Harry, tinha motivos de sobejo para beber um ou dois copos a mais. Fora a noite mais longa e mais tensa da sua vida. No espaço de algumas horas,

parecia que metade de Manhattan se abatera sobre ele, que toda a gente andava à procura de Harry Corbett. A Polícia de Manhattan, a Polícia de Nova Jersey, até o FBI. Tinham falado em atravessar as fronteiras de um estado com um cadáver. Também tinham aparecido algumas equipas de estações de televisão e de rádio, que falaram com ele. Mas ele só lhes pôde dizer que não sabia quando é que Harry Corbett saíra do prédio nem quando voltaria.

A única coisa que não lhes disse, mas que disse à Polícia, foi que Maura Hughes voltara ao apartamento às dez e meia e que ainda lá estava. Dois agentes tinham subido e falado com ela durante mais de uma hora.

Rocky percebeu o que o esperava e tivera a presença de espírito suficiente para telefonar a Shirley Bowditch, a presidente da associação de condomínios. Ela tratara de tudo. Agora, finalmente, estava sozinho. Dirigiu-se ao armário da manutenção, que ficava mesmo atrás da porta para a cave. Na prateleira de baixo, no fundo de uma caixa de ferramentas fechada à chave, estava a sua reserva de álcool. Escolheu uma garrafa de Absolut e bebeu-a de uma vez. O ardor na garganta fez-lhe vir as lágrimas aos olhos, lágrimas quentes e familiares. Quando voltou para o átrio, um homem alto e de ombros largos, envergando um casaco esportivo, batia no vidro e mostrava um distintivo da Polícia. Rocky carregou no botão e abriu-lhe a porta. O homem enorme apresentou-se e indicou o departamento a que pertencia, mas o que ele dissesse não interessava. Rocky disse-lhe como se chamava.

— Precisamos da sua ajuda — disse o polícia. — Quanto tempo fica de serviço?

— Até ao meio-dia — respondeu Rocky. — Trabalho da meia-noite ao meio-dia. O Armand Rojas, o outro porteiro, e eu resolvemos...

— Está bem. Está bem, Rocky. Agora, ouça. Está uma mulher em casa do Harry Corbett. Chama-se Maura Hughes.

— E então?

— Se ela se meter num táxi para ir ter com ele, queremos ser nós a levá-la.

O homem encaminhou Rocky para a rua e apontou para um táxi estacionado no quarteirão seguinte.

— Se ela lhe pedir para arranjar táxi, indique-lhe aquele. Nós trataremos do resto.

— E... está bem — confirmou o homem, intimidado com o tamanho e os modos bruscos do homem.

O gigante tirou uma nota da carteira e deu-a. Era de cinquenta dólares.

— Faça isto bem feito, Rocky. Nem uma palavra a ninguém e haverá mais uma destas para si.

Rocky pegou na nota e esperou que o polícia desaparecesse. Depois voltou à caixa das ferramentas. Faria o que o homem pedia porque estava assustado com o que poderia acontecer se não lhe obedecesse, e porque queria os outros cinquenta dólares. O tipo que subira há uma hora para ir entregar um envelope a Maura só lhe dera uma nota de vinte. Bebeu outra vodca. Gostava de Harry Corbett e tinha pena que ele estivesse metido em sarilhos. Mas, com os diabos, a culpa não era do Rocky Martino.

Regressou ao átrio. Eram quase cinco da manhã. Tinha dinheiro novo na algibeira e as entranhas bem quentes. Lá fora, no outro quarteirão, o táxi aguardava. Rocky umedeceu os lábios e pensou na sorte repentina, a que em breve se juntariam mais cinquenta dólares.

Ninguém o poderia criticar por colaborar com a Polícia. Absolutamente ninguém.

CAPÍTULO 38

Quatro horas... Cinco... Cinco e meia... O telefone continuava a tocar quase permanentemente em casa de Harry. Os estranhos acontecimentos que envolviam o homem armado no Manhattan Medical Center, seguidos pela execução sumária de Caspar Sidonis, haviam-no lançado para a ribalta dos meios de comunicação social.

Maura estava sentada no pequeno gabinete de trabalho e assistia à evolução da história na televisão local e nacional, enquanto se servia do atendedor para fazer a triagem dos telefonemas. As estações atualizavam as notícias de cinco em cinco ou de dez em dez minutos, e uma delas repetia permanentemente os acontecimentos. Começou a ser transmitido um resumo da vida e dos muitos talentos de Sidonis.

Maura sentia-se física e emocionalmente exausta. Mas estava demasiado excitada e preocupada com Harry para adormecer. Enfiado entre as almofadas do sofá estava o bilhete que um homem chamado White viera entregar há umas horas.

Maura Estou bem, vai ter comigo às dez horas da manhã, em frente do sítio em que nos encontramos pela primeira vez com o Walter. Se eu não aparecer, tenta outra vez daí a três horas. Eu farei o mesmo. Apanha vários táxis, em seguida o metropolitano e depois vai a pé. Tem cuidado. É provável que sejas seguida.

Beijos. Harry White não lhe dissera nada, excepto que Harry estava bem e em segurança. Uma hora depois, Albert Dickinson fora ao seu encontro.

De pistola em punho, ele e outro polícia tinham revistado o apartamento. Apesar da presença do outro agente, Dickinson mostrara-se agressivo e desrespeitador, tal como no hospital. Não tinha paciência para ouvir histórias sobre a inocência de Harry

Corbett, sobre Anton Perchek, ou sobre fosse quem fosse. Só queria saber onde podia encontrar o seu homem.

— Miss Hughes, conhece as penas em vigor neste Estado por ajudar e incitar um fugitivo procurado por assassínio? perguntou. — Se souber onde está o Corbett e não nos disser, prometo-lhe que passará a maior parte da sua vida na prisão.

— Não posso imaginar uma prisão que seja mais desagradável do que esta conversa — disse Maura, com um sorriso doce.

— A presunção deve ser uma questão genética. Tenho o prazer de lhe comunicar que acabamos de dar aquele lugar de detetive a alguém que é mais do que um jogador e menos presunçoso do que o seu irmão yalie.

— Tenente, se vai fumar, terá de fazê-lo lá fora. Maura apontou para a janela do sexto andar e não para a porta. Nos momentos de silêncio que se seguiram, julgou que Dickinson ia bater-lhe. Por fim, mimoseando-a com um "Vá-se lixar", o homem saiu pela porta fora.

Maura fechou a porta, deu três voltas à chave e sorriu ao lembrar-se da nova definição de "fechadura de polícia".

Agora, estava recostada a ver as repetições das entrevistas com os funcionários e as enfermeiras do MMC, a Polícia, o electricista vítima do homem armado e Max Garabedian. A única nova notícia era a velha notícia de que o falso Garabedian ainda não fora preso nem identificado, mas que as impressões digitais recolhidas no hospital estavam a ser analisadas.

"Avante, Ray", pensou ela, satisfeita.

Estava radiante por não ter sentido necessidade de beber durante aquela noite tensa e difícil, mas também sabia que precisava de dormir. Pôs o despertador para as oito e meia, desligou a campainha de todos os telefones do apartamento e colocou o atendedor não muito longe da sua cabeça. Se Harry telefonasse a comunicar uma alteração dos planos, pelo menos ela teria oportunidade de ouvir a sua mensagem. Por último, atendeu um dos telefones.

— E vocês vão descansar — disse ela. Depois pousou o auscultador com força.

Às oito horas da manhã, uma mensagem do produtor de Inside Edition acordou-a. Prometia a Harry dinheiro suficiente para contratar uma equipe de defesa de primeira, em troca de um exclusivo da sua história. Maura tomou duche, fez café e espreitou pela janela. O dia estava enevoadado mas não chuvoso. O C.C.'s Cellar não ficava muito longe do apartamento, mas era preciso uma hora para lá chegar. Apanharia um táxi e desceria perto das Nações Unidas. Depois iria a pé para uma estação de metropolitano.

Em seguida, apanharia outro táxi e talvez atravessasse um armazém com muitas saídas. Por último, apanharia mais um táxi e ficaria a um ou dois quarteirões do clube. Pareceu-lhe que num sítio tão concorrido como Manhattan, com estações de metropolitano e tantos armazéns, não seria difícil garantir que não seria seguida.

Vestiu umas calças de ganga e uma blusa de xadrez, calçou uns tênis e depois escolheu um grande saco de pano entre uma série deles que havia no roupeiro de Evie. Meteu lá dentro a carteira, a cabeleira de cor escura que usara no hospital e uma blusa branca, para o caso de ter de mudar de aspecto. Depois, por uma questão de precaução, juntou uma camisa, umas calças de ganga e uns tênis para Harry. Não sabia se ele teria de voltar a casa à pressa. Manteve o revólver enfiado na bolsa de cabedal à frente do corpo. A sensação de segurança de o ter à mão sobrepunha-se ao medo de ser presa por posse ilegal de arma de fogo.

Desceu os seis lanços de escadas e sobressaltou Martino ao entrar pela porta das escadas, atrás dele. O homem levantou-se e recuou, mas não antes de Maura sentir uma forte baforada de álcool. Tinha os olhos injetados de sangue e as mãos trémulas, mas representou bem.

— Miss Hugues, pregou-me cá um susto — exclamou, umedecendo os lábios com a língua. — Em que posso ser-lhe útil?

Maura perguntou a si própria quantas vezes disfarçara tão mal o fato de ter estado a beber como Rocky, sempre a pensar, talvez como ele, que estava a sair-se bem.

— Pode arranjar-me um táxi, por favor? — disse ela, procurando a carteira no saco.

— Sim, minha senhora — respondeu Martino. — Não há problema. O doutor Corbett deu notícias?

— Não, Rocky. Nada.

— Bem, espero que ele esteja bem.

Afastou-se da secretária. com passos largos e exagerados, saiu e acenou para a rua. Pouco depois, um táxi parou à porta. Maura deu uma nota de um dólar a Rocky, hesitou e depois deu-lhe uma de cinco.

— Faça uma pausa e vá tomar o pequeno-almoço, Rocky — disse ela.

O homem guardou as notas no bolso das calças.

— Oh, you sim, minha senhora. Vou.

Houve qualquer coisa no seu sorriso que inquietou Maura. Correu para o táxi.

— Para as Nações Unidas — ordenou, olhando logo para trás assim que o carro arrancou. — Eu digo-lhe por onde quero que vá. Não se rale se o caminho não for o mais direto. Eu pago.

O motorista fez um sinal afirmativo.

Se alguém os seguisse, é porque era muito bom nisso. Quando chegaram ao quarteirão seguinte, Maura estava convencida de que a rua atrás de si não tinha ninguém. Talvez alguém fosse à frente deles com um rádio, mas ela depressa se aperceberia disso.

Passaram por uma banca de jornais. Maura viu a fotografia de Harry em todas as primeiras páginas. Leiam todos! O doutor Morte Volta a Atacar! A situação já não tinha nada de espirituoso, de romântico ou de aventureiro. Por instantes, na noite anterior, quando estava empoleirada naquela árvore junto do aterro, sentira-se como Grace Kelly em Ladrão de Casaca, ou como Audrey Hepburn em Charada.

Nessa manhã, sentia-se vazia, exausta e assustada. Tentou imaginar como Harry se sentira ao abrir o porta-bagagens.

Naquele momento estavam na Broadway e seguiam para sul. Maura deixou passar mais três quarteirões.

— Vire aqui à direita — ordenou ela.

O táxi continuou em frente. Maura bateu na divisória de vidro e disse: — Já lhe disse para virar aqui à direita.

O táxi virou à esquerda, na direção do parque. A meio do quarteirão, começou a abrandar. Maura deixou de bater no vidro. Desesperada, tentou compreender o que estava a acontecer. Pensou na arma que trazia à cintura, mas percebeu que precisava de sair daquele táxi. Fez menção de tocar na porta no preciso momento em que as fechaduras eletrônicas se abriram.

O táxi continuou a andar. De repente, a porta do lado de Maura abriu-se. Um homem saltou quase para cima dela. Era um gigante, talvez com dois metros de altura, e largo de ombros. Empurrou-a com a mão, como se ela fosse uma boneca. A cabeça de Maura bateu na janela, mesmo atrás da cicatriz. Sem receber quaisquer instruções, o motorista acelerou e voltou para oeste, na direção do Hudson.

Maura reconheceu logo o monstro. Era o rufião de Perchek, o sobrevivente do parque. Furiosa, Maura saltou sobre ele, batendo-lhe na cara com a mão direita, enquanto tentava abrir a bolsa de cabedal com a esquerda. O seu primeiro golpe, com o punho fechado, atingiu-o em cheio no sobrolho. O homem deu um grito, levou uma mão à cara e agrediu-a com a outra. Maura esquivou-se e sentiu a mão prestes a pegar no revólver. Com outro movimento, puxou-o para fora, encostou o cano às costelas do homem e disparou.

Não aconteceu nada. Absolutamente nada. A sua única oportunidade esfumara-se. O assassino tirou-lhe a arma e deu-lhe uma valente bofetada. O lábio de Maura abriu-se e roçou nos dentes. A cabeça caiu-lhe para trás e embateu na janela. Em seguida, Maura caiu para a frente, quase no regaço do homem.

— O canhão de segurança, o canhão de segurança — insistiu ele, com uma voz surpreendentemente aguda. — Não podemos tentar disparar a nossa armazinha enquanto não soltarmos o dispositivo de segurança.

Agarrou-a pelo pescoço e puxou-a para cima. Maura cuspiu-lhe, borrifando-lhe a camisa e a cara de sangue. Ele limpou a face com as costas da mão, lentamente, furioso. E depois bateu-lhe outra vez, com tanta força como da primeira vez. Agora, Maura estava sem energia.

O homem obrigou-a a ajoelhar-se e empurrou-lhe a cara para junto do banco.

— Andamos à procura do teu companheiro, o Corbett disse ele.

— Não sei — conseguiu responder Maura. Tinha a cara a latejar, e a mão do homem no seu pescoço também a aleijava, mas estava decidida a não lhe dar o prazer de a ver chorar. Não sei onde ele está nem sequer se está vivo.

O assassino tirou-lhe a camisa de Harry do saco e levantou-lhe a cara à força para lha mostrar.

— Claro que não sabes — disse ele.

— Mesmo que soubesse onde ele estava, nunca lhe diria. O homem obrigou-a a encostar a cara ao banco.

— O doutor vai gostar de ouvir isso — disse ele.

O fugitivo mais procurado de Nova York manobrava cuidadosamente a enorme Winnebago Luxor através das ruas de Manhattan, tentando não atrair atenções desnecessárias. Confinava-se tanto quanto possível às avenidas largas no sentido norte-sul, e sentia-se aterrado quando entrava numa rua atravancada por camiões de obras. Como passara a maior parte da vida na cidade, onde o seu carro ficava muitas vezes na garagem durante várias semanas, a sua condução era penosa. Muitas vezes, conduzir o BMW constituía um desafio.

Conduzir a autocaravana numa rua estreita ladeada de carros seria um desastre potencial. A sua fotografia estava em toda a parte. Um acidente de viação sem importância, um polícia, uma paragem.

Poderia ser tão simples como isso.

Faltavam dez minutos para às dez. Harry descia Columbus Avenue, tentando gerir o tempo para chegar à Rua 56 às dez horas em ponto.

Assim que apanhasse Maura, poderiam sair da cidade e descobrir um local para parar e esclarecer a situação. Havia aqueles que sabiam, ou pelo menos que acreditavam, que ele estava inocente: Maura, Tom Hughes, Mary Tobin, Kevin Loomis, Steve Josephson, Doug Atwater, Julia Ransome, Phil, Gail. Harry olhou para o estrado montado como se fosse uma consola e para o bloco onde apontava os nomes, e acrescentou Ray Santana à lista. Tinha vários amigos,

colegas de trabalho e até pacientes que dificilmente o considerariam capaz de cometer qualquer crime, e muito menos um assassinio. Mas restava saber quantos deles é que estariam dispostos a correr riscos por causa dele.

Juntos, Maura e ele, haviam de conseguir descobrir alguma coisa, sobretudo se conseguissem localizar Ray. Santana contribuíra fortemente para a confusão em que ele estava envolvido, mas não fora o seu causador. Agora, se tentasse associar-se a Loomis, era muito possível que conseguissem furar as linhas inimigas. Se.

Primeiro, Harry tinha de se encontrar com Maura; depois, tinha de fazer o que pudesse para garantir que Kevin Loomis continuaria vivo; e, por último, tinha de encontrar Santana... E tudo isto sem se deixar prender. "As Primeiras Coisas em Primeiro Lugar", pensou, lembrando-se dos estandartes azuis e dourados que vira na parede durante uma reunião dos AA. As Primeiras Coisas em Primeiro Lugar. Virou para a Rua 56. Felizmente, não havia camiões de entregas, obras na rua nem veículos estacionados em segunda fila. Mas Maura também não estava lá. A fachada do C. C.'s estava deserta, e o estabelecimento parecia estar encerrado. Harry abrandou e pensou em ir espreitar à porta. Mas uma buzina insistente atrás de si poupou-lhe o trabalho de tomar uma decisão. Percorreu alguns quarteirões da Amsterdam, depois virou para a Columbus e voltou a passar pelo mesmo sítio.

Nada. Tentou falar para casa dela e para a sua, mas respondeu-lhe o atendedor em ambas. Ninguém respondia do C. C.'s. Por fim ligou a Phil pelo pager.

— Olá, Harry — disse Phil. — Ainda bem que falas. Acho que ouvi falar de ti num noticiário ou noutra sítio qualquer.

— Que engraçadinho. Como estão a Gail e os miúdos?

— Digamos que todos temos de defender um pouco o nome da família.

Como estás?

— Graças a ti, ainda estou à solta. Phil, naquele bilhete que te entreguei, eu marcava um encontro com a Maura. Mas ela não apareceu até agora. Tens certeza de que ele foi entregue?

— Tenho. Falei com o Ziggy esta manhã. Ele entregou pessoalmente por volta das três da manhã.

— Merda.

— Posso fazer alguma coisa?

— Não, por agora. Já fizeste muito. Phil, obrigado. Voltarei a contatar-te.

— Toma bem conta dessa menina. Ando a prometer à Gail irmos passar um fim de semana fora nela. Agora que já deste as primeiras notícias, tenho de ir trabalhar.

Harry andou às voltas durante cerca de uma hora, tendo o cuidado de não demorar sempre o mesmo tempo. Nem sinais de Maura.

Definitivamente, algo estava a correr mal. Pediu às informações o número do telefone de casa de Kevin Loomis e tentou ligar-lhe. Papai tinha ido comprar gelo para uma festa, disse uma criança. A mãe estava na casa de banho. Harry disse que voltaria a telefonar daí a uma hora.

Eram quase onze horas, quase duas horas antes da segunda tentativa de encontro à porta do C. C.'s. Harry lá estaria, mas tinha certeza de que Maura não apareceria. Perchek?

Dickinson? Álcool! Das três hipóteses, só uma prevaricação parecia improvável. Harry verificou o painel do combustível e os restantes mostradores do tablier de avião a jato. Não havia problemas... por enquanto. Dirigiu-se para o centro da cidade. A única alternativa que tinha, ao que parecia, era tentar encontrar Ray Santana. Não queria pôr Mary Tobin em risco, mas não tinha outra hipótese. Além disso, pensou, a sorrir, se houvesse algum confronto entre as autoridades e Mary, as suas simpatias iriam para os políciais.

Apanhou-a em casa. Como esperava, ela estava ansiosa por fazer o que pudesse para ajudar e tinha uma família enorme desejosa de fazer o mesmo.

— Meu genro, Darryl, é o único que tem falado mal de você — disse ela. — E já levou da minha filha. Agora, terá de se haver comigo.

Foram precisos quase quarenta e cinco minutos para ela ir buscar o endereço e o número do telefone de Walter Concepcion e trazê-los

para casa. Assim que entrou no consultório, surgiram dois policiais que vigiavam o local e interrogaram-na.

— Vamos pegá-lo — afirmou um deles. — E é melhor que a senhora não esteja ajudando quando acontecer.

— Tenho vinte e um netos e sete bisnetos, meu rapaz — respondeu Mary.

— Tenho certeza de que você fará sucesso com sua família e seus colegas quando me levar para a cadeia.

Ao meio-dia em ponto, Mary telefonou a Harry para lhe dar o número do telefone e a morada de Walter Concepcion e lhe relatar a conversa com a Polícia. Harry telefonou logo mas ninguém atendeu. Depois, quando estava a um quarteirão da pensão, voltou a tentar. Dessa vez, Santana atendeu. Três minutos depois, saiu de casa e saltou para o banco ao lado do condutor. Assim que viu o homem, Harry percebeu que a sua fúria desaparecera. Estava simplesmente grato por agora serem dois e não um. Virou para Harlem River Drive, na direção norte.

— É esta a minha ideia de um carro para fugir — disse Santana.

Ray tinha a barba por fazer e estava esgotado e excitado como Harry nunca o vira.

— É um empréstimo do meu irmão. Ainda bem que você fugiu. Sente-se bem? Não me parece tão entusiasmado.

— O costume. Estraguei tudo no hospital, Harry. Peço-lhe desculpa. "

— Foi o Perchek que você viu?

— Não, não foi o Perchek. Foi o Garvey. O Sean Garvey, o patife que me levou ao Perchek. Eu estava ali deitado, meio a dormir, quando ouvi a voz dele lá fora. Foi há sete anos, mas eu reconheci-o logo. Os nossos olhares cruzaram-se e ele também me reconheceu. Tenho certeza. Ele estava com um grupo de pessoas bem vestidas. Pintou o cabelo de uma cor mais clara e fez qualquer coisa à cara, mas era ele.

Quando eu cheguei à porta do quarto, ele ia a fugir. Eu... eu descontrolei-me e desapareci. O resto já você sabe.

— Sabe onde é que o Garvey está neste momento? O que poderia ele estar a fazer num hospital de Nova York?

— Não. Depois de Nogales, ele desapareceu, quase que se esfumou.

Ou tinha amigos poderosos e bem colocados, ou possuía provas incriminatórias contra eles. Mexi todos os cordelinhos para o encontrar. Nada. Nem havia registo de que tivesse trabalhado para o Governo. Não tinha número da Segurança Social. Não pagava impostos. Nada. Procurei testemunhas. Liguei para todos os contatos de que me lembrei na agência e na CIA. Nada. Tem aí café?

Harry apontou para o termo. Santana encheu uma chávena e depois ligou o televisor de vinte e três centímetros assente num suporte giratório do lado do passageiro. O repórter estava a atualizar as notícias sobre a dupla caça ao homem. A Polícia procurava o Dr.

Harry Corbett e um homem que parecia ser Raymond Santana, um ex-agente infiltrado da DE A, cujas impressões digitais figuravam entre as várias recolhidas no quarto 218 do Grey.

— Tanta coisa para o fator surpresa — disse Ray. — Era apenas uma questão de tempo. Acha que a Maura está em apuros?

— Tenho certeza. Daqui a pouco, volto a passar pelo clube. No bilhete que lhe enviei dizia-lhe que tentaríamos de novo se um de nós não aparecesse.

— Aquele corpo no seu porta-bagagens parece ser obra do Perchek.

Acha que ele a apanhou?

Harry abanou a cabeça.

— Não quero pensar nisso.

— Primeiro essa Roundtable, depois o Perchek e agora o maldito do Sean Garvey, ainda por cima. Mas que filão, Harry.

— Por onde é que acha que havemos de começar?... Ray?

Santana, de olhos semicerrados, observava o ecrã de perto.

— Douglas Atwater, vice-presidente da Manhattan Health. Conhece-o, Harry?

— Conheço-o bem. É uma das pessoas que mais me tem apoiado no hospital.

— Está em direto no estúdio, a pedir que você se entregue antes que alguém se magoe.

— E então?

— Bem... o seu apoiante no hospital é também o homem que eu tentei matar ontem.

— O Garvey?

— Em carne e osso.

CAPÍTULO 39

Não fazia sentido ficarem na cidade, e havia um bom número de razões para não o fazerem. com Harry ao volante, saíram de Manhattan e foram para norte, pela Estrada 684, na direção da fronteira Nova York-Connecticut. Estavam desanimados. Maura não aparecera no C. C.'s à uma hora, e era quase certo que se encontrava em poder de Perchek, e não da Polícia.

— Sabe? Quanto mais penso no Atwater, mais estúpido me sinto — disse Harry.

— O que quer dizer com isso?

Santana, com os pés apoiados no tablier, desligara o televisor. Olhava pela janela para um monte de nuvens tempestuosas que se aproximavam.

— Colocar tubos intravenosos no corpo da Evie e injetar-lhe Aramine exigiu um certo planeamento — explicou Harry.

— Quem o fez tinha de saber que ela entraria no hospital naquele dia. Eu mesmo só soube vinte e quatro horas antes. Doug era uma das poucas pessoas, além de mim, que sabia que a data de admissão dela fora alterada.

— Quando é que ele começou a trabalhar no seu hospital?

— Ele não trabalha exatamente no hospital, trabalha na empresa de cuidados de saúde controlados que tem um contrato com o hospital.

— Cuidados de saúde controlados. Isso parece-me muito assustador, se quer a minha opinião.

— Trata-se de uma nova versão do velho médico que se deslocava no seu carrinho, com a sua mala preta. De qualquer modo, o Doug anda nisto há cinco ou seis anos, creio eu.

— Bate certo. Alguém graúdo da agência se esmerou para fazê-lo desaparecer: uma vida nova, uma cara nova, e nada de registos de

que ele existiu. É provável que o Garvey tenha trazido o colega Anton para Nova York, assim que foi instalado no seu novo cargo da empresa de cuidados de saúde controlados. Deve haver muito dinheiro envolvido nesse negócio da Roundtable para o Perchek não regressar aos seus bons velhos tempos.

— Talvez o doutor quisesse assentar.

— Claro que sim. Ele está na pré-reforma. Só mata cinco ou seis pessoas por semana.

— Bem, o que fazemos agora?

— Tenho estado a pensar que talvez devêssemos telefonar ao Garvey — disse Santana. — As coisas estão a deslindar-se para ele com a mesma rapidez com que estão a esclarecer-se para nós. O Garvey sabe que eu estou por perto, neste momento. E, até que eu me aproxime, ele não deixará de espreitar por cima do ombro. Aquele tiro que eu disparei no hospital pode ter falhado o alvo, mas foi um sinal claro de que eu não tenciono negociar. Além disso, ele percebeu que você sabe da existência da Roundtable. Por que outro motivo me admitiria no hospital?

— Mas não temos provas de nada, caso contrário iríamos à Polícia.

Eles também devem saber isso.

— Concordo. Isso dá-lhes oportunidade de se manterem em atividade, mas só se você for preso ou morto e se conseguirem comprar-me ou matar-me.

— E a Maura?

Santana abanou a cabeça, com uma expressão grave.

— Se a Maura estiver em poder deles, será uma moeda de troca, enquanto nós andarmos por aqui, e perderá o interesse quando desaparecermos.

— Deixe-me telefonar-lhe — disse Harry, furioso. — Quero agradecer-lhe a sua amizade dedicada ao longo de todos estes anos.

— Mantenha-se frio.

Harry parou numa zona de estacionamento e ligou para o gabinete de Atwater no MMC.

— Quem devo anunciar, por favor? — perguntou a secretária de Atwater.

Harry hesitou e depois respondeu: — É o doutor Charles Mingus. doutor Charles Mingus.

Mingus, um dos ídolos de Harry, era reconhecido por muitos, incluindo Atwater, como o maior baterista de jazz de todos os tempos.

Morrera há quinze ou vinte anos. Daí a uns segundos, Atwater apareceu na linha.

— Harry, é você? — perguntou ele.

— Olá, Doug. Pode falar?

— Posso. doutor Charles Mingus. Inteligente. Muito inteligente. Você é um tratado, Harry.

— Vi-o na televisão, há pouco. Obrigado por se preocupar comigo.

— Gosto de o ouvir, pá. Gosto de saber que está bem. Onde diabo está você?

— Oh, ando por aí. Ando a tentar encontrar a Maura Hughes, Doug.

Talvez você saiba onde ela está.

— Ela fez um belo desenho, não fez, Harry?

— O Perchek tem-na em seu poder?

— Perchek. Perchek. Ora aí está um nome que não me diz nada. Oh, desculpe, mas eu só vi a sua amiga Maura naquela vez no hospital.

Aposto que é uma bela mulher quando está sóbria e sem ligaduras, e que tem uma cabeleira farta. Não é uma brasa como a Evie, mas, quem é?

Harry pôs a mão no bocal e murmurou: — Ela está em poder dele. Depois, retirou a mão e perguntou: — O que pretende dela, Doug?

— Harry, você não ouviu? Eu disse que só a vi uma vez no hospital.

— Eu sei onde está o Ray Santana, Doug. É esse o acordo. O Santana em troca da Maura.

— Esta é a conversa mais disparatada da minha vida. Primeiro, alguém chamado Perchek, de quem eu nunca ouvi falar, depois alguém chamado Santana, de quem eu também nunca ouvi falar.

— Doug. Eu preocupo-me mesmo com essa mulher. Não quero que ela sofra. Diga-me o que pretende.

— Desde que aquele seu falso paciente disparou sobre mim, tenho estado a pensar por que diabo é que você se deu ao trabalho de o internar no hospital.

Harry voltou a tapar o bocal.

— Ele está a morder o isco — disse, em voz baixa. — Está bem, Doug, ouça. Não vamos brincar um com o outro. Você me entrega Maura Hughes, ilesa, e eu não só lhe digo onde está o Santana como lhe conto tudo o que sei da Roundtable, quais os cavaleiros que andam a dar com a língua nos dentes sobre todo o processo e exatamente o que têm contra si. Dessa vez não houve uma resposta imediata.

— Então o que tenciona fazer? — perguntou Atwater.

— Vou partir. Tenho tudo preparado: bilhetes, passaporte, dinheiro e destino seguro. Tudo. Mas não parto sem a Maura.

— Meu Deus, Harry. Está assim tão mal, hem? Vá por mim, nenhuma merece isso... excepto a próxima.

— Sem ela, não me importa o que possa acontecer-me, e não partirei.

Isso significa que você não terá o Santana e que a Roundtable se desmoronará. Se nos entendermos, terei de partir amanhã, logo de manhã. Ou você e eu fazemos negócio esta noite, ou nada feito.

Seguiu-se outra pausa prolongada.

— Para onde posso telefonar-lhe?

— Nem pense nisso, Doug. Estou nervoso, mas não sou estúpido.

— Eu diria que não. Está bem, pá, tem alguma coisa onde escrever?

— Estou pronto.

Atwater deu-lhe um número da zona 201, a zona norte de Nova Jersey que incluía Fort Lee.

— Telefone-me esta noite às nove horas — disse ele. Depois falaremos.

— Às nove. Ouça, Doug, eu não tenho muito a perder. Se o Perchek fizer mal à Maura Hughes, juro que vos mato, aos dois.

— Ouça, Harry, tenha calma, homem. Falaremos e depois veremos o que podemos fazer.

— Às nove. Harry desligou.

— Bravo, bravo — aplaudiu Santana. — Foi um desempenho excelente.

O olhar de Harry era duro como pedra.

— Ainda foi melhor do que você julga — disse ele. — Sei exatamente onde ela está.

Caía uma chuva forte quando atravessaram a Ponte Tappan Zee, na direção de Nova Jersey. O relógio digital do tablier da Winnebago marcava sete horas e seis minutos da tarde. Num pequeno calendário à sua direita lia-se 31 de agosto.

Agosto — a maldição dos Corbett menos um.

Harry concentrou 1º de setembro, como o avô e o pai, para todos os efeitos, tinham morrido aos sessenta anos. Mas as suas hipóteses de ser morto nessa noite eram muito, muito maiores. Ainda assim, Santana era um profissional, Harry já estivera debaixo de fogo na sua vida, e não iriam ao encontro de Maura sem se prepararem. Antes de atravessarem a ponte, tinham saído da estrada e procurado um estabelecimento de artigos do exército e da marinha. Ray passou meia hora lá dentro e saiu com uma espingarda, duas mochilas cheias de equipamento e um recibo de 1123,37 dólares. O estoque era limitado, mas os artigos principais — a espingarda com mira telescópica e os binóculos eram “adequados”, na sua opinião.

— Você matou um tipo na guerra como os jornais contaram?

— perguntou Santana, inspecionando a espingarda, quando eles arrancaram.

— Não é nada de que me orgulhe.

— Está bem. Matar uma pessoa é algo que você já fez uma vez, que sabe que é capaz de fazer. Isso é que me interessa.

— Estou cheio de ódio, Ray. Não me seria difícil matar qualquer deles.

— Sempre é menos uma coisa com que tenho de me preocupar.

Harry nunca entrara em casa de Doug Atwater, mas vira-a da água e de terra. Há três anos, Harry alugara um iate para uma festa-

surpresa pelo aniversário de Evie. O barco era grande, suficientemente grande para albergar a orquestra do clube e cerca de quarenta convidados, e ainda sobrara espaço. Fora alugado para dar a volta à ilha de Manhattan e tratara-se, de longe, do ato mais extravagante de Harry.

Apesar de o seu casamento já estar a esboroar-se devido ao seu estilo de vida conservador, Harry estava desejoso de se afirmar. Essa noite fora a última vez em que se lembrava de ter visto Evie verdadeiramente feliz.

Atwater aparecera com a sua habitual e fulgurante blonde du jour, uma atriz qualquer. Sandi? Patti? Harry e ela estavam sozinhos na amurada, ao anoitecer, a ver as paliçadas de Nova Jersey, quando, de súbito, ela começou a acenar para uma casa moderna e espetacular erigida mesmo à beira de uma delas.

— É a casa do Dougie! — exclamou ela. — É a casa do Dougie. Está a ver aquele terraço? Esta manhã vi lá mimosas. Nem imagina como é a vista. Já lá esteve?

De fato, até àquele momento, Harry sabia apenas que Atwater vivia num último andar elegante da Rua 49, na zona leste. Tinham-se encontrado várias vezes, quando ele e Evie tinham saído com Atwater e a namorada. Curioso acerca da casa, Harry avistou-a, à beira do rio, do lado de Nova York, e fixou dois pormenores. Mais tarde, o capitão serviu-se dos seus mapas para a localizar com exatidão. Não ficava muito longe de Fort Lee. Harry pensara em falar na casa a Atwater, mas tinha certeza de que nunca o fizera. Atwater e ele davam-se bem, mas era óbvio que não eram muito íntimos, pois Harry nunca fora convidado.

Um ou dois meses depois, quando fora visitar a mãe ao lar, Harry dera consigo a poucos quilômetros do sítio da casa. Foi-lhe muito fácil descobri-la. Era uma mansão ampla, de estilo californiano, no cimo de uma rampa íngreme, ladeada de árvores e com cem metros de comprimento, pelo menos. O portão de ferro forjado maciço, ao fundo da rampa, estava fechado. Um muro de pedra e cimento com um metro e oitenta de altura estendia-se ao longo da estrada em ambas as direções, dando a impressão de que toda a propriedade era murada. Harry nem pensou em espreitar.

Nessa noite, porém, ele e Santana apareceriam por lá.

— Pare no próximo desvio — disse Santana. — Precisa de se preparar e eu preciso de verificar isto.

Apesar do seu aspecto esquelético e dos tiques nervosos, Ray sempre se mostrara altivo e seguro de si. Mas, depois da conversa de Harry com Sean Garvey, tornara-se reservado e submisso. O tique ao canto da boca diminuía, quase não passava de uma sugestão, e as mãos estavam bem firmes. Harry apostava que era exatamente assim que Santana estava quando se baixara, fizera pontaria e disparara naquela noite em Central Park.

Harry parou num desvio pouco concorrido. Santana atirou-lhe uma camisa de gola alta preta, um colete com munições, um boné e um pequeno frasco de maquilhagem preta chamada Nightstalker.

— Não se esqueça das costas das mãos — avisou, afastando-se de Harry, que aflagava uma espingarda dentro de uma capa de lona.

Lá fora, a chuva começava a cair com mais força. A leste, ao longe, os relâmpagos destacavam-se na escuridão do céu.

Harry pôs as roupas atrás do seu banco. Evie, Andy Barlow, Sidonis.

Maura! Estava pronto para a luta, pronto para tudo. Mas tinha de fazer mais uma coisa antes de avançarem para o confronto: um telefonema.

Kevin Loomis olhou para o relógio e tentou imaginar como estaria a inundação na cave. A chuva obrigara-os a fazer o churrasco dentro de casa, mas isso não tinha importância. Estava tudo a correr como ele planeava. Já não faltava muito tempo.

Há cerca de meia hora, saíra pela porta das traseiras, ostensivamente para ir buscar um cartão ao saco de golfe que estava na garagem.

Pegou no cartão, que deixara junto da porta da garagem, e depois contornou a casa para ir soltar o tubo da máquina de lavar roupa. A instalação ainda estava melhor do que ele esperava. Um puxão no fio fizera soltar o tubo, e o fio escorregara de tal maneira que bastara a Kevin puxá-lo pela janela da cave. Agora, faltavam cerca de dez minutos para ele “descobrir” o desastre.

Kevin abriu caminho entre os convidados, trocando histórias, rindo-se das anedotas e fazendo o possível por se embriagar. Era estranho saber que se aproximava o momento exato da sua morte. E se ele soubesse desde o início? Teria agido doutra maneira? A pergunta era retórica. Teria ingressado sempre na Roundtable, mesmo que soubesse o que ela era. E, no momento em que participara na sua primeira reunião, passara a ser um deles. A partir daí, não podia fazer nada que alterasse a situação.

Despedira-se de cada um dos filhos à sua maneira e conseguira fazer amor com Nancy de uma forma mais ou menos razoável, antes de a tensão se apoderar dele. Agora, estava na cozinha e olhava para a gaveta onde guardara as lanternas. Faltavam só mais uns minutos. De repente, percebeu que o telefone estava a tocar. O seu primeiro pensamento foi que acontecera alguma coisa a um dos miúdos.

Pegou no auscultador.

— Está?

— Kevin Loomis?

— Sim.

— Fala o Harry. Harry Corbett. Como está?

— Bem. Mas temos aqui uma festa. Não posso falar.

— Não faz mal. Pode ouvir. Não o demoro. O assassínio de que me acusam, o do cirurgião?...

— Sim.

Da porta, Nancy perguntou-lhe por gestos se o telefonema era para ela. Kevin abanou a cabeça.

— É o Atwater, Kevin — disse Harry. — O Doug Atwater, da Manhattan Health. Ele é o cavaleiro que está por trás dos assassínios, por trás daquele doutor Perchek de que eu lhe falei.

— Eu já desconfiava. É o Galahad, o cavaleiro responsável pela segurança. Vi-o hoje no noticiário.

— Talvez os outros do seu grupo tenham participado, mas creio que ele é o cérebro. Neste momento, vamos atrás dele e do Perchek.

— Boa sorte.

— Kevin, estou a telefonar-lhe para lhe pedir que assista a isto. Se os apanharmos, vamos precisar que você testemunhe contra eles. Se falharmos, todos aqueles pacientes em risco vão precisar ainda mais de si.

— Eu... Eu não sei do que você está a falar — afirmou Kevin. — Claro que vou assistir a isso. Desejo-lhe sorte para esta noite. Agora tenho de ir.

— Kevin, por favor, seja forte. Tem muito a perder. Todos nós temos.

Kevin desligou sem responder. Maldito Corbett. Ele nem sequer tinha filhos. Abriu a torneira do lava-louça, que não deitava agora mais do que um fio de água.

— Ouça, Fred, a água perdeu a pressão de repente — disse ele a um dos dois homens que escolhera. — O que acha?

O homem encolheu os ombros.

— Acho que temos de ir ver o que se passa na cave aconselhou. Kevin deixou-o abrir a porta da cave e acender a luz.

— A lâmpada está fundida. Ou então não há energia aqui em baixo — disse o homem.

Lá de baixo, ouviam o som da água a correr. Kevin deu-lhe uma lanterna e depois chamou o reverendo Pete Peterson e deu-lhe outra. A sua pulsação começara a acelerar-se.

— Parece que há uma grande inundação aqui em baixo avisou. — Infelizmente, as minhas botas de borracha estão ali no meio. Deixem-se ficar na escada e sigam-me com as lanternas. Verei o que posso fazer.

“Está quase”, pensou Kevin. Era estranho, muito estranho que toda a sua vida se resumisse àqueles momentos.

Conduziu os dois homens à cave e entrou na água, que tinha meio metro de altura.

— É o tubo da máquina de lavar roupa — gritou ele na escuridão. — Está solto. Mantenham as lanternas apontadas para ele.

Todas aquelas coisas da vida que lhe tinham parecido tão importantes na altura... Todas insignificantes...

— Tenha cuidado — disse Peterson. Kevin voltou a pôr o tubo no seu lugar.

— Estão a ver? Não há problema. Não há problema nenhum.

O que estou a fazer está certo. É melhor para a Nancy. É melhor para os miúdos. É melhor para todos. Meu Deus, perdoa-me...

Sir Tristram, cavaleiro da Roundtable, respirou fundo e depois pousou a mão na parte de trás do secador. O seu corpo retesou-se. Saltaram-lhe faíscas das pernas à superfície da água. O seu coração parou imediatamente. Os músculos da mão, atingidos por um espasmo em especial, apertaram o fio puído. Kevin estava morto há quinze segundos quando o peso do seu corpo o libertou do fio e o deixou cair na água.

CAPÍTULO 40

Green Dolphin Street.

Ainda estavam um pouco afastados da casa de Atwater quando Harry começou a ouvir a música na sua mente. Acompanhou o ritmo com os dedos no volante e agitou a cabeça.

— O que está a fazer? — perguntou Santana.

— A ouvir música. É uma melodia que me vem à cabeça quando estou excitado. Às vezes nem sequer me apercebo de que estou tenso senão quando a ouço.

Santana observou-o. No meio da maquilhagem preta, os seus olhos pareciam discos de madrepérola.

— Continue — disse ele por fim.

Dirigiram-se para o Hudson até encontrarem a estrada estreita e sinuosa que acompanhava as paliçadas. Harry desligou as luzes e abrandou. Não havia automóveis do outro lado, nem em andamento nem estacionados. As casas sobranceiras ao Hudson, todas a uma altura imponente, estavam bem afastadas umas das outras e encravadas no bosque, a uma grande distância da estrada. Através da chuva e da escuridão, era impossível distinguir pouco mais do que as luzes de algumas delas.

— Ainda sabe onde estamos? — perguntou Santana.

— Não estou tão certo como há pouco — respondeu Harry, espreitando pelo para-brisa da Winnebago, que era varrido por escovas do tamanho de sticks de hóquei. — Talvez seja por isso que esta melodia na minha cabeça está cada vez mais forte.

— Talvez seja tempo de deixar de a ouvir. Como saberá que lá estamos?

— Estou à procura daquele muro de que lhe falei. Aquele muro de pedra.

Quase no mesmo instante, os dois homens avistaram-no: pedras encaixadas em cimento, com sessenta centímetros de espessura, que se estendiam ao longo da estrada até perder de vista. A direita, uma vedação metálica com um metro e oitenta de altura unia o muro aos rochedos. Harry parou o mais longe da estrada que pôde, desligou o motor e apontou para a vedação.

— Aposto que há uma igual do outro lado, e depois seguem-se os rochedos. Portanto, o local está totalmente protegido.

— Uma grande barreira. Não há melhor sítio do que este para um tiroteio — disse Santana.

Espreitando a estrada, localizaram o portão principal, talvez a cinquenta metros. Santana serviu-se de uma lanterna encapuçada e tirou para fora o equipamento, que incluía um revólver de cano arrebitado e a arma semiautomática com silenciador, que Harry sabia ser a mesma que matara o homem armado no parque. Além disso, havia corda, fita adesiva, canivetes, corta-arames, canivetes suíços, lanternas fortes e várias caixas de munições. Santana deu o revólver e algumas balas a Harry.

— O canhão de segurança está aqui. Solte-o depois de carregar a arma. Em seguida, aponte e dispare.

— Aponte e dispare — repetiu Harry. — O derradeiro momento da Kodak.

— Ponha a sua mochila às costas e prepare-se. Santana pegou nos binóculos e na espingarda, apagou as luzes interiores da autocaravana, depois abriu a porta e saiu.

Impressionado, Harry observou como o ex-agente infiltrado se aproximou do muro, depressa e sem fazer qualquer ruído, e depois o escalou num abrir e fechar de olhos. Quando chegou lá acima, deitou-se, para examinar a propriedade. Pouco depois, voltou.

— A casa está muito bem iluminada e não fica longe. Até distingo algumas das janelas. Há um guarda na portaria. Não vi mais ninguém.

— Há cães?

— Que eu visse, não.

— Não devíamos ter trazido uns pedaços de carne com osso?

— Como aqueles que se veem no cinema?

— Exatamente.

— Harry, qualquer cão de guarda que seja digno deste nome sabe distinguir entre a carne que está no chão e a carne fresca que ataca para matar. Se virmos um cão, damos-lhe um tiro. É demasiado simples para o cinema, mas é muito eficaz. Agora, aqui vai o que devemos fazer. Vou subir outra vez ao muro e desço até meio.

Quando eu fizer um sinal luminoso, telefone lá para casa e peça para falar com a Maura. Desse modo, teremos certeza de que ela lá está.

com sorte, espero vê-la por uma das janelas. Se não a vir, teremos de nos aproximar o suficiente para descobrir onde ela está. Se eu fizer dois sinais de luzes, avance. Se fizer três sinais, é porque há algum problema. Nesse caso, suba o muro e prepare-se para usar essa arma. Feche as portas e deixe a chave debaixo do pneu traseiro do lado direito. Tem perguntas a fazer?

— Nenhumas.

— Está pronto?

— Estou. Ray, há mais uma coisa.

— Diga.

— Por favor, não se ofenda com isto. Eu também tenho umas contas a ajustar com esta gente. Umhas grandes contas. Só quero lembrar-lhe que... mantenha a calma.

A reação de Santana não foi a que Harry esperava. O homem lançou-lhe um olhar perturbante e assustador. O tique ao canto da boca intensificou-se.

— Está bem. Você pediu e agora vai ouvir — afirmou. Tenho sofrido sempre desde que aquele patife me enfiou aquela substância no corpo. Há sete anos. Durante este tempo, só tive paz quando consegui imaginar como ele se sentiria naquela prisão mexicana imunda. Agora ele está naquela mansão com o facínora que me entregou para eu ser torturado. Não me peça para ter calma.

Harry sentiu-se recuar ante a fúria do homem. Levou algum tempo a recuperar a compostura. Por fim, pousou a mão no braço de Santana.

— Desculpe, Ray — disse ele. — Vamos apanhá-los. Prometo-lhe que vamos apanhá-los.

Santana afastou-se e encostou-se rapidamente ao muro. A chuva abrandara consideravelmente e era mais fácil ver o portão. Harry ficou à espreita durante um ou dois segundos. Quando olhou para trás, Santana já estava em cima do muro.

Pouco depois, fez um sinal de luzes. Harry viu as horas. Eram nove e oito minutos. Ligou o número que Atwater lhe dera. Atwater respondeu ao segundo toque.

— Doutor Mingus? — perguntou ele. ; — Sou.

— Diga-me outra vez o que tem para mim.

— Quero uma prova de que a Maura está bem.

— Diga-me o que tem.

— O Santana está hospedado numa pensão em Spanish Harlem. Dar-lhe-ei a morada e o número de telefone dela quando você deixar partir a Maura.

— Como é que ele me encontrou aqui?

— O Perchek deixou uma impressão digital no quarto da Evie. Alguém do departamento avisou o Santana. Ele pediu segredo ao tipo. Mais ninguém sabe, excepto ele e eu. Nem sequer o tipo que recolheu a impressão digital.

— Como é que eu sei que você está a dizer a verdade?

— Doug, estou-me nas tintas para si e para aquilo em que você acredita ou não acredita. Todos os polícias de Nova York andam à minha procura. Assim que eu tiver a Maura sairei daqui. Só isso é que me interessa. Onde está ela?

— Com quem é que tem estado em contato na Roundtable?

— Com dois homens. Jim Stallings é um deles. Agora está morto. Quanto ao outro, só lhe digo o nome dele quando falar com a Maura.

Ele deu-me os nomes de todos os outros membros.

— Dê-me um.

— Alguém chamado Loomis. Não me recordo do primeiro nome, mas tomei nota dele.

— É com ele que você tem falado?

— Não. Agora não me demore mais. Não posso estar aqui tanto tempo.

— Telefone para este número daqui a cinco minutos. Harry desligou e esperou na escuridão. Mais acima, mal distinguia o vulto de Santana, colado ao cimo do muro. A chuva parara. O ar do campo que entrava pela porta do lado do passageiro era limpo e suave. O canto das pequenas aves e dos grilos enchia o silêncio pesado. Harry passou os dedos pela maquilhagem e revestiu as costas das mãos.

Nove e treze. Pegou no auscultador e carregou no botão redial.

— Muito bem — disse Atwater, assim que ouviu a voz de Harry.
— Tem trinta segundos. Estou aqui mesmo ao lado dela, a ouvir a conversa por um telefone portátil. Não me aborreça.

— Está?

— Maura, sou eu. Estás bem?

— Harry. Tenho estado tão preocupada contigo. Estou bem. Eles... Eles obrigaram-me a beber bourbon. Eu não queria, mas eles obrigaram-me. Depois desistiram e injetaram-me uma droga qualquer para eu lhes dizer onde tu estavas. Mas eu não podia dizer-lhes o que não sabia.

A voz de Maura denotava cansaço, mas firmeza.

— Maura, sê corajosa. Tenho tudo o que é preciso para sairmos do país.

Houve uma pequena hesitação, que ela se apressou a disfarçar.

— Julgava que não conseguias resolver as coisas tão depressa. Estou pronta — disse ela.

A extensão de Maura desligou-se.

— Muito bem, Harry. Volte a falar para este número daqui a cinco minutos e combinaremos tudo.

— Daqui a meia hora. Não posso estar onde estou durante mais tempo.

— Quem é o outro homem da Roundtable com quem você falou?

— Harper. Pat Harper. Da Northeast Life and Casualty. Kevin Loomis pronunciara o nome do homem uma única vez, mas Harry lembrara-se com facilidade. A sua primeira namorada no liceu também se chamava Pat Harper. Indicar o nome de Harper naquele

momento fora perfeito. Se Harry não conseguisse nada nessa noite, pelo menos Loomis não sofreria represálias.

— Muito bem. Daqui a meia hora — confirmou Atwater. Harry ouviu o sinal de desligar e tentou imaginar o que se passaria do outro lado do muro. Durante dois minutos, só havia escuridão à sua frente. Depois, a lanterna de Santana piscou duas vezes. Chegara o momento.

Harry pôs a mochila às costas e enfiou o revólver no cinto. Agachado, encostou-se ao muro e caminhou ao longo dele até se aproximar de Santana, que estava do lado da estrada.

— Eles não a têm dentro de casa — disse ele em voz baixa. — Alguém... suponho que era o Garvey... saiu por uma porta lateral e foi para norte. Pouco depois voltou com ela. Em seguida regressaram, e o Garvey veio sozinho. Agora ele está lá em casa.

— Por onde começamos?

— Pelo guarda que está ao portão. Se houver tiroteio, deixe isso comigo. A minha arma não faz barulho.

— Eu sei.

Santana encostou a espingarda ao muro.

— Parece que vai ser um trabalho difícil. Espero ser recompensado por isto — disse ele.

As pedras facilitavam a escalada do muro. Juntos, os dois homens chegaram ao cimo, baixaram-se para passar para o outro lado e caíram no solo encharcado. Harry julgou sentir uma dor no peito antes de cair. De fato, o que sentiu foi uma breve pontada, embora não tão forte como a que o atingira ao saltar a sebe em Fort Lee. Se não sentisse outra pior nessa noite, bem poderia suportá-la.

com o cano das armas virado para baixo, aproximaram-se da portaria.

Ao lado, estava um automóvel de cor escura, de quatro portas.

Através da pequena janela da portaria, viram o guarda a falar ao telefone.

— Se isto for um telefonema de controle, estamos com sorte — segredou Santana. — É menos uma coisa que corre mal. Prepare adesivo de cinco centímetros.

Santana fez sinal a Harry para que se aproximasse da porta da casa do guarda, depois bateu-lhe ao de leve e encostou-se ao muro. A porta abriu-se cautelosamente. De arma virada para baixo, o homem saiu. Harry nem teve tempo para apreciar os movimentos de Santana senão quando tudo estava acabado. Ray atingiu o homem no pulso com a pistola. O guarda deixou cair a arma como se esta estivesse eletrificada. Antes de começar a gritar, Ray estava em cima dele, tapando-lhe a boca com a mão e imobilizando-lhe o tornozelo com a porta. Dominá-lo foi uma operação rápida e silenciosa. Ray pôs-se em cima do peito do homem e encostou-lhe o cano do revólver aos dentes.

— Nem um pio! Percebes? — grunhiu Ray.

O homem fez um sinal afirmativo. Mantendo-lhe o silenciador na boca, Ray obrigou-o a rolar para o lado e fez sinal a Harry para que lhe atasse as mãos atrás do corpo. Depois virou-o de novo de costas. Em seguida, apontou-lhe a arma à garganta.

— Onde está a rapariga?

O homem olhou para a cara enegrecida de Ray. Harry percebeu que ele avaliava as vantagens e os perigos de mentir. A luta interna durou apenas alguns segundos.

— Na casa de hóspedes... Lá em baixo há um caminho à esquerda...

— O Perchek está com ela?

Ao ouvir o nome do doutor, o homem ficou aterrado. Hesitou e depois fez um sinal afirmativo.

— Quantos homens são?

Ray esperou pela resposta e depois encostou o cano do silenciador ao olho esquerdo do homem.

— Quantos são?

— Um mais o Perchek, que está na vivenda — respondeu ele, a gaguejar. — Estão dois em casa.

— Além do Garvey?

— Quem?

— Do Atwater.

— Sim. Dois além dele. !i — Ponha-lhe uma mordaza na boca e prenda-a bem — segredou Santana a Harry. — Passe-lhe o adesivo

duas vezes à volta da cabeça.

Depois, amarre-lhe os tornozelos.

Harry agiu com eficiência e, juntos, arrastaram o homem ao longo de dez metros e ataram-no a uma árvore. Santana verificou o interior da casa do guarda.

— O botão para abrir o portão fica mesmo ao lado da porta, lá dentro. A porta ao lado do portão não está fechada à chave.

Santana olhou para o relógio.

— Temos cerca de vinte minutos. Vamos buscá-la.

Mantiveram-se junto do muro, que se ia juntar à sebe metálica no outro extremo da propriedade, numa zona de arbustos rasteiros. No cimo do monte e à direita deles, ficava a casa principal, com luzes em todas as janelas e a rampa iluminada. Cerca de cinquenta metros à esquerda da casa principal, viam-se mais luzes entre as árvores.

— É ali — disse Harry em voz baixa, apontando.

com um aceno de cabeça, Ray foi à frente. Aproximaram-se das árvores e, sempre agachados, foram avançando com todo o cuidado. A casa de hóspedes, uma versão em miniatura da mansão, era espetacular. Era quase toda de vidro, assente em vigas de aço, que se projetavam para além do rochedo, de tal modo que o terraço se estendia cerca de trinta metros sobre o Hudson. Harry espreitou para o precipício. Havia uma faixa de seixos rolados, com três a cinco metros de largura, entre a base do rochedo e a água. Do outro lado do rio calmo e escuro, ficava Manhattan, reluzente como a Via Láctea.

Encostado ao rochedo, por baixo do piso principal, havia um conjunto de salas que não se viam da parte da frente da casa de hóspedes.

Através de uma janela com grades, avistaram Maura, que ora se sentava na beira de uma cama ora andava de um lado para o outro.

Parecia abatida e cansada, mas razoavelmente firme. Santana pôs um dedo nos lábios e apontou para a casa. Aproximando-se, os dois homens espreitaram por uma grande janela panorâmica. O espaço enorme, constituído por uma sala de estar, uma casa de jantar e uma cozinha, tinha a forma de uma tenda. A estrutura era

de madeira de faia e de vidro, o tecto era de madeira de cedro e, ao meio, erguia-se um poste com quatro metros e meio de altura. As portas abriam-se para o terraço, e meia dúzia de janelas grandes proporcionavam vistas deslumbrantes da cidade. Um guarda armado, de coldre ao ombro, servia café. Atrás dele, sentado à mesa, a ler, estava o doutor.

Ao vê-lo, um som gutural e invulgar libertou-se da garganta de Santana: era o som do ódio. Pegou numa boa pedra e, com a arma, fez sinal a Harry para que o seguisse. Pararam mesmo junto da porta de vidro.

— Primeiro eu — disse ele em voz baixa.

Antes de Harry poder responder, Santana pegou na pedra e atirou-a à porta. O vidro grosso estilhaçou-se no interior. Ray entrou quase no mesmo instante em que a pedra caiu ao chão.

— Quietos! — gritou ele, quando o homem fez menção de pegar na arma.

Harry entrou pelo caixilho da porta e pegou na arma do homem. Anton Perchek, que nem sequer largara o livro, olhou para ele e depois para Santana. Sorriu, confuso. As íris dos seus olhos estavam tão desmaiadas que pareciam quase brancas. As pupilas estavam dilatadas e lembravam buracos negros na neve. Harry não detetou qualquer laivo de medo no homem, nem qualquer emoção.

— Deita-te, de barriga para baixo! — ordenou Santana ao homem armado.

O homem hesitou e Santana abateu-o com uma coronhada atrás da orelha, sem desviar a atenção de Perchek. O homem gemia mas estava consciente, enquanto Harry o amarrava com a técnica que aperfeiçoara no porteiro. Santana puxou uma cadeira da mesa. com o revólver sempre apontado para Perchek, ajudou Harry a sentar o homem quase inconsciente. Harry amarrou-o. Em seguida, recuou, aproximando-se de Santana.

O doutor olhou para ambos com curiosidade. Era, sem dúvida, o mesmo homem que Harry vira à porta do quarto de Evie, o homem que Maura desenhara. Mas, em certos aspectos, não era. Era parecido com todas as versões obtidas em computador, e simultaneamente com nenhuma. Ficaria bem atrás do balcão de uma

loja de conveniência ou junto de uma mesa de operações, a varrer as ruas ou a pilotar um avião a jato. Não era ninguém e era toda a gente. Quando falou, a sua voz era melosa, hipnótica e totalmente desprovida de emoção.

— Bem, Ray. Há quanto tempo, não é verdade? — perguntou.

Santana afastou a mesa com o pé. Apesar da tinta preta na cara, Harry apercebia-se da sua tensão. Era óbvio que também Perchek a sentia.

— Você não me parece muito bem, Ray — disse ele, enquanto Santana lhe atava os pulsos aos braços de ferro forjado da cadeira. — Esses músculos das mãos. Esse tique no olho. O que é isso? Drogas?

Alguma doença?

Harry reparou que os braços do doutor, em especial os antebraços, eram fortemente musculados. O bíceps esticava as mangas da camisa polo azul-celeste. Santana revistou-o à procura de uma arma, mas não encontrou nenhuma.

— A chave do quarto de Maura — exigiu Ray. Perchek encolheu os ombros, como se o assunto fosse demasiado fútil para ele.

— Não há chave — respondeu. — Apenas um trinco deste lado.

Santana fez sinal a Harry para que descesse o curto lanço de escadas. Trinta segundos depois, Harry voltou com ela. Maura tinha os olhos encovados e o lábio inchado e com uma crosta ensanguentada, mas, de resto, parecia ilesa.

— O matulão bateu-lhe quando a raptou — explicou Harry.

— Mais alguma coisa? — perguntou Santana.

— Além de me terem obrigado a beber, não me fizeram mal. Consegui cuspir um pouco do que bebi. Depois, eles deixaram-me sozinha e provoquei o vômito. Estive embriagada durante algum tempo, mas agora estou sóbria. Eles julgaram que eu começaria a pedir mais, mas eu detestei a sensação e até o paladar.

Harry passou-lhe um braço pela cintura e apertou-a com força.

Santana fulminava Perchek com o olhar.

— Quem é que na agência ajudou o Garvey a desaparecer com tanta limpeza? — perguntou ele.

Perchek continuou a sorrir-lhe, com um ar benevolente.

— Ray, você está com um aspecto terrível. Terrível. — O seu discurso era tão estéril como o seu olhar. — Sabe, continuo a pensar que, em Nogales, nunca tive oportunidade de lhe dar o antídoto para o meu hiconidol. É do que você precisa. Meu Deus, Ray, que descuido.

Lamento. Lamento muito.

— Cale-se e diga-me quem é que arranjou uma nova identidade ao Garvey.

— Há um antídoto, sabe? E também é muito eficaz. O processo bioquímico é bastante simples. Chama-se inibição competitiva. O antídoto mistura-se no fluxo sanguíneo e substitui aquelas moleculazinhas horríveis que se alojaram nas extremidades dos seus nervos durante todos estes anos, e zás, você fica curado.

Desaparecem as dores, Ray. Pense nisso. Repare nos seus olhos.

Você é um toxicodependente, não é? Oh, Ray, imagino o que tem passado durante todos estes anos. É de admirar que não tenha dado cabo de si entretanto...

Santana escutava-o, como que transfigurado. Perchek era tranquilizador, sedutor, hipnótico e totalmente credível. Harry queria dizer alguma coisa, alguma coisa que quebrasse o encantamento da retórica do doutor. Mas ficou imóvel. Aquele era um assunto de Santana.

— ... Bem, agora, não é preciso sofrer mais, Ray. Essas horríveis dores súbitas que continua a ter? Posso eliminá-las. Prometo. Não é preciso tomar mais drogas. Sentirá a diferença daí a uns minutos. Nunca mais terá dores. É garantido. Pode manter-me amarrado enquanto experimenta. Depois pode ir-se embora. Prometo que ninguém lhe tocará. Só o quero a ele. — Perchek apontou para Harry. — Em troca do antídoto, só quero passar meia hora com ele.

Perchek olhou para Harry que, pela primeira vez, detetou emoção no seu olhar, uma aversão desgastante e desprezível, totalmente concentrada nele. Harry olhou para Santana e apercebeu-se de um assomo de incerteza. Perchek também reparou e esboçou um novo sorriso benevolente.

Santana pôs a pistola em cima da mesa. Depois, deu meia volta e colocou uma tira de adesivo bem apertada na boca do doutor. Em

seguida, tirou um dispositivo do bolso, uma antiga estrutura de metal com cinco apoios para os dedos e parafusos aguçados por cima de cada um. Perchek endireitou-se momentaneamente, mas não fez qualquer movimento para resistir quando Ray lhe pegou na mão direita.

— Não tenho um remédio para as dores, mas tenho isto que guardo há anos — disse ele. — Foi um amigo que mo trouxe da China. Aposto que você usa uma coisa parecida de vez em quando. Primeiro a unha, depois a carne, a seguir o osso, e por fim o parafuso aparece do outro lado. Dez dedos, milímetro a milímetro. Tenho andado a poupá-lo, e nem sabia por quê... até agora.

Ray apertou os parafusos de tal maneira que as unhas embranqueceram. Perchek não reagiu.

— Ray, não deixe que ele o torne igual a ele próprio — suplicou Harry. — Não existe antídoto para essa droga. E, mesmo que existisse, você sabe que ele nunca lhe daria. Eu preciso dele, Ray. Eles querem acusar-me dos crimes que ele cometeu. Vamos levá-lo e fechá-lo em qualquer lado. Não desça ao nível dele.

— Você não percebe, Harry — disse Santana friamente. Siempre estaba yo a su nivel. Eu sempre estive ao nível dele. Agora saia!

As suas palavras pareciam chicotadas. Harry ia a protestar, mas sabia que não serviria de nada. Pegou no braço de Maura.

— Estaremos lá fora — avisou. — Só temos cerca de dez minutos antes de o Garvey começar a perguntar a si próprio por que não telefonei.

Saíram no momento em que Santana apertava o primeiro parafuso.

— Quem é que o Garvey comprou na agência? Quem é que o protege agora? — perguntou ele.

Perchek sorriu por trás do adesivo. Santana apertou o parafuso até este atingir a unha. O sangue brotou à volta do metal. Perchek olhava para cima.

— Dor ou respostas — disse Santana. — Tem de optar.

— Não, Ray. Você é que tem de optar.

Sean Garvey falou do lado de fora da porta. Tinha uma arma apontada à cabeça de Harry. Entraram na sala. Seguia-se o matulão,

que arrastava Maura por um braço e que depois a atirou ao chão.
Tinha a arma apontada diretamente para Ray.
— ... E não tem muito tempo.

CAPÍTULO 41

— Raymond, não tiveste cuidado há sete anos — disse Garvey. — E não tiveste cuidado esta noite.

Sem afastar o revólver da têmpora de Harry, afastou-se da porta principal até ficar de costas para o rio.

— Aqui o meu homem, o Big Jerry, telefonou para a portaria para combinar uma partida de golfe com o colega. E sabes o que aconteceu? Ninguém lhe respondeu. Agora tira isso da mão do Perchek.

Santana não se mexeu.

— Filho da mãe — exclamou. — Quantos dos nossos colegas é que mataste? Como é que te pagaram? Por cada escalpe?

Ray olhou para a porta. Foi um movimento imperceptível, mas Harry captou-o. E Garvey também.

— Não brinques comigo — disse ele. — Não há ninguém lá fora e tu sabes. Encara a realidade, Raymond. Tentaste e perdeste. Agora tira isso da mão do Anton.

Santana voltou a olhar para a porta, só com um movimento dos olhos.

Depois, soltou o parafuso. Perchek flectiu os dedos e o dispositivo caiu no chão de madeira de carvalho.

— Muitos dos tipos que tu vendeste tinham família — retorquiu Ray. — Filhos obrigados a crescer sem pai. Trabalhávamos por uma merda de um salário e corríamos demasiados riscos porque acreditávamos no que fazíamos. Todos nós confiávamos em ti. E nos entregaste um por um. Eu posso entender.

Santana apontou para o doutor.

— Ele trabalha para os maiores, quaisquer que eles sejam. É uma máquina. Mas tu... Tu és muito pior. Tu és escumalha. És um traidor sem alma, sem entranhas.

— O adesivo — ordenou Garvey. — Tira da boca.

Santana obedeceu, mas não foi nada meigo.

— Devias ter ficado no Kentucky, ou seja lá donde és, Raymond. Todos estariam melhor. Agora temos de fazer uma espécie de peritagem de danos para manter o meu projeto preferido a andar.

— Foi por isso que tiraste o Perchek da prisão? Para trabalhar para a Roundtable?

— Digamos que, assim que eu comecei a dominar a técnica dos seguros de saúde, contemplei as hipóteses. Mas agora preciso de saber qual dos meus cavaleiros é que precisa de uma lição de lealdade. Felizmente para nós, creio que o nosso amigo doutor Corbett pode prestar-nos essa informação. E, por coincidência, temos aqui o homem que o pode ajudar. Vais ajudá-lo, não vais, Anton?

Perchek sorriu.

— Será um prazer.

— Então, vai para ali, Raymond. O Big Jerry vai soltar o doutor Harry, não se importa de rastejar e ir ocupar o lugar do doutor Perchek naquela cadeira?

Garvey encostou o cano da arma à nuca de Harry e obrigou-o a pôr-se de gatas. Lentamente, Harry passou por Maura, que continuava no chão. Tinha os olhos fixos em Santana, que continuava agachado ao lado de Perchek.

Pela terceira vez, Santana deitou um olhar momentâneo e quase inadvertido à porta. Harry começava a acreditar que estava alguém lá fora. Era óbvio que Sean Garvey sentiu o mesmo.

— Jerry, tenho certeza que o nosso amigo Raymond está a fingir, mas vai dar uma olhadela lá fora, está bem? Depois solta o doutor.

Harry sentiu o movimento atrás de si, quando Jerry se dirigiu para a porta principal.

Então, de súbito, rosnando de raiva e de ódio, Santana ergueu-se e atirou-se ao seu chefe de outros tempos. Garvey disparou na horizontal, e voltou a disparar. Jerry virou-se rapidamente e disparou duas vezes sobre Santana, que estava de costas. Mas o grito sobrenatural de Santana aumentou de intensidade. Atingiu Garvey no peito e obrigou-o a recuar, passando pela porta estilhaçada e

saindo para o terraço. Jerry correu para eles, mas Harry percebeu que era demasiado tarde.

Santana, agora silencioso, teve um aperto mortal como castigo.

As suas pernas agitavam-se como as de um jogador de futebol, apesar de a vida já ter abandonado o seu corpo. Garvey embateu no cimo do parapeito à altura da cintura, no momento em que Ray o empurrou, e os dois homens saltaram como se fossem brinquedos. O grito de Garvey encheu a noite. Depois, deixou de se ouvir, com a rapidez de uma guilhotina.

Jerry olhava para o sítio em que os dois homens tinham desaparecido quando Perchek o chamou. Virou-se no momento em que Harry se levantou e se dirigiu para a mesa onde Santana deixara a sua arma.

Harry agarrou na coronha da pistola quando o assassino disparou. O canto da mesa estilhaçou-se. Harry rolou no chão e voltou a rolar quando um tiro atingiu o soalho atrás dele. Doía-lhe o peito, mas conseguiu reagir sem dificuldade. Depois, de súbito, viu-se de barriga para baixo, apontando o cano da sua arma ao peito de um homem que se preparava para o matar. Era o seu sonho recorrente de Nha-trang. Mas, dessa vez, não havia nenhum jovem rosto asiático, nem uma voz a ecoar-lhe aos ouvidos. Apenas um silvo e uma pequena faísca. O pescoço do matulão abriu-se, mesmo por cima da camisola.

O homem foi projetado para trás, atravessou o vidro da janela e foi parar ao terraço.

Harry conseguiu levantar-se, preparado para voltar a disparar. Mas não foi preciso. O homem jazia imóvel e o sangue esguichava-lhe da carótida. Pouco depois, o esguicho deu lugar a um gotejamento.

Maura correu para Harry, que pousou a mochila e tirou a lanterna.

Juntos, espreitaram junto do parapeito do terraço. Os corpos desfeitos, de Santana e de Garvey jaziam nos rochedos, lá em baixo, a trinta metros.

— Oh, Ray — proferiu Harry em voz baixa. Maura virou-se rapidamente.

— Pelo menos, o sofrimento do Ray terminou — disse ela, passando por cima do cadáver enorme, estendido sobre um monte de vidros partidos. — Ele disse, no hospital, que não aguentava isto muito mais tempo. Quando recebeu o telefonema acerca das impressões digitais do Perchek, pensava cada vez mais no suicídio.

Sem Maura ver, Harry agarrou-se ao parapeito até a dor incômoda por baixo do esterno começar a ceder. Raios. Agora, não.

— O Perchek injetou-lhe aquele hiconidol — disse Harry, por fim. — O Ray odiava-o. Mas era o Garvey que ele pretendia.

Foi o Garvey que o entregou e aos outros agentes infiltrados. Ouve, temos de sair daqui antes que os outros tipos da casa principal apareçam. Podemos chamar a Polícia da minha autocaravana.

Harry afastou-se do parapeito e foi para dentro com Maura.

— Vamos, Perchek. Se se meter comigo, juro que o mato.

— Vejo que você é muito bom nisso — respondeu o doutor. Harry substituiu a mordaza de adesivo, cortou a corda que o atava à cadeira e obrigou-o a deitar-se no chão, de barriga para baixo. Mais uma vez, reparou que Perchek era muito bem constituído, em especial de ombros e de braços. E mesmo com o revólver encostado à espinha do homem, continuava a sentir-se em risco.

— Aperta bem — disse ele, enquanto Maura atava as mãos de Perchek atrás do corpo. — Certifica-te de que as mãos dele estão frouxas. Não quero folgas. Depois pega naquela arma que está no chão. Verifica o canhão de segurança e...

— Eu sei, eu sei.

Harry ajudou Perchek a levantar-se e empurrou-o para a porta. Do outro lado da sala, o guarda, amarrado e amordaçado, viu-os sair.

— Por aqui, ao longo da vedação — ordenou Harry, em voz baixa. — Maura, olho nos outros dois caras.

Deslocavam-se cautelosamente pelo meio dos arbustos ensopados.

Dez metros. Vinte. Avistaram o muro de pedra.

— Ali! — segredou Maura, nervosa.

Apontou para um vulto que se dirigia furtivamente para eles, de arma em punho. Harry tirou o adesivo da boca de Perchek.

— Diga-lhe que fique onde está — ordenou ele. Perchek não disse nada.

Harry encostou-lhe o cano da arma à nuca.

— Raios, faça o que lhe digo ou juro que o mato aqui mesmo!

— Sou eu, o Perchek. Não te aproximes. O doutorzinho tem uma arma apontada às minhas costas.

— Onde está o Doug? — perguntou o guarda.

— Está morto. Fica onde estás.

— Não, para trás! — gritou Harry. — Para trás! Mas fique na grama, onde eu possa vê-lo. Maura, vamos na direção do portão. Há mais um, . Portanto, mantém-te alerta.

Atravessaram o relvado. Harry agarrava na corda que prendia os pulsos de Perchek com uma mão e no revólver dele com a outra.

Maura mantinha a arma em riste.

— O melhor é matar-me — disse Perchek.

— Cale-se.

— O Santana não aproveitou a oportunidade quando a teve, e veja como ele acabou.

Tinham chegado ao portão. Harry verificou o interior da casa do guarda. Não estava lá ninguém.

— Não te afastes — avisou em voz baixa. — Aquele tipo ainda lá está?

— Ainda — respondeu Maura.

— Está bem.

Susteve a respiração, puxou Perchek mais para junto de si e obrigou-o a sair pelo pequeno portão de ferro forjado, ao lado do portão principal. A Winnebago estava no sítio em que a tinham deixado, a cinquenta metros, na estrada.

— Maura, aquela autocaravana é nossa. A chave está debaixo do pneu traseiro do lado direito. Vais tu a guiar enquanto eu tomo conta dele.

Parece difícil, mas não tem segredo nenhum. Ligas o motor e segues.

Até lá, vem atrás de nós. Dispara para qualquer coisa que mexa.

— É a última oportunidade — disse Perchek.

Harry não se incomodou a responder. Estava atento à grande autocaravana, que se encontrava então a menos de dez metros.

— Está tudo bem aí?

— Não há problema — respondeu Maura.

— Estamos quase a chegar.

Chegaram à esquina do muro e estavam a menos de três metros da autocaravana, que parecia intata.

— Vai buscar a chave. Eu cubro-te.

Harry encostou-se à parte lateral da Winnebago. Maura passou por ele, correu para o pneu traseiro e meteu a mão lá debaixo. Mais uma vez, Harry ficou sem fôlego.

“Deus queira que estejas aí”, rezou ele.

— Encontrei-a — afirmou ela.

Maura correu para a porta do lado do passageiro, abriu-a e trepou para o lugar do condutor. Harry obrigou o doutor a subir.

— Vamos, Perchek. Suba e sente-se ali naquele banco. Nesse momento, ouviu-se um tiro vindo de cima do muro junto do portão e uma bala atingiu o metal junto da cara de Harry. Antes que ele pudesse reagir, uma segunda bala atingiu-lhe o braço. Harry deu um grito e embateu na parte lateral da autocaravana, agarrado à ferida. A arma caiu-lhe da mão. Perchek, com as mãos bem atadas atrás das costas, não perdeu tempo e desatou a correr para o portão. Outra bala atingiu a Winnebago, de lado. Maura atirou-se para o chão, mas já Perchek se escapava pelo pequeno portão.

Disparou três vezes na direção do muro, mas o vulto desaparecera.

— Eu estou bem — disse Harry. — Vem para aqui e liga isto. Eu consigo desenvencilhar-me.

Harry seguiu-a na direção da Winnebago e fechou a porta. Pouco depois, Maura arrancou. Harry rasgou a manga da camisola. A bala atingira-lhe a parte carnuda do deltoide e saíra apenas dois centímetros ao lado do sítio por onde entrara. As feridas sangravam abundantemente, mas era sangue venoso, não arterial. Harry conseguia mexer os dedos e o cotovelo, embora tivesse muitas dores, as suficientes para desconfiar que o úmero também poderia

ter sido atingido. Enrolou a manga à volta das feridas e serviu-se dos dentes e da mão livre para a atar com toda a força. Quando Maura acelerou ao passar pelo portão de ferro maciço, os faróis do automóvel que se encontrava ali estacionado acenderam-se. Harry amaldiçoou-se por não se ter lembrado de alvejar um pneu ao passar por ele.

— Eles vêm atrás de nós — confirmou.

— Para onde vou?

— Afasta-te do rio, segue pela direita. Mantém-te nesta estrada e vê se consegues encontrar um sítio onde possas voltar à esquerda.

— Harry, esta coisa é enorme.

— Vai o mais depressa que puderes e depois acelera um pouco.

Harry pegou no telefone e ligou para o 911.

— Fala o doutor Harry Corbett! Sou procurado pela Polícia. Neste momento, seguimos pela zona das paliçadas, numa Winnebago, e somos perseguidos por homens que querem matar-nos. Estamos...

A janela do lado de Maura rebentou para o interior do veículo, cobrindo-a de vidros. Instintivamente, Maura baixou-se, depois levantou a cabeça e acelerou até aos sessenta quilômetros por hora.

— Estás bem?

— Tenho golpes na cara e no braço, mas estou bem.

Os pneus e os travões chiaram quando ela virou o volante para a esquerda. Derraparam no pavimento molhado e depois sentiram o ruído do choque de metal contra metal. com o impacto, os armários abriram-se. O fax soltou-se do suporte e embateu na parede. As painéis, os tachos e as latas de comida caíram na alcatifa e soltaram a mesa de teca.

— Consegues pôr o cinto de segurança?

— Não posso largar o volante!

Harry largou o telefone, pegou na arma de Maura e correu para a janela traseira ao lado do condutor.

— Não os vejo! — gritou ele. — Talvez os tenhas empurrado para...

O vidro da janela atrás dele estilhaçou-se. Harry virou-se e disparou três vezes, enquanto Maura virava bruscamente para a direita. Harry perdeu o equilíbrio e gritou quando o seu braço ferido

embateu num tampo. Dessa vez, o choque com o automóvel foi mais ruidoso e intenso. O automóvel seguia muito mais depressa, mas não conseguia ultrapassar a Luxor.

— Harry?

— Estou bem. Eles são três, acho eu! Perchek está no banco traseiro! Tenho certeza !

Era obrigado a gritar para se sobrepor ao ruído do vento e dos motores. Naquele momento, desciam uma colina bastante íngreme.

— Harry, quase não consigo manter-me na estrada!

— Podes virar à esquerda, numa rua lateral?

— Vou a oitenta! Teria de abrandar para vinte! Espero que esta estrada não tenha muitas curvas, caso contrário, capotamos!

— Continua! Estás a fazer um bom trabalho!

O automóvel voltou a embater neles. Dessa vez, a janela do meio estilhaçou-se. Harry segurou-se e puxou o gatilho do revólver, mas obteve apenas um clique impotente. Os perseguidores avançaram.

— Cuidado, Maura! — gritou ele.

Uma bala entrou pela janela do lado de Maura e rachou metade do para-brisas. Maura guinou para a esquerda. Só a pressão exercida pelo automóvel é que os impediu de se despistarem. Harry conseguiu subir para o banco ao lado do condutor, procurou o cinto de segurança com o braço ferido e depois desistiu.

Se Maura não o pusera, ele também não o poria.

— Harry, eles estão na nossa frente, estão a tentar bloquear-nos a passagem! — gritou ela. — Mal consigo ver através do para-brisas!

Harry, cuidado! A estrada desapareceu! Eles estão à nossa frente!

O automóvel chocara com a grelha da Winnebago, por baixo do para-brisa. A autocaravana estava a ser empurrada para o lado, galgando uma faixa de árvores novas e de arbustos baixos a oitenta quilômetros por hora. As árvores estalavam como foguetes enquanto a Winnebago avançava, com um chiar de travões. Os ramos das árvores maiores fustigavam as janelas sem vidros. Maura tinha cada vez mais dificuldades em segurar o volante. Depois, de súbito, a jovem e densa floresta desapareceu. Uma faixa de dez metros de

mato desembocou na escuridão. À frente deles, viam-se as luzes de Manhattan. Lá muito em baixo estava o Hudson.

— Harry! Harry! — gritou Maura, agarrando-se. — Vamos cair!

O automóvel e a autocaravana caíram no precipício juntos.

Estarrecido e horrorizado, Harry agarrou-se à extremidade do banco, esticando as pernas e espreitando pelo para-brisa rachado, quando o automóvel se afastou deles e caiu à água em primeiro lugar. A Winnebago afocinou ligeiramente ao passar pelo sítio onde o carro se despenhara. O para-choque dianteiro foi o primeiro a atingir a água cor de ébano com uma força estonteante. No mesmo instante, o para-brisa foi projetado para o interior e os dois airbags encheram-se de ar. A água fria inundou a cabina.

Harry inclinou-se para a frente e colidiu com o guarda-lamas, no mesmo instante em que o airbag o projetou para trás. A dor no peito, que nunca desaparecera totalmente, explodiu dentro dele mais uma vez.

— Maura! — gritou.

O rio avançou a toda a força, inundando a Winnebago em poucos segundos. Sempre inclinada para a frente, a grande autocaravana deslizou e desapareceu à superfície. Harry tentando lutar contra a força da água, o airbag e a dor no braço e no peito, inalou profundamente e agarrou-se ao banco, na esperança de agarrar o corpo de Maura a qualquer momento. As águas escuras do rio empurraram-no para trás. Harry descalçou os tênis e fez um esforço para se acalmar e orientar. A escuridão era total. Onde estavam as janelas! Por baixo dele? Por cima? Continuavam a afundar-se? Começou a faltar-lhe o ar. Esperneou e tentou encontrar uma saída. Nada. A água entrava-lhe pelo nariz e pela boca. Daí a pouco, teria de respirar. Ficou em pânico ao ver-se encurralado na água, uma sensação até então desconhecida.

Os seus movimentos tornaram-se mais fracos, mais inúteis. A dor no peito aumentou. A água chegou-lhe à garganta.

“Respira”, gritou a sua mente. “Tens de respirar.”

A escuridão envolveu-o.

Relutante, Harry entregou-se a ela. Sentiu os braços pesados. A dor terrível por baixo do esterno começou a dissipar-se. Depois, no

momento em que perdeu a consciência, sentiu uma mão a agarrar-lhe a parte de trás da camisa.

CAPÍTULO 42

Quando Harry voltou a si, a primeira coisa que sentiu foi o cheiro: a amálgama inconfundível de solutos de limpeza, de antissépticos, de detergente e de doenças humanas. Era um odor que lhe era tão familiar como o seu próprio quarto. Estava num hospital, deitado numa cama, num ângulo de quarenta e cinco graus.

A pouco e pouco, o pesadelo começou a regressar. Estava morto.

Tinha de estar. A sensação terrível da água lodosa do rio a encher-lhe a boca e os pulmões... Era impossível que não tivesse sido fatal. Isto é o céu? Não, é Iowa... Estava morto, o que não era assim tão mau. Se abrisse os olhos naquele momento, veria nuvens a acumularem-se aos seus pés. James Mason encaminharia os novos recrutas para a escadaria celestial que os conduziria ao piso seguinte.

— Doutor Corbett? doutor Corbett, abra os olhos.

Uma voz de mulher. Harry não reagiu imediatamente, embora sentisse que podia fazê-lo. Tentou mexer os braços e as pernas. Primeiro as pernas, depois o braço esquerdo e por fim o direito. Não conseguiu mexê-lo. O braço foi-se. A bala destruía uma artéria e o braço fora amputado. Harry entreabriu os olhos e espreitou para o peito. O braço e a mão estavam lá, apoiados numa alça, e funcionavam como seria de esperar deles.

— Maura...

Pronunciou o nome em voz baixa e depois repetiu-o, mais alto.

— Quem é a Maura? — perguntou” a mulher.

Harry abriu bem os olhos e virou-se para o sítio de onde vinha a VOZ.

Uma mulher jovem, de cabelo curto, louro, e rosto sedutor e inteligente, olhava para ele. Vestia um jaleco branco com uma

etiqueta azul onde se lia: “doutora Carole Zane.
Cardiologia.”

— A Maura Hugues é a mulher que me acompanhava respondeu Harry, cujos sentidos se definiam rapidamente.

— Houve uma mulher que sobreviveu ao acidente, mas não sei como se chama. Pelo que ouvi dizer, o senhor ficou pior do que ela. Acho que a levaram para um hospital de Newark.

“Graças a Deus que ela está viva”, pensou ele.

— Sabe mais alguma coisa do acidente? — perguntou ele.

— Nada, a não ser que o senhor ia numa caravana e caiu ao Hudson de uma altura de dez metros.

— Onde estou agora? — perguntou Harry.

— Está na Unidade de Cuidados Intensivos de Cardiologia do Hospital Universitário, em Manhattan. Sou a doutora Zane, cardiologista. O senhor foi transportado para aqui de helicóptero, ontem à noite. Ao que parece, era o hospital mais próximo do local do acidente que tinha uma cama vaga no serviço de cardiologia.

— Que dia é hoje?

— Sábado.

— É dia 1º?

— 1º de Setembro, sim.

Dia 1º de setembro. O fim para o avô. O princípio do fim para o pai. Agora é a vez de Harry...

— Tive um acidente nas coronárias?

— Talvez. Não temos certeza. Parece que é médico, não é?

— Sim, clínico geral.

— Muito bem. Foi atingido no braço. A bala raspou o úmero, mas o osso está intacto. Quiseram examinar a ferida ontem à noite, mas não foi possível porque seu eletrocardiograma não está normal. Apresenta alterações de segmento que apontam para um ferimento agudo na parede posterior. As suas enzimas cardíacas também estão ligeiramente altas. Portanto, houve algum músculo cardíaco que sofreu uma lesão menor.

— Então tive um acidente coronário?

— Não há certeza. Os padrões do eletrocardiograma continuam a mudar. O que quer que seja continua a evoluir. Isso significa que

podemos tratar.

- Com um balão?
- Ou com bypass.
- Diabos.

Harry resumiu rapidamente a sua história de família e os sintomas intermitentes durante vários meses. A médica tomou apontamentos, parando de vez em quando para esclarecer qualquer ponto. Era óbvio que se tratava de uma mulher brilhante, mas também era meiga e atenta e tinha o cuidado de não lhe mostrar que estava com pressa.

— Tem dor neste momento? — perguntou ela.

— Não. Nunca tenho dor quando estou em repouso. Tenho sobretudo quando corro muito ou pulo.

— Bem, optamos por não lhe dar anticoagulantes por causa do ferimento da bala, e admitindo que possa haver dano interno de que ainda não temos conhecimento. Está recebendo nitroglicerina.

A médica apontou para os sacos de plástico cujos tubos estavam ligados à mão esquerda de Harry. A nitroglicerina era-lhe aplicada através de uma agulha comprida e fina inserida no tubo primário, que continha água açucarada, para lhe manter a veia aberta.

— Não há problema — disse Harry, interrogando-se sobre a melhor maneira de saber onde e como estava Maura.

— Gostaríamos de lhe fazer um cateterismo cardíaco o mais depressa possível — disse Zane.

— Faça o que tem a fazer.

A médica estendeu-lhe um bloco: a autorização para a operação.

— Há vários problemas que podem surgir com esse processo descrito na segunda página. Tenho de pô-lo ao corrente de todos eles.

— Não se incomode — disse Harry, assinando. — Já morri uma vez, e não me senti assim tão mal. Acha que posso fazer um ou dois telefonemas?

— Primeiro, deixe-me auscultar-lhe o coração e os pulmões. Depois, tem aqui uma pessoa para o ver.

Curioso, Harry deixou-se examinar. Depois, Carole Zane prometeu ir ter com ele à sala onde seria feito o cateterismo, o mais

depressa possível, e dirigiu-se para a porta. Harry seguiu-a com o olhar. Só então reparou no polícia que estava sentado em frente do seu cubículo envidraçado, a olhar para ele.

— Doutora Zane?

A médica virou-se para trás.

— Sim.

— O que está o polícia ali a fazer? Ela esboçou um sorriso paciente.

— Bem, por aquilo que me disseram, o senhor está sob prisão. Encontramo-nos lá em baixo.

Harry levantou mais um pouco a cabeceira da cama e procurou um telefone. Se ele estava sob prisão, então Phil também se encontrava em apuros. A Polícia decerto associara já a Winnebago ao irmão.

— Só um telefonema, Corbett. Como se você estivesse na cadeia.

Albert Dickinson entrou no quarto e parou aos pés da cama. Vestia o fato do costume e, pelo cheiro, parecia ter acabado de fumar um maço de cigarros. Harry sentiu um misto de raiva e de repugnância ao vê-lo.

— Apanharam alguém a sair da casa do Doug Atwater? perguntou.

— A Polícia está a tratar disso.

— Talvez estejam à espera que alguém lance fogo ao local. Sabe alguma coisa da Maura?

— Ainda não está com delirium tremens, se é a isso que você se refere.

— Seu patife. Você não tem coração?

— Não, quando se trata de assassinos ou de bêbedos. Não, não tenho.

— Você vai ficar sem fala quando a verdade vier ao de cima. O que há com a Maura?

— Está no Hospital Newark City. Está ferida, mas não com gravidade.

Pelo que sei, foi ela que o salvou. Parece que veio à superfície, não o encontrou e mergulhou de novo. Os médicos dizem que você

estava a morrer quando ela o levou para a margem. Parece que você sofreu um acidente das coronárias.

— É o que eles dizem. E o automóvel que caiu conosco?

— Estão a içá-lo neste preciso momento.

— Há sobreviventes? Dickinson abanou a cabeça.

— Nenhum.

— Quantos é que estavam lá dentro?

— Não sei. Só hoje é que o saberei e serei informado das suas identidades. Vou esperar que tratem de si para lhe exigir um depoimento. Portanto, terá algum tempo para arranjar uma história de primeira. O seu dossier já tem dez centímetros de espessura e está cheio de histórias da carochinha. Devo dizer-lhe que sabemos donde veio aquela autocaravana monstruosa. A Polícia de Jersey fará uma visita ao seu irmão assim que o nosso departamento lhes disser que pretendemos acusá-lo de ter ajudado e encorajado um criminoso. É o que vamos fazer.

Harry ajustou os tubos de oxigênio no nariz e perguntou a si próprio se o detetive não estaria a tentar provocá-lo de propósito para desencadear um acidente coronário.

Uma enfermeira com uma seringa entrou no quarto.

— O que é isso? — perguntou Harry.

— É Demerol, para o manter descontraído durante o cateterismo. O pessoal do laboratório virá buscá-lo daqui a pouco.

— Nada de drogas, por favor — disse Harry. — Eu estarei calmo. Prometo.

— Está bem — respondeu a enfermeira. — Mas terei de avisar a doutora Zane.

— Este homem está sob prisão, miss — disse Dickinson. Se for para qualquer lado, terá de ser acompanhado por um agente.

A avaliar pela sua expressão, a enfermeira não dava tanta importância a Dickinson como ele gostaria. Harry pediu um telefone.

— Só um telefonema — lembrou-lhe Dickinson.

Harry engoliu uma dúzia de comentários acerca do polícia e da sua estirpe. Em seguida, telefonou ao irmão. Phil acabara de ter conhecimento do acidente e preparava-se para ir ao hospital. Tal como Harry previra, subvalorizou a perda da elegante autocaravana.

— Olha, seria o presente dos teus cinquenta anos, Harry. Só faltava embrulhá-la.

Mas estava preocupado com a situação cardíaca de Harry.

— Parece que tanto te preocupaste com essa maldição que ela se tornou realidade — disse ele.

— Talvez.

Phil prometeu saber o que pudesse de Maura e ir visitá-lo daí a duas horas. Pouco depois, entrou uma maca no quarto, empurrada por um homem de óculos com aros de osso e bigode grisalho. Vestia um jaleco cirúrgico. Transferiu os sacos de Harry para um suporte ligado à maca e depois agarrou-lhe no lençol por baixo da cabeça. Do outro lado, duas enfermeiras agarraram no mesmo lençol ao nível das ancas.

— Não fique aí a olhar — disse uma delas a Dickinson. Pegue neste lençol por baixo dos pés e ajude-nos a içá-lo.

Dickinson acedeu, mas mostrou-se contrafeito.

— Muito bem — disse a outra enfermeira. — Um, dois, três.

Os quatro içaram Harry para a maca, como se ele não pesasse nada.

A aterragem causou-lhe uma pontada no braço e uma dor, real ou imaginária, no peito.

— Quanto tempo é que isso leva? — perguntou Dickinson. A enfermeira encolheu os ombros.

— Uma ou duas horas — respondeu ela, colocando um monitor/desfibrilhador cardíaco portátil entre os pés de Harry.

— Depende do que encontrarem e do que fizerem. Ele pode ir parar à sala de operações para um bypass.

As enfermeiras ligaram um pequeno reservatório de oxigênio aos tubos de Harry e taparam-no com um lençol. Dickinson saiu do quarto atrás da maca e de uma enfermeira.

— Faça um intervalo — aconselhou ao polícia fardado. Eu vou lá para baixo com ele. Telefone-lhe daqui a meia hora a dizer-lhe o que se passa.

Com a enfermeira de um lado e Dickinson do outro, Harry foi levado para o elevador. O monitor que tinha aos pés registava o seu ritmo cardíaco. Perante a eventualidade de ser operado ao coração,

sentia-se distante, esquisito e muito mortal. Mas, na realidade, quase sempre se sentira assim desde a noite em que voltara ao Alexander 9 com um batido de leite para Evie. A maca entrou no elevador, empurrada pelo homem do laboratório. Dickinson e a enfermeira encolheram-se para caber lá dentro. Aos pés de Harry, em frente das portas por onde tinham entrado, havia outras. Harry sentiu as portas fecharem-se atrás de si. Ouviu alguém a meter uma chave no painel de comandos para não haver paragens no caminho.

— Olhe lá, o que está a fazer? — perguntou a enfermeira.

— O laboratório fica no oitavo andar, e não no porão. Nesse momento, a sua expressão foi de horror. Dickinson, espantado, olhou para o homem e procurou a arma no interior do casaco, e Harry ouviu o silvo de um revólver com silenciador mesmo ao pé da orelha. A enfermeira deu uma volta de 180 graus, chocou com a porta metálica e caiu no chão. Dickinson visivelmente derrotado, baixou a mão num gesto de rendição. O revólver com silenciador emitiu outro silvo e abriu imediatamente um buraco na camisa branca do detetive, do lado esquerdo do peito. À volta do buraco surgiu uma auréola escarlate. O homem olhou para Harry, com um misto de admiração e de pavor. Depois, os olhos rolaram-lhe nas órbitas e, sem uma palavra, o detetive caiu no chão.

Harry ficou demasiado chocado e horrorizado para falar. No ecrã do monitor, o seu ritmo cardíaco subiu aos cento e setenta. Esperava a qualquer momento que o coração parasse.

— Eu disse que devia ter me matado quando teve chance — disse Anton Perchek, com indiferença. — Agora, prepare-se para a sua grande fuga.

O elevador parou no porão, mas Perchek impediu que as portas se abrissem.

— Você não vai conseguir — objetou Harry.

— Consegui até agora, não é verdade? — gabou-se Perchek. — Passei pelo meu apartamento de Manhattan para ir buscar umas coisas e cheguei para iniciar uma longa preparação algumas horas depois de você. Não podiam ter escolhido um hospital melhor para os meus desígnios. Tenho umas etiquetas de identificação

excelentes. E como já tratei vários casos da Roundtable, conheço muito bem este local.

— Você está louco.

— Vamos, doutor. Temos de ir andando. Tenho um cesto de roupa à minha espera do lado de fora da porta. É sábado, portanto a lavanderia está quase deserta. Um pouco de Pentotal na veia e conseguiremos passar pelas centrifugadoras e sair daqui.

— Por que não me mata? — perguntou Harry.

O doutor virou a maca para Harry ver o ódio no seu olhar... e a satisfação.

— Oh, Harry, a ideia não é matá-lo — disse ele. — A ideia é obrigá-lo a suplicar-me que o mate.

Harry procurou uma coisa, qualquer coisa, que pudesse servir-lhe de arma. Não haveria nenhum rapto nem nenhuma sessão de tortura. O caso acabaria ali mesmo, naquele momento. Reparou que o botão de abertura das portas ficava junto do seu pé direito. Do outro lado, lá em baixo, devia haver uma arrecadação ou uma central eléctrica. Se ele conseguisse lá chegar, teria uma hipótese. Pelo menos, Perchek seria obrigado a decidir se iria atrás dele ou fugiria.

A alça tinha folga suficiente para lhe permitir uma certa amplitude de movimentos. Protegido pelo lençol, passou a mão por cima do corpo.

A dor no ombro intensificou-se, mas ele ignorou-a. Por fim, os seus dedos fecharam-se sobre a única arma de que ele se lembrava: a agulha de quatro centímetros que estava enfiada no tubo. com cuidado, retirou-a e passou-a para a mão esquerda.

Perchek ajudou a abrir a porta atrás de Harry.

— Lá está o nosso cesto, precisamente onde eu o deixei disse ele, baixando o revólver, enquanto puxava a maca para fora. — Agora a dose exata de Pentotal e...

Nesse momento, a enfermeira caída no chão soltou um gemido.

Perchek voltou-se.

“Agora!”, pensou Harry.

Pegou na agulha com força e enterrou-a completamente na zona mole atrás da orelha direita do doutor. Perchek soltou um grito de

dor e de espanto e caiu para trás, agarrado à orelha. Harry levantou-se da maca e, com toda a força que tinha, deu um murro na face esquerda de Perchek, que se estatelou no chão, junto do cesto. Depois, virou-se e carregou no botão do painel mesmo por cima do sítio onde Albert Dickinson jazia. Ouvia Perchek a levantar-se, no momento em que as portas do outro lado se abriram. Baixando a cabeça, Harry atravessou a correr uma pequena sala de espera, passou por umas portas de batente e correu para os infernos.

Encontrava-se numa longa passagem de cimento, na central cavernosa do hospital. A temperatura era superior a quarenta graus e o nível de ruído era ensurdecedor: o zumbido das máquinas sobrepunha-se ao agitar constante da água em circulação. Harry arrancou a alça e atirou-a para o lado, enquanto fugia desajeitadamente do elevador, esperando a qualquer momento ser alvejado pelas costas. À sua direita havia um corrimão de segurança, e quatro metros e meio mais abaixo ficava a grande turbina, um monólito cinzento que emergia de uma placa de betão. O ronco forte e compassado que ela emitia atingiu Harry no peito como um punho cerrado.

A sua esquerda, com dez metros de altura e por baixo de um teto constituído por painéis de vidro escuro, estavam as caldeiras, gigantes agoirentos que irradiavam calor e energia. Trinta metros mais à frente, ficava a cabina de controle envidraçada. Lá dentro, de costas viradas para Harry, um homem corpulento de fato-macaco castanho e capacete amarelo via televisão.

— Socorro! — gritou Harry. — Socorro!

O seu grito foi engolido pelo barulho. Harry tropeçou, com o suor a escorrer-lhe pela face e a fazer-lhe arder os olhos. As pulsações constantes da turbina provocavam-lhe uma náusea enorme. Harry olhou para trás no preciso instante em que uma bala fez ricochete na coluna de aço, junto da sua orelha. Perchek passara pela maca, a rastejar, e estava agora na porta do corredor, tentando acertar-lhe mais uma vez. Harry atirou-se para o chão, de barriga para baixo, ignorando as dores no ombro e no peito. A bala falhou por centímetros, polvilhando-lhe a cara de pó de cimento. Oito metros à sua frente, ficavam as escadas para a sala de controle, que era

insonorizada, conforme ele acabara de concluir. Oito metros. Harry conseguia até distinguir o saco do McDonald's em cima da bancada, junto do televisor. Mas a menos que o engenheiro de capacete se virasse e o visse, a cabina bem podia estar na Lua. Não conseguiria chegar lá antes de Perchek o apanhar.

Então, à sua direita, a cerca de três metros, reparou nas escadas que desciam para o piso das turbinas. Conseguiu arrastar-se de joelhos e com a ajuda da mão esquerda. O seu braço direito não aguentava o mínimo peso. O calor era intenso e entorpecedor. A dor no peito era constante. Harry quase caiu nos degraus de aço, atravessou a custo a zona de cimento e procurou proteção atrás da turbina. Piso zero. A vibração monótona atravessava-lhe o corpo como uma serra.

Quatro metros e meio acima dele, no corredor que vinha do elevador, Perchek inclinava-se no corrimão metálico, à sua procura. Ficar ali para o matar era uma opção insensata, mas era óbvio que o orgulho e o ódio do doutor tinham triunfado sobre a lógica.

Agachado atrás da turbina, Harry contornou-a, tentando esconder-se de Perchek. Atrás de si, havia outro corrimão de segurança e, depois dele, outras escadas para um nível inferior. A central, sem janelas e com três pisos, era grande como uma catedral. Harry ouvia a água a correr lá em baixo, talvez a ser bombeada do rio para arrefecer o vapor das caldeiras, depois de ter passado pela turbina. Harry perguntou a si próprio se a conduta que devolvia a água ao rio seria suficientemente grande para escoar um homem.

Perchek já se aproximara das escadas que davam acesso ao corredor. As escadas para o nível inferior eram uma continuação das outras. Harry não tinha por onde sair. Continuou a avançar para a esquerda, tentando manter a terrível turbina entre ele e o doutor. Mas, nesse momento, Perchek viu-o. Harry caiu para trás quando o revólver voltou a cuspir fogo. A secção de um tubo mesmo por cima da sua cabeça abriu-se. com um rugido que lembrava um comboio de mercadorias, o vapor sujeito a uma enorme pressão libertou-se, inundando instantaneamente toda a zona e atingindo nove metros

de altura. A temperatura subiu rapidamente. Era doloroso respirar o ar quente e úmido. Um inferno.

Harry sabia que lhe estava vedado o acesso às duas escadas. Mas, naquele momento, a nuvem rodopiante de vapor envolvera por completo a turbina. Harry penetrou na névoa cerrada que lhe dava pela cintura e esgueirou-se por baixo do corrimão de segurança. O desnível de três metros e meio para o piso inferior parecia-lhe muito maior. Mas não havia alternativa. A custo, agarrado ao corrimão com a mão em bom estado, Harry baixou-se junto da beira. Ficou ali pendurado por instantes e depois saltou para o pavimento de betão, rebolando desajeitadamente ao cair. Sentiu uma dor, dos pés até ao peito, que lhe tirou o fôlego. Os instantes seguintes foram assustadores, até ele perceber que ainda conseguia mexer-se.

Naquele momento, encontrava-se na zona mais baixa do hospital. Por baixo do pavimento de betão ficavam os túneis de água, o espaço para rastejar e o solo. O pedestal maciço que sustentava a turbina nascia do chão e atravessava o pavimento do piso que Harry abandonara. À sua frente, ao nível do betão, havia uma grade de aço.

Harry aproximou-se dela e examinou-a. Tinha um metro e vinte por um metro e dava acesso a um túnel de betão com cerca de dois metros e meio de largura. Na base do túnel, um metro e meio abaixo do sítio onde Harry estava ajoelhado, havia um canal, cuja água, proveniente do arrefecimento da central, corria rapidamente para o rio. A seu lado, um poste de controle com quatro botões permitia que o fluxo de água fosse interrompido para servir o sistema em ambas as direções. Abrir para Dentro, Abrir para Fora, Abrir Fluxo e Fechar Fluxo. A perspectiva de tentar fugir através do túnel para o rio não era atraente, mas estava a transformar-se rapidamente na sua única opção. Porém, a dor no peito parecia uma broca e estava a piorar, e Harry não seria capaz.

No piso da turbina por cima dele, o vapor continuava a sair. Perchek estava lá em cima, sem dúvida a guardar a escada, que era a única saída de Harry. Mas o doutor tinha agora outro problema. Não faltaria muito para que a pressão do vapor ativasse um alarme. O engenheiro da sala de controle olharia para baixo e veria o que

estava a passar-se. E qualquer homem mentalmente são fugiria nesse momento.

Mas a sanidade mental de Anton Perchek era duvidosa.

Harry tentou deslocar a grade. Era pesada mas amovível. com dois braços sãos, teria sido muito fácil. Continuou a olhar para as escadas, esperando a qualquer momento ver Perchek a descer da nuvem. A dor terrível no esterno prolongava-se até ao queixo e aos ouvidos. A pouco e pouco, com um grande sofrimento, Harry afastou a grade para o lado. Calculava que, lá em baixo, a água corrente tivesse três metros de profundidade. Não era muito para amortecer a queda. Harry estava fraco, atordoado e ensopado em suor... Talvez estivesse à beira de um ataque cardíaco. Tinha poucas hipóteses de sobreviver se caísse no túnel escuro como breu e seguisse o curso da água até ao rio. Seria preferível tentar esconder-se atrás do pedestal da turbina. A qualquer momento, alguém seria obrigado a descer.

Chegou à base de betão do pedestal no preciso momento em que Perchek emergiu da nuvem de vapor e desceu as escadas. Harry agachou-se ficando fora do alcance visual, pelo menos nesse momento. A seu lado havia um carrinho de metal cheio de ferramentas. Harry tentou pegar num martelo com a mão esquerda.

Era uma arma poderosa, mas duvidava que conseguisse servir-se dela com eficácia. Mesmo assim, era alguma coisa. Perchek inspecionou a zona e espreitou para o túnel. A grade aberta era uma prova de que Harry estivera ali. Mas era também um motivo de confusão para Perchek. Tinha de tomar uma decisão.

Harry pegou no martelo e ficou à espreita, enquanto o doutor continuava agachado junto da abertura, sem saber se havia de saltar. A dor no peito de Harry estava a dificultar-lhe a respiração e até a concentração. Então Perchek levantou-se e afastou-se da grade, vasculhando de novo o recinto. Harry praguejou em voz baixa. Tinha de fazer qualquer coisa, talvez tentar enfiar-se debaixo das escadas. Perchek ajoelhou-se outra vez e espreitou para o túnel.

De repente, antes de se aperceber verdadeiramente do que estava a fazer, Harry levantou-se e avançou para o doutor com quantas forças tinha, apoiado no carro das ferramentas que levava à

sua frente. O silvo do vapor e o ruído das máquinas abafavam o som das rodas.

Perchek sentiu qualquer coisa e virou-se, mas era demasiado tarde. O carrinho bateu-lhe no ombro, projetou-o para a beira e ele caiu à água. Harry caiu no chão, ofegante e quase a perder os sentidos. Lá em baixo, via o doutor de gatas, à procura da arma na água.

Harry fez um esforço para se mexer. Ajoelhou-se junto da grade, com uma lentidão agonizante, e voltou a pô-la no seu lugar. Perchek olhou para cima ao ouvir o barulho. Pela primeira vez, Harry julgou ver o pânico no rosto do homem. Depois, lembrou-se do painel de comandos. Se fechasse a saída da água, a sua profundidade aumentaria e a arma seria mais difícil de encontrar. Valia a pena tentar qualquer coisa que lhe desse um pouco mais de tempo. com um grande esforço, rolou no chão, estendeu o braço e carregou no botão.

Algures lá de baixo veio a vibração dos mecanismos a ajustarem-se.

Harry caiu no chão, de barriga para baixo, sem conseguir mexer-se e respirando com dificuldade. As luzes diminuíram de intensidade. O barulho intenso começou a desvanecer.

Passou-se algum tempo. Um minuto? Uma hora?

Então, de repente, a grade junto do rosto de Harry começou a mover-se. Harry abriu os olhos e, através de uma névoa acinzentada, viu os dedos de Perchek agarrados ao metal, empurrando-o para cima aos solavancos. com o escoadouro fechado, a subida da água trouxe-o para cima. A sua capacidade de elevação era diminuta, mas o homem era suficientemente forte para afastar a grade para o lado. Daí a pouco conseguiria sair. Lutando contra a escuridão e as dores, Harry conseguiu apoiar-se num cotovelo. Depois, com uma lentidão agonizante, deitou-se de costas por cima da grade. Sem se conseguir mexer, ficou ali deitado, de braços abertos, enquanto os dedos de Perchek se lhe agarravam freneticamente aos cabelos e ao pescoço e lhe puxavam a camisa.

— Corbett, saia daí! Saia daí!

— Vá... para... o diabo...

— Corbett...

As palavras aterradas do doutor deixaram de se ouvir. Os seus movimentos eram agora mais frouxos.

Harry sentiu a frescura apaziguadora da água à sua volta, a inundar o pavimento. Os dedos que se agarravam à grade soltaram-se.

Passaram-se alguns minutos. A água continuava a subir à sua volta, e chegava-lhe ao pescoço, às orelhas.

De súbito, a cacofonia das máquinas e do vapor parou.

“Morri”, pensou Harry. “Finalmente, morri... Mas o Perchek também morreu, Ray... O doutor também morreu...”

Sentiu que uma mão lhe abanava suavemente o ombro. Olhou para cima através da névoa. O engenheiro estava ajoelhado a seu lado, com o capacete amarelo e uns simpáticos olhos castanhos por trás de uns óculos protetores...

— Que disparate ter vindo cá para baixo desta maneira. Você está doido, homem? — disse ele. — Foi uma sorte não se ter matado.

2 DE SETEMBRO

Epílogo

As letras maiúsculas no calendário diário, que estava mesmo em frente da sua cama, foram as primeiras coisas que Harry viu ao abrir os olhos. 2 de setembro. A Maldição dos Corbett Mais Um. Já estava acordado e recordava-se de que as enfermeiras e os médicos tinham falado com ele antes de o tirarem do ventilador. Porém, lembrava-se de pouco mais, excepto que fora operado. Seria um paciente cardíaco para o resto da vida, talvez até um deficiente. Mas pelo menos tinha o resto da vida à sua frente.

Estava outra vez no quarto da UCI, embora não no mesmo em que estivera. Tinha uma máscara de oxigênio e estava ligado à habitual profusão de fios e de tubos. Contudo, sentia-se bastante bem. A doutora Carole Zane estava a seu lado.

— Respire fundo, doutor Corbett — disse ela. — Tem de respirar fundo.

Harry já tratara muitos pacientes submetidos a operações para implantação de bypasses e sabia que, durante duas ou três horas, a dor provocada pela fratura do esterno e pelo seu posterior ajustamento era intensa. Mesmo assim, era essencial respirar fundo para limpar os pulmões. Fez o que a médica lhe pediu. Sentiu uma guinada do lado esquerdo, mas nada no esterno. Absolutamente nada. Mexeu as pernas. Também não lhe doeram. Uma delas tivera de ser aberta para retirar a veia necessária ao bypass. Passou a mão pelo interior das coxas. Não tinha ligaduras. Depois tocou no peito. A pele por cima do esterno estava rapada, mas intata.

— O que se passa? — perguntou.

— O que quer dizer com isso?

— O bypass... Como é que conseguiram sem fazer uma incisão aqui?

A médica olhou para ele com curiosidade e depois percebeu tudo.

— Doutor Corbett, receio que tenhamos exagerado um pouco na anestesia e nos analgésicos. Eu já lhe disse várias vezes o que aconteceu. O senhor não tem um bypass. E, a avaliar pelos seus arteriogramas, nunca o terá. Não se recorda de os ter visto?

Harry abanou a cabeça. Carole Zane sorriu ao olhar para o seu paciente e voltou-se para mais alguém que estava no quarto. De repente, Maura surgiu a seu lado. Tinha o olho esquerdo negro e uns pensos no sobrolho e na face. Mas o seu aspecto era radioso.

— Olá, doutor — cumprimentou ela. — Lembra-se de mim?

— Acho que sim. A pessoa que me salvou a vida na Winnebago, não foi? Ainda bem que estás boa.

— Tive alta esta manhã. Dez pontos, mas mais nada. Harry, não tens nenhum bypass. Não tens nada no coração. Absolutamente nada.

Harry olhou para ela, confuso.

— Não percebo. A dor, o eletrocardiograma...

Maura mostrou-lhe um saquinho de plástico transparente. Lá dentro estava um espigão castanho, ensanguentado, com dez centímetros de comprimento.

— Tiraram-te isto do corpo, Harry — disse ela. — É bambu, portanto nunca aparecia nas radiografias. Estava espetado nas tuas costas desde os tempos da guerra, e a pouco e pouco ia avançando. A ponta estava mesmo encostada à parte de trás do teu coração.

— Assim que vimos que os seus arteriogramas estavam perfeitamente normais, fizemos uma TAC — explicou Carole Zane. — E lá estava ele.

Foi relativamente fácil extraí-lo.

— E o mesmo aconteceu à maldição — concluiu Maura.

— Mas estar atordoado também é uma maldição. Portanto, ainda tenho razões para me preocupar.

— Falei com o teu irmão e com o meu. Neste momento, o tom está em casa do Atwater, com o teu advogado. O tom diz que encontraram uma sala cheia de documentos da Roundtable, incluindo gravações e balancetes financeiros.

— Perchek tinha uma casa em Manhattan — disse Harry. — Acho que era onde ele guardava os disfarces, as etiquetas de identificação e os venenos que usava. Se conseguirmos descobrir esse local, talvez encontremos o Aramine que ele administrou à Evie.

— Esse Perchek é o homem que matou o polícia no elevador?

— E a enfermeira.

— Não. A enfermeira, não. A operação durou quase toda a noite, mas ela está a reagir muito bem. Ouvi dizer que vai ficar boa.

— Meu Deus, que boa notícia.

— Encontraram um homem a boiar mesmo por baixo de si, na central eléctrica — disse Zane. — Era ele?

Harry fez um sinal afirmativo e sorriu por baixo da máscara de oxigênio. Estava a pensar em Ray Santana.

— E melhor deixarmo-lo descansar um pouco — avisou Zane.

A médica apertou-lhe a mão para lhe incutir confiança, ajustou os fios do monitor e depois saiu do quarto. Maura levantou a máscara e beijou-o na boca.

— Bambu — disse ele.

— Bambu — repetiu ela.

Afagou-lhe a testa e voltou a beijá-lo. — Escuta, já alguém te disse que te pareces com Gene Hackman?

FIM

C